

ISABELA CANELLA SANCHES

**Citações no vestibular da FUVEST: a apropriação da
palavra do outro e argumentação**



ISABELA CANELLA SANCHES

Citações no vestibular da FUVEST: a apropriação da palavra do outro e argumentação

Dissertação de Mestrado apresentada ao Conselho, Programa de Pós Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, organização e funcionamento discursivos textuais.

Orientador: Prof.^a Dra. Marina Célia Mendonça

Sanches, Isabela Canella

Citações no vestibular da FUVEST: a apropriação da
palavra do outro e argumentação / Isabela Canella

Sanches – 2018

192 f.

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua
Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista "Júlio
de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Marina Célia Mendonça

1. citação. 2. redação. 3. vestibular. 4. FUVEST. I.
Título.

ISABELA CANELLA SANCHES

Citações no vestibular da FUVEST: a apropriação da palavra do outro e argumentação

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho, Programa de Pós em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, organização e funcionamento discursivos textuais.

Orientador: Prof.^a Dra. Marina Célia Mendonça

Data da defesa: 27/04/2018

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof.^a Dra. Marina Célia Mendonça – (UNESP/FCLAR)

Membro Titular: Prof.^a Dra. Assunção Aparecida Laia Cristovão (UNESP/FCLAR)

Membro Titular: Prof.^a Dra. Jauranice Rodrigues Cavalcanti (UFTM)

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Àqueles que sempre estiveram comigo, encorajando-me e apoiando, desde o início – Mãe,
Pai, Tata- e que estarão comigo até o fim.

AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus que, em sua infinita bondade e misericórdia, me dá forças e sabedoria para lutar.

À minha mãe, Elenice, e ao meu pai José, que jamais mediram esforços para auxiliar no alcance dos meus sonhos e objetivos. Gratidão eterna a esses seres incríveis que amo e admiro profundamente.

À minha irmã Natália, meu maior amor e minha maior fonte de inspiração: por estar comigo sempre, por cuidar de mim e me ajudar a trilhar todos os caminhos. Gratidão também pelos dois presentes que estão a caminho! E ao meu irmão de coração, Biel, companheiro de lutas e de aprendizados sempre.

Ao Danilo, por ser minha fonte de luz, de paz e de equilíbrio. Pela paciência nas ausências e nos momentos de maiores medos, por me acalmar e segurar minha mão, por não me deixar cair, desanimar ou desistir.

À Gabi, irmãzinha de alma, ser puro e de luz que estive ao meu lado, sempre esperando e entendendo o silêncio: ensinando-me o que é amor genuíno.

À minha querida orientadora Marina Célia Mendonça. Minha mãe na academia, mulher guerreira que transmite paz e acolhimento. Gratidão por entender minhas ausências, pela paciência e por ter me dado o que de mais precioso tenho: o conhecimento.

À Vanessa e à Carol, duas grandes companheiras que, diariamente e virtualmente, me auxiliam a seguir sempre com a certeza de que não estou sozinha.

Aos colegas de trabalho e grandes amigos, Natália e Rafael, que partilham comigo uma caminhada repleta de alegrias e de crescimento. Obrigada pelo apoio e pela ajuda.

À Camila, que tantas vezes me acolheu em sua casa em Araraquara, durante a realização das disciplinas, e por estar sempre muito perto, por me ouvir e por me entender de modo inigualável.

À Marina Lara, pelos diversos “socorros” durante este período.

A todos os meus familiares que souberam entender minhas lutas e, também, minhas ausências e a todos os amigos que torcem e estão sempre junto, sobretudo Bia, Fê e Nayara. Gratidão por vocês existirem em mim.

Aos meus queridos alunos, minha maior motivação para seguir estudando e me aperfeiçoando. Vocês dão sentido à minha existência à medida que me fazem querer ser, todos os dias, um ser humano melhor e uma professora mais competente. Obrigada por confiarem em mim sempre!

A todos os meus docentes que, durante a minha formação, despertaram meu interesse pela linguagem e pelo ensino.

À UNESP, pela acolhida durante sete anos. Sentirei saudades.

“O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. João Guimarães Rosa (1994, p.449)

RESUMO

Esta proposta de pesquisa está embasada nos estudos bakhtinianos do discurso. De acordo com Bakhtin, pode-se depreender que em todo enunciado há diálogo, ou seja, todo enunciado apresenta uma relação de sentido com outro enunciado, e esse é o princípio do dialogismo. Entendemos que todo discurso é constituído considerando o discurso do outro, estabelecendo, assim, relações de sentido. Destarte, todos os enunciados são dialógicos, sendo todo discurso ocupado pelo discurso alheio. A partir disso, analisamos o aparecimento da palavra do outro nas redações do vestibular da FUVEST, mais especificamente na forma de citações. Focamos nosso estudo na observação do aparecimento de citações nas melhores redações da FUVEST nos anos de 2000, 2001, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011 e 2012. Em seguida, após o levantamento desses dados, procuramos entender de que modo foi feita a apropriação da palavra do outro, ou seja, se por meio do discurso direto ou indireto. Para isso, utilizamos os escritos do Círculo de Bakhtin concernentes ao discurso de outrem e sobre as questões de estilo. Nesse sentido, este trabalho justificou-se pela necessidade de descobrir de que maneira as citações aparecem nas melhores redações da FUVEST. Além disso, ainda pensando na constituição dialógica do sujeito, utilizamos escritos sobre a relação constitutiva entre leitura e escrita e como essa relação influi na elaboração do conteúdo citado pelo candidato.

Como resultado, entendemos, a partir da análise do *corpus*, que grande parte das redações apresenta citação, seja de textos da coletânea oferecida pela prova, seja de textos externos à prova e que constituem a bagagem sócio-histórica e cultural do aluno. O uso de citações é mais recorrente em determinados anos do que em outros e defendemos que isso está relacionado ao tema de redação proposto. Ademais, depreendemos, com base no que foi estudado, que o conteúdo citado e que é externo à prova ainda se apoia em textos representantes de um discurso reproduzido na escola. Também que o tipo de discurso mais utilizado pelos candidatos quando citam é o discurso indireto. Observamos, portanto, a relação dialógica proposta pelo Círculo de Bakhtin e entendemos que ela se faz presente quando o candidato elabora a redação durante a prova do vestibular, sendo evidenciada pelo uso da citação.

Palavras-chave: redações; FUVEST; diálogo; citação; estilo.

ABSTRACT

This research proposal is based on Bakhtin's discourse studies. According to Bakhtin, it can be deduced that in every statement there is dialogue, that is, every statement presents a relation of meaning to another statement, and this is the principle of dialogism. We understand that every discourse is constituted considering the discourse of the other, thus establishing relations of meaning. Thus, all statements are dialogic, and every discourse is occupied by the discourse of others. From this, we analyze the appearance of the word of the other in the writing test from FUVEST entrance exam, more specifically in the form of quotations. We focused our study on the observation of quotations in the best compositions of FUVEST in the years 2000, 2001, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, and 2012. Then, after the survey of these data, we try to understand how the appropriation of the word of the other was made, that is, whether through direct or indirect discourse. For this, we use the writings of the Circle of Bakhtin concerning the discourse of others and about questions of style. In this sense, this work is justified by the need to find out how quotations appear in the best writings tests from FUVEST. In addition, still concerning the individual's dialogic constitution, we used works about the constitutive relationship between reading and writing and how this relationship influences the elaboration of the content quoted by the candidate.

As a result, we understand, from the analysis of the *corpus*, that most of the writings present a quotation, either from the texts of the collection of texts offered by the exam, or from texts external to the exam that constitute the student's socio-historical and cultural background. The use of quotations is more used in certain years than in others, and we defend that this is related to the proposed writing theme, since some are more concrete, some more abstract, opening different possibilities to the candidate. In addition, we conclude, based on what has been studied, that the quoted content which is external to the exam is still based on texts representing the literary and cultural canon. Also, the type of discourse most used by the candidates when citing is indirect discourse. We thus observe the dialogical relationship proposed by the Bakhtin Circle and we understand that it is present when the candidate elaborates the essay during the vestibular test, being evidenced by the use of the quotation.

Keywords: essays; FUVEST; dialogue; quotation; style.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. ESTUDOS SOBRE BAKHTIN E O CÍRCULO	16
2.1 Diálogo	16
2.2 Discurso de outrem e estilo	19
2.3 Enunciado Concreto	26
2.4 Gêneros do Discurso	29
3. PRODUÇÃO DE TEXTOS NA ESFERA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA	33
3.1 A relação constitutiva entre leitura e escrita	33
3.2 Produção de textos na esfera didático-pedagógica	37
3.3 Coletânea, citação e argumentação na prova do vestibular	47
4. O vestibular da FUVEST	54
4.1 O vestibular da FUVEST e a prova de redação	55
4.2 Temas de redação que compõem o <i>corpus</i>	58
5. APRESENTAÇÃO DO <i>CORPUS</i> E ANÁLISE DAS CITAÇÕES DIRETAS E INDIRETAS	83
5.1 Leitura Panorâmica	84
5.1.1 Palavras/Expressões isoladas com aspas	86
5.1.2 Discurso Direto	89
5.1.3 Discurso direto sem mencionar autor/obra	90
5.1.4 Discurso direto – citação de expressões do senso comum	90
5.1.5 Discurso Indireto	91
5.1.6 Referência a autor/obra/personagem sem citar	92
5.2 Análise das redações que apresentam citação direta e indireta.	93
5.2.1 Redações ano 2001	93
5.2.2 Redações ano 2003	96
5.2.3 Redações ano 2004	107
5.2.4 Redações ano 2005	113
5.2.5 Redações ano 2006	119
5.2.6 Redações ano 2007	131

5.2.7 Redações ano 2008	140
5.2.8 Redações ano 2009	152
5.2.9 Redações ano 2010	158
5.2.10 Redações ano 2011	165
5.2.11 Redações ano 2012	174
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	184
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	188

1. INTRODUÇÃO

A redação é considerada um dos aspectos mais importantes na prova da maioria dos vestibulares do país. O vestibular da FUVEST, por exemplo, um dos principais vestibulares do Estado de São Paulo e do país, desde 1977, exige que o candidato a uma vaga à Universidade de São Paulo, elabore uma redação.

Atualmente, sobretudo com o aumento da importância atribuída ao ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) a redação passou a ganhar mais destaque da mídia, da escola, de professores e alunos, considerando que a elaboração de um texto que siga os padrões determinados por cada exame e que o definem como “bom“, é determinante para que o candidato tenha êxito e aprovação.

A partir da observação de tais questões, durante a graduação em Letras, realizada na UNESP-FCLar, desenvolvemos um projeto de Iniciação Científica, sob orientação da professora Dra. Marina Célia Mendonça, o qual visava compreender a importância da utilização da coletânea nas provas de redação do ENEM, da UNICAMP e da FUVEST. Inicialmente, o objetivo era entender de que forma se manifestava a relação entre leitura e escrita nesses vestibulares e, a partir disso, como o sujeito, candidato a uma vaga na Universidade, lê a coletânea e a utiliza na elaboração de seu próprio texto.

Posteriormente, outro projeto foi desenvolvido como trabalho de conclusão de curso. Neste, também sob supervisão da mesma professora, o objetivo era compreender, ainda, o diálogo dos candidatos com a coletânea de redação oferecida por vestibulares. O *corpus* da monografia foi composto por 17 dissertações, sendo 10 redações do vestibular da UNICAMP 2010, as quais foram escolhidas pela instituição como sendo textos acima da média, e 7 redações que obtiveram nota máxima - 28 pontos - no vestibular de meio de ano da UNESP, também do ano de 2010. Naquele momento, a conclusão da pesquisa foi que os candidatos os quais escreveram os textos analisados tiveram uma preocupação grande com a leitura e isso se refletiu positivamente na escrita das dissertações. Todas as redações da UNICAMP analisadas apresentaram diálogo produtivo com a coletânea. Quanto às redações da UNESP, a maioria delas também apresentou diálogo com as principais ideias dos textos motivadores.

Uma das principais questões que chamaram atenção é que, ao se observar o diálogo que o candidato estabeleceu com a coletânea, fica claro que, tanto os que obtiveram nota “acima da média” na UNICAMP quanto os que obtiveram nota máxima na UNESP, dialogam também com textos externos à prova, utilizando, por exemplo, citações de filósofos, sociólogos, trechos de livros, músicas. A observação deste fenômeno me chamou atenção para

algo que, como professora de redação e corretora de textos, já havia observado: há uma grande preocupação do aluno em trazer, além de um diálogo com o texto motivador, a palavra do outro, considerando que, atualmente, há uma tendência à valorização desse tipo de procedimento nos textos do vestibular.

Acredito que o valor atribuído à utilização de citações em um texto esteja diretamente relacionado ao aumento de importância que o ENEM adquiriu em todo território nacional, principalmente após 2009, em que uma porcentagem da nota obtida nesta prova passou a ser considerada como válida para o ingresso em algumas universidades federais e estaduais e, logo após, passou a ser um vestibular único para muitas instituições. Nesse sentido, grande parte dos alunos passou a dar uma importância muito grande ao ENEM.

A prova do ENEM, conforme já mencionado, além de questões objetivas, apresenta a exigência de o candidato elaborar uma dissertação-argumentativa, a qual geralmente aborda um tema relacionado a um problema social brasileiro e pede que o candidato elabore uma “proposta de intervenção social” a fim de resolver as problemáticas desenvolvidas ao longo da argumentação. O que mais nos chama atenção é que a matriz de correção de redação do ENEM traz, nas competências II e III, a necessidade de o aluno expor um “repertório sociocultural produtivo” e de construir um texto com autoria.

Esse repertório e essa autoria, dentro da correção da redação deste exame, são exigências claras e o aluno só atingirá nota máxima nessas competências se tiver cumprido com estes itens. Segundo a Cartilha do Participante do ENEM, produzida pelo INEP em 2016, repertório e autoria podem ser entendidos como a apresentação de ideias ao longo da argumentação do texto que façam parte da bagagem sócio-histórica e cultural do aluno, ou seja, a necessidade de o aluno apresentar um conteúdo externo à coletânea e que demonstre seu conhecimento de mundo. No ENEM, podem ser considerados como repertório a apresentação de trechos de livros, de músicas, além da exposição de desenhos, filmes, vídeos que se inter-relacionem com a argumentação, além da utilização de teorias de filósofos, sociólogos.

Como a prova do ENEM, conforme já dito, ganhou muita importância no cenário nacional - isso pode ser comprovado pela quantidade de inscritos, que foi de 4,1 milhões em 2009 e subiu para 9,2 milhões em 2016, segundo o site G1- e a ideia de “citar algo ou alguém” passou a ser uma obrigatoriedade, questionamo-nos se essa necessidade de utilizar a palavra do outro na elaboração do próprio texto poderia também aparecer em outros grandes vestibulares.

Sendo assim, foi a partir desse questionamento que o desejo de aprofundar os estudos quanto à utilização da palavra do outro nas redações do vestibular surgiu. Decidimos, portanto, estudar as redações do vestibular da FUVEST, visto que as redações deste vestibular não haviam sido estudadas antes por nós (as pesquisas anteriores centraram-se nas provas da UNICAMP, UNESP e ENEM) e considerando que a FUVEST, segundo o Guia do Estudante de 2017, pode ser considerado o maior vestibular do país.

Então, a pesquisa de mestrado surgiu com a intenção de entender se os candidatos que produziram redações consideradas pela banca da FUVEST como parte das “melhores” também apresentavam esse diálogo produtivo com a palavra do outro, seja em relação à coletânea, seja em relação à utilização de livros, filmes ou a utilização da palavra de algum filósofo, sociólogo.

Neste trabalho, temos como objetivo geral verificar se os textos que selecionamos para ser nosso *corpus* apresentam diálogo explícito com a coletânea ou com o discurso de outrem. Os objetivos específicos são:

1. Observar o aparecimento de citações desse outro por meio do discurso direto ou indireto. Temos como objetivo entender de que forma se manifesta o estilo do candidato no momento em que se apropria da palavra do outro. Utilizando dos escritos de Volochínov, tendo como principal referência *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, buscamos verificar se, ao optar pela forma direta ou indireta da citação da palavra do outro, o candidato mantém a palavra alheia e cria fronteiras nítidas para demarcar o que é seu e o que é do outro ou se deixa infiltrar suas impressões individuais no discurso alheio, constituindo uma mescla;

2. Descobrir qual tipo de discurso é predominante.

Isso significa que desejamos observar se aquilo que identificamos analisando redações da UNICAMP, da UNESP e do ENEM em relação à utilização do discurso da coletânea e da apropriação da palavra do outro, quando das pesquisas desenvolvidas no Curso de Graduação em Letras, também pode ser observado na prova de redação da FUVEST.

Temos como *corpus* sessenta das melhores redações da FUVEST, distribuídas entre os anos 2000, 2001, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011 e 2012. A seleção desses anos se deu porque são as propostas de redação que possuem coletânea com predominância de textos verbais, diferentemente dos temas de 2002 e de 2013 em que o candidato precisava compreender o tema da redação a partir de alguma imagem. Como a FUVEST só disponibiliza as melhores redações a partir do ano de 1999 e encerra em 2013, analisamos as propostas de redação de 2000 a 2012.

Esses 60 textos foram escolhidos aleatoriamente, ou seja, optamos por selecionar os primeiros cinco textos que apareceram no *site* da FUVEST em cada um dos anos selecionados. Optamos por cinco, pois acreditamos que é um número adequado para constituirmos uma ideia sobre a representação daquilo que a FUVEST considera como um “bom texto”. E também porque, dado o tempo para desenvolver o projeto e analisar os textos, um *corpus* que englobasse mais do que sessenta redações poderia nos prejudicar quanto à qualidade das análises.

Optamos pela realização de uma pesquisa qualitativa e, tal qual afirma Freitas (2003), em relação à pesquisa qualitativa:

O processo de coleta de dados caracteriza-se pela ênfase na compreensão, valendo-se da arte da descrição que deve ser complementada, porém, pela explicação dos fenômenos em estudo, procurando as possíveis relações dos eventos instigados numa integração do individual com o social. (FREITAS, 2003, p.27)

Nesse sentido, realizamos uma pesquisa qualitativa e interpretativa, já que é a partir da leitura/compreensão responsiva das redações que buscamos identificar o aparecimento das citações e interpretá-las no conjunto do enunciado, entender o modo como o candidato se apropria do discurso alheio, isto é, qual estilo é predominante: o estilo pictórico ou o estilo linear (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014). A partir dessas observações, desejamos compreender a relação das ocorrências com o contexto de produção das redações, buscando justamente unir o individual ao social.

Em relação às pesquisas em ciências humanas, Bakhtin afirma não haver a mesma exatidão presente nas pesquisas de ciências exatas. A pesquisa em ciências humanas é interpretativa e subjetiva, heterocientífica, em que há uma inesgotável produção de sentidos, justamente porque “o objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado” (BAKHTIN, 2011, p.395).

Nesse sentido, a pesquisa em ciências humanas está diretamente relacionada à interpretação do sujeito em relação ao objeto, por isso pode-se dizer que há uma multiplicidade de sentidos os quais podem ser construídos, visto que o pesquisador não se debruça sobre uma “coisa morta”, segundo Geraldi. (GERALDI, 2012, P.30)

Geraldi (2012) se apoia nos escritos de Bakhtin para a elaboração dos estudos sobre a heterocientificidade. Para o autor, ao tentar desvendar a verdade de uma palavra, seja ela um discurso literário ou não, constrói-se para o discurso “uma interpretação cuja profundidade

depende crucialmente das possibilidades de ampliação dos contextos possíveis, e, por isso, das condições do sujeito que analisa.” (GERALDI, 2012, p.31) Assim, depreendemos o caráter interpretativo das pesquisas em ciências humanas, visto que existem diversas condições estabelecidas para que ela se realize – contextos possíveis, condições do sujeito.

Para Bakhtin (2011) há um desmembramento da compreensão em atos particulares.

Na compreensão efetiva, real e concreta, eles se fundem indissolivelmente em um processo único de compreensão, porém cada ato particular tem uma autonomia semântica (de conteúdo) ideal e pode ser destacado do ato empírico concreto. 1) A percepção psicofisiológica do signo físico (palavra, cor, forma espacial). 2) Seu reconhecimento (como conhecido ou desconhecido). A compreensão de seu significado reprodutível (geral) na língua. 3) A compreensão de seu significado em dado contexto (mais próxima e mais distante). 4) A compreensão ativo-dialógica (discussão-concordância). A inserção no contexto dialógico. O elemento valorativo na compreensão e seu grau de profundidade e de universalidade. (BAKHTIN, 2011, p.398)¹

Com isso, depreendemos que para que haja a compreensão daquilo que Bakhtin denomina “atos particulares” deve haver um processo único de compreensão, ainda que cada um tenha sua própria autonomia.

Geraldi (2012) retoma e reforça as ideias de Bakhtin ao discorrer sobre o processo interpretativo de enunciados, afirmando que o ato de interpretar significa elaborar sentido para um texto e essa interpretação terá validade dependendo da consistência e da profundidade da argumentação. Assim, entendemos que o pesquisador em ciências humanas trabalhará com interpretações, compreensão de atos/discursos/enunciados alheios. Por isso, podemos concluir que a pesquisa em ciências humanas trabalha com o “outro”.

Enfim, também neste trabalho retomamos leituras e realizamos muitas outras para embasar o desenvolvimento da pesquisa. O nosso principal referencial teórico é apoiado em Bakhtin e o círculo e em autores que estudam a relação entre leitura e produção de texto, em contexto escolar e em contexto de prova de vestibular.

Este trabalho é dividido em seis capítulos, os quais possuem subseções:

1. Introdução; 2. Estudos de/sobre Bakhtin e o Círculo; 3. Produção de texto na Esfera Didático-Pedagógica; 4. Considerações sobre o vestibular da FUVEST; 5. Apresentação do *corpus* e análise das citações diretas e indiretas e 6. Considerações finais.

¹ Utilizamos neste trabalho a tradução de Paulo Bezerra, tradução do francês, de *Estética da Criação Verbal*. Apesar de sabermos da existência da tradução direta do russo, quando do lançamento desta edição, já estávamos com o trabalho em condição bastante avançada, por isso optamos pela não modificação.

O primeiro capítulo apresenta o trabalho, nossos objetivos e metodologia. O segundo apresenta os principais conceitos teóricos que utilizamos para embasar e fundamentar nossas análises, trazendo reflexões sobre: diálogo; discurso de outrem e estilo; enunciado concreto e gêneros do discurso, de acordo com aquilo que é exposto por Bakhtin e o círculo.

O terceiro capítulo apresenta estudos e reflexões sobre escritos relacionados à produção de texto na esfera didático-pedagógica, de modo a nos auxiliar a olhar para o *corpus*, sem desconsiderar todo o contexto de produção. O quarto capítulo apresenta o vestibular da FUVEST, desde o seu surgimento, a prova de redação e os temas de redação dos anos estudados. O quinto capítulo apresenta um panorama geral de todas as ocorrências que encontramos nas sessenta dissertações e a análise daquelas que apresentaram citação por meio de discurso direto ou indireto os quais, conforme já mencionado, constituem nossa prioridade neste trabalho, já que precisamos fazer um recorte, dada às diversas ocorrências que encontramos nas redações escolhidas.

O sexto capítulo apresenta as considerações finais, ou seja, aquilo que pudemos inferir a partir da relação entre teoria e leitura do *corpus*, além de um fechamento do nosso raciocínio em relação à proposta de estudo.

2. ESTUDOS DE/SOBRE BAKHTIN E O CÍRCULO

A fim de embasar teoricamente este trabalho, utilizamos os escritos de Bakhtin e o Círculo, considerando, sobretudo, os conceitos de *diálogo*, *discurso de outrem e estilo*, *enunciado concreto e gêneros do discurso*. Esses conceitos orientaram a divisão deste capítulo. Além disso, utilizamos escritos de autores comentadores do círculo, como Fiorin (2006), Fiorin e Savioli (1990), Sousa (2014), Brait (2008,2010), Faraco (2009), Miotello (2011), dentre outros.

2.1 Diálogo

Bakhtin e o Círculo, em toda sua produção, defendem que a vida humana se constrói por intermédio de relações dialógicas. Nesse sentido, qualquer experiência do ser, seja oral ou escrita, configurar-se-á como dialógica, visto que o indivíduo, desde que nasce, é posto em contato com o outro e, a partir de então, torna-se impossível dissociar as vivências e construções individuais das construções coletivas.

O indivíduo enquanto detentor de conteúdos de sua consciência,
enquanto autor de seus pensamentos, enquanto personalidade responsável

por seus pensamentos e por seus desejos, apresenta-se como um fenômeno puramente socioideológico. Esta é a razão por que o conteúdo do psiquismo “individual” é, por natureza, tão social quanto a ideologia e, por sua vez, a própria etapa em que o indivíduo se conscientiza de sua individualidade e dos direitos que lhe pertencem é ideológica, histórica, e internamente condicionada por fatores sociológicos. Todo signo é social por natureza, tanto o exterior quanto o interior. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p.59)

Nesse sentido, para Bakhtin e o círculo toda manifestação do “eu” é dialógica, visto que o ser se constrói, arquiteta as próprias ações e pensamentos de acordo com as experiências sociais com que entra em contato. Naturalmente, então, como é impossível que um indivíduo viva, construa-se e permaneça isolado, o diálogo também pode ser considerado como algo inerente ao ser. Consideramos, desse modo, inexistente a possibilidade de construção de qualquer discurso como desprovido de uma voz externa, socialmente construída, pois os enunciados, tanto orais quanto escritos, são constituídos pelo diálogo.

É a partir dessa ideia que realizamos a análise do nosso *corpus*. Como para elaborar um texto, um autor se apropria de vozes alheias, acreditamos que a elaboração da redação, também em contexto de vestibular, é dialógica, pois as ideias que o candidato apresenta necessariamente dialogam com vozes com as quais ele entrou em contato ao longo de toda vida, seja dentro da escola ou fora dela, ou mesmo durante a prova do vestibular, quando se depara, por exemplo, com os textos motivadores e com as ideias neles contidas.

Para Bakhtin/Volochínov, o diálogo:

no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p.127)

Sendo assim, para o Círculo, o sujeito é constituído socialmente, por meio da interação com outros seres e toda comunicação é constituída por diálogo. Bakhtin defende que, por mais simples que seja a resposta dada a um enunciado, já se exprime a posição do falante sobre determinado assunto. Essa resposta pode ser oral ou escrita, ou seja, qualquer que seja a forma de construção do enunciado, ele é sempre permeado pela palavra do outro. Isso significa, portanto, que o diálogo é sempre constituído por pelo menos dois enunciados concretos.

Eis por que a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser

caracterizada como processo de assimilação - mais ou menos criador - das palavras do outro (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, reacentuamos. (BAKHTIN, 2011, p. 294-5)

Assim, a interação social e as vivências do indivíduo são as responsáveis, segundo os autores do Círculo, pela constituição das relações dialógicas, ou seja, todo discurso é permeado por diálogo, pela presença da voz do outro, a qual adquire, junto ao enunciador, a expressão e o tom desejados. Essa construção dialógica é permanente e, ao assimilar a palavra do outro, a relação se constrói, visto que o ser se apropria das impressões e ideias alheias, mesclando com as próprias. Assim se constitui o dialogismo.

Fiorin (2006) apresenta as ideias desses autores russos, dialogando com elas e explicando-as sucintamente. A respeito do conceito de diálogo, Fiorin reitera que

todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos. Neles, existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio (FIORIN, 2006, p.19)

Para Bakhtin e o Círculo a vida é, então, dialógica por natureza, sendo que não é possível haver qualquer ideia que não tenha sido perpassada por outras ideias, outros discursos. Portanto, uma palavra é sempre constituída por outras. Buscamos, por isso, depreender quais são os discursos alheios presentes nas redações que constituem o *corpus* deste trabalho e de que forma esse discurso aparece relacionado com a palavra do candidato que escreve o texto.

Um objeto qualquer do mundo interior ou exterior mostra-se sempre perpassado por idéias gerais, por pontos de vista, por apreciações dos outros; dá-se a conhecer para nós desacreditado, contestado, avaliado, exaltado, categorizado, iluminado pelo discurso alheio. Não há nenhum objeto que não apareça cercado, envolto, embebido de discursos. Por isso, todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam. Por conseguinte, toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras. (FIORIN, 2006, p.19)

Desta maneira, o viver é permeado por questionamentos, concordâncias, discordâncias e respostas, os quais se encontram

sempre constituídas pela voz alheia. Além disso, a apropriação de determinada voz alheia também é permeada por intenções. Cada membro do coletivo de falantes não se encontra jamais diante da palavra como palavra absolutamente neutra da língua, livre de intenções alheias, não habitadas por vozes alheias. Não, ele recebe a palavra de uma voz alheia e repleta da voz alheia. No seu contexto a palavra chega de um outro contexto penetrada por intenções alheias. A sua própria intenção encontra a palavra já habitada. (PONZIO, 2011, p.22-23)

É a partir dessa ideia que analisamos as redações do vestibular da FUVEST. Buscamos observar o diálogo do candidato que produziu um texto considerado como entre os "melhores" pela instituição, ou seja, de que modo o candidato respondeu a um discurso socialmente construído, se ele concordou ou discordou da palavra alheia, se a intenção da apropriação foi para conferir autoridade ao próprio discurso e, além disso, de que forma esse diálogo foi apresentado na redação, isto é, se o candidato mesclou a própria voz ao discurso alheio ou se delimitou uma fronteira entre o seu enunciado e o enunciado alheio.

2.2 Discurso de outrem e Estilo

Pode-se considerar como discurso citado aquele em que um indivíduo se apropria da palavra do outro, usando-a para complementar, embasar as próprias ideias. Citar alguém, seja na fala ou na escrita, pode ser entendido como o ato de tomar para si um discurso alheio a fim de construir o próprio. Em relação ao discurso citado, denominado nos escritos do Círculo de Bakhtin como “Discurso de outrem”, tem-se

O discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação. [...] Mas o discurso de outrem constitui mais do que o tema do discurso; ele pode entrar no discurso e na sua construção sintática, por assim dizer, “em pessoa”, como uma unidade integral da construção. Assim, o discurso citado conserva a autonomia estrutural e semântica sem nem por isso alterar a trama linguística do contexto que a integrou (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p.150)

O que se percebe, com isso, é que Bakhtin e o Círculo defendem que o discurso citado faz parte de uma interrelação dinâmica entre vozes. Trata-se de um aspecto estilístico importante dos textos, que comprovam sua relação com a realidade histórica em que se produziram.

Podemos dizer que, quando um autor cita o outro, quando um texto faz referência a outro, podem existir diversas finalidades. Segundo Fiorin e Savioli (1990) dois desses

objetivos estão relacionados à ideia de que o autor deseja constituir essa relação dinâmica, utilizando o discurso alheio, seja para reafirmar os sentidos do próprio texto que está construindo, seja para “inverter, contestar e deformar alguns dos sentidos do texto citado, para polemizar com ele” (FIORIN; SAVIOLI, 1990, p.20)

É essa relação que objetivamos observar nas redações da FUVEST, considerando como o discurso citado compõe o discurso do candidato que escreve a redação e objetivando compreender qual foi a finalidade do candidato ao trazer para o próprio texto a palavra do outro. Podemos perceber, com isso, que os conceitos de diálogo e de discurso de outrem em Bakhtin e o Círculo estão diretamente relacionados, considerando que “O discurso citado e o contexto de transmissão são somente os termos de uma relação dinâmica.” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p.154). Ou seja, essa dinâmica entre um enunciado e o enunciado concreto construído, integrando um discurso de outro, apenas reflete a interação social existente, considerando que, na vivência em sociedade, os seres se comunicam, se inter-relacionam e ideologias são trocadas.

Quem cita, ao inserir o discurso alheio no próprio, o faz buscando seguir determinadas regras, a fim de que o interlocutor/leitor possa compreender que se está fazendo uso de um enunciado outro. Em outras palavras, pode-se inferir que o autor adapta o seu discurso ao discurso alheio, por meio de construções sintáticas, linguísticas a fim de procurar garantir a autonomia de ambos os discursos. Conforme afirma Bakhtin/Volochínov

A enunciação do narrador, tendo integrado na sua composição uma outra enunciação, elabora regras sintáticas, estilísticas, composicionais para assimilá-la parcialmente, para associá-la à sua própria unidade sintática, estilística, composicional, embora conservando, pelo menos sob uma forma rudimentar, a autonomia primitiva do discurso de outrem, sem o que ele não poderia ser completamente apreendido.
(BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p.151)

Em resumo, infere-se que há aquilo que Bakhtin denomina de “dupla expressão”, pois em um mesmo enunciado existem a expressão do enunciador e a expressão do discurso alheio citado.

O discurso do outro, desse modo, tem uma dupla expressão: a sua, isto é, a alheia, e a expressão do enunciado que acolheu esse discurso. Tudo isso se verifica, antes de tudo, onde o discurso do outro (ainda que seja uma palavra que aqui ganha força de um enunciado pleno) é citado textualmente e destacado com nitidez (entre aspas): os ecos da alternância dos sujeitos do discurso e das suas mútuas relações dialógicas aqui se ouvem nitidamente.
(BAKHTIN, 2011, p.299)

O Círculo estabelece algumas classificações para os modos como esse discurso citado pode aparecer inserido à constituição do enunciado, sendo por meio do discurso direto, discurso indireto ou discurso indireto livre. Essas classificações são denominadas em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* como “tendências fundamentais da dinâmica da orientação recíproca do discurso citado e do discurso narrativo” (p.161).

O autor discorre acerca do aparecimento desses tipos de discurso em textos literários da língua russa. Neste trabalho, conforme já mencionado na introdução, focamos no aparecimento da citação nas redações do vestibular da FUVEST, objetivando identificar a utilização do discurso direto ou do discurso indireto para demarcar a voz alheia. Não nos deteremos no discurso indireto livre, até porque esse tipo de discurso é mais predominante em textos narrativos e não argumentativos.

Os esquemas sintáticos de transmissão do discurso de outrem são, como se sabe, muito pouco desenvolvidos, na língua russa. Além do discurso indireto livre, que é desprovido de marcas sintáticas claras (como ocorre também em alemão), há dois esquemas: o discurso direto e o discurso indireto. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p.162)

Bakhtin/Volochínov defende que o discurso direto é muito bem elaborado na língua literária russa e apresenta diversas modificações. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* fica claro o interesse em apresentar apenas as formas de discurso direto em que “se constata um estágio recíproco entre o discurso narrativo e o discurso citado” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p.170-171).

Fiorin e Savioli (1990) postularam algumas marcas típicas dos discursos narrativos, em livros didáticos em que aproveitam reflexão de Bakhtin/Volochínov (2014). É importante observarmos essas marcas, pois, quando da análise das redações, podemos identificar com maior precisão o aparecimento do discurso direto para a apresentação do discurso citado

O discurso direto apresenta algumas marcas importantes:

- a) Vem introduzido por um verbo que anuncia a fala do personagem [...] Tais verbos costumam ser denominados *verbos de dizer* (dizer, responder, retrucar, afirmar, falar e outros do mesmo tipo)
- b) Normalmente, antes da fala do personagem, há dois pontos e travessão
- c) Os pronomes, o tempo verbal e palavras que dependem de situação são usados literalmente, determinados pelo contexto em que se inscreve o personagem: o personagem que fala usa a 1ª pessoa; para falar com o interlocutor, utiliza-se da 2ª pessoa; os tempos verbais são ordenados em relação ao momento da fala e assim por diante. (FIORIN; SAVIOLI, 1990, p.182)

Além do discurso direto, ”Bakhtin/Volochínov discorre também sobre o discurso

indireto, ou seja, quando há apropriação da palavra do outro, por meio da modificação da estrutura da frase, a qual não é apresentada exatamente como foi proferida. Em relação ao discurso indireto, Sousa (2014) define

Ao utilizar o discurso indireto (DI), o enunciador não se propõe a reproduzir as palavras do locutor exatamente como elas foram ditas, mas somente a passar o conteúdo do pensamento, escrevendo-o com suas próprias palavras. (SOUSA, 2014, p.48)

Assim, o discurso indireto consiste em se apropriar da palavra alheia, unindo-a ao próprio discurso, delimitando, também, com algumas marcas linguísticas – como no direto- o que é do “eu” e o que é do outro. Bakhtin/Volochínov afirma que também no discurso indireto há a elaboração de determinadas regras para que se assimile o discurso citado.

Ademais, o autor afirma que ele carrega uma análise simultânea e inseparável, ou seja, o enunciador, ao fazer o uso do discurso do outro, por meio do discurso indireto, já apresenta, concomitantemente, reflexões acerca do que está sendo dito.

Devido a isso, a subjetividade de quem cita aparece no discurso indireto, considerando que o caráter deste é justamente analítico. Considera-se que a transposição indireta de um discurso pode ser entendida como uma “tomada de posição com conteúdo semântico por parte do falante” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p.166). Ao pensarmos no *corpus* deste trabalho, a presença do discurso citado ocorrida através do discurso indireto pode dar indícios das intenções do candidato que elaborou a redação no vestibular, dando maior abertura para que ele manifeste seus pensamentos, suas concordâncias ou discordâncias, por exemplo.

Fiorin e Savioli (1990) também esclarecem algumas marcas linguísticas que permitem a construção e a identificação do discurso indireto

- a) O discurso indireto também vem introduzido por um verbo de dizer
- b) Vem separado da fala do narrador não por sinais de pontuação mas por uma partícula introdutória, normalmente a conjunção *que* ou *ser*
- c) Os pronomes, o tempo verbal e elementos que dependem de situação são determinados pelo contexto em que se inscreve o narrador e não o personagem: o verbo ocorre na 3ª pessoa, o tempo verbal está em correlação com o tempo em que se situa o narrador, a mesma coisa acontecendo com os advérbios e demais palavras de situação. (FIORIN; SAVIOLI, 1990,p.183)

Essas marcas auxiliam o leitor a identificar a inserção da palavra do outro dentro de um discurso e ainda ajudam o enunciador/autor a demarcar o discurso alheio e sinalizar as próprias entonações. Bakhtin/Volochínov defende que ao utilizar o discurso indireto para apresentar a palavra alheia, as próprias intenções do autor são evidenciadas. Isso significa

que, caso o autor que se apropria da palavra do outro utilize discurso indireto, pode inserir ironia, humor, suas próprias interpretações e pontos de vista. Tudo isso dado o caráter analítico que predomina nesse tipo de discurso.

Ao fazer o uso da palavra alheia, conforme já desenvolvido, o candidato da FUVEST, que desenvolve um texto argumentativo, opta pelo discurso direto ou indireto. Inegavelmente, essa opção não é aleatória, porque, conforme afirma Bakhtin/Volochínov, ao optar pelo discurso direto há a criação de um limite entre o que é do eu e o que é do outro. Ao optar pelo discurso indireto, as fronteiras são diminuídas e a subjetividade é maior. Além do tipo de discurso, o candidato imprime estilo ao seu modo de dizer quando dialoga e cita palavras alheias. A questão do estilo também nos interessa na análise do *corpus* deste trabalho considerando que além de observar o tipo de discurso empregado, desejamos compreender qual o estilo do candidato e como isso o auxilia, por exemplo, na defesa dos próprios argumentos.

Considerando que todo enunciado apresenta diálogo, ou seja, o enunciador, ao construir seu discurso faz uso de vozes alheias a fim de compor e fundamentar as próprias ideias, o estilo individual também pode ser encontrado nessa relação dialógica. Uma situação em que isso acontece é quando se cita a palavra do outro: ao fazer uso do discurso do outro dentro da construção do próprio discurso, o enunciador pode inserir limites entre as palavras próprias e as palavras outras ou mesclar as vozes, e nesse processo podemos perceber um estilo individual. Não abordamos esse aspecto nesta dissertação, pois nosso interesse é refletir sobre o estilo nesse gênero em estudo: dissertação em contexto de prova de vestibular.

Além disso, Bakhtin/Volochínov apresentam tipos “especiais” de discurso indireto. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* há a apresentação do discurso direto que emerge do indireto. Este tipo de discurso sempre antecipa os temas do discurso citado e, quando há esse tipo de discurso, as fronteiras entre o enunciado construído e o enunciado citado são fracas. “Os temas básicos do discurso direto que virá são antecipados pelo contexto e coloridos pelas entonações do autor. Dessa maneira, as fronteiras da enunciação de outrem são bastante enfraquecidas.” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p.172).

Esse tipo de discurso aparece quando, antes de se apropriar das palavras do discurso alheio, o enunciador/autor introduz as ideias do outro com reflexões próprias, por isso Bakhtin/Volochínov considera que há um enfraquecimento das fronteiras entre os discursos e também um enfraquecimento da objetividade: “Entretanto, fica perfeitamente claro para nós que uma infiltração profunda das entoações do autor no discurso direto é quase sempre acompanhada por um enfraquecimento da objetividade do contexto narrativo.”

(BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 172). Apesar disso, as entoações do autor do discurso citadas são conservadas

A preparação do discurso citado e a antecipação de seu tema e de seus valores e inflexões na narração pode de tal forma colorir o contexto narrativo com as tonalidades do herói que ele termina por assemelhar-se ao discurso citado, embora conservando entoações próprias do autor. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p.173)

Ainda sobre as variantes de discurso indireto, Fiorin (1996), embasado em Bakhtin/Volochínov amplia a discussão sobre esse assunto

No discurso indireto há uma debreagem interna, o que significa que o discurso citado está subordinado à enunciação do discurso citante. Não há dois *eu*, mas há uma fonte enunciativa que não diz eu (locutor), responsável por parte da enunciação de um eu. O enunciador dá sua versão do plano de expressão ou do plano de conteúdo do discurso de um locutor. Temos, assim, dois tipos de discurso indireto: a variante analisadora de expressão e a variante analisadora de conteúdo. (Bakhtin, 1979, 146-150).

Como há uma única enunciação, todos os traços enunciativos da enunciação desse interlocutor, que foi subordinada à enunciação do narrador e que, assim, tornou-se um locutor são apagados. Dessa forma, os emblemas são referidos à situação do discurso citante; as interrogações, as exclamações, as interjeições e outros elementos expressivos da enunciação do interlocutor devem ser eliminados, porque, no texto, só existe a subjetividade do narrador. É o discurso citante que diz qual a modalidade do discurso citado. (FIORIN, 1996, p. 75)

Então, ao analisar a presença de citação do discurso indireto, buscamos observar qual das variantes foi predominante e como isso interfere na intenção de dizer do candidato que cita na prova de redação do vestibular da FUVEST. Em relação à variante analisadora de expressão, entende-se que, apesar da presença do discurso indireto, há uma demarcação mais evidente da palavra do outro, sendo que o “narrador coloca aspas no discurso do falante. É como se ele destacasse uma expressão dita por este e a subordinasse a sua enunciação. Normalmente, nesse tipo de discurso indireto, as expressões do falante vêm entre aspas.” (FIORIN, 1996, p.76) .

Portanto, entende-se que a variante analisadora da expressão diz respeito ao tipo especial de discurso indireto em que o discurso direto emerge do indireto, ou seja, há a citação do discurso do outro por meio do discurso indireto, todas as construções sintáticas indicam para isso. Porém, no meio da citação o narrador abre aspas e insere o discurso do outro tal qual foi dito, assemelhando-se ao discurso direto.

Já na variante analisadora de conteúdo, não se observa uma preocupação do narrador

em relação à demarcação da expressão. Segundo Fiorin (1996) “No caso da variante analisadora de conteúdo, o narrador não se ocupa do plano da expressão, penetra-o para alcançar o conteúdo, resume o que foi dito, altera a expressão, pois o que quer é dar sua versão do conteúdo do texto do falante” (FIORIN, 1996, p.76). Com isso, entendemos que, na variante analisadora do conteúdo, há uma tentativa de quem cita de se apropriar do discurso alheio e de mesclá-lo ao próprio.

Na análise do *corpus*, quando nos depararmos com a presença de citação da palavra do outro por meio da utilização do discurso indireto, chamaremos a atenção para a diferenciação da variante analisadora de expressão e variante analisadora do conteúdo.

Em relação ao estilo, o enunciador pode optar em estabelecer fronteiras diretas entre o próprio discurso e o discurso citado ou desfazer a estrutura compacta do discurso citado e inserir nela seus próprios comentários, apagando, deste modo, as fronteiras existentes. Nesse sentido, Bakhtin/Volochínov determina duas orientações de citação: o *estilo linear* e o *estilo pictórico*. Ao optar pelo estilo *linear* o indivíduo que cita elabora contornos ao redor da voz citada, diferentemente do estilo *pictórico*, em que o enunciador elabora mais sutilmente o próprio discurso, de modo que o seus comentários, suas respostas, pontos de vista, por exemplo, sejam infiltrados no discurso alheio, imprimindo, assim, determinado juízo de valor.

A língua elabora meios mais sutis e mais versáteis para permitir ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem. O contexto narrativo esforça-se por desfazer a estrutura compacta e fechada do discurso citado, por absorvê-lo e apagar suas fronteiras. Podemos chamar esse estilo de transmissão do discurso de outrem o *estilo pictórico*. Sua tendência é atenuar os contornos exteriores nítidos da palavra de outrem. Além disso, o próprio discurso é bem mais individualizado. Os diferentes pontos da enunciação podem ser sutilmente postos em evidência. Não é apenas o sentido objetivo que é apreendido, a asserção que nela está contida, mas também todas as particularidades linguísticas da sua realização verbal. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p.156-157)

É interessante observar a utilização do estilo *pictórico* ao citar a palavra alheia na redação do vestibular, por exemplo. Visto que se trata de um texto em que o candidato tem que argumentar, demonstrar certo conhecimento e autoridade sobre o assunto a ser desenvolvido, pode-se considerar que optar por esse estilo pode refletir a intenção de mescla de discursos e de justamente conferir maior autoridade a si mesmo. Ao optar pelo estilo *linear*, pode ser que haja um distanciamento maior entre as palavras do eu e do outro. O estilo *linear* pode ser usado, por exemplo, em situações em que o candidato deseja usar a palavra do outro justamente para refutar uma ideia, para discordar dela, ou quando se trata, por exemplo, da citação de um discurso do senso comum, o qual o candidato deseja evitar, visto que há uma

recomendação dos próprios vestibulares em buscar autoria e evitar ideias clichês, conforme será exposto no próximo capítulo.

Há, também, uma outra forma de inserir o discurso citado dentro da constituição do próprio discurso. Nesta, segundo Bakhtin/Volochínov há um "grau de autoritarismo e de dogmatismo que acompanha a apreensão do discurso." Essa outra forma estilística será denominada *estilo linear* e pode ser entendida como uma tentativa do sujeito de se ausentar do discurso de outrem, ou seja, não há a apresentação de um juízo de valor sobre o discurso citado, sendo que as impressões, as valorações e os tons do discurso construído são omitidos. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p.156)

Com isso, depreende-se que a apresentação do discurso citado varia dependendo das escolhas do enunciador que dialoga com a palavra alheia. Percebe-se que os tipos de discurso e as categorias de estilo definidas por Bakhtin e o círculo relacionam-se, de modo que, pode-se optar por trazer as ideias alheias demarcadas ou não, envoltas em entonações valorativas ou não. Tudo isso analisamos nas redações do corpus que apresentam discurso citado por meio do discurso indireto ou direto.

2.3 Enunciado Concreto

Outro conceito proposto por Bakhtin e que está diretamente relacionado à nossa proposta de estudo é o de *enunciado concreto*. Considerando os conceitos de diálogo e enunciado, pode-se entender que não há discurso pronto, enunciado acabado, visto que o ser está o tempo todo em contato com o outro e, por isso, a todo o momento são construídos novos conhecimentos, novas ideias, novas respostas e, conseqüentemente, novos enunciados. Partindo desse pressuposto, pode-se dizer que “Todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido. Por isso cada enunciado se caracteriza, antes de tudo, por um determinado conteúdo semântico-objetal” (BAKHTIN, 2011, p.289)

Entendemos que a comunicação é estabelecida a partir da construção dos enunciados e que estes sempre são manifestações da posição de um enunciador e sobre determinado assunto. Dessa forma, “O enunciado é compreendido como elemento da comunicação em relação indissociável com a vida. Neste sentido, o enunciado concreto é um evento social e não pode ser reduzido a abstrações” (Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso, 2013, p.36)

O enunciado, entretanto, não pode ser considerado simplesmente como uma oração, a qual é composta por aspectos sintáticos e semânticos. Entende-se que o enunciado concreto é

um conjunto de signos baseados tanto no real quanto no material e que desenvolve situações, planeja ações futuras, une o autor ao interlocutor e permite a construção da vida social do ser.

Além disso, pode-se considerar que todo enunciado tem um objetivo, ou seja, um porquê ser construído e a elaboração de um enunciado concreto é uma atitude responsiva a um outro enunciado. Então, o enunciado é delimitado por uma alternância de discursos, já que envolve uma compreensão do enunciado do outro e, em seguida, uma resposta.

Os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela *alternância dos sujeitos do discurso*, ou seja, pela alternância dos falantes. Todo enunciado- da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico- tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão. O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra do outro, por mais silencioso que seja o “dixi” percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante terminou. (BAKHTIN, 2011, p.275)

Com isso, depreende-se que, além de envolver questões da língua e dos elementos que a compõem, o enunciado concreto é uma resposta ativamente construída que envolve o todo, ou seja, o contexto de produção. Isso significa que a elaboração/recepção de um enunciado concreto é social.

Nesse sentido, entendemos que a elaboração/recepção de qualquer enunciado está diretamente relacionada à esfera de atividade à qual está ligada. Ao analisar, posteriormente neste trabalho, redações de vestibular em contexto de prova, entendemos que a esfera envolvida é a escolar, o que compreende toda a formação escolar do aluno – ensino fundamental e médio - e também cursos preparatórios para os exames, que não fazem parte da formação fundamental, mas que, atualmente, podem ser considerados como uma extensão do ensino médio para aqueles alunos que não obtiveram a aprovação no vestibular logo no fim do ensino médio. Sobre essa esfera discorreremos na seção seguinte. Durante toda a vida escolar do aluno, ele presenciou aulas de produção de texto e, certamente, foi conduzido a produzir diversos textos, justamente para que pudesse se preparar para o exame vestibular que enfrentaria em momentos posteriores.

Consideramos o *corpus* deste trabalho - redações de vestibular - dentro dessa

perspectiva, ou seja, cada redação é considerada como um enunciado concreto. A redação na prova do vestibular é uma resposta ao tema elaborado pela instituição responsável pelo processo seletivo.

Logo, a redação escrita pelo candidato é uma atividade responsiva nessa cadeia de comunicação a qual também é constituída pela voz da banca que elabora o tema, que pede que o aluno discorra sobre determinado tema, e pela voz do aluno, o qual apresenta como “resposta” uma dissertação nos moldes pedidos. No texto produzido, são levadas em consideração a bagagem sócio-histórica do aluno e as vivências e aprendizados construídos ao longo de todo o contexto escolar. Além de considerar os próprios conhecimentos, o enunciado produzido é uma resposta àquilo que o aluno constrói como imagem de leitor/corretor. Nesse sentido é que a interação acontece e a elaboração da redação no vestibular é constituída tanto pela interação do candidato com as vozes construídas ao longo da formação escolar quanto com a voz da banca corretora.

Por conta disso, ou seja, por englobar a interação social, o contexto, a esfera de atividade envolvida, faz-se impossível a elaboração de um enunciado concreto que seja neutro, isto é, sem estar imbuído de alguma intenção ou juízo de valor.

Todo enunciado concreto é um elo na cadeia de comunicação discursiva de um determinado campo. Os próprios limites do enunciado são determinados pela alternância dos sujeitos do discurso. Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam o caráter. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição *definida* em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc. (BAKHTIN, 2011, p.297)

Esse aspecto da não-neutralidade do enunciado é tratado por Bakhtin, estendendo-o a todos as manifestações sígnicas:

Nos diferentes campos da comunicação discursiva, o elemento expressivo tem significado vário e grau vário de força, mas ele existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível. A relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado. O estilo individual do enunciado é determinado principalmente

pelo seu aspecto expressivo. No campo da estilística pode-se considerar essa tese universalmente aceita. Alguns pesquisadores chegam inclusive a reduzir francamente o estilo ao aspecto emocionalmente valorativo do discurso. (BAKHTIN, 2011, p.289)

Ademais, cada enunciado, segundo Bakhtin, sejam eles orais ou escritos, reflete suas condições de produção e a finalidade devido à qual foram proferidos. Essa produção sempre engloba a posição do produtor do enunciado, a qual é relacionada com outras posições, que podem assumir diferentes formatos. Isso se manifesta não só no campo temático, mas também pelo estilo escolhido pelo autor, no que diz respeito à seleção do léxico, formas gramaticais e por sua construção composicional.

Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de dada esfera da comunicação discursiva. Essas reações têm diferentes formas: os enunciados dos outros podem ser introduzidos diretamente no contexto do enunciado; podem ser introduzidas somente palavras isoladas ou orações que, neste caso, figurem como representantes de enunciados plenos e, além disso enunciados plenos e palavras isoladas podem conservar a sua expressão alheia mas não podem ser reacentuados (em termos de ironia, de indignação, de reverência, etc); os enunciados dos outros podem ser recontados com um variado grau de reassimilação; podemos simplesmente nos basear neles como em um interlocutor bem conhecido, podemos pressupô-los em silêncio, a atitude responsiva pode refletir-se somente na expressão do próprio discurso- na seleção de recursos linguísticos e entonações, determinada não pelo objeto do próprio discurso mas pelo enunciado do outro sobre o mesmo objeto. (BAKHTIN, 2011, p.297)

Na análise do corpus, buscamos observar como são elaborados esses enunciados concretos em contexto de prova de vestibular, os tons e os juízos de valor apresentados pelos candidatos que produziram as consideradas “melhores redações” e ainda como foram introduzidas as palavras e expressões alheias. Como enunciados concretos, as redações de vestibular são uma resposta a uma cadeia discursiva (com uma tese, ou seja, a elaboração de um juízo de valor a respeito do tema proposto, e argumentos para a defesa do ponto de vista adotado, elas apresentam uma organização estilística, não neutra, dos discursos dos outros, dentro das condições sócio-históricas do "dizer em prova de vestibular").

2.4 Gêneros do Discurso

Em grande parte da coletânea *Estética da Criação Verbal* Bakhtin dedica-se aos estudos dos gêneros do discurso. Bakhtin considera que cada enunciado construído é

individual, porém, a própria língua elabora aquilo que o autor chama de "*tipos relativamente estáveis de enunciado*" ou seja, os gêneros do discurso.

Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*. A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2011, p.262)

Existe, segundo o autor, uma diversidade de gêneros do discurso, justamente porque eles são frutos da comunicação realizadas dentro das atividades humanas. Ademais, esses gêneros, tanto os orais, quanto os escritos, são heterogêneos, ou seja, os gêneros do discurso são vários e podem se manifestar de diversas formas, de acordo com as interações realizadas pelo indivíduo e pelos diálogos vivenciados.

Cabe salientar em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), nos quais devemos incluir as breves réplicas do diálogo do cotidiano (saliente-se que a diversidade das modalidades de diálogo cotidiano é extraordinariamente grande em função do seu tema, da situação e da composição dos participantes), o relato do dia a dia, a carta (em todas as suas diversas formas), o comando militar lacônico padronizado, a ordem desdobrada e detalhada, o repertório bastante variado (padronizado na maioria dos casos) dos documentos oficiais e o diversificado universo das manifestações publicísticas (no amplo sentido do termo : sociais, políticas); mas aí também devemos incluir as várias formas das manifestações científicas e todos os gêneros literários (do provérbio ao romance de muitos volumes). BAKHTIN, 2011, p.262)

Justamente por conta dessa heterogeneidade, o autor ressalta a grande necessidade existente de atentar para o que ele classifica como gêneros primários e gêneros secundários. Segundo Bakhtin, não se trata de uma diferença funcional, mas de gêneros que fazem parte das diversas atividades humanas e são classificados como primários ou secundários dependendo do nível de complexidade da atividade.

Aqui é importante atentar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos) – não se trata de uma diferença funcional. Os gêneros discursivos secundários (complexos-romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros

primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata.

Esses gêneros primários, que integram os complexos, aí se transformam e adquirem um caráter especial [...] (BAKHTIN, 2011, p.263)

O que se pode depreender, nos trechos citados, é que os gêneros do discurso são enunciados elaborados com menor ou maior complexidade, segundo o autor, e isso depende da situação em que são construídos. Devido a isso, entendemos que é impossível desvincular o conceito de gêneros do discurso das esferas de atividade que os seres humanos vivenciam ao longo de toda existência. Segundo Fiorin:

Os seres humanos agem em determinadas esferas de atividades, as da escola, as da igreja, as do trabalho num jornal, as do trabalho numa fábrica, as da política, as das relações de amizade e assim por diante. Essas esferas de atividade implicam a utilização da linguagem na forma de enunciados. Não se produzem enunciados fora das esferas de ação, o que significa que eles são determinados pelas condições específicas e pela finalidade de cada esfera. Essas esferas de ação ocasionam o aparecimento de certos tipos de enunciados, que se estabilizam precariamente e que mudam em função de alterações nas esferas de atividades. Só se age na interação, só se diz no agir e o agir motiva certos tipos de enunciados, o que quer dizer que cada esfera de utilização da língua elabora tipos relativamente estáveis de enunciados. (FIORIN, 2006, p. 61)

Em suma, a classificação dos gêneros do discurso está relacionada à complexidade ou à simplicidade destes gêneros e isso está diretamente ligado ao contexto de produção. Ao pensarmos em esfera de atividade, é importante considerar o papel da escola na elaboração de textos pelos alunos. Nosso *corpus* é constituído por redações de vestibular e, para realizar a análise do gênero, é impossível desvinculá-lo da esfera envolvida neste contexto de produção: a escola.

Ao longo de toda vida escolar, os estudantes têm aulas de produção textual. A construção de textos dentro da esfera de atividade escolar é um tanto artificial, visto que as relações entre interlocutor e enunciatador são condicionadas ao atendimento de regras previamente determinadas pelo professor no contexto escolar, no processo de atualização dos gêneros do discurso. Não é algo que possa ser considerado como natural, visto que o aluno tem que construir o seu enunciado a partir de orientações e adaptações às novas formas de circulação desses gêneros. Essa artificialidade do contexto é determinante para que haja uma estereotipação desse gênero. Isso não é de todo prejudicial, considerando que o aluno precisa de regras e padrões para que consiga

formular um raciocínio sobre o que é um texto. Então, essa artificialidade faz parte do contexto de produção textual na escola e no vestibular.

A produção da redação no vestibular pode ser considerada como uma ampliação deste contexto de produção escolar, considerando que a situação de escrita envolvida é semelhante: uma estrutura determinada, um tema específico o qual o candidato a uma vaga na universidade tem que seguir para que o texto seja bem avaliado e para que seja possível o ingresso dele ao ensino superior.

Os gêneros são, pois, tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo. Falamos sempre por meio de gêneros no interior de uma dada esfera de atividade.

O gênero estabelece, pois, uma interconexão da linguagem com a vida social. (FIORIN, 2006, p.61)

Para Bakhtin, a relativa estabilidade de um gênero está diretamente relacionada à sua construção histórica, o que significa que esses gêneros vão se constituindo a partir de um acúmulo de utilizações e ganham mais consistência à medida que vão sendo utilizados com formas, estilos e temas específicos. A existência de gêneros textuais é imprescindível, pois eles facilitam a comunicação cotidiana.

Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível.

É a partir de reflexões relacionadas à construção dos gêneros discursivos, partindo da ideia de que eles também são historicamente construídos, que defendemos considerar a dissertação do vestibular, como um gênero, visto que há estabilidades composicionais e temáticas já construídas e relativamente estáveis sobre esse gênero elaboradas durante a vida do aluno na esfera de atividade escolar brasileira, em atividades que, como veremos no capítulo seguinte, tendem à padronização.

3. PRODUÇÃO DE TEXTO NA ESFERA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

Para o desenvolvimento desta pesquisa, entendemos ser necessário um estudo bibliográfico acerca da relação entre leitura e escrita e da produção de texto escolar. Utilizamos autores como Geraldini (2007; 2010) e Pécora (1988; 2012) com reflexão relacionada à produção de textos na sala de aula e argumentação. A pesquisa ainda inclui dissertações, teses e artigos relacionados a estes temas, como Fanini (2015), dentre outros.

Este capítulo é dividido em três subitens. Procuramos, inicialmente, apresentar informações gerais sobre a relação entre leitura e escrita, visando refletir sobre como a prática de leitura interfere, contribui para a elaboração de textos. Ademais, no segundo item, visamos apresentar estudos sobre a produção de textos na escola, em contexto de sala de aula, e buscamos entender de que forma a esfera didático-pedagógica interfere na escrita do estudante. Para finalizar, no mesmo capítulo, ampliamos a discussão e a esfera, já procurando atender e nos aproximar do *corpus*, ou seja, estudamos e ampliamos as informações deste capítulo com escritos relacionados à produção do texto no momento da prova do vestibular. Já no terceiro subitem, discutimos acerca da citação na prova do vestibular e sobre a importância do argumento de autoridade, visando entender o discurso da necessidade de repertório nos textos produzidos pelos candidatos durante o vestibular.

3.1 A relação constitutiva entre leitura e escrita

Embasadas na teoria de Bakhtin e o Círculo, entendemos que a linguagem é dialógica, visto que o ser é social e está, a todo o momento, desde que nasce, em contato com o outro. A partir dessa interação, o indivíduo adquire a linguagem e constrói suas referências como pessoa, estudante, cidadão e autor de textos. Considerando que toda relação de linguagem é dialógica e construída a partir da interação com o outro, entendemos que a produção de um texto também é dialógica e que não se constroem textos que não apresentem diálogo com outros textos lidos, por exemplo. Nesse sentido, a relação entre a leitura e escrita também é constitutiva, visto que a escrita só é elaborada a partir da existência de uma leitura anterior.

Partindo de tais pressupostos é que pensamos em nosso *corpus*. O tema de nossa pesquisa é a produção de textos - redações - em momento da prova de vestibular. O candidato a uma vaga na Universidade é um sujeito construído a partir de vivências sociais e com uma formação escolar que o ensina a ler, a escrever, a interpretar e a relacionar informações e conteúdos. Entendemos, dessa forma, que a redação produzida no vestibular dialoga, incontestavelmente, com a bagagem sócio-histórica do aluno. Além disso, a prova do vestibular apresenta, na maioria das vezes, textos de apoio, os quais são denominados de coletânea, para que o aluno possa nortear os próprios

pensamentos. Acreditamos que o diálogo no momento em que ele produz a redação ocorre inclusive com os textos que lhe são oferecidos até no momento em que realiza a prova. Nesse sentido, pensando na relação dialógica que constitui a vida, a relação entre leitura e escrita é evidenciada, tanto no quesito estrutural (em que se retomam/ressignificam formas composicionais e estilísticas de enunciados), quanto em relação ao conteúdo.

Fanini (2015), embasada em conceitos de Bakhtin e o Círculo, defende que a relação entre leitura e escrita é uma relação dialógica.

Leitura e escrita são processos criativos e dialógicos, visto que leitor e autor entram em profundo diálogo em que posições, muitas vezes díspares, se confrontam. Ao ler um texto, o leitor o faz com seu repertório cultural, mediando a leitura por vieses: contexto, gênero, classe social, axiologia, etc., recriando-o a partir dos seus parâmetros. (FANINI, 2015, p.1)

O que se afirma, então, é que não há como desvencilhar leitura e escrita, considerando que, ao ler um texto, o leitor entra em contato com questões diversas e revisita seu próprio repertório, o que o faz concordar ou discordar daquilo que foi lido. A partir disso, o leitor constrói uma resposta, a qual pode refutar ou ratificar as ideias do autor. Confirma-se, com isso, o princípio da alteridade como central para a constituição do enunciado e, inclusive, do sujeito, visto que é impossível existir, relacionar-se e construir repertório, conteúdos, sem que haja a interação com o outro.

Pode-se considerar que para Bakhtin e o Círculo o enunciado de um sujeito é sempre elaborado numa atitude responsiva a um enunciado do outro. Nesse sentido, há sempre uma relação do eu com o outro e com as palavras dele, o que tem como consequência uma resposta a ele e a seu mundo.

O ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante.

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena,

que se atualiza na subsequente resposta em voz real alta. (BAKHTIN, 2011, p.271)

Reiteramos a ideia de que todo enunciado é uma resposta a outro anteriormente proferido. Não é possível que haja interação, contato com o outro sem que uma atitude responsiva seja assumida. Transportando tal conceito para o contexto em questão neste trabalho, podemos considerar que a leitura que um sujeito realiza de um determinado enunciado de outro faz com que o sujeito leitor entre em contato com as ideias do autor. A partir disso, o leitor pode completar esse discurso, reiterando as ideias lidas, ou discordar delas, refutando-as.

Podemos considerar a escrita como uma resposta àquilo que é proposto durante a prova do vestibular, sendo que o candidato, ao se deparar com a proposição e com os textos de apoio, assume uma posição responsiva e elabora seu enunciado a partir do que foi lido, construindo uma tese. Para defendê-la, utiliza sua bagagem social e histórica, seus conhecimentos prévios, até em relação à forma da resposta, e pode manifestar discordâncias ou concordâncias, tanto em relação ao enunciado recebido ao longo das vivências e da formação escolar, quanto em relação aos próprios textos motivadores dados pelo vestibular. A escrita é, portanto, uma resposta e faz-se impossível dissociá-la da leitura, seja de mundo, seja da prova. Nesse sentido, há uma relação constitutiva entre leitura e escrita.

Geraldi (2010) em seus escritos reitera a relação dialógica entre esta e a escrita. Para o autor, o processo de ler ultrapassa os limites do físico e do mecânico, pois ler é reconhecer signos e construir significado

Ler não é apenas reconhecer o signo com suas significações do passado. Ler é construir uma compreensão no presente com significações que, entranhadas nas palavras, são dissolvidas pelo seu novo contexto - que incluem também as contrapalavras do leitor - para permitir a emergência de um sentido concreto, específico, único, produto da leitura que se está realizando. (GERALDI, 2010, p.103)

Logo, essa concepção de leitura também é dialógica, visto que, para que haja o reconhecimento do sentido ao ler um texto, o leitor utiliza, ainda que inconscientemente, conhecimentos anteriormente construídos, os quais são manifestados por meio do sentido elaborado. Assim, pode ser que, no momento em que o candidato se depara com a proposta de redação no vestibular e com os textos motivadores, naquele momento não os utilize na elaboração do próprio raciocínio e,

consequentemente do texto-redação, mas o enunciado da proposta e os textos da coletânea podem fazê-lo recuperar leituras anteriores – realizadas em âmbito escolar ou não. Desse modo, constrói-se um sentido para a leitura e nasce um embasamento para a escrita.

Geraldi (2010) reitera, então, que a produção textual está diretamente relacionada à leitura e defende a relação dialógica entre leitura e escrita. A produção de um texto, para o autor, não tem início na sala de aula, mas muito antes dela, através das vivências do indivíduo e de leituras realizadas ao longo de toda a vida dele.

A produção de um texto começa muito antes das atividades propostas em sala de aula. O convívio com o mundo da escrita, a leitura e a prática da discussão são elementos importantes no processo de constituição do sujeito autor de seus textos. (GERALDI, 2010, p.170)

O que se percebe é que, para Geraldi, ler não é simplesmente um ato mecânico, mas um diálogo entre sujeitos, isto é, aquele que escreve e aquele que dá sentido ao conteúdo produzido, ou seja, o leitor. Na escrita, percebe-se a impossibilidade da elaboração de um texto sem que haja o aproveitamento da bagagem sócio-histórica construída ao longo de toda a formação do indivíduo, não só dentro da sala de aula. Com isso, percebe-se um diálogo do autor com as ideias de Fanini (2015) e com as ideias de Bakhtin e o Círculo. Todos os autores defendem e reafirmam, em momentos distintos, a relação dialógica constitutiva entre leitura e escrita.

É fundamentada nessas ideias que entendemos que um texto é lido e produzido a partir do confronto entre o conteúdo novo que está sendo apreendido e aquilo que já se tem como conhecimento concreto em si. Então, não existe leitura ou escrita monológica, considerando sempre que há diálogo com um interlocutor anterior ou no momento da prova.

Entendemos a leitura e a escrita como práticas sociais, sem que seja possível desvincular uma da outra, visto que tanto para ler quanto para escrever um texto adentra-se no universo alheio, dialoga-se com outros e há sempre a presença de um outro, seja autor ou leitor, que contribui para a continuidade e para a constituição dessa relação dialógica.

Assim, é impossível dissociar leitura e escrita, considerando que a leitura faz com que o sujeito leitor adentre em um novo universo e se construa como um sujeito novo. Por meio dela é possível também a continuidade da construção de um repertório sociocultural, diretamente relacionado à bagagem de vida do indivíduo. Veja-se que não

estamos afirmando que ler muito necessariamente transforma o indivíduo em um bom escritor. Entretanto, o que está sendo afirmado aqui, e que não se pode negar, é que a leitura influencia na constituição da escrita, considerando que toda relação é dialógica e que inevitavelmente conteúdos anteriormente lidos serão recuperados no momento da escrita, conforme será visto nas análises deste trabalho. Na perspectiva teórica adotada aqui, é impossível que o enunciado de um indivíduo não seja permeado por vozes e discursos alheios.

3.2 Produção de textos na esfera didático-pedagógica e em exames vestibulares

Apresentamos aqui a segunda parte do capítulo 3, em que tratamos sobre a produção de textos na esfera didático-pedagógica. Consideramos válido e importante apresentar discussões a respeito deste tema, visto que o modo como a produção de texto acontece em sala de aula interfere no modo como o candidato produz o texto no momento da prova do vestibular.

Creemos que os Exames Vestibulares materializam práticas discursivas estabilizadas na esfera escolar e a própria esfera escolar se constitui, muitas vezes, visando atender a requisitos e critérios dos vestibulares. É essa esfera a qual estamos tomando aqui, em seu sentido mais amplo, como esfera didático-pedagógica. Os vestibulares no Brasil, atualmente, têm como requisito obrigatório a elaboração de uma redação, sendo a única disciplina obrigatória em todos os processos.

E requisitada valorização da produção de texto se deu pela determinação do Ministério da Cultura e Desenvolvimento (MEC), confirmada pela portaria de número 391, no parágrafo segundo de sete de fevereiro de 2002, de tornar a redação obrigatória e eliminatória nos exames de admissão para o ensino superior, ou seja, das diversas disciplinas contidas na grade curricular do Ensino Médio, a única que realmente deve ser cobrada com enfoque excludente nos testes de seleção é a produção de texto, enquanto que as demais podem ser expostas de acordo com a necessidade ou foco do exame. (ALMEIDA; JUSTINO, p. 1)

O motivo que levou à inserção da redação em todos os processos seletivos não é dos mais genuínos. Segundo Almeida e Justino, o governo decidiu implantar a redação em exames de vestibular após dois “semianalfabetos” serem aprovados para o ingresso na Universidade. Como isso não repercutiu positivamente no cenário nacional, a redação nos vestibulares passou a ser obrigatória.

Tal mudança foi anunciada no dia 18 de dezembro de 2001 pelo, então, Ministério da Educação, Paulo Renato de Souza, em resposta a aprovação de um semianalfabeto no vestibular de duas instituições particulares no Rio de Janeiro. A materialidade da história aconteceu em uma matéria exibida no programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão, no dia 16 de dezembro do mesmo ano. Diante de tamanho constrangimento e da cobrança de mais rigor na realização e na correção das provas de vestibulares, a redação deixou de ser “mais uma” prova, tornou-se uma exigência, visando principalmente impedir que analfabetos sejam aprovados em cursos superiores. Portanto, contata-se que a “tal” valorização da redação não se deu por méritos enquanto disciplina ou área de conhecimento, mas por uma necessidade de mudança regimental ou política, para evitar um constrangimento ainda maior, ou até para maquiagem o falho sistema de seleção de candidatas ao ensino superior no Brasil.(ALMEIDA; JUSTINO, 2013, p. 2)

Apesar da motivação não estar diretamente relacionada a uma melhora da educação e nem ter sido acompanhada por educadores, o resultado pode ser positivo, considerando que, quando a disciplina passa a ser cobrada no vestibular, há uma tendência à maior valorização dela na escola. Nesse sentido, certamente a redação passou a ser mais valorizada após a implantação dessa obrigatoriedade. Assim, embora não se resolva a raiz do problema, isto é, ao invés de buscar meios para erradicar o analfabetismo, houve apenas a inserção da redação, a proposta já é válida, visto que atribui maior atenção e importância à disciplina.

Antes desses fatos, a FUVEST já cobrava a redação em seu processo seletivo. Ela aparece no processo seletivo da FUVEST desde 1976, ano de seu surgimento. Alguns vestibulares diferenciam, ano a ano, o gênero discursivo pedido, como por exemplo, a UEL (Universidade Estadual de Londrina), a UFU (Universidade Federal de Uberlândia), a UNICAMP (Universidade de Campinas), as quais pedem a elaboração de cartas, resumo, resenhas, artigos de opinião, editoriais, dentre outros.

A FUVEST, desde o surgimento, exige a elaboração de um texto dissertativo-argumentativo. Mais informações sobre o processo seletivo da FUVEST, desde o início, e ainda sobre a redação e os respectivos temas serão apresentadas no capítulo quarto deste trabalho, isto é, no próximo capítulo. A questão a ser discutida neste subitem é justamente como se dá a produção do texto durante a prova do vestibular, considerando as influências do candidato, recebidas ao longo da sua formação escolar e social.

A produção de textos é algo presente desde as primeiras séries até o último ano de formação escolar do aluno brasileiro. Os PCNs – Planos Nacionais Curriculares – (BRASIL, 1997, 1998, 2000) ressaltam a importância da leitura e da produção textual desde as séries iniciais. Nos PCNs há uma clara evidência de que tanto o oral quanto o escrito devem ser valorizados no ensino da língua portuguesa e, para que a escrita funcione, seja efetiva e para

que possa ser considerada de qualidade, é preciso, segundo os documentos nacionais de educação, que haja, anteriormente e ao mesmo tempo, leitura.

A importância da leitura e da escrita se dá justamente porque estão relacionados a um sucesso no âmbito escolar em diversas áreas, não só em Língua Portuguesa. A leitura e a escrita são importantes em diversos âmbitos, por isso o reconhecimento da necessidade de serem trabalhadas desde o início da vida escolar do aluno.

Desde o início da década de 80, o ensino de Língua Portuguesa na escola tem sido o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade da educação no País. No ensino fundamental, o eixo da discussão, no que se refere ao fracasso escolar, tem sido a questão da leitura e da escrita. Sabe-se que os índices brasileiros de repetência nas séries iniciais — inaceitáveis mesmo em países muito mais pobres — estão diretamente ligados à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e a escrever. Essa dificuldade expressa-se com clareza nos dois gargalos em que se concentra a maior parte da repetência: no fim da primeira série (ou mesmo das duas primeiras) e na quinta série. No primeiro, por dificuldade em alfabetizar; no segundo, por não conseguir garantir o uso eficaz da linguagem, condição para que os alunos possam continuar a progredir até, pelo menos, o fim da oitava série. (BRASIL, 1997, p. 19)

Para que essas dificuldades sejam supridas é preciso que tanto a leitura quanto a escrita sejam estimuladas desde cedo, já que a capacidade de comunicação, seja oral seja escrita, é um dos fatores que reforça a participação efetiva do ser na sociedade, contribuindo para a função dele como cidadão. Nesse sentido, saber ler e escrever é um direito básico e fundamental.

Cabe à escola o papel de auxiliar na construção da cidadania, por isso é papel dos profissionais da educação viabilizar o acesso a textos que circulam na sociedade, além de ensinar a interpretá-los e, posteriormente, produzir também, de modo que a voz do indivíduo na sociedade seja garantida.

Os PCN de 1997 corroboram as considerações de alguns teóricos, como ORLANDI (1997) quando defende que a leitura fornece matéria prima para a escrita, tanto na questão estrutural, quanto na questão de conteúdo. Ressalta que não é uma relação necessariamente existente, mas um “bom” leitor tem a maior possibilidade de produzir textos coesos e coerentes.

A relação que se estabelece entre leitura e escrita, entre o papel de leitor e de escritor, no entanto, não é mecânica: alguém que lê muito não é, automaticamente, alguém que escreve bem. Pode-se dizer que existe uma grande possibilidade de que assim seja. É nesse contexto— considerando que o ensino deve ter como meta formar leitores que sejam também capazes

de produzir textos coerentes, coesos, adequados e ortograficamente escritos — que a relação entre essas duas atividades deve ser compreendida. O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever. (BRASIL, 1997, p.35)

Para que o aluno se torne aquilo que se denomina “bom” leitor, leitor “competente” é preciso que ele entre em contato com textos diversos, de naturezas distintas, desde o processo de alfabetização, para que, no ensino fundamental ou no ensino médio a leitura e também a escrita não sejam artificiais, mas algo natural, tanto em contexto de sala de aula, quanto em situações de avaliação, como no vestibular.

Para aprender a escrever, é necessário ter acesso à diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias, defrontar-se com as reais questões que a escrita coloca a quem se propõe produzi-la, arriscar-se a fazer como consegue e receber ajuda de quem já sabe escrever. Sendo assim, o tratamento que se dá à escrita na escola não pode inibir os alunos ou afastá-los do que se pretende; ao contrário, é preciso aproximá-los, principalmente quando são iniciados “oficialmente” no mundo da escrita por meio da alfabetização. Afinal, esse é o início de um caminho que deverão trilhar para se transformarem em cidadãos da cultura escrita. Se o objetivo é formar cidadãos capazes de utilizar a escrita com eficácia, que tenham condições de assumir a palavra — também por escrito — para produzir textos adequados, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. É necessário, portanto, ensinar os alunos a lidar tanto com a escrita da linguagem — os aspectos notacionais relacionados ao sistema alfabético e às restrições ortográficas — como com a linguagem escrita — os aspectos discursivos relacionados à linguagem que se usa para escrever. (BRASIL, 1997, p. 48)

Os PCNs de outros anos, a saber, 1998, 2000, também trazem ideias afins às expostas no PCN de 1997, relativo ao Ensino Fundamental I. Isso demonstra que a proposta de ensino continua a mesma no que diz respeito à relação entre leitura e produções textuais.

Apesar de a leitura e a produção de textos serem de extrema importância para a construção do conhecimento, a escrita, especificamente, dentro da sala de aula, acaba adquirindo, de acordo com o que definem alguns pesquisadores, um caráter artificial, visto que apenas simula uma situação de produção (GERALDI, 2007). Além disso, o aluno tem a consciência de que está escrevendo um texto apenas para que ele seja avaliado, portanto, muitas vezes, limita a própria criatividade e a própria expressão a formas e conteúdos que já sabe que serão considerados como valorosos pelo professor/avaliador: nesse sentido é que

consideramos a existência da artificialidade. Isso tem como consequência, frequentemente, o surgimento de redações com argumentos vazios, frases prontas e uma estrutura semelhante para todos, considerando que os alunos são orientados a seguir modelos.

Antes de mais nada, é preciso lembrar que a produção de textos na escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: os alunos escrevem para o professor (único leitor, quando lê os textos). A situação de emprego da língua é, pois, artificial. Afinal, qual a graça em escrever um texto que não será lido por ninguém ou que será lido apenas por uma pessoa (que por sinal corrigirá o texto e dará nota para ele?) (GERALDI, 2007, p.65)

Refletimos aqui a respeito da produção de redações durante a prova do vestibular e acreditamos que os aprendizados recebidos na escola são determinantes para a escrita no vestibular. Por isso, muitos textos de vestibular seguem estruturas padronizadas e apresentam diálogo com o senso comum. Ainda entre as melhores redações, que constituem o *corpus* deste trabalho, é possível encontrar modelos de texto quanto à estrutura e citações de textos e ideias específicas. No entanto, essas questões estão melhor desenvolvidas no capítulo de análise, aqui nos interessa refletir sobre o contexto de produção dos textos em pauta.

É evidente que modelos, tanto linguísticos quanto estruturais são necessários, haja vista que não podemos desconsiderar que, tanto na escola, quanto no vestibular, o texto passará por um processo de correção e, para que esse processo aconteça, é necessário que haja uma certa padronização a fim de que o professor/corretor consiga estabelecer critérios estáveis e não inserir demasiadamente sua subjetividade ao atribuir nota. Além disso, são muitos alunos/candidatos e ficaria inviável aceitar que cada um escrevesse o que lhe fosse conveniente, pois a avaliação, principalmente em situação de exame/processo seletivo, ficaria inviável.

No entanto, a crítica que fazemos, seguindo justamente os estudos dos pesquisadores citados, não é em relação à existência de um modelo, de um padrão a se seguir na redação de textos para processos seletivos, mas à artificialidade gerada quando só se buscam seguir tais padrões na escola (em função de uma avaliação futura), sem inserir o aluno em um contexto de leitura e escrita “real”, sem explicar e refletir que, em diferentes contextos, existem diversas maneiras de escrever, ou mesmo que ele pode expressar aquilo que pensa no texto dos exames vestibulares, não precisa ficar restrito a usar determinadas ideias só porque elas parecem ter maior valor. Falta demonstrar ao aluno/candidato no vestibular que o seu “eu” não deve desaparecer em detrimento da utilização das ideias do outro. Por falta dessas orientações é que o aluno, tanto na escola como no momento de uma prova, muitas vezes

constrói textos padronizados, com trechos que o aluno traz decorados, com ausência de uma reflexão consistente.

Uma coisa é saber a língua, isto é, dominar as habilidades de uso da língua em situações concretas de interação, entendendo e produzindo enunciados adequados aos diversos contextos, percebendo as dificuldades de uma forma de expressão e outra. Outra coisa é saber analisar uma língua, dominando conceitos e metalinguagens a partir dos quais se fala sobre a língua, se apresentam suas características estruturais e de uso.

Na prática escolar, institui-se uma atividade linguística artificial: assumem-se papéis de locutor/interlocutor durante o processo, mas não se é locutor/interlocutor efetivamente. [...]

Não estou querendo dizer que inexistente interlocução na sala de aula; estou querendo apontar para o falseamento, dado que os papéis básicos dessa interlocução estão estaticamente marcados. (GERALDI, 2007, p.89)

Geraldi (2007) chama atenção para a artificialidade dessas relações em contexto escolar. O ser que escreve, escreve pensando em apenas uma situação específica de uso e com o interlocutor definido, no caso, o professor/corretor. Esses papéis já estão delimitados e marcados, o que pode ser considerado como prejudicial, visto que sim, durante o período do vestibular o candidato utilizará o que aprendeu na escola, até porque o vestibular também é um dos responsáveis por essa “formatação”, mas o falseamento ocorre porque dificilmente o candidato utilizará esses conhecimentos em situações reais da vida, em outros momentos. Esse aspecto das “condições de produção” do texto e a tentativa de “simular” o letramento em situações concretas de uso da língua é critério de avaliação de material didático no país (Plano Nacional Livro Didático) e tem gerado ações pedagógicas, recentemente, mais adequadas.

Pécora (1988) realiza um trabalho sobre as condições de argumentação em dissertações escolares, apresentando como alguns enunciados podem estar adequados, do ponto de vista gramatical e estrutural, mas vazios de sentido, do ponto de vista da argumentação. O autor tem sido citado, nas últimas décadas, como uma referência para a discussão do texto dissertativo escolar. Segundo ele, em uma dissertação a argumentação apresentada deve ser lógica e consistente a fim de despertar interesse em quem está lendo:

É na dissertação que ela (a argumentação) se manifesta de uma forma mais típica, segundo foi concebida pela retórica aristotélica. É aí, por exemplo, que a argumentação mais se aproxima da forma do *entitema* (um raciocínio tipo silogístico, mas sensível ao conhecimento comum compartilhado pelos interlocutores particulares). E, de modo geral, é na dissertação que o usuário da linguagem reconhece uma necessidade de que o seu texto seja constituído através de *argumentos* e *provas*, sinais capazes de interessar o seu público virtual e convencê-lo da posição que assume diante de seu tema de debate. (PÉCOR, 1988, p.155)

Depreende-se que uma argumentação eficiente é necessária a fim de que aquilo que o autor produz tenha relevância e seja efetiva, no sentido de tentar conduzir o leitor a acreditar naquilo que está sendo dito e desenvolvido. O problema de muitas dissertações é que, ao utilizar construções amplas em relação ao sentido, o argumento perde credibilidade, visto que, por meio de uma mesma oração, muitas ideias podem ser relacionadas ou provadas, o que deixa o argumento vago e fraco, ou seja, sem particularidade.

[...] o mesmo argumento, sem grandes embaraços, poderia ser utilizado para concluir coisas muitas distintas e, em qualquer dos casos, permaneceriam as dúvidas a propósito das referências mais particulares que poderiam ter orientado a formulação do argumento (PÉCORA, 1988, p.155)

O autor traz como exemplo a sentença “É bem difícil imaginar uma pessoa com sentimento, com consciência do dever para consigo mesma e para com os outros, viver sozinha.” (PÉCORA, 1988, p.155). Com esse exemplo, pode-se confirmar as ideias anteriormente citadas, de que um argumento geral pode servir a vários temas e para defesas distintas, porém, sem a credibilidade necessária. A generalidade desse enunciado faz com que, independentemente das circunstâncias, essa expressão possa ser usada, porém, o sentido fica prejudicado, visto que fica vago. Pécora considera esse tipo de expressão como “argumento-coringa”

Parece razoável supor que esse valor consagrado, vinculado a uma noção confusa, acaba favorecendo sua utilização como uma espécie de argumento-coringa: presta-se à demonstração de qualquer tese, ainda que nada diga a seu respeito. Na verdade, noções desse tipo, que recheiam uma parte substancial da grande maioria das redações de caráter argumentativo, indicam um *lugar* favorável, não à construção de argumentos, mas à sua diluição em valores genéricos que nunca se dão a conhecer. Via de regra, ao utilizá-las, aproveitando-se de sua imagem de valor inquestionável, óbvio, em torno do qual comunga a humanidade, o usuário abandona qualquer projeto de posicionamento pessoal diante de um tema particular. (PÉCORA, 1988, p. 156-157)

Assim, perde-se o aparecimento do “eu” dentro do texto, visto que a generalidade interfere no posicionamento do autor, que passa a propor e a desenvolver ideias daquilo que é considerado senso comum e não desenvolve o próprio ponto de vista, fator que poderia atribuir mais valor e concretude ao argumento. Percebe-se, então, que a utilização desse tipo de ideia acontece muito mais com o objetivo de “encher o texto” e ocupar espaço do que contribuir, efetivamente, para o desenvolvimento de um conteúdo sólido e fundamentado.

Apesar de o texto de Pécora ter sido publicado na década de 1980, distanciando-se décadas da presente pesquisa, esses fenômenos ainda estão presentes nas práticas escolares, ou seja, poucas coisas mudaram desde então. Alguns vestibulares já abriram, por exemplo, para outros gêneros do discurso, além da dissertação, entretanto, ainda se percebe, em sala de aula, com vídeo-aulas divulgadas na internet e até em alguns *sites*, a necessidade de o aluno trazer frases, citações, as quais podem ser utilizadas em diversos contextos, com diversos temas, só para que o argumento adquira mais validade. Isso é prejudicial, pois essas frases são tidas como “coringas” e bloqueiam a busca do aluno por novos conhecimentos e novas reflexões durante a construção dos argumentos.

Geraldi (2007) busca apresentar essa artificialidade, o modo como ela se apresenta no contexto escolar e como é refletida fora dele.

Comprovar a artificialidade é mais simples do que se imagina: Na escola não se escrevem textos, produzem-se redações. E estas nada mais são do que a simulação do uso da língua escrita.

Na escola lêem-se textos, fazem-se exercícios de interpretação e análise de textos. E isso nada mais é do que simular leituras.

Por fim, na escola não se faz análise linguística, aplicam-se a dados preexistentes. E isso é simular a prática científica da análise linguística (GERALDI, 2007, p. 89-90)

Segundo Pécora, uma das justificativas possíveis para a existência, e até recorrência, da utilização de argumentos “coringa” na argumentação se dá justamente devido a essa artificialidade, com a imposição de regras e modelos prontos, os quais são passados para os alunos ao longo da formação escolar, fazendo-os acreditar que isso ajudará na composição de um bom texto.

O efeito básico desse tipo de argumento é, paradoxalmente, a suspensão da criação de argumentos pelo texto. Em termos mais gerais, pode-se dizer que o seu efeito é o de descaracterizar o ato de linguagem. Ao receber a tarefa de criar os próprios argumentos e, através deles, agir de modo a convencer o seu interlocutor, o aluno tende a interpretá-la de forma a fazer inveja a um escoteiro. Ou seja, na prática, o que ele faz é reduzir o seu texto ao enunciado de uma ordem- que, com certeza, não foi ele que ditou. Essa ordem, instaurada pela noção de dever, quando não é simplesmente um nome para a ausência de nexos entre as partes do texto, não passa do eco fragmentado de outras ordens, ditadas por padrões que preexistem a seu usuário e que independem desse texto em particular. (PÉCORA, p.157)

Então, ao fazer o uso de enunciados prontos, o ato de linguagem é desconsiderado justamente porque se perde a naturalidade e adota-se um padrão pronto, uma regra a ser

seguida, o que gera essas construções artificiais e sem poder de convencer e persuadir o interlocutor.

Ao refletir sobre as causas que conduzem à utilização de argumentos pré-formatados e prontos pelos alunos, Pécora reflete sobre a formação escolar e a ideia de que apresentar o conteúdo de modo formal, objetivo, sem subjetividades, é sinônimo de inserir-se em um meio culto e privilegiado, ou seja, constrói-se e propaga-se, erroneamente, a ideia de que construir enunciados objetivos, distantes do “eu” e seguindo determinadas normas é o que garantirá sucesso e inserção dentro de um grupo.

Percebe-se, claramente, na origem desse tipo de emprego, o esforço para subordinar o texto ao tipo de linguagem que é privilegiado e elevado à categoria de padrão pela instituição escolar – no caso da universidade, esse padrão seria fornecido pelo discurso científico. Aliás, é realmente admirável observar como alunos, mal chegados à universidade, quando se trata de produzir um texto de comentário crítico, apressam-se em se apropriar de uns quantos termos utilizados em textos técnicos e distribuí-los ao longo do próprio texto. Admirável e incompreensível, a menos que se reconheça nessa surpreendente disponibilidade para a assimilação de padrões, o resultado de um processo mais antigo que identifica *escrita e padrão de linguagem*. A questão do aprendizado de usos efetivos, em que os interesses e a personalidade do usuário têm um papel a cumprir é definitivamente deixada de lado por uma atitude que vai se cristalizando durante todo o processo escolar. (PÉCORA, 1988, p.159)

O que se percebe, então, é que há um estereótipo construído, o qual o aluno deseja seguir, acreditando que dará maior embasamento e valor ao texto, o que, não necessariamente, aplica-se à realidade. Isso justifica, também, em nossa percepção, o uso de estruturas prontas, como as já demonstradas e comentadas nos parágrafos anteriores. Conforme já dito, o “eu” é deixado de lado, desconsiderado e a objetividade e a “técnica” prevalecem. Isso, segundo Pécora, é uma nítida demonstração de um discurso construído na escola.

Tendo recebido todas essas informações do professor, o qual assume a figura de corretor e, conseqüentemente, interlocutor de um texto produzido pelo aluno em contexto escolar, no vestibular, o candidato transfere a imagem desse professor para a prova, enxergando-o como seu corretor, por isso a reprodução de tudo que é aprendido e assimilado na escola durante a produção do texto no vestibular. Muitas vezes, segundo Pécora, o texto está mais relacionado às ideias do interlocutor do que às ideias do próprio autor.

De fato, para se precisar um pouco mais os problemas do lugar-comum, seria interessante perguntar: a quem ele se dirige? A quem ele pretende convencer? Que imagem de interlocutor ele define? Ou melhor, existe essa imagem? Considerando-se que o *lugar-comum* significa sempre um

reconhecimento, a retomada de um fragmento de linguagem amplamente conhecido, então, sem dúvida essa imagem do outro existe. Mas, *na medida em que esse reconhecimento condiciona-se a uma reprodução*, é preciso ver que essa imagem adquire dimensões terríveis, que obriga o produtor a renunciar qualquer ação da linguagem capaz de inaugurar sua presença. Quer dizer, a imagem do interlocutor parece avançar contra o lugar do produtor, de forma a desalojá-lo de suas funções de sujeito e agente. Finalmente ele acaba gerando uma redução dessas funções à tarefa de assimilação de um texto anterior e impermeável às diferentes situações do uso da linguagem. Nesse caso, poder-se ia dizer que, mais do que imagens, fantasmas são gerados a partir de uma imagem pré-fixada do interlocutor e sua tendência é para desfigurar, no texto, as marcas de seu produtor. (PÉCORA, 1988, p. 160-161)

Com isso, reitera-se a ideia de que o candidato, ao adotar o *lugar-comum*, visa atender a um modelo pronto, considerando que, para ele, este modelo será aquele que receberá maior valor diante de seu interlocutor, que, no caso de uma produção textual, passa a ser o corretor/avaliador da produção. O grande problema, no entanto, está justamente na ideia de haver um apagamento do sujeito autor, de suas ideias e reflexões próprias e passa-se a existir apenas, de modo indireto, as ideias do interlocutor, ou seja, o aluno escreve não produzindo as ideias surgidas a partir de reflexões individuais, mas produz aquilo que sabe que “agradará” o avaliador. Nesse sentido, as ideias não são dele, mas do interlocutor.

Dessa forma, podemos entender, com Pécora, que o que falta a esses indivíduos que disputam uma vaga à Universidade é a interação com o outro, visto que adotam como referência a avaliação do texto, e não a construção de sentido e a defesa de ideias próprias e consistentes.

Concluimos, com essas reflexões, que a produção de texto em contexto de vestibular acaba sendo configurada como um reflexo daquilo que é ensinado e tem valor na escola, desde a década de 70. Além disso, parece que seguir ideias ou conteúdos prontos é, para o candidato, aquilo que deve ser feito, considerando que o desejo não é construir um texto que tenha caráter analítico e crítico, mas conseguir realizar aquilo que tem valor para seu interlocutor, no caso a banca avaliadora, pois o objetivo é obter sucesso na nota de prova de redação e ingressar na Universidade.

É claro que a escola é a principal responsável para a manutenção desses modelos. Todavia, o que não se pode esquecer é que, no Brasil, os próprios exames vestibulares reforçam essa manutenção, visto que, em sua maioria, também são conservadores e não propõem situações de produção textual que aproximem a escrita de situações reais de letramento. Em se tratando de FUVEST, sobre a qual discutimos melhor no próximo capítulo, há, desde 1976, pouca variação em relação ao gênero do discurso o qual é pedido. E, desde

aproximadamente 1985 - 1990 há a manutenção do gênero discursivo dissertativo argumentativo.

Já há um movimento de algumas universidades, como UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), UEL (Universidade Estadual de Londrina), UFU (Universidade Federal de Uberlândia), dentre outras, que têm proposto outros gêneros do discurso para que o candidato escreva, justamente para que haja maior aproximação da escrita às situações de letramento. Assim, essas instituições têm pedido que os alunos escrevam, de forma situada, cartas, editoriais, artigos de opinião, ou seja, gêneros que se aproximam mais da vida e da realidade do candidato, isto é, ainda que definindo um padrão de escrita, são gêneros que os alunos encontrarão quando forem ler jornais, por exemplo, ou que terão que escrever, em outros contextos, até dentro da Universidade, por exemplo.

O ideal, então, é tentar aproximar mais o aluno e o processo de escrita, das vivências reais e cotidianas, de modo que o sujeito se sinta mais confortável para elaborar um texto e expressar as próprias ideias e opiniões e para que o processo de aprendizagem escrita seja mais prazeroso e condizente à realidade.

Neste trabalho, desejamos entender se nas redações que constituem nosso *corpus* o aluno consegue imprimir a própria voz, apesar da formatação do gênero discursivo proposto.

3.3 Coletânea, citação e argumentação na prova do vestibular

A maioria dos vestibulares contemporâneos, em suas provas de redação, apresenta uma coletânea de textos a fim de nortear as ideias do candidato no momento da escrita. Além disso, apresentam orientações sobre o uso do conteúdo desses textos no momento em que o candidato elaborará a redação. Pensando na relação constitutiva entre leitura e escrita, a apresentação da coletânea pode ser um artifício usado pelos vestibulares para analisar como o candidato lê e interpreta informações externas, ou seja, para avaliar a capacidade de leitura dele.

Alguns exames, como a FUVEST e a UNICAMP, ressaltam a importância de o candidato utilizar as ideias da coletânea na constituição do próprio texto. Conforme já explicitado neste trabalho, além de averiguar o aparecimento de citações externas, desejamos também entender se o candidato que produziu as redações que compõem nosso *corpus* também cita a coletânea e de que modo isso acontece.

A FUVEST apresenta, em seu Manual do Candidato, as seguintes instruções em relação à prova de redação e ao uso dos textos da coletânea:

A redação deverá ser, obrigatoriamente, uma dissertação de caráter argumentativo, na qual se espera que o candidato, visando a sustentar um ponto de vista sobre o tema proposto ou sugerido, demonstre capacidade de mobilizar conhecimentos e opiniões; argumentar de forma coerente e pertinente; articular eficientemente as partes do texto e expressar-se de modo claro, correto e adequado.[...] Verifica-se se o texto configura-se como uma dissertação argumentativa e se atende ao tema proposto ou sugerido. Pressupõe-se, então, que o candidato demonstre a habilidade de compreender a proposta de redação e, quando esta contiver uma coletânea, que ele se revele capaz de ler e de relacionar adequadamente os textos que a integram. A paráfrase de elementos que compõem a proposta de redação não é um recurso recomendável para o desenvolvimento adequado do tema. Não se recomenda, também, que o texto produzido se configure como uma dissertação meramente expositiva, isto é, que se limite a expor dados ou informações relativos ao tema, sem que se explicita um ponto de vista devidamente sustentado por uma argumentação consistente. No que diz respeito ao desenvolvimento do tema, verifica-se, além da pertinência das informações e da efetiva progressão temática, também a capacidade crítico-argumentativa que a redação venha a revelar. (MANUAL DO CANDIDATO/Informe FUVEST nº 04/2017 – 1º/08/2016, 2016, p. 4)

Assim, com base nessas instruções, evidencia-se que a FUVEST espera que o candidato, ao elaborar seu texto, argumente com coesão e coerência, apresente clareza e um conteúdo relacionado ao tema e bem desenvolvido. A instituição também espera que o candidato leia a coletânea e relacione suas ideias com aquelas presentes nela. A citação da coletânea é algo que também nos interessa e será um dos focos de nossa análise, pois se relaciona tanto com o diálogo proposto por Bakhtin, tanto com a relação entre leitura e escrita anteriormente desenvolvida neste capítulo.

A UNESP tem seu vestibular feito e aplicado pela VUNESP e, também em seu manual, traz recomendações em relação ao uso da coletânea. A universidade deixa claro que os textos da coletânea são apenas motivadores, portanto não deve haver cópia e o que se prioriza é o aparecimento de um conteúdo que não fique restrito às ideias apresentadas na prova

As propostas de redação da Fundação Vunesp apresentam uma coletânea de textos motivadores que servem como ponto de partida para a reflexão sobre o tema que deverá ser abordado. Textos compostos apenas por cópias desses textos motivadores receberão zero total e textos em que seja identificada a predominância de trechos de cópia em relação a trechos autorais terão a nota final diminuída drasticamente. (MANUAL UNESP, 2017, p.44)

Já a UNICAMP, em seu manual, não apresenta especificamente uma instrução em relação à utilização da coletânea, mas deixa clara a necessidade de atendimento ao gênero de discurso e à proposta. Além disso, evidencia a importância da leitura na constituição da prova

de redação. Essa leitura, ao que se pode supor, está relacionada tanto com o que é apresentado na proposta de redação, quanto com as leituras de mundo que o candidato realizou.

A prova de Redação, composta de duas tarefas obrigatórias, busca avaliar a habilidade do candidato no emprego de recursos que são necessários à produção de textos pertencentes a diferentes gêneros discursivos. Cada tarefa é acompanhada de um ou mais textos que irão subsidiar o seu desenvolvimento, além de instruções que indicarão os interlocutores envolvidos, bem como o gênero e o propósito do texto a ser elaborado pelo candidato. A prova procura, desta forma, reproduzir o funcionamento do discurso no mundo real. Para que um texto seja bem sucedido em seus propósitos, o autor deve ter experiência de leitura e delinear um projeto em função de um ou mais objetivos específicos, que deverão ser atingidos por meio da formulação escrita. A avaliação dos textos produzidos levará em conta as condições propostas na atividade: as propriedades do gênero, os participantes da interlocução, o propósito (tendo em vista o tema, a situação de interação proposta e as instruções), a leitura e a articulação entre as partes do texto. Assim, o candidato deve, no desenvolvimento das duas tarefas, atender a requerimentos relacionados:

1) ao gênero: o texto elaborado pelo candidato em cada uma das tarefas deve ser representativo do gênero solicitado e considerar os interlocutores nele implicados.

2) ao propósito: o candidato deve cumprir o propósito da tarefa que está sendo solicitada, observando o tema, a situação de interação proposta e as instruções de elaboração do texto.

3) à leitura: é esperado que o candidato estabeleça pontos de contato com o(s) texto(s) fornecido(s) em cada tarefa. Ele deve mostrar a relevância desses pontos para o seu projeto de escrita e não simplesmente reproduzir o(s) texto(s) ou partes do(s) mesmo(s) em forma de colagem.

4) à articulação escrita: os textos produzidos pelo candidato devem propiciar uma leitura fluida e envolvente, mostrando uma articulação sintático-semântica ancorada no emprego adequado de elementos coesivos e de outros recursos necessários à organização dos enunciados. O candidato também deve demonstrar ter habilidade na seleção de itens lexicais apropriados ao estilo dos gêneros solicitados e no emprego de regras gramaticais e ortográficas que atendem à modalidade culta da língua. (MANUAL UNICAMP, 2017, p. 35)

Apesar de não falar especificamente no manual sobre a leitura e utilização da coletânea, nas propostas de redação, a instituição orienta que os alunos construam o próprio texto baseado no que os textos da coletânea apresentam, conforme se pode ver neste exemplo:

Você é um estudante do Ensino Médio e foi convidado pelo Grêmio Estudantil para fazer uma palestra aos colegas sobre um fenômeno recente: o da pós-verdade. Leia os textos abaixo e, a partir deles, escreva um texto base para a sua palestra, que será lido em voz alta na íntegra. Seu texto deve conter: a) uma explicação sobre o que é pós-verdade e sua relação com as redes sociais; b) alguns exemplos de notícias falsas que circularam nas redes sociais e se tornaram pós verdade; e c) consequências sociais que a disseminação de pós-verdades pode trazer. Você poderá usar também

informações de outras fontes para compor o seu texto. (PROVA DA UNICAMP, 2018, p. 3)

A proposta acima é do vestibular 2018 da UNICAMP, a qual pedia que os alunos escrevessem uma palestra sobre o conceito de pós-verdade. Nessa proposição, é possível perceber que o candidato deve elaborar o próprio texto a partir dos textos que foram apresentados na coletânea, quando diz “Leia os textos abaixo e a partir deles escreva [...]”.

Nesse sentido, com base nas recomendações que esses três processos seletivos apresentam é possível entender que há uma valorização da leitura do candidato e o modo como o vestibular utiliza para avaliar essa competência é apresentando a coletânea e pedindo que o candidato a utilize, mas não a copie. Nos textos analisados neste trabalho, damos uma atenção especial também à utilização/citação da coletânea para entender como o candidato dialogou com as ideias dela e como inseriu as próprias ideias, de modo a apresentar mais conteúdo para a produção.

Partindo dessas recomendações presentes, sobretudo no Manual do Candidato elaborado pela FUVEST, – a qual é a instituição foco deste trabalho- é possível inferir que há uma exigência da instituição em relação ao aparecimento de leituras diversas e da palavra do outro na constituição do texto. Quando exige que o candidato leia a coletânea e relacione com os próprios conhecimentos, a FUVEST já dá indícios do que espera: que o candidato saiba ler/interpretar, ou seja, que constitua uma relação sólida entre a leitura e a escrita e também, de forma indireta, dá a entender a necessidade de apresentação da citação, já que pede que a palavra alheia esteja no texto.

Não só o diálogo com a coletânea parece ser valorizado. Ao instruir que o candidato mobilize conhecimentos e opiniões sobre o tema proposto, indiretamente se cobra a presença de conteúdos externos ao que está na proposição da redação. Assim, entendemos que a FUVEST é uma instituição que valoriza, em seu processo de correção das redações, aquelas em que o candidato estabelece uma relação consistente entre leitura e escrita e, acima de tudo, aquela que consegue suplantar o senso comum, mobilizando diversos conhecimentos para sustentar e desenvolver o ponto de vista.

Com isso, podemos refletir em relação ao aparecimento de citações na redação do vestibular e em relação ao significado que isso possui no contexto atual. O que se entende, por meio das recomendações, é que trazer a palavra do outro, com a qual se tem contato tanto no processo escolar, quanto na vida em sociedade, é de fundamental importância. A conclusão que se tem a partir disso é que trazer a palavra do outro confere uma espécie de autoridade ao texto e às ideias do candidato que escreve. Atualmente, um processo que reforça a

necessidade de trazer a voz do outro, pois isso contribuiria para a autoria do texto, é o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). O Inep (Instituto Nacional de educação e pesquisa), órgão responsável pela confecção do exame e pela definição dos critérios de correção da redação, chama atenção para a necessidade de o aluno apresentar autoria e de fugir do senso comum e da centralidade nos textos motivadores. O ENEM chama de *repertório sociocultural produtivo* o conteúdo necessário para o texto se enquadrar dentro da representação do “bom” em relação à fuga de ideias do senso comum e apresentação de autoria. Esse repertório se configura como a relação que o candidato faz, e traz para o texto, de citações de filósofos, sociólogos, letras de música, séries, filmes, livros, dentre outros.

<p>I – Apresentar uma tese, desenvolver justificativas para comprovar essa tese e uma conclusão que dê fecho à discussão elaborada no texto, compondo o processo argumentativo (ou seja, apresentar proposição, desenvolvimento e conclusão).</p>	<p>TESE – É a ideia que você vai defender no seu texto. Ela deve estar relacionada ao tema e apoiada em argumentos ao longo da redação.</p> <p>ARGUMENTOS – É a justificativa para convencer o leitor a concordar com a tese defendida. Cada argumento deve responder à pergunta “por quê?” em relação à tese defendida.</p>
<p>II – Utilizar estratégias argumentativas para expor o problema discutido no texto e detalhar os argumentos utilizados.</p>	<p>ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS – São recursos utilizados para desenvolver os argumentos, de modo a convencer o leitor:</p> <ul style="list-style-type: none"> • exemplos; • dados estatísticos; • pesquisas; • fatos comprováveis; • citações ou depoimentos de pessoas especializadas no assunto; • pequenas narrativas ilustrativas; • alusões históricas; e • comparações entre fatos, situações, épocas ou lugares distintos.

(MANUAL DE REDAÇÃO DO ENEM, 2017, p. 18)

Neste quadro, o qual representa alguns critérios de avaliação da competência II – Adequação ao tema/gênero - é possível perceber a necessidade de o candidato apresentar repertório relacionado ao tema a fim de dar consistência à argumentação. Esse repertório pode aparecer no texto por meio de exemplos da realidade, dados estatísticos, pesquisas, fatos, citações de indivíduos especializados no assunto, história, livros, filmes, dentre outros.

Entende-se então que, assim como o ENEM, outros vestibulares ressaltam a importância do aparecimento da bagagem de leitura do aluno, construída sócio-historicamente, sobretudo na escola e nas relações que o ser constituiu. Da mesma forma que o ENEM, a FUVEST valoriza o aparecimento de conteúdos e opiniões externas. Mas o que se

percebe é que, independentemente do exame de seleção, há uma tendência à valorização da citação. Por esse motivo é que acreditamos que encontraremos diversas citações no *corpus* selecionado.

Aragão e Barzotto (2015) realizaram um estudo quantitativo em relação ao aparecimento de citações no vestibular da FUVEST e descobriram que houve, de 1999 até 2013, um aumento de quase 80% na utilização de citações nas redações deste vestibular.

Observaram-se citações de fontes externas em textos de todos os vestibulares ponderados e constatou-se um aumento no uso desse recurso: no vestibular de 1999, 13,7% dos textos continham citações de fontes externas; no de 2013, esse número saltou para 92,6%. (ARAGÃO; BARZOTTO, 2015, p.121)

Segundo os autores, o uso da citação, que anteriormente era mais restrito a trabalhos acadêmicos, hoje se configura quase que como uma “exigência” para que o texto seja bem avaliado.

Além desses ambientes textuais em que a citação parece estar em seu lugar natural, pode-se notar que esse recurso não é raro em redações feitas por participantes de processos seletivos de instituições de ensino superior – textos situados em um contexto de transição pré-acadêmico ou (quase) pós-escolar. Nesse tipo de texto, cujo propósito não é fazer ciência (não se enquadrando, portanto, entre os científicos), é provavelmente mais corriqueira a citação de excertos constantes nos fragmentos das chamadas coletâneas, tanto porque algumas propostas de redação estimulam ou demandam de maneira direta a prática da citação, quanto porque o fato de que uma proposta solicite a consideração da coletânea apresentada já é suficiente para que o candidato entenda que deve dar provas de que ponderou e compreendeu os excertos oferecidos, o que é feito por meio da citação. Entretanto, notam-se ainda citações de fontes externas. (ARAGÃO; BARZOTTO, 2015, p.123)

Segundo a própria definição da ABNT (Associação brasileira de normas técnicas) citar é fazer menção a uma informação extraída de outra fonte e pode ser de dois tipos: direta ou indireta. Aragón e Barzotto (2015) apresentam que dentre os autores mais citados há uma preferência por aqueles que são estrangeiros, além de haver o aparecimento dos próprios livros que compõem a leitura obrigatória da FUVEST, além de músicas, por exemplo, o que nos faz reafirmar a relação direta entre leitura e escrita no momento da constituição da redação.

Os autores afirmam que citar no vestibular é como uma máscara, a qual o candidato veste para ter acesso ao grande baile, no caso a Universidade. Questionam se é de fato a presença da citação que dá valor à redação e também a manutenção de uma estrutura e de um conteúdo fechado, conforme já exposto neste trabalho anteriormente

Considerando-se a ascensão das citações de fontes externas, o aumento da média do número de autores de fontes externas citados e o predomínio de autores estrangeiros como Karl Marx e Zygmunt Bauman, aparentemente as redações passaram a incorporar máscaras científicas. Se em um baile de máscaras entram apenas os mascarados, o ingresso na universidade não estaria se tornando (razoavelmente) restrito àqueles que colocam máscara de cientificidade em seus textos? É como se se buscasse não um aluno em condições de empreender a busca de uma elaboração própria, fazendo valer o princípio de que a universidade é um lugar de produção de conhecimento, e sim de entrar nesse meio mais pelo domínio de uma técnica de composição do que pela elaboração de uma reflexão (ARAGÃO; BARZOTTO, 2015, p.136)

Desse modo, entendemos que a apresentação de citações na redação do vestibular tem se configurado como uma “exigência” implícita das provas e como um indício do que a Universidade espera do candidato: que ele saiba se posicionar, saiba defender os próprios argumentos e que saiba produzir conhecimento. O problema se dá quando o candidato cita de modo artificial ou não consegue relacionar as ideias de modo coerente. A proposta dos vestibulares é observar a construção de argumentos e exposição de conteúdo, o que, muitas vezes, não acontece de modo efetivo. Tudo isso como um pré-requisito daquilo que será exigido dele na universidade.

Perelman (1996) considera que a utilização da palavra do outro na constituição do próprio argumento é uma forma de dar prestígio às próprias palavras. Utilizar a palavra do outro para embasar as próprias confere autoridade ao próprio discurso.

Existe uma série de argumentos cujo alcance é totalmente condicionado pelo prestígio. A palavra de honra, dada por alguém como única prova de uma asserção, dependerá da opinião que se tem dessa pessoa como homem de honra (...).(PERELMAN,1996, p.347)

Esse prestígio, o qual o autor defende, é o que buscam muitos candidatos ao elaborar a redação no momento do vestibular, justamente para que se construa a ideia de que ele é um sujeito culto, que tem conhecimento de mundo e ainda que consegue defender as próprias ideias de modo sólido e consistente. Britto (2006) defende que o candidato, muitas vezes, tem a necessidade de “encher certo espaço”, a fim de mostrar que está dizendo alguma coisa “importante”

O estudante tem a necessidade de “encher” (de certa maneira e certo espaço), isto é, de mostrar que está dizendo alguma coisa, mesmo que não tenha nada

para dizer; Na tentativa de tornar “culto” a redação, recruta os recursos que obtém a partir da imagem de língua que constrói dentro da situação específica em que se acha. (BRITTO, 2006, p.154)

Como o momento da escrita da redação no vestibular é uma situação em que se cobra posicionamento do candidato e em que se avalia sua capacidade de leitura e de argumentação, trazer a palavra do outro pode ser uma espécie de mostrar ao interlocutor, no caso o corretor, que se é “culto”.

Perelman chama esse tipo de argumento de “argumento de prestígio” ou “argumento de autoridade”

O argumento de prestígio mais nitidamente caracterizado é argumento de autoridade, o qual utiliza atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese.

O argumento de autoridade é o modo de raciocínio retórico que foi mais intensamente atacado por ter sido, nos meios hostis à livre pesquisa científica, o mais largamente utilizado, e isso de maneira abusiva, peremptória, ou seja, concedendo-lhe um valor coercivo, como se as autoridades invocadas houvessem sido infalíveis [...]

Para nós, ao contrário, o argumento de autoridade é de extrema importância[...] (PERELMAN, 1996, p.348)

Assim, percebe-se com os escritos de Perelman (1996) que a elaboração de “argumentos de autoridade” é algo que confere certo valor ao argumento construído. Desejamos observar, então, se nas redações que constituem o *corpus* do nosso trabalho os candidatos se apropriam das palavras alheias e como isso confere autoridade ao próprio discurso, ou seja, como auxilia na elaboração das ideias defendidas. Desejamos também entender o que mais é citado e como isso está relacionado à bagagem cultural do candidato, construída não só durante o período escolar, mas ao longo de toda a vida.

4. O VESTIBULAR DA FUVEST

Este capítulo tem a finalidade de fazer uma apresentação do vestibular da FUVEST, da prova de Redação e dos temas de redação propostos pela instituição nos anos que abarcam nosso *corpus*. O objetivo é descrever as mudanças pelas quais a prova de redação passou e a apresentação dos temas relativos a redações que são o *corpus* desta dissertação.

Não existem muitos registros em relação à história do vestibular no Brasil. Vários sites e documentos acabam trazendo informações restritas e as mesmas informações. Segundo o

jornal *O Estado de São Paulo*, o primeiro vestibular foi instituído no Brasil em 1911 e sofreu transformações ao longo dos anos.

Como se sabe, no Brasil, desde o início de nossa história, o acesso à educação era restrito a poucos indivíduos. Assim, entende-se que somente aqueles que tinham posses é que podiam frequentar colégios. As primeiras escolas superiores surgiram em 1808 com o estabelecimento da família real no Brasil. Para ingressar nesses locais, o candidato precisava passar por exames denominados “exames de madureza”. Após um tempo, o governo percebeu que precisava enrijecer os critérios para entrada nesses locais.

De acordo com o mesmo jornal, a palavra vestibular surgiu em 1915, motivada pela forte concorrência à entrada para esses colégios.

Vestibular vem de *vestíbulo*, espaço entre a porta de entrada e as principais dependências de uma casa. Com o tempo, se transformou na estreita e obrigatória passagem pela qual passava quem pretendia cursar as poucas carreiras que existiam. Em 1961, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) permitiu que todos os cursos de grau médio possibilitassem a entrada nos superiores. Surgiram os cursinhos pré-vestibulares e as universidades particulares começaram a se proliferar. (SACONI, 2013, *O Estado de São Paulo*, Vestibular nasceu no Brasil em 1911 acesso online em 12/02/2018, matéria de 29/10/2013).

Em 1964, foram criadas fundações responsáveis pela elaboração de provas para selecionar candidatos a vagas de diversas instituições. Em 1976 nasceu a FUVEST, a qual era responsável pela elaboração de uma prova unificada, que seleciona candidatos para as vagas da USP, da UNESP e da UNICAMP. Em 1983 a UNESP se desvinculou dessa instituição e, posteriormente, em 1985, foi a vez da UNICAMP. Desde então, a FUVEST é responsável pela elaboração da prova para o ingresso na USP (Universidade de São Paulo). Algumas mudanças aconteceram ao longo do tempo, sobretudo em relação ao exame de redação.

4.1 O vestibular da FUVEST e a prova de redação

Conforme exposto acima, a FUVEST é a instituição responsável pela elaboração da prova para o ingresso na Universidade de São Paulo. Ao longo do tempo, o processo sofreu diversas mudanças em relação ao número de questões, às disciplinas cobradas e ao tempo de prova, por exemplo. A prova de redação também sofreu mudanças significativas durante os anos até chegar aos dias de hoje.

As mudanças que aconteceram dizem respeito aos temas cobrados e ao gênero do discurso pedido, por exemplo. A seguir apresentamos cada um dos temas, desde o início do vestibular, a fim de apresentarmos as mudanças ocorridas.

- Em 1977, houve redação tanto na primeira quanto na segunda fase. Na primeira fase a proposta era composta por uma imagem e o candidato deveria escrever um texto em prosa sobre ela. Na segunda fase, não havia instruções e o candidato deveria escrever sobre a participação de escritores em movimentos políticos e sociais.
- Em 1978, o candidato deveria refletir sobre um presente que ganhou ao completar 18 anos. Não havia gênero discursivo especificado para a produção.
- Em 1979, o gênero pedido foi uma carta em resposta a uma outra carta recebida de um amigo;
- Em 1980, foi pedido que o candidato escrevesse um desfecho para uma história;
- Em 1981, foi pedida uma narração a respeito de um acontecimento importante da infância do candidato;
- Em 1982, pediu-se que o candidato elaborasse um relato pessoal sobre a situação fictícia a qual foi proposta;
- Em 1983 o candidato deveria escrever uma história cuja última frase fosse “Vende-se uma motoca”;
- Em 1984, o candidato deveria escrever um texto em prosa sobre o tema “Relógios”;
- Em 1985, pediu-se que o candidato escrevesse uma dissertação em prosa, com introdução, argumentação e conclusão, manifestando um ponto de vista em relação ao *clausus*-quantidade limitada de vagas para o ingresso na Universidade;
- Em 1986, também foi pedida uma dissertação em prosa, com início, argumentação e conclusão a respeito do tema “Máquinas”;
- Em 1987, também foi pedida uma dissertação. Pediu-se que o candidato escrevesse uma dissertação a partir de uma entrevista de Carlos Drummond de Andrade sobre a fraternidade humana;
- Em 1988, a FUVEST apresentou uma coletânea com textos a fim de auxiliar os candidatos na elaboração da redação. Foram apresentados dois textos e uma imagem e a instrução era de que o candidato deveria redigir uma dissertação expondo a própria opinião em relação à questão “Tudo é relativo?”;
- Em 1989, a FUVEST não seguiu o modelo adotado em 1988. Foram apresentados os versos “Tudo vale a pena/ Se a alma não é pequena” e a única recomendação era que o candidato deveria discutir as ideias dos versos relacionando-as com o contexto atual brasileiro;

- Em 1990, a instituição pediu que o candidato elaborasse uma dissertação argumentativa discutindo se concordava ou não com a afirmação: “Não é preciso zangar-se. Todos nós temos as nossas opiniões [...]”;
- Em 1991, não foram dadas instruções em relação ao tipo textual, apenas foi pedido que, baseado em um conto, o candidato discutisse a expressão “Em terra de cego quem tem olho é rei”;
- Em 1992, a FUVEST voltou a questionar os candidatos em relação à existência da prova do vestibular, com um tema bastante semelhante ao que apareceu em 1985. A instrução dada era que o candidato escrevesse uma redação apresentando ideias contrárias ou favoráveis ao que foi apresentado nos dois textos da coletânea.
- Em 1993, a FUVEST também pediu a elaboração de uma dissertação a partir de um trecho do conto “A Igreja do Diabo” de Machado de Assis, orientando que o candidato se posicionasse a favor ou contra a existência de regras para a boa convivência em sociedade.
- Em 1994, a instituição apresentou três textos a respeito da televisão e do rádio e pediu que o candidato escrevesse uma dissertação em prosa relacionando as ideias contidas nos três, adotando um posicionamento.
- Em 1995, houve a apresentação de três textos e de uma imagem que falavam sobre a constituição do “eu” e da individualidade. A instrução era que o candidato redigisse uma dissertação em prosa, relacionando as ideias dos textos em defesa de um ponto de vista.
- Em 1996, a FUVEST também apresentou dois textos, os quais discutiam sobre rituais místicos e pediu que o candidato redigisse uma dissertação em prosa a respeito do tema neles apresentado.
- Em 1997, foi apresentada uma proposta metalinguística. O candidato deveria escrever uma dissertação em prosa, relacionando os três textos da coletânea, em relação ao ato de escrever, seja no vestibular, seja em outros âmbitos da vida.
- Em 1998, também foi apresentada uma coletânea de textos a qual trazia ideias de escritores, filósofos sobre a relação do homem com o outro. A instrução era que o candidato também elaborasse uma dissertação em prosa.
- Por fim, em 1999, a FUVEST não apresentou uma coletânea de textos, apenas questionamentos relacionados à geração jovem daquela época. A única recomendação era que o texto fosse em prosa.

Decidimos apresentar essa linha história em relação aos temas da FUVEST desde o primeiro ano em que o vestibular aconteceu para que as mudanças pudessem ser percebidas. Enquanto no início da década de 80 o gênero do discurso e os próprios temas eram mais

abrangentes, no fim da década de 90 já houve maior padronização em relação ao gênero discursivo – dissertação em prosa. A maioria das propostas apresentou coletânea, ou seja, textos ou imagens que pudessem auxiliar de alguma forma a elaboração do texto pelo candidato. As propostas de 2000 até 2012 (exceto 2002) serão apresentadas no próximo subitem deste capítulo, visto que constituem as propostas dos textos que constituem nosso *corpus*. Por isso, acreditamos que tais temas devam receber uma atenção especial.

4.2 Temas de redação que compõem o *corpus*

FUVEST 2000

REDAÇÃO

Recentemente, o Deputado Federal Aldo Rebelo (PC do B - SP), visando proteger a identidade cultural da língua portuguesa, apresentou um projeto de lei que prevê sanções contra o emprego abusivo de estrangeirismos. Mais que isso, declarou o Deputado, interessa-lhe incentivar a criação de um "Movimento Nacional de Defesa da Língua Portuguesa".

Leia alguns dos argumentos que ele apresenta para justificar o projeto, bem como os textos subseqüentes, relacionados ao mesmo tema.

"A História nos ensina que uma das formas de dominação de um povo sobre outro se dá pela imposição da língua. (...)"

"...estamos a assistir a uma verdadeira descaracterização da Língua Portuguesa, tal a invasão indiscriminada e desnecessária de estrangeirismos - como 'holding', 'recall', 'franchise', 'coffee-break', 'self-service' - (...). E isso vem ocorrendo com voracidade e rapidez tão espantosas que não é exagero supor que estamos na iminência de comprometer, quem sabe até trincar, a comunicação oral e escrita com o nosso homem simples do campo, não afeito às palavras e expressões importadas, em geral do inglês norte-americano, que dominam o nosso cotidiano (...)"

"Como explicar esse fenômeno indesejável, ameaçador de um dos elementos mais vitais do nosso patrimônio cultural - a língua materna -, que vem ocorrendo com intensidade crescente ao longo dos últimos 10 a 20 anos? (...)"

"Parece-me que é chegado o momento de romper com tamanha complacência cultural, e, assim, conscientizar a nação de que é preciso agir em prol da língua pátria, mas sem xenofobismo ou intolerância de nenhuma espécie. (...)"

(Dep. Fed. Aldo Rebelo, 1999)

"Na realidade, o problema do empréstimo linguístico não se resolve com atitudes reacionárias, com estabelecer barreiras ou cordões de isolamento à entrada de palavras e expressões de outros idiomas. Resolve-se com o dinamismo cultural, com o gênio inventivo do povo. Povo que não forja cultura dispensa-se de criar palavras com energia irradiadora e tem de conformar-se, queiram ou não queiram os seus gramáticos, à condição de mero usuário de criações alheias."

(Celso Cunha, 1968)

"Um país como a Alemanha, menos vulnerável à influência da colonização da língua inglesa, discute hoje uma reforma ortográfica para 'germanizar' expressões estrangeiras, o que já é regra na França. O risco de se cair no nacionalismo tosco e na xenofobia é evidente. Não é preciso, porém, agir como Policarpo Quaresma, personagem de Lima Barreto, que queria transformar o tupi em língua oficial do Brasil para recuperar o instinto de nacionalidade. No Brasil de hoje já seria um avanço se as pessoas passassem a usar, entre outros exemplos, a palavra 'entrega' em vez de 'delivery'."

(Folha de S. Paulo, 20/10/98)

Levando em conta as idéias presentes nos três textos, redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA, expondo o que você pensa sobre essa iniciativa do Deputado e as questões que ela envolve.

Apresente argumentos que dêem sustentação ao ponto de vista que você adotou.

No ano 2000 o tema elaborado pela FUVEST pedia que o candidato elaborasse uma dissertação em prosa, adotando e defendendo um posicionamento em relação à Lei de estrangeirismos, iniciativa do Deputado Aldo Rebelo, a qual visava proibir a inserção de estrangeirismos na língua portuguesa.

A proposta do ano 2000 era composta por uma breve explicação sobre a lei, o que ela propunha e três textos. O texto I, de autoria do próprio Deputado Aldo Rebelo, defendia a lei e os próprios argumentos em relação à aprovação dela. Para ele, uma das formas de dominação de um povo se dá pela língua e aceitar a inserção de termos estrangeiros na língua é render-se à dominação.

O segundo texto é de autoria do gramático Celso Cunha, o qual considera não ser necessário, e nem possível, a criação de barreiras entre línguas, até porque inevitavelmente na sociedade em que se vive é natural que haja uma mescla de culturas, sendo que uma se apropria de elementos da outra. O gramático defende que o próprio povo deve valorizar mais os elementos do próprio país em detrimento daquilo que é estrangeiro.

O texto três é o recorte de um artigo publicado no jornal *Folha de São Paulo* defendendo que não deve haver radicalismos em relação à inserção de elementos estrangeiros na própria cultura, como tem sido feito na Alemanha e como foi proposto pelo personagem Policarpo Quaresma na obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, do autor Lima Barreto.

Assim como já se demonstrava uma tendência nos anos anteriores, houve a manutenção do gênero discursivo – dissertação em prosa – pedindo que o candidato manifestasse e defendesse um ponto de vista.

FUVEST 2001

REDAÇÃO

Um dia sim, outro também. Duas bombas, suásticas nazistas e muitas mensagens pregando a tolerância zero a negros, judeus, homossexuais e nordestinos marcaram a Semana da Pátria em São Paulo. O primeiro petardo foi direcionado na segunda-feira 4, para o coordenador da Anistia Internacional. Tratava-se de uma bomba caseira, postada numa agência dos Correios de Pinheiros com endereço certo: a casa do coordenador. Uma hora e meia depois, foi a vez de o secretário de Segurança e de os presidentes das comissões Municipal e Estadual de Direitos Humanos receberem cartas ameaçadoras. Assinando "Nós os skinheads" (cabeça raspada), os autores abusaram da linguagem chula, do ódio e da intolerância. "Vamos destruir todos os viados, pretos e nordestinos", prometeram. Eles asseguravam também já terem escolhido os representantes daqueles que não se enquadram no que chamam de "raça pura" para receberem "alguns presentinhos".

Como prometeram, era só o começo. No dia seguinte, terça-feira 5, o mesmo grupo mandou outra bomba, dessa vez para a associação da Parada do Orgulho Gay.

(Isto é, 08/09/2000)

Desde então [os anos 80], o poder racista alastrou-se por todo o mundo numa torrente de excessos sanguinolentos. Também na Alemanha, imigrantes e refugiados foram mortos friamente por maltas de radicais de direita em atentados incendiários. Até hoje, a esfera pública minimiza tais crimes como obra de uns poucos jovens desclassificados. Na verdade, porém, o poder racista à solta nas ruas é o prenúncio de uma reviravolta nas condições atmosféricas mundiais.

(Robert Kuz)

Um dos eventos realizados no final de abril deste ano no Chile foi uma conferência internacional secreta de militantes extremistas de direita e organizações neonazistas planejada e divulgada pela Internet. Foram convidados a participar do "Primeiro Encontro Ideológico Internacional de Nacionalismo e Socialismo" representantes do Brasil, Uruguai, Argentina, Venezuela e Estados Unidos.

(Isto é, 08/09/2000)

(...) Nos últimos anos, grupos neonazistas têm se multiplicado. Tanto nos Estados Unidos e na Europa quanto aqui parece existir uma relação entre o desemprego estrutural do sistema capitalista e a ascensão desses grupos de inspiração neonazista.

(Página da Internet)

Toda proclamação contra o fascismo que se abstenha de tocar nas relações sociais de que ele resulta como uma necessidade natural, é desprovida de sinceridade.

(Bertolt Brecht)

Considerar alguém como culpado, porque pertence a uma coletividade à qual ele não "escolheu" pertencer, não é característica própria só do racismo. Todo nacionalismo mais intenso, e até mesmo qualquer bairrismo, consideram sempre os outros (certos outros) como culpados por serem o que são, por pertencerem a uma coletividade à qual não escolheram pertencer. (...)

(Cornelius Castoriadis)

"A violência é a base da educação de cada um."

(Resposta de um cidadão anônimo entrevistado pela TV sobre as razões da violência)

Estes textos (adaptados das fontes citadas) apresentam notícias sobre o crescimento do neonazismo e do neofascismo e, também, alguns pontos de vista sobre o sentido desse fenômeno. Com base nesses textos e em outras informações e reflexões que julgue adequadas, redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA, procurando argumentar de modo claro e

No ano de 2001, foi pedido que os candidatos discorressem sobre o neonazismo e o neofascismo que, na época, demonstravam estar em crescimento. Para orientar os candidatos, foram apresentados diversos textos na coletânea: tanto retirados de revistas – há dois textos da revista *Isto é* – quanto de pensadores – como é o exemplo dos trechos de Robert Kurz, Bertold Brecht e Cornelius Castoriadis. Além disso, foram apresentados comentários expostos em páginas da internet.

A coletânea é bastante ampla e apresenta manifestações do neonazismo e do neofascismo, como, por exemplo, o que é apresentado nos textos da *Isto é*, que retrata situações relacionadas a essas ideologias, como o preconceito com negros, nordestinos, dentre outros.

Ademais, os trechos dos pensadores podem representar, para o candidato que se depara com a prova, a presença de argumentos de autoridade. Como instrução em relação ao gênero do discurso, ainda se mantém a necessidade de se produzir uma dissertação em prosa.

FUVEST 2003

REDAÇÃO

Leia atentamente os três textos abaixo.

Texto I

Está no dicionário **Houaiss**:

auto-estima *s.f.* qualidade de quem se valoriza, se contenta com seu modo de ser e demonstra, conseqüentemente, confiança em seus atos e julgamentos.

A definição do dicionário parece limitar-se ao âmbito do indivíduo, mas a palavra *auto-estima* já há algum tempo é associada a uma necessidade coletiva. Por exemplo: *nós, brasileiros, precisamos fortalecer nossa auto-estima*. Neste caso, a satisfação com nosso modo de ser, como povo, nos levaria à confiança em nossos atos e julgamentos. Mas talvez seja o caso de perguntar: não são os nossos atos e julgamentos que acabam por fortalecer ou enfraquecer nossa auto-estima, como indivíduos ou como povo?

Texto II

Estão num poema de Drummond, da década de vinte, os versos:

*E a gente viajando na pátria sente saudades da pátria.
(...)
Aqui ao menos a gente sabe que é tudo uma canalha só.*

Texto III

Está num artigo do jornalista Zuenir Ventura, de dois anos atrás:

De um país em crise e cheio de mazelas, onde, segundo o IBGE, quase um quarto da população ganha R\$ 4 por dia, o que se esperaria? Que fosse a morada de um povo infeliz, cético e pessimista, não?

Não. Por incrível que pareça, não. Os brasileiros não só consideram seu país um lugar bom e ótimo para viver, como estão otimistas em relação a seu futuro e acreditam que ele se transformará numa superpotência econômica em cinco anos. Pelo menos essa é a conclusão de um levantamento sobre a "utopia brasileira" realizado pelo Datafolha.

Com o apoio dos três textos apresentados, escreva uma **dissertação em prosa**, na qual você deverá discutir manifestações concretas de afirmação ou de negação da auto-estima entre os brasileiros.

Apresente argumentos que dêem sustentação ao ponto de vista que você adotou.

No ano de 2003, a FUVEST pediu que os candidatos também escrevessem uma dissertação em prosa. Percebe-se que as instruções em relação ao gênero discursivo têm sido mantidas. A coletânea apresenta três textos, os quais servem de base para que o candidato elabore a redação.

O texto I apresenta a definição do dicionário sobre o que é autoestima. Após isso, há uma ressalva em relação à palavra autoestima. No contexto em que foi empregada, ou seja, na definição do dicionário, a palavra se restringe ao âmbito individual. Mas a ressalva alerta para o fato de a palavra autoestima também poder ser utilizada em âmbito coletivo. O texto II apresenta alguns versos de Drummond em relação à saudade de um brasileiro em relação a sua pátria.

Já o terceiro texto apresenta um trecho escrito por Zuenir Ventura, o qual fala que, apesar de, no Brasil, grande parte da população viver em situação de miséria, há esperança que a situação melhore e que o país possa se tornar uma superpotência. Os brasileiros são felizes e têm boa autoestima, segundo esse texto.

O candidato deveria manifestar concordância ou discordância em relação às ideias apresentadas nos textos da coletânea. Essa recomendação já evidencia a necessidade do diálogo com as vozes da coletânea na construção do texto do candidato.

FUVEST 2004

REDAÇÃO

Nos três textos abaixo, manifestam-se **diferentes concepções do tempo**; o autor de cada um deles expõe uma **determinada relação com a passagem do tempo**. Leia-os com atenção:

Texto I

Mais do que nunca a história é atualmente revista ou inventada por gente que não deseja o passado real, mas somente um passado que sirva a seus objetivos. (...) Os negócios da humanidade são hoje conduzidos especialmente por tecnocratas, resolvidores de problemas, para quem a história é quase irrelevante; por isso, ela passou a ser mais importante para nosso entendimento do mundo do que anteriormente.

(Eric Hobsbawm, **Tempos interessantes: uma vida no século XX**)

Texto II

O que existe é o dia-a-dia. Ninguém vai me dizer que o que aconteceu no passado tem alguma coisa a ver com o presente, muito menos com o futuro. Tudo é hoje, tudo é já. Quem não se liga na velocidade moderna, quem não acompanha as mudanças, as descobertas, as conquistas de cada dia, fica parado no tempo, não entende nada do que está acontecendo.

(Herberto Linhares, depoimento)

Texto III

*Não se afobe, não,
Que nada é pra já,
O amor não tem pressa,
Ele pode esperar em silêncio
Num fundo de armário,
Na posta-restante,
Milênios, milênios
No ar ...*

*E quem sabe, então,
O Rio será
Alguma cidade submersa.
Os escafandristas virão
Explorar sua casa,
Seu quarto, suas coisas,
Sua alma, desvãos ...*

*Sábios em vão
Tentarão decifrar
O eco de antigas palavras,
Fragmentos de cartas, poemas,
Mentiras, retratos,
Vestígios de estranha civilização.*

*Não se afobe, não,
Que nada é pra já,
Amores serão sempre amáveis.
Futuros amantes quiçá
Se amarão, sem saber,
Com o amor que eu um dia
Deixei pra você.*

(Chico Buarque, "Futuros amantes")

Redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA, na qual você apontará, sucintamente, as diferentes concepções do tempo, presentes nos três textos, e argumentará em favor da concepção do tempo com a qual você mais se identifica.

Em 2004, a FUVEST trouxe uma proposta um pouco distinta do que vinha sendo apresentado até então. O gênero discursivo pedido continua sendo um texto dissertativo-argumentativo, porém, a pergunta do tema e o modo de o candidato lidar com a coletânea variam um pouco neste ano.

Pedi-se que o candidato lesse a coletânea e interpretasse as concepções de tempo presentes em cada um dos textos. O texto I é um trecho de um dos escritos do historiador Eric Hobsbawm. O historiador defende a importância de se conhecer a história, o passado para que se construa um presente melhor. Assim, no texto I a concepção de tempo relaciona-se à valorização do passado.

O texto II é de autoria de Herberto Linhares. O autor defende que não se deve ficar preso ao passado, mas viver e apreciar apenas o presente, porque a vida acontece no momento agora. Defende que quem se liga ao passado ou ao futuro não vive o presente. O autor afirma que as pessoas devem atentar-se à velocidade da vida moderna, ao tempo atual, porque tudo passa muito rapidamente. Nesse sentido, a concepção de tempo presente neste trecho é justamente o tempo presente.

O texto III da coletânea é uma música do cantor e compositor Chico Buarque. Na música o autor desconstrói a fala de Herberto Linhares, afirmando que “nada é pra já”. Sendo assim, não é necessária uma preocupação com o tempo presente. Segundo ele, tudo pode esperar e acontece depois. Então, a concepção de tempo presente valorizada na música é a do futuro.

Então, cada um dos textos trata de um momento distinto relacionado ao tempo: valorização do passado, do presente e do futuro. O interessante dessa proposta é que obrigatoriamente o candidato deveria dialogar com a coletânea, porque uma das exigências é que ele explique sucintamente cada uma das ideias presentes nos textos e, além disso, que defenda aquela com que mais concordar. Portanto, entendemos que as redações que compõem o *corpus* no ano de 2004 certamente farão o diálogo e citarão a coletânea, resta-nos observar se esse diálogo será direto, por meio da citação direta, ou não.

FUVEST 2005

REDAÇÃO

Considere a foto e os textos abaixo:



Crédito foto: Jefferson Coppola / Folha Imagem (03 set. 04)

“Catraca invisível” ocupa lugar de estátua

Sem que ninguém saiba como – e muito menos o por quê – uma catraca enferrujada foi colocada em cima de um pedestal no largo do Arouche (centro de São Paulo). É o “monumento à catraca invisível”, informa uma placa preta com moldura e letras douradas, colocada abaixo do objeto, onde ainda se lê: “Programa para a descatractalização da vida, Julho de 2004”. (Foto ao lado)

(Adaptado de *Folha de S. Paulo*, 04 de setembro de 2004)

[Catraca = *borboleta*: dispositivo geralmente formado por três ou quatro barras ou alças giratórias, que impede a passagem de mais de uma pessoa de cada vez, instalado na entrada e/ou saída de ônibus, estações, estádios etc. para ordenar e controlar o movimento de pessoas, contá-las etc.]

Grupo assume autoria da “catraca invisível”

Um grupo artístico chamado “Contra Filé” assumiu a responsabilidade pela colocação de uma catraca enferrujada no largo do Arouche (região central).

A intervenção elevou a catraca ao *status* de monumento “à descatractalização da vida” e fez parte de um programa apresentado no Sesc da Avenida Paulista, paralelamente ao Fórum das Cidades.

No site do Sesc, o grupo afirma que a catraca representa um objeto de controle “biopolítico” do capital e do governo sobre os cidadãos.

(Adaptado de *Folha de S. Paulo*, 09 de setembro de 2004)

Em *site* sobre o assunto, assim foi explicado o projeto do grupo “Contra Filé”:

“O ‘Contra Filé’ desenvolveu o PROGRAMA PARA A DESCATRACALIZAÇÃO DA PRÓPRIA VIDA. A catraca representa um signo revelador do controle biopolítico, através de forças visíveis e/ou invisíveis. Por quantas catracas passamos diariamente? Por quantas não passamos, apesar de termos a sensação de passar?”

(<http://lists.indymedia.org/pipemail/cmi-brasil-video/2004-july/0726-ct.html>)

INSTRUÇÃO. Como você pôde verificar, observando o noticiário da imprensa e o texto da Internet aqui reproduzidos, a catraca que “apareceu” em uma praça de São Paulo era, na verdade, um “Monumento à catraca invisível”, ali instalado pelo grupo artístico “Contra Filé”, como parte de seu “Programa para a descatractalização da vida”. Tudo indica, portanto, que o grupo responsável por este programa acredita que há um excesso de controles, dos mais variados tipos, que se exercem sobre os corpos e as mentes das pessoas, submetendo-as a constantes limitações e constrangimentos. Tendo em vista as motivações do grupo, você julga que o programa por ele desenvolvido se justifica? Considerando essa questão, além de outras que você ache pertinentes, redija uma **DISSERTAÇÃO EM PROSA**, argumentando de modo a apresentar seu ponto de vista sobre o assunto.

No ano de 2005, o tema apresentado pela FUVEST pediu que o candidato escrevesse sobre o movimento o qual pregava a “descatracalização da vida”. Os três textos da coletânea versam sobre a mesma ideia, ou seja, todos eles buscam apresentar ao candidato o movimento do grupo “Contra-Filé”, o qual propõe o “Programa para a descatracalização da vida”.

A ideia é demonstrar como os seres humanos, diariamente, encontram “barreiras” físicas ou ideológicas para viver. Esse controle acontece de diversas formas, seja por meio da política e daquilo que é imposto à população, seja através da sociedade, a qual impõe regras que muitas vezes são excludentes, seja pela formação de grupos e até mesmo por uma diferenciação econômica. Vivemos, então, segundo a proposta do grupo, sob um constante controle.

A proposição pedia que o candidato apresentasse sua opinião em relação à criação desse programa, dizendo se concorda ou discorda do que ele prega e defende. Ademais, além de usar os dados apresentados pela coletânea, o candidato deveria trazer informações que julgasse relevantes para defender o próprio ponto de vista. Como era um movimento novo e pode ser que o candidato só tenha conhecido o movimento pela descatracalização da vida no momento da realização da prova, nossa hipótese inicial é que o diálogo com a coletânea nas redações do ano de 2005 podia ser maior que em outros anos. Em relação ao gênero discursivo, a FUVEST manteve a proposta de pedir uma dissertação em prosa.

FUVEST 2006

REDAÇÃO

Texto 1

O trabalho não é uma essência atemporal do homem. Ele é uma invenção histórica e, como tal, pode ser transformado e mesmo desaparecer.

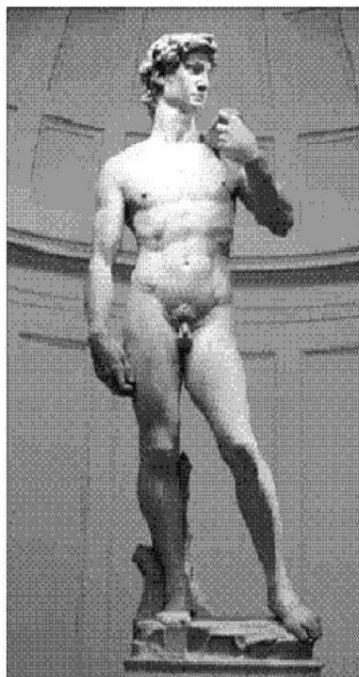
Adaptado de A. Simões

Texto 2

Há algumas décadas, pensava-se que o progresso técnico e o aumento da capacidade de produção permitiriam que o trabalho ficasse razoavelmente fora de moda e a humanidade tivesse mais tempo para si mesma. Na verdade, o que se passa hoje é que uma parte da humanidade está se matando de tanto trabalhar, enquanto a outra parte está morrendo por falta de emprego.

M.A. Marques

Texto 3



O trabalho de arte é um processo. Resulta de uma vida. Em 1501, Michelangelo retorna de viagem a Florença e concentra seu trabalho artístico em um grande bloco de mármore abandonado. Quatro anos mais tarde fica pronta a escultura "David".

Adaptado de site da Internet

INSTRUÇÃO: Os três textos acima apresentam diferentes visões de trabalho. O primeiro procura conceituar essa atividade e prever seu futuro. O segundo trata de suas condições no mundo contemporâneo e o último, ilustrado pela famosa escultura de Michelangelo, refere-se ao trabalho de artista. Relacione esses três textos e com base nas idéias neles contidas, além de outras que julgue relevantes, redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA, argumentando sobre o que leu acima e também sobre os outros pontos que você tenha considerado pertinentes.

No ano de 2006, a FUVEST trouxe uma proposta bastante semelhante ao que foi apresentado em 2004. Também foram apresentadas três concepções distintas sobre um mesmo assunto, mas enquanto em 2004 foi sobre o tempo, em 2006 foi pedido que o candidato discorresse sobre as diferentes concepções de trabalho que foram expostas.

A proposição em 2006 já apresentava para o candidato uma interpretação de cada um dos textos, sendo necessário apenas que o candidato lesse e construísse as próprias interpretações e manifestasse discordância ou concordância em relação a elas.

O texto I apresenta uma concepção possível para o que é o trabalho e ainda afirma que o trabalho tende a desaparecer. O texto II trata das condições de trabalho presentes no mundo e retrata as desigualdades em relação ao trabalho, afirmando que enquanto alguns se matam de trabalhar, outros morrem devido ao desemprego. E o texto III apresenta uma reflexão em relação ao trabalho artístico, citando Michelangelo, o qual transformou um bloco de mármore na escultura “David”.

A instrução pedia que o candidato escrevesse um texto em prosa e que relacionasse as três concepções de trabalho presentes na coletânea. Assim, nossa hipótese é que o diálogo realizado com a coletânea também fosse evidente nas redações que compõem o *corpus*.

FUVEST 2007

REDAÇÃO

Em primeiro lugar (...), pode-se realmente “viver a vida” sem conhecer a felicidade de encontrar num amigo os mesmos sentimentos? Que haverá de mais doce que poder falar a alguém como falarias a ti mesmo? De que nos valeria a felicidade se não tivéssemos quem com ela se alegrasse tanto quanto nós próprios? Bem difícil te seria suportar adversidades sem um companheiro que as sofresse mais ainda.

(...)

Os que suprimem a amizade da vida parecem-me privar o mundo do sol: os deuses imortais nada nos deram de melhor, nem de mais agradável.

Cícero, *Da amizade*.

Aprecio no mais alto grau a resposta daquele jovem soldado, a quem Ciro perguntava quanto queria pelo cavalo com o qual acabara de ganhar uma corrida, e se o trocaria por um reino: “Seguramente não, senhor, e no entanto eu o daria de bom grado se com isso obtivesse a amizade de um homem que eu considerasse digno de ser meu amigo”. E estava certo ao dizer *se*, pois se encontramos facilmente homens aptos a travar conosco relações superficiais, o mesmo não acontece quando procuramos uma intimidade sem reservas. Nesse caso, é preciso que tudo seja límpido e ofereça completa segurança.

Montaigne, *“Da amizade”* (adaptado).

Amigo é coisa pra se guardar,
Debaixo de sete chaves,
Dentro do coração...
Assim falava a canção
Que na América ouvi...
Mas quem cantava chorou,
Ao ver seu amigo partir...
Mas quem ficou,
No pensamento voou,
Com seu canto que o outro lembrou.
(...)

Fernando Brant / Milton Nascimento,
“Canção da América”.

(...)
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade.
E quem há de negar que esta lhe é superior?
(...)

Caetano Veloso, *“Lingua”*.

Considere os textos e a instrução abaixo:

INSTRUÇÃO: A amizade tem sido objeto de reflexões e elogios de pensadores e artistas de todas as épocas. Os trechos sobre esse tema, aqui reproduzidos, pertencem a um pensador da Antigüidade Clássica (Cícero), a um pensador do século XVI (Montaigne) e a compositores da música popular brasileira contemporânea. Você considera adequadas as idéias neles expressas? Elas são atuais, isto é, você julga que elas têm validade no mundo de hoje? O que sua própria experiência lhe diz sobre esse assunto? Tendo em conta tais questões, além de outras que você julgue pertinentes, redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA, argumentando de modo a expor seu ponto de vista sobre o assunto.

Em 2007 a FUVEST pediu que o candidato discorresse sobre a amizade, também construindo uma dissertação em prosa. A proposição trazia algumas reflexões embasadas nos textos da coletânea e questionava a opinião do candidato, conduzindo-o a concordar ou a discordar.

A coletânea foi extensa e composta por quatro textos distintos. O primeiro trouxe uma reflexão da Antiguidade, com um trecho de Cícero, o qual afirma que a amizade foi o presente mais doce que os deuses deram aos seres humanos.

O texto II traz uma reflexão do pensador francês Montaigne em relação à amizade e à facilidade de se construir relações superficiais. O texto III apresenta a famosa música de Milton Nascimento – Canção da América - em relação à preciosidade que é ter um amigo. E o texto IV traz um trecho de uma música de Caetano Veloso a qual compara a amizade ao amor.

Há o questionamento sobre a atualidade desses textos, isto é, se continuam sendo atuais em relação à amizade, mesmo tendo sido escritos – alguns - na antiguidade. Também se espera que haja um diálogo direto com a coletânea, já que os questionamentos da proposição conduzem a isso.

FUVEST 2008

REDAÇÃO

*Vigilância epistêmica** é a preocupação que todos nós deveríamos ter com relação a tudo o que lemos, ouvimos e aprendemos de outros seres humanos, para não sermos enganados, para não acreditarmos em tudo o que é escrito e dito por aí. É preciso vigiar o futuro para sabermos separar o joio do trigo**.

Hoje boa parte dos sites de busca indexam tudo o que encontram pela frente à internet, mesmo que se trate de uma grande bobagem ou de evidente inverdade. Qualquer opinião emitida, vista como um direito de todos, é divulgada aos quatro cantos do mundo. De fato, alguns desses sites de busca deveriam colocar, nos primeiros lugares, páginas de renomadas Universidades, preocupadas com a verdade.

Todos precisamos estar muito atentos a dois aspectos com relação a tudo o que ouvimos e lemos:

- se quem nos fala ou escreve conhece a fundo o assunto, se é um especialista comprovado, se sabe do que está falando;

- se quem nos fala ou escreve, na verdade, é um idiota que ouviu falar algo e simplesmente repassa, aos outros, o que leu e ouviu, sem acrescentar absolutamente nada de útil.

Aumentar nossa vigilância e preocupação com a verdade é necessidade cada vez mais premente num tempo que todos os gurus chamam de Era da Informação.

Discordo, profundamente, desses gurus. Estamos, na realidade, na Era da Desinformação, de tanto lixo e ruído sem significado que, na maior parte das vezes, nos são transmitidos, todos os dias, eletronicamente, sem que exista o menor cuidado com a precisão e seriedade do que se emite, por parte das fontes que colocam matérias na rede. É mais uma consequência dessa idéia que a maioria das pessoas tem sobre a liberdade de expressar o que bem quiser, de expressar qualquer opinião que seja, como se opiniões não precisassem se basear no rigor científico, antes de serem emitidas.

Stephen Kanitz, *Revista Veja*, 03/10/2007. Adaptado.

* **Vigilância epistêmica** = capacidade de ficar atento e perceber se uma afirmação tem ou não valor científico.

** **Separar o joio do trigo** = no contexto, capacidade de diferenciar observações equivocadas, mentiras mesmo, de outras afirmações que contêm verdades.



textos explicativos em sete línguas, inclusive português. Na segunda fase, será possível consultar livros. A Biblioteca Nacional brasileira é uma das participantes.

O Estado de S. Paulo, 02/10/2007. Adaptado.

Países se unem em projeto da ONU

Tesouros informativos de vários países estarão disponíveis gratuitamente para qualquer internauta, a partir deste mês, com a formação da Biblioteca Digital Mundial, uma iniciativa da ONU. O portal terá, na primeira fase, mapas, fotografias e manuscritos, com

O acesso à Informação (em sua maioria, eletrônica) se tomou o direito humano mais zelosamente defendido. E aquilo sobre o que a informação mais informa é a fluidez do mundo habitado e a flexibilidade dos habitantes. O noticiário – essa parte da informação eletrônica que tem maior chance de ser confundida com a verdadeira representação do mundo lá fora é dos mais perecíveis bens da eletrônica. Mas a perecibilidade dos noticiários, como informação sobre o mundo real, é em si mesma uma importante informação: a transmissão das notícias é a celebração constante e diariamente repetida da enorme velocidade da mudança, do acelerado envelhecimento e da perpetuidade dos novos começos.

Zygmunt Bauman. *Modernidade Líquida*. Adaptado.

Instrução: Os textos apresentados trazem reflexões e notícias sobre o mundo digital. Com base nesses textos e em outras informações e idéias que julgar pertinentes, redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA, argumentando de modo claro e coerente.

Em 2008, a FUVEST pedia que o candidato discorresse acerca do mundo digital e, para auxiliar o candidato, trouxe textos referentes a isso. Diferentemente do tema passado, não se tem em 2008 um tema abstrato e nem diferentes concepções nos textos fornecidos, as quais devem ser relacionadas. Nesse sentido é que há uma diferença em relação ao que foi apresentado nos últimos anos.

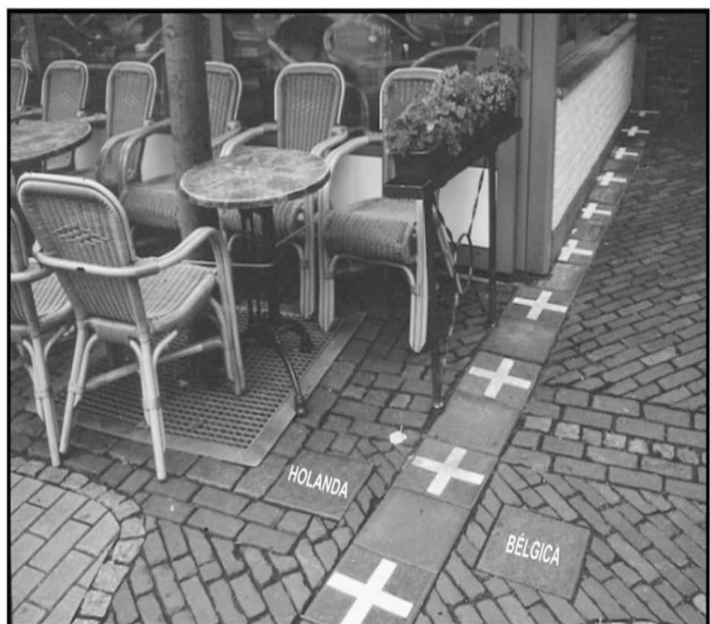
O primeiro texto da coletânea é de autoria de Stephen Kanitz e foi retirado da Revista *Veja*. O texto trata sobre Vigilância epistêmica, que diz respeito à preocupação que as pessoas deveriam ter com as informações que leem e que recebem, principalmente no mundo virtual, já que a facilidade de circulação de notícias falsas e infundadas tornou-se maior a partir do advento da internet, devido à facilidade e à rapidez. Ele chama a Era da Informação de Era do Lixo, justamente porque alguns “idiotas”, como ele denomina, veiculam informações erradas sobre determinados assuntos.

O texto II apresenta uma notícia do jornal *O Estado de São Paulo* que conta sobre a criação da Biblioteca Digital Mundial, uma iniciativa da ONU. E o texto III é de autoria do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, retirado do livro *Modernidade Líquida*, que fala sobre o direito ao acesso à informação e sobre a rapidez com que as notícias são veiculadas atualmente, justamente por conta da existência do mundo digital.

O candidato deveria ler esses textos e construir um texto argumentativo, defendendo um ponto de vista, podendo ou não utilizar os textos da coletânea e ainda trazer outras informações que julgasse pertinentes para o desenvolvimento das ideias.

FUVEST 2009

REDAÇÃO

**fronteira**

substantivo feminino

- 1 parte extrema de uma área, região etc., a parte limítrofe de um espaço em relação a outro. Ex.: Havia patrulhas em toda a f.
- 2 o marco, a raia, a linha divisória entre duas áreas, regiões, estados, países etc. Ex.: O rio servia de f. entre as duas fazendas.
- 3 *Derivação: por extensão de sentido.* o fim, o termo, o limite, especialmente do espaço. Ex.: Para a ciência, o céu não tem f.
- 4 *Derivação: sentido figurado.* o limite, o fim de algo de cunho abstrato. Ex.: Havia chegado à f. da decência.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Adaptado.

As fronteiras geográficas são passíveis de contínua mobilidade, dependendo dos movimentos sociais e políticos de um ou mais grupos de pessoas.

Além do significado geográfico, físico, o termo “fronteira” é utilizado também em sentido figurado, especialmente, quando se refere a diferentes campos do conhecimento. Assim, existem fronteiras psicológicas, fronteiras do pensamento, da ciência, da linguagem etc.

Com base nas idéias sugeridas acima, escolha uma ou até duas delas, como tema, e redija uma dissertação em prosa, utilizando informações e argumentos que dêem consistência a seu ponto de vista.

Procure seguir estas instruções:

- Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da modalidade escrita culta da língua portuguesa.
- Dê um título para sua redação, que deverá ter entre 20 e 30 linhas.

Em 2009, o tema pedido pela FUVEST foi Fronteiras. Na coletânea foi apresentada uma imagem, a qual demonstrava a representação de uma fronteira geográfica, ou seja, uma linha dividindo os países da Bélgica e da Holanda e também a definição presente no dicionário da palavra fronteira.

Por conta de a coletânea ser menor neste tema, a proposição apresentou-se bastante explicativa. Foi explicado para o candidato que a definição de fronteira poderia ultrapassar o sentido físico, literal e ser relacionada com questões mais abstratas. Dentre as opções dadas: fronteiras psicológicas, fronteiras do pensamento, da ciência, da linguagem, fronteiras geográficas, foi pedido que o candidato escolhesse uma ou duas dessas concepções e redigisse uma dissertação em prosa defendendo um ponto de vista.

Devido a pouca extensão da coletânea, nossa hipótese é que, no ano de 2009, o uso das ideias presentes na coletânea fosse reduzido e que o candidato dialogasse muito mais com vozes externas.

FUVEST 2010

REDAÇÃO

Um mundo por imagens



Fonte: <http://www.imotion.com.br/imagens/data/media/83/4582janela.jpg>.
Acessado em 15/10/2009. Adaptado.

A imaginação simbólica é sempre um fator de equilíbrio. O símbolo é concebido como uma síntese equilibradora, por meio da qual a alma dos indivíduos oferece soluções apaziguadoras aos problemas.

Gilbert Durand.

Ao invés de nos relacionarmos diretamente com a realidade, dependemos cada vez mais de uma vasta gama de informações, que nos alcançam com mais poder, facilidade e rapidez. É como se ficássemos suspensos entre a realidade da vida diária e sua representação.

Tânia Pellegrini. Adaptado.

Na civilização em que se vive hoje, constroem-se imagens, as mais diversas, sobre os mais variados aspectos; constroem-se imagens, por exemplo, sobre **pessoas, fatos, livros, instituições e situações**.

No cotidiano, é comum substituir-se o real imediato por essas imagens.

Dentre as possibilidades de construção de imagens enumeradas acima, em negrito, escolha apenas uma, como tema de seu texto, e redija uma dissertação em prosa, lançando mão de argumentos e informações que deem consistência a seu ponto de vista.

Instruções:

- Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da modalidade escrita culta da língua portuguesa.
- Dê um título para sua redação, a qual deverá ter entre 20 e 30 linhas.
- **NÃO** será aceita redação em forma de verso.

Em 2010, foi pedido que o candidato discorresse sobre Imagens – Um mundo por imagens. Na proposição, foi apresentado que na sociedade em que vivemos atualmente há diversas construções em relação à imagem e as opções dadas foram: imagem de pessoas, fatos, livros, instituições, situações. E orientou-se que os candidatos escolhessem apenas uma definição de imagem e discorresse sobre ela especificamente, também elaborando um texto dissertativo-argumentativo.

Na coletânea foram apresentados dois textos verbais e uma figura. A figura representava a imagem de uma janela aberta a partir da qual era possível ver o mundo, levando o candidato a acreditar que o mundo é construído por imagens.

Um dos textos da coletânea é de autoria de Gilbert Durand, que reflete sobre a imaginação dos indivíduos e as imagens que são construídas mentalmente. O segundo texto é de Tania Pellegrini, a qual discorre sobre a constituição do mundo atualmente, que se constrói muito mais por meio de representações do que por meio da realidade.

Destacamos aqui a complexidade deste tema, considerando sua abrangência e a possibilidade e o candidato relacionar a vertente de imagem escolhida tanto com aspectos mais concretos quanto com aspectos mais abstratos.

FUVEST 2011

REDAÇÃO

Observe esta imagem e leia com atenção os textos abaixo.



Texto 1

Um grandioso e raro espetáculo da natureza está em cena no Rio de Janeiro. Trata-se da floração de palmeiras *Corypha umbraculifera*, ou **palma talipot**, no Aterro do Flamengo.

Trazidas do Sri Lanka pelo paisagista Roberto Burle Marx, elas florescem uma única vez na vida, cerca de cinquenta anos depois de plantadas. Em seguida, iniciam um longo processo de morte, período em que produzem cerca de uma tonelada de sementes.

<http://veja.abril.com.br>, 09/12/2009. Adaptado.

Texto 2

Quando Roberto Burle Marx plantou a **palma talipot**, um visitante teria comentado: "Como elas levam tanto tempo para florir, o senhor não estará mais aqui para ver". O paisagista, então com mais de 50 anos, teria dito: "Assim como alguém plantou para que eu pudesse ver, estou plantando para que outros também possam contemplar".

<http://www.abap.org.br>. Paisagem Escrita. nº 131, 10/11/2009. Adaptado.

Texto 3

Onde não há pensamento a longo prazo, dificilmente pode haver um senso de destino compartilhado, um sentimento de irmandade, um impulso de cerrar fileiras, ficar ombro a ombro ou marchar no mesmo passo. A solidariedade tem pouca chance de brotar e fincar raízes. Os relacionamentos destacam-se sobretudo pela fragilidade e pela superficialidade.

Z. Bauman. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. Adaptado.

Texto 4

A cultura do sacrifício está morta. Deixamos de nos reconhecer na obrigação de viver em nome de qualquer coisa que não nós mesmos.

G. Lipovetsky, cit. por Z. Bauman, em **A arte da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

Como mostram os textos 1 e 2, a imagem de abnegação fornecida pela **palma talipot**, que, de certo modo, "sacrifica" a própria vida para criar novas vidas, é reforçada pelo altruísmo* de Roberto Burle Marx, que a plantou, não para seu próprio proveito, mas para o dos outros. Em contraposição, o mundo atual teria escolhido o caminho oposto.

Com base nas ideias e sugestões presentes na imagem e nos textos aqui reunidos, redija uma dissertação argumentativa, em prosa, sobre o seguinte tema:

O altruísmo e o pensamento a longo prazo ainda têm lugar no mundo contemporâneo?

***Altruísmo** = s.m. Tendência ou inclinação de natureza instintiva que incita o ser humano à preocupação com o outro. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**, 2009.

Instruções:

- Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da norma padrão da língua portuguesa.
- A redação deverá ter entre **20 e 30** linhas.
- Dê um **título** a sua redação.

Em 2011, foi pedido que o candidato escrevesse uma dissertação em prosa respondendo a seguinte pergunta: “O altruísmo e o pensamento a longo prazo ainda têm lugar no mundo contemporâneo?”

A coletânea apresentou quatro textos. Os textos I e II falam sobre a palmeira *palma tallipot*, a qual só floresce a cada cinquenta anos. Elas foram trazidas para o Brasil pelo paisagista Roberto Burle Marx. O primeiro texto apenas explica o que é a palmeira e sobre o processo de florescimento e morte, e o segundo texto retrata um questionamento que Burle Marx sofreu ao plantar a palmeira no Brasil. Ele foi questionado sobre o porquê de estar plantando se, muito provavelmente, quando ela florescesse, ele já estaria morto. E a resposta dele demonstra uma atitude altruísta e de longo prazo. Ele responde que estava plantando justamente para que outras pessoas pudessem vê-la, assim como ele só teve oportunidade de ver porque alguém um dia plantou.

O texto III traz uma reflexão do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, o qual discorre sobre a fragilidade e a superficialidade dos relacionamentos atuais, porque, segundo ele, as pessoas atualmente têm dificuldades de pensar coletivamente, faltaria aos indivíduos um senso de irmandade.

Já o quarto texto da coletânea apresenta as ideias do autor Lipovetsky, as quais foram citadas também por Bauman. O texto cita o egoísmo dos seres humanos na sociedade contemporânea, visto que, segundo o autor, a preocupação dos seres humanos restringe-se apenas a eles mesmos.

A proposição é bastante explicativa e faz uma retomada daquilo que está sendo dito nos textos motivadores. As instruções pedem que os candidatos utilizem a coletânea e outras informações que julgarem relevantes para escreverem um texto dissertativo-argumentativo e defenderem um ponto de vista.

FUVEST 2012

REDAÇÃO

Texto 1

A ciência mais imperativa e predominante sobre tudo é a ciência política, pois esta determina quais são as demais ciências que devem ser estudadas na pólis. Nessa medida, a ciência política inclui a finalidade das demais, e, então, essa finalidade deve ser o bem do homem.

Aristóteles. Adaptado.

Texto 2

O termo "idiota" aparece em comentários indignados, cada vez mais frequentes no Brasil, como "política é coisa de idiota". O que podemos constatar é que acabou se invertendo o conceito original de idiota, pois a palavra *idiôtes*, em grego, significa aquele que só vive a vida privada, que recusa a política, que diz não à política.

Talvez devêssemos retomar esse conceito de idiota como aquele que vive fechado dentro de si e só se interessa pela vida no âmbito pessoal. Sua expressão generalizada é: "Não me meto em política".

M. S. Cortella e R. J. Ribeiro,
Política – para não ser idiota. Adaptado.

Texto 3

FILHOS DA ÉPOCA

Somos filhos da época
e a época é política.

Todas as tuas, nossas, vossas coisas
diurnas e noturnas,
são coisas políticas.

Querendo ou não querendo,
teus genes têm um passado político,
tua pele, um matiz político,
teus olhos, um aspecto político.

O que você diz tem ressonância,
o que silencia tem um eco
de um jeito ou de outro, político.

(...)

Wislawa Szymborska, **Poemas.**

Texto 4

As instituições políticas vigentes (por exemplo, partidos políticos, parlamentos, governos) vivem hoje um processo de abandono ou diminuição do seu papel de criadoras de agenda de questões e opções relevantes e, também, do seu papel de propositoras de doutrinas. O que não significa que se amplia a liberdade de opção individual. Significa apenas que essas funções estão sendo decididamente transferidas das instituições políticas (isto é, eleitas e, em princípio, controladas) para forças essencialmente não políticas — primordialmente as do mercado financeiro e do consumo. A agenda de opções mais importantes dificilmente pode ser construída politicamente nas atuais condições. Assim esvaziada, a política perde interesse.

Zygmunt Bauman. **Em busca da política.** Adaptado.

Texto 5



Folha de S. Paulo, 05/10/2011.

Os textos aqui reproduzidos falam de política, seja para enfatizar sua necessidade, seja para indicar suas limitações e impasses no mundo atual. Reflita sobre esses textos e redija uma dissertação em prosa, na qual você discuta as ideias neles apresentadas, argumentando de modo a deixar claro o seu ponto de vista sobre o tema **Participação política: indispensável ou superada?**

Instruções:

- A redação deve obedecer à norma padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 e, no máximo, 30 linhas, com letra legível.
- Dê um título a sua redação.

O nosso último ano analisado é o de 2012, porque, até o momento da elaboração do projeto de pesquisa, a FUVEST só havia disponibilizado no site as melhores redações até o ano de 2013. Não escolhemos analisar as redações do ano de 2013 porque, tanto a proposta de redação deste ano, quanto a de 2002, que também não utilizamos, não apresentavam coletânea com textos verbais, apenas uma imagem em 2013 e somente um questionamento em 2002. Além disso, não apresentavam nem a definição de um tema específico e, como uma de nossas propostas era justamente entender o diálogo do candidato com os as ideias presentes nos textos escritos da coletânea, optamos por excluir esses anos e as respectivas redações de nossas análises.

No ano de 2012, a FUVEST seguiu a mesma linha temática que havia apresentado em 2011. Tema definido por meio do levantamento de um questionamento, coletânea bem definida e bastante abrangente e uma proposição clara, que auxiliava o candidato a entender o que estava sendo pedido.

A pergunta-tema do ano de 2012 foi “Participação política: indispensável ou superada?”. Depreende-se que, quando o tema apresenta uma pergunta, espera-se que o candidato elabore uma resposta, manifestando seu ponto de vista .

Em 2012, a FUVEST apresentou 5 textos em sua coletânea. O texto I é de autoria de Aristóteles e defende que a finalidade da política deve ser buscar o bem do homem. O segundo texto é de Cortella e Ribeiro, os quais falam sobre o termo “idiota” relacionado à questão política, defendendo que, atualmente, idiota é aquele que não se manifesta politicamente. O texto III é um poema de Szymborska cujo título é “SOMOS FILHOS DA ÉPOCA” e fala sobre ser impossível nos desvincularmos do contexto político em que nascemos e em que estamos inseridos.

O texto IV é do sociólogo Zygmunt Bauman, retirado do livro *Em busca da política* e fala sobre o esvaziamento de sentido por que a política tem passado, até porque as instituições, segundo o autor, têm perdido interesse pelo real motivo pelas quais foram criadas - e a falta de interesse das próprias instituições geraria uma falta de interesse coletivo. Por fim, o texto V é uma tirinha relacionando seres que se declaram apolíticos com seres ignorantes.

A proposição pede que o candidato analise as diferentes concepções sobre política presentes nos textos da coletânea e elabore um texto dissertativo-argumentativo.

Por meio da descrição dos temas da FUVEST desde 1977 e de uma observação um pouco mais apurada dos temas das redações que compõem o *corpus* deste trabalho, é possível entender que a FUVEST é uma instituição que sofreu diversas mudanças ao longo do tempo em relação à prova de redação.

Nos anos iniciais, não havia a obrigatoriedade de escrita de um texto dissertativo argumentativo, sendo possível a escrita de outros gêneros discursivos, como cartas, relato, narrativas. A partir, sobretudo da década de 90, estabeleceu-se um padrão em relação ao gênero do discurso, o qual se configurou como uma dissertação argumentativa em prosa.

O que continua variando ano a ano são as propostas temáticas. Foi possível perceber que não há o estabelecimento de um padrão. Existem anos em que a proposta temática é definida, existem anos em que não há definição e o tema se apresenta de modo abrangente. Em alguns anos há uma coletânea definida, com textos diversos relacionados ao assunto central, e há anos em que a coletânea é composta por um só texto. Há anos também que, dependendo da construção temática, faz-se impossível construir um texto sem estabelecer diálogo com os textos motivadores.

No próximo capítulo apresentamos a análise do *corpus* e as informações aqui apresentadas nos ajudarão a entender a influência da coletânea na elaboração da redação, a citação ou não dos textos fornecidos e o estilo que o candidato imprime no momento da elaboração do próprio texto, em diálogo com outros.

5. APRESENTAÇÃO DO *CORPUS* E ANÁLISE DAS CITAÇÕES DIRETAS E INDIRETAS

O *corpus* deste trabalho é composto por sessenta redações do processo seletivo da FUVEST. Esses textos foram considerados, pela instituição, como “os melhores” dentre os outros produzidos pelos candidatos a uma vaga na USP (Universidade de São Paulo) e divulgados no site www.fuvest.br. É importante ressaltar que escolhemos essas redações para nosso *corpus* porque desejamos entender qual é a representação de um “bom” texto para a FUVEST e como esses indivíduos que produziram essas redações fazem o uso da palavra do outro. Não tivemos a intenção de excluir textos ou de segregar aqueles que receberam notas abaixo da média. Então, optamos por aqueles considerados como “melhores” justamente para tentar entender a representação do bom.

Escolhemos sessenta redações, num intervalo temporal de doze anos, utilizando os cinco primeiros textos divulgados no site. Assim, estudamos as redações dos anos 2000, 2001, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011 e 2012, excluindo os anos de

2002 e 2013 porque, especificamente nestes anos, a FUVEST não apresentou uma coletânea de textos verbais junto ao tema e, como desejamos, além de observar o aparecimento de citações externas à prova, entender também se e como o candidato traz a palavra do texto motivador, os anos de 2002 e 2013 não entraram na análise. A partir de 2013 a instituição parou de divulgar os textos no site.

Optamos pelos cinco primeiros textos que apareceram na página da FUVEST, aleatoriamente. Nosso objetivo foi, a partir da leitura dos selecionados, entender se há citação de discursos alheios, seja proveniente da coletânea ou não. E, conforme já explicitado na metodologia deste trabalho, o objetivo é analisar especificamente o aparecimento da citação por meio do discurso direto e do discurso indireto, observando o estilo que o candidato utilizou para composição do texto.

O intervalo de tempo longo é intencional porque também buscamos compreender se as mudanças ocorridas socialmente no contexto de vestibular influenciaram nas citações que aparecem nos considerados pela FUVEST como “melhores” textos, isto é, a partir de 2008 e 2009 o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) adquiriu maior importância no contexto brasileiro e um de nossos questionamentos é se os padrões estabelecidos para a produção da redação neste exame podem interferir no modo como os candidatos produzem o texto da FUVEST. Além disso, analisando doze anos, temos doze temas distintos e também desejamos entender se, dependendo do tema, o aparecimento de citações varia ou não.

Neste primeiro momento do presente capítulo, apresentamos um panorama geral daquilo que foi encontrado a partir da leitura de todas as redações. Em um segundo momento, analisamos especificamente as redações em que o candidato citou a palavra do outro utilizando o discurso direto ou indireto, visando compreender o estilo impresso nos textos.

5.1 LEITURA PANORÂMICA

A partir da realização de uma leitura panorâmica encontramos diversos fenômenos nas sessenta redações que constituem nosso *corpus*. Inicialmente, quando da elaboração do projeto de pesquisa, acreditávamos que encontraríamos citações em todos os textos escolhidos, visto que, na prática diária em sala de aula e observando o trabalho de colegas e os textos de alguns alunos, surgiu uma crença de que a instituição FUVEST valoriza a citação. Porém, essa primeira crença foi desconstruída, já que nem todos os textos apresentam citações. Além disso, nesta primeira abordagem descritiva, encontramos fenômenos que não imaginávamos encontrar.

Nesta seção apresentamos uma leitura panorâmica, ou seja, uma visão mais geral daquilo que foi encontrado a partir das leituras realizadas. Posteriormente, analisamos as redações em que há citação por meio da utilização do discurso direto ou indireto, seguindo os estudos de Bakhtin e o círculo, e ainda a partir dos estudos sobre a relação entre leitura e escrita. Neste primeiro momento, apresentamos o que foi encontrado e alguns trechos de algumas redações, ainda que de anos distintos, para ilustrar essas ocorrências.

A partir da leitura das redações constatamos o aparecimento de citações por meio da utilização do discurso direto e do discurso indireto. Observamos, também, a ocorrência de um tipo “especial” de discurso indireto, o qual Bakhtin/Volochínov denomina “discurso direto que emerge do indireto”.

Além disso, dentro dessas citações que identificamos e da utilização do discurso direto e do indireto, constatamos alguns casos específicos. Percebemos que há casos em que o candidato cita a palavra do outro por meio do discurso direto, mas não menciona quem é o autor ou o nome da obra de onde aquela citação foi tirada. Além disso, há casos em que o discurso direto é utilizado para a apresentação de situações de frases e expressões do senso comum e acreditamos que utilizar discurso direto para a representação do discurso do senso comum é significativo, o que detalhamos mais nas análises seguintes.

Notamos, também, o aparecimento de diversas palavras ou expressões, em diversas redações, em que o candidato utiliza aspas para demarcá-las, mas não configura citação, pois não há citação de um discurso alheio, apenas palavras e expressões que aparecem demarcadas com aspas. Apresentamos aqui os casos em que isso acontece. Este recurso é destacado aqui por ser muito utilizado pelos candidatos.

Há, também, uma outra ocorrência em que o candidato não cita, mas faz referência a determinadas obras ou determinados autores, estabelecendo comparações entre o assunto da obra e daquilo que está sendo discutido. Essa referência revela um repertório dos candidatos que, como a citação, nos ajuda a entender a presença dos sujeitos nos textos.

Conforme já dito, nossa análise não é quantitativa. Além disso, deixamos claro que existem redações que não apresentam nenhum dos fenômenos acima descritos.

Apresentamos, neste subitem, trechos de redações de cada uma das ocorrências apenas para fins de ilustração.² No próximo subitem, análise de citações por meio do discurso direto e

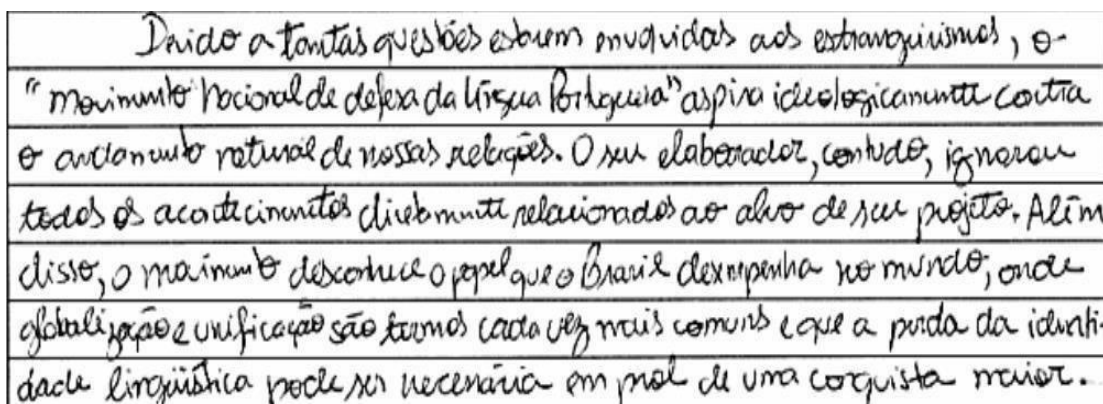
² Como o objetivo desta seção é apenas ilustrar as ocorrências, apresentamos apenas trechos das redações. No próximo subitem- análise- apresentamos os textos na íntegra.

indireto- analisamos, de fato, o *corpus* e as ocorrências que temos como objetivo neste trabalho.

5.1.1 Palavras/Expressões isoladas com aspas³

Encontramos, em diversos textos, de anos distintos, algumas palavras ou expressões sozinhas, isoladas, que foram apresentadas com aspas, sem configurar citação. Entendemos que os motivos do aparecimento desse fenômeno estão relacionados ao uso de estrangeirismos, à apresentação de alguma palavra ou ideia que estava na coletânea, à apresentação de títulos de filmes, livros, músicas, à apresentação de conceitos teóricos – filosofia, sociologia, à apresentação de nomes de acontecimentos históricos e também à apresentação de termos empregados com sentido figurado, ou seja, quando há uma ampliação do sentido da palavra, ela aparece com aspas. Apresentamos aqui alguns exemplos de trechos em que são apresentadas palavras com o uso de aspas.

Redação 1- Ano 2000⁴



Devido a tantas questões estarem envolvidas aos estrangeirismos, o-
"movimento nacional de defesa da língua portuguesa" aspira ideologicamente contra
o andamento natural de nossas relações. O seu elaborador, contudo, ignorou
todos os acontecimentos diretamente relacionados ao alvo de seu projeto. Além
disso, o movimento desconhece o papel que o Brasil desempenha no mundo, onde
globalização e unificação são termos cada vez mais comuns e que a perda da identi-

Transcrição do trecho

Devido a tantas questões estarem envolvidas aos estrangeirismos, o "Movimento Nacional de defesa da Língua Portuguesa" aspira ideologicamente contra o andamento natural de nossas relações. O seu elaborador, contudo, ignorou

³ O aparecimento de palavras demarcadas com aspas pode ser considerado bastante significativo, visto que está diretamente relacionado ao repertório utilizado pelo aluno. Apesar de ser relevante, não estudaremos detalhadamente neste momento, visto que não é o foco da pesquisa. O uso de aspas abre caminhos para um possível projeto futuro.

⁴ Os trechos e textos aparecerão em seu formato original – as próprias redações dos alunos, retiradas do site da FUVEST- e também transcritas para que seja possível uma leitura mais eficiente e sem obstáculos em relação à legibilidade. Em relação ao critério de transcrição, procuramos manter a fidelidade à normatização, a fim de não alterar o texto do candidato.

todos os acontecimentos diretamente relacionados ao alvo de seu projeto. Além disso, o movimento desconhece o papel que o Brasil desempenha no mundo, onde globalização e unificação são termos cada vez mais comuns e que a perda da identidade linguística pode ser necessária em prol de uma conquista maior.

Na segunda linha do parágrafo acima aparece entre aspas “Movimento Nacional de Defesa da Língua Portuguesa”. Assim, o candidato pode ter usado aspas porque é um termo copiado da coletânea e porque na própria proposição o termo apareceu entre aspas.

Redação 3- 2000

Ora, é claro que ofende o senso comum o uso de palavras como "delivery" quando o bom português nos oferece "entrega". É verdade que a substituição de termos portugueses por estrangeiros, sob o manto da modernidade globalizada, reflete muitas vezes uma colonização cultural. É justo que o povo brasileiro preocupe-se em defender sua identidade, da qual as palavras são elemento essencial. Por outro lado, acima desses valores encontra-se o da liberdade de expressão.

Transcrição do trecho

Ora, é claro que ofende o senso comum o uso de palavras como "delivery" quando o bom português nos oferece "entrega". É verdade que a substituição de termos portugueses por estrangeiros, sob o manto da modernidade globalizada, reflete muitas vezes uma colonização cultural. É justo que o povo brasileiro preocupe-se em defender sua identidade, da qual as palavras são elemento essencial.

As palavras "delivery" e "entrega" neste trecho apareceram entre aspas. Pode-se entender que o candidato pode ter optado por essa forma tanto porque tais palavras estavam na coletânea, quanto porque *delivery* é uma palavra estrangeira e *entrega* é a tradução dela.

Redação 03 – 2003

Para achar resposta a essa questão, há de se levar em conta o histórico das manifestações populares no país. É através delas que um povo tenta impor sua soberania, e esta é a maior prova de confiança e auto-estima que as pessoas podem dar a si e a sua pátria. Existem vários bons exemplos na história do país. Nas duas últimas décadas, é possível destacar provas de que o povo brasileiro tem, realmente, alta auto-estima. Um dos exemplos é o movimento "Diretas Já", onde a sociedade civil mostrou sua convicção em seu próprio poder e no poder da democracia ao exigir, em inesquecíveis manifestações, a volta do regime democrático, da liberdade de expressão e de escolha.

Transcrição do trecho

Para achar resposta a essa questão, há de se levar em conta o histórico das manifestações populares no país. É através delas que um povo tenta impor sua soberania, e esta é a maior prova de confiança e auto-estima que as pessoas podem dar a si e a sua pátria. Existem vários bons exemplos na história do país. Nas duas últimas décadas, é possível destacar provas de que o povo brasileiro tem, realmente, alta auto-estima. Um dos exemplos é o movimento "Diretas já", onde a sociedade civil mostrou sua convicção em seu próprio poder e no poder da democracia ao exigir, em inesquecíveis manifestações, a volta do regime democrático, da liberdade de expressão e de escolha.

Neste trecho, a expressão "Diretas Já" aparece entre aspas. Em outras redações, o mesmo movimento e demais movimentos históricos também aparecem entre aspas. Não há nenhum texto da coletânea que faça referência ao movimento, por isso a aspas nesse caso não pode ser considerada como cópia. Talvez o uso se justifique justamente porque se trata de um título de um movimento.

Redação 02- 2008

A curiosidade por saber o que mais a Internet tem a nos mostrar pode tornar o ato de "navegar" em um vício. Existem pessoas que perdem horas de sono e desperdiçam o raro tempo que têm livre, e poderiam estar com a família, para ~~virar~~ ficar "vigiando" por diversos "sites", que ~~se~~ geralmente têm qualidade duvidosa.

Transcrição do trecho

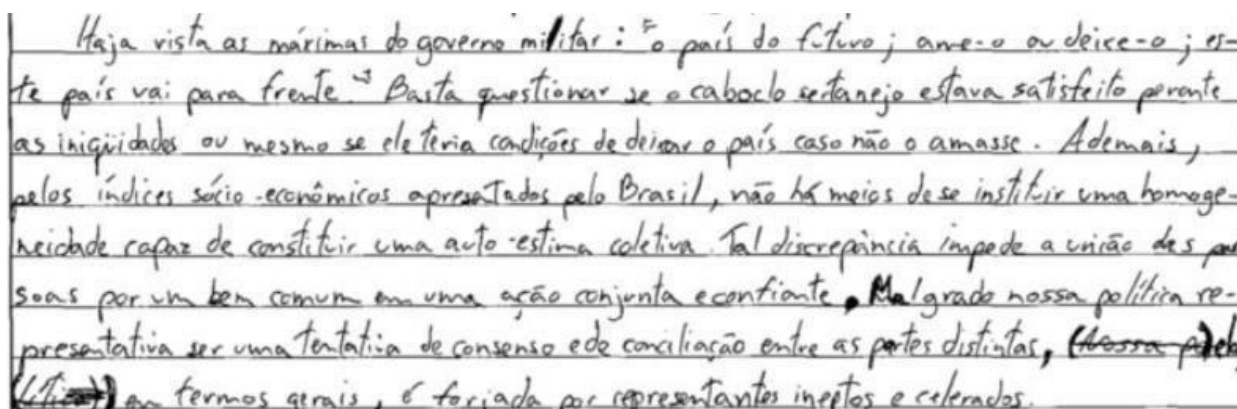
A curiosidade por saber o que mais a Internet tem a nos mostrar pode tornar o ato de "navegar" em um vício. Existem pessoas que perdem horas de sono e desperdiçam o raro tempo que têm livre, e poderiam estar com a família, para ficar "vigiando" por diversos "sites", que geralmente tem qualidade duvidosa.

Neste trecho, as palavras *navegar* e *viajando* também foram empregadas entre aspas. Aqui, certamente houve a intenção de demarcar mudança de sentido, ou seja, essas palavras não estão sendo empregadas no sentido literal, e sim no sentido figurado. Nesse sentido, as aspas podem ser consideradas como uma tentativa de o candidato chamar a atenção do corretor para essa alteração de sentido.

Existem, conforme foi demonstrado no quadro, 40 redações em que aparecem palavras isoladas com aspas. Como a intenção aqui é apenas ilustrar os fenômenos, não apresentamos todas essas ocorrências.

5.1.2 Discurso Direto

Algumas redações apresentam a palavra do outro por meio de uma citação direta, como pode ser visto no seguinte trecho:



Haja vista as máximas do governo militar: "o país do futuro; ame-o ou deixe-o; este país vai para frente". Basta questionar se o caboclo sertanejo estava satisfeito perante as iniquidades ou mesmo se ele teria condições de deixar o país caso não o amasse. Ademais, pelos índices sócio-econômicos apresentados pelo Brasil, não há meios de se instituir uma homogeneidade capaz de constituir uma auto-estima coletiva. Tal discrepância impede a união das pessoas por um bem comum em uma ação conjunta e confiante. Malgrado nossa política representativa ser uma tentativa de consenso e de conciliação entre as partes distintas, ~~(nossa política)~~ em termos gerais, é forjada por representantes ineptos e celerados.

Transcrição do trecho

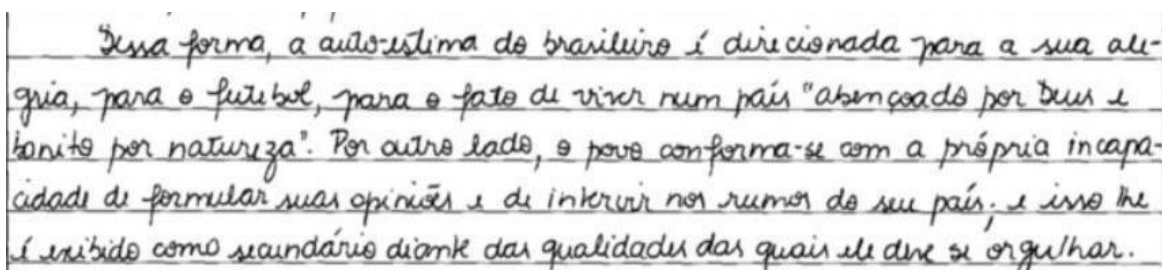
Haja vista as máximas do governo militar: "o país do futuro; ame-o ou deixe-o; este país vai para frente". Basta questionar se o caboclo sertanejo estava satisfeito perante as iniquidades ou mesmo se ele teria condições de deixar o país caso não o amasse. Ademais, pelos índices sócio-econômicos apresentados pelo Brasil, não há meios de se instituir uma homogeneidade capaz de constituir uma auto-estima coletiva. Tal discrepância impede a união das pessoas por um bem comum em uma ação conjunta e confiante. Malgrado nossa política representativa ser uma tentativa de consenso e de conciliação entre as partes distintas, ela, em termos gerais, é forjada por representantes inaptos e celerados.

Neste trecho há uma citação, por meio da utilização do discurso direto em que o candidato reproduz uma máxima do governo militar brasileiro. O candidato, ao usar um enunciado alheio, reproduziu-o fielmente, tal qual foi proferido. A análise deste trecho e dos outros em que aparece discurso direto são apresentados na próxima seção deste capítulo.

5.1.3 Discurso direto sem mencionar autor/obra

Apareceram casos em que o candidato citou um discurso, utilizando aspas, reproduzindo-o fielmente ao modo como foi enunciado, porém, não apresentou nem quem proferiu aquilo e nem de onde a citação foi retirada.

Redação 01- 2003



Dessa forma, a auto-estima do brasileiro é direcionada para a sua alegria, para o futebol, para o fato de viver num país "abençoado por Deus e bonito por natureza". Por outro lado, o povo conforma-se com a própria incapacidade de formular suas opiniões e de intervir nos rumos do seu país; e isso lhe é exibido como secundário diante das qualidades das quais ele deve se orgulhar.

Transcrição do trecho

Dessa forma, a auto-estima do brasileiro é direcionada para a sua alegria, para o futebol, para o fato de viver num país "abençoado por Deus e bonito por natureza". Por outro lado, o povo conforma-se com a própria incapacidade de formular suas opiniões e de intervir nos rumos do seu país; e isso lhe é exibido como secundário diante das qualidades das quais ele deve se orgulhar.

Aqui, vê-se que o candidato citou um trecho da música de Jorge Bem Jor: "abençoado por Deus e bonito por natureza", para fazer referência ao Brasil, mas não apresentou o título da música e nem o cantor, apenas inseriu esse discurso na elaboração do próprio. Talvez isso se justifique pelo conhecimento geral que os brasileiros têm dessa música.

5.1.4 Discurso Direto – citação de expressões do senso comum

Apareceram quatro casos em que o candidato cita, por meio do discurso direto, expressões do senso comum. O discurso popular é apresentado por meio de aspas.

Redação 02-2010

diosa ferramenta desempenha, na civilização atual, um papel insubstituível: o de
despertar os indivíduos da sociedade às situações lamentáveis com que convivemos
muitas vezes indiferentemente.'" data-bbox="139 734 916 874"/>

A realidade por imagens
pessoas, fatos, sentimentos e instituições. A imagem é um dos meios mais poderosos de dizer e incommunicável das mais variadas temas. Ou, como simplifi-
cou-se no adágio popular, "uma imagem vale mais do que mil palavras.". Esta pe-
diosa ferramenta desempenha, na civilização atual, um papel insubstituível: o de
despertar os indivíduos da sociedade às situações lamentáveis com que convivemos
muitas vezes indiferentemente.

Transcrição do trecho

A realidade por imagens

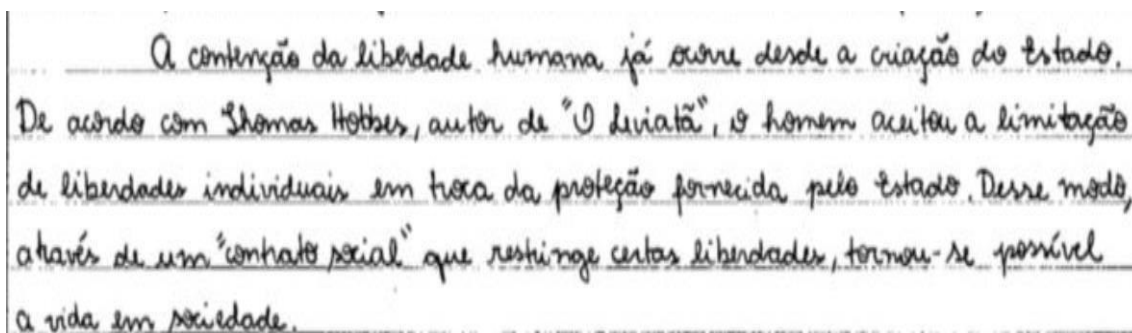
Pessoas, fatos, sentimentos e instituições. A imagem é um dos meios mais poderosos de dizer o incomunicável dos mais variados temas. Ou, como simplificou-seno adágio popular, "uma imagem vale mais que mil palavras". Esta poderosa ferramenta desempenha, na civilização atual, um papel insubstituível: o de despertar os indivíduos da sociedade às situações lamentáveis com que convivemos muitas vezes indiferentemente.

Utilizar o discurso do senso comum por meio do discurso direto pode ser justificado por dois motivos: são expressões de fácil memorização ou é uma tentativa de o candidato se distanciar do senso comum.

5.1.5 Discurso Indireto

Diversas redações apresentaram discurso indireto. O discurso indireto foi utilizado pelos candidatos para citar a palavra alheia e apareceram ocorrências desse tipo de discurso tanto demarcando a variante de expressão quanto a variante do conteúdo, ou seja, além de o discurso indireto aparecer em sua forma "convencional", também apareceu através daquilo que Bakhtin/Volochínov chama de "formas especiais de discurso indireto", como os casos em que, inserido em um discurso indireto, há a demarcação da palavra alheia por meio da utilização das aspas.

Redação 02 – 2005



A contenção da liberdade humana já ocorre desde a criação do Estado. De acordo com Thomas Hobbes, autor de "O Leviatã", o homem aceitou a limitação de liberdades individuais em troca da proteção fornecida pelo Estado. Desse modo, através de um "contrato social" que restringe certas liberdades, tornou-se possível a vida em sociedade.

Transcrição do trecho

A contenção da liberdade humana já ocorre desde a criação do Estado. De acordo com Thomas Hobbes, autor de "O Leviatã", o homem aceitou a limitação de liberdades individuais em troca da proteção fornecida pelo Estado. Desse modo, através de um "contrato social" que restringe certas liberdades, tornou-se possível a vida em sociedade.

Aqui a construção do discurso indireto é completa, pois cita indiretamente as palavras de Thomas Hobbes – mencionando o autor- e também o título da obra. Cada uma das ocorrências aparece na seção seguinte.

5.1.6 Referência a autor/obra/personagem sem citar

Apareceram cinco casos em que o candidato fez referência à determinada obra literária, ou a determinados personagens, mas não citou discursos, apenas apresentou comparações do conteúdo do livro/personagem com aquilo que estava sendo discutido. Aqui mostramos um dos casos ocorridos

Redação 02- 2008

as informações dados que, de fato, são completamente dispensáveis.'" data-bbox="139 389 913 514"/>

Transcrição do trecho

Somos constantemente induzidos a sermos "Jacintos", da obra A Cidade e as Serras, de Eça de Queirós. A alta tecnologia nos parece tão fascinante e hipnótica que frequentemente não paramos para analisar a qualidade e utilidade dos dados e informações que incorporamos. Podemos passar horas na frente de um computador, absorvendo dados que, de fato, são completamente dispensáveis.

Neste trecho o candidato compara os seres humanos ao personagem "Jacinto", da obra "A Cidade e as Serras" na questão do uso da tecnologia e da importância dada a ela. Em nenhum momento há citação de algum discurso construído por Eça de Queirós no livro. Consideramos significativa a existência de referências dos livros que compunham a lista de leitura obrigatória na FUVEST. Isso pode refletir uma preocupação do candidato em demonstrar conteúdo e, ao apresentar um dos livros da lista, pode-se construir a imagem para o leitor/corretor de que é um candidato atento à leitura e à escrita e que cumpriu as exigências que a própria instituição propõe. Nas análises falamos de modo um pouco mais desenvolvido sobre a citação dos livros que compõem a lista e o quanto citá-los pode ser significativo.

Por não haver citações, essas ocorrências não entrarão na análise, foram apresentadas para fins de ilustração.

5.2 ANÁLISE DAS REDAÇÕES QUE APRESENTAM CITAÇÃO DIRETA E INDIRETA

Conforme já apresentado, identificamos diversas ocorrências nas redações do *corpus*. Na análise, trabalhamos somente com aquelas que apresentam citações, as quais aparecem por meio do discurso direto ou discurso indireto, seja por meio da variante analisadora de expressão ou da variante analisadora de conteúdo.

Organizaremos a análise pelos anos selecionados para estudo. Assim, conseguimos seguir a linha temática e estabelecer comparações.

5.2.1 Redações ano 2001

Redação 05 – 2001

REDAÇÃO

Bases profundas do neonazismo/neofascismo
<p>Contrariando o discurso da globalização, que prega uma ampla integração de mercados, serviços e, é claro, maiores trocas culturais entre os povos; notamos um recrudescimento dos movimentos de cunho xenóforo, sendo que muitos até reafirmando o "ideal da raça pura". As razões dessa contradição encontram-se na própria "lógica de funcionamento do sistema capitalista" e, conseqüentemente, no processo de globalização.</p> <p>O sistema capitalista orienta suas ações em um sentido bastante claro: a busca do lucro. Evidentemente, se essa é a base do sistema, os aspectos humanos são relegados a um segundo plano. Dessa forma, o intenso processo de "mundialização do capital" tende a produzir uma concorrência cada vez mais acirrada entre indivíduos, nações e blocos geopolíticos. Dentro desse contexto, países como França e Alemanha, grupos neofascistas/neonazistas encontram no turco (no caso Alemão) e no Africano (no caso francês) o seu "concorrente" ou seja, aquele que, supostamente, "roubou-lhe" o emprego. Enfim, aquele que é "diferente" assume a postura de "bole expiatório".</p> <p>O processo de globalização e o próprio sistema capitalista assentam-se na manifestação e não na plenitude. As trocas entre as nações não se estruturam em bases igualitárias. Por exemplo, somos invadidos pelo cinema norte-americano e temos pouca contato com o cinema italiano, cubano, africano, asiático ou francês. As fábricas produzem "em série" e os meios de comunicação tendem a formar "paradigmas estéticos". Dessa forma, o respeito igual que é diferente, ao outro, enfim, a diversidade humana forma a cada vez mais reduzido. Nessas condições, surge o campo fecundo para a intolerância, ^{para} o totalitarismo, ou seja, para ideias neofascistas/neonazistas.</p> <p>Heródoto, o "pai da História", afirmou que o acontecimento histórico devia servir como lição aos homens. Nesse sentido, é prudente lembrarmos a Alemanha de Hitler. Naquela ocasião diante de uma crise do sistema capitalista e da imposição de algumas nações sobre outra (o Tratado de Versalhes), surgiu o nazismo. Porém, lutar contra neonazismo/neofascismo é questionar as bases de um sistema (o CAPITALISTA) que "permitiu" a solidificação do nazismo na Alemanha de Hitler.</p>

Transcrição da Redação 05- 2001

Bases profundas do neonazismo/neofascismo

Contrariando o discurso da globalização, que prega uma ampla integração de mercados, serviços e, é claro, maiores trocas culturais entre os povos; notamos um recrudescimento dos movimentos de cunho xenóforo, sendo que muitos até reafirmando o "ideal da raça pura". As razões dessa contradição encontram-se na própria "lógica de funcionamento do sistema capitalista" e, conseqüentemente, no processo de globalização.

O sistema capitalista orienta suas ações em um sentido bastante claro: a busca do lucro. Evidentemente, se essa é a base do sistema, os aspectos humanos

são relegados a um segundo plano. Dessa forma, o intenso processo de "mundialização do capital" tende a produzir uma concorrência cada vez mais acirrada entre indivíduos, nações e blocos geoeconômicos. Dentro desse contexto, em países como França e Alemanha, grupos neofacistas/neonazistas encontram no turco (no caso alemão) e no africano (no caso francês) o seu "concorrente", ou seja, aquele que, supostamente, "roubou-lhe" o emprego. Enfim, aquele que é "diferente" assume a posição de "bode expiatório".

O processo de globalização e o próprio sistema capitalista assentam-se na massificação e não na atualidade. As trocas entre as nações não se estruturam em bases igualitárias. Por exemplo, somos invadidos pelo cinema norte-americano e temos pouco contato com o cinema italiano, cubano, asiático ou francês. As fábricas produzem "em série" e os meios de comunicação tendem a formar "paradigmas estéticos". Dessa forma, o respeito àquele que é diferente, ao outro, enfim, à diversidade humana, torna-se cada vez mais restrito. Nessas condições, surge o campo fecundo para a intolerância, para o totalitarismo, ou seja, para idéias neofacistas/neonazistas.

Heródoto, o "pai da História", afirmou que o acontecimento histórico deveria servir como lição aos homens. Nesse sentido, é prudente lembrarmos a Alemanha de Hitler. Naquela ocasião diante de um crise do sistema capitalista e da imposição de algumas nações sobre outra (o Tratado de Versalhes), surgiu o nazismo. Portanto, lutar contra neonazismo/neofascismo é questionar as bases de um sistema (O CAPITALISTA) que "permitiu" a edificação do nazismo na Alemanha de Hitler.

Análise

Em 2001, a FUVEST apresentou como tema a ascensão de ideias nazistas e fascistas no mundo contemporâneo, conforme já foi descrito no quarto capítulo deste trabalho. A redação número 5 do ano de 2001 apresentou, ao longo de todo o texto, reflexões históricas sobre o assunto, visto que, sobretudo no período entre guerras, principalmente a Europa, sofreu bastante com essas ideologias totalitárias.

A citação nessa redação encontra-se no parágrafo de conclusão. O candidato utiliza o discurso de Heródoto, o qual denomina de "pai da história". A exposição do discurso de outrem foi feita por meio da utilização do discurso indireto: o candidato não utilizou aspas para demarcar o discurso alheio e ainda há a presença da estrutura linguística relacionada à composição do discurso indireto - o verbo de elocução "afirmou" e a partícula "que".

A citação apresentada no último parágrafo é totalmente coerente com aquilo que vinha sendo desenvolvido ao longo do texto, considerando que, ao apresentar uma retomada histórica, o candidato tinha como pretensão demonstrar que os problemas da atualidade são causados pela repetição de falhas de momentos passados. Assim, ao citar a fala de Heródoto sobre a importância de se conhecer a história para que erros não se repitam, o candidato está usando a palavra do outro para reforçar a própria, ou seja, é possível enxergar o diálogo com a

fala de um filósofo importante como a construção de um argumento de autoridade, visto que o candidato a utilizou para conferir maior prestígio e respeito à própria fala.

Fica evidente, nesse sentido, que o candidato manifesta total concordância com as palavras de Heródoto, visto que, após a citação, ainda utiliza expressões como “é prudente lembrarmos”, justamente concordando com o discurso do filósofo de que não devemos fechar os olhos ao passado, mas recordarmos as causas que fizeram o problema surgir antigamente, justamente para que possamos barrar o renascimento dele no presente.

Citar um filósofo na conclusão, cujo enunciado é uma espécie de resumo do que o candidato defendeu, pode ser considerado como uma estratégia, a qual gera um efeito de sentido positivo no texto, visto que, ao invés de parafrasear as próprias ideias para concluir o texto, o candidato faz uso de uma autoridade a fim de reforçar os argumentos.

Segundo o que já apresentamos em nossas bases teóricas em relação àquilo que é passado e construído na escola em relação a quem escreve e para quem se escreve, pode-se entender que, assim como na escola se reforça a imagem de que o aluno escreve para um corretor, que naquele caso é o professor, no vestibular o candidato escreve para a banca corretora e, em se tratando de um texto dissertativo argumentativo, ele deve convencer o corretor de que aquilo que está dizendo faz sentido e que seus argumentos têm validade. É aí que recuperamos a ideia de Geraldi de que há uma certa artificialidade na escrita, já que o contexto de produção é sempre o mesmo. O texto elaborado naquele momento não apresenta outra função social além da função de avaliação, no interior de uma prova (esse é o caso de todos os textos analisados nesta dissertação). Apesar disso, dessa artificialidade, o candidato elaborou um texto coerente e defendeu de modo coeso e claro suas ideias, usando como recurso e reforço um argumento de autoridade.

Em relação ao estilo, é possível considerar que a citação, que apareceu por meio do discurso indireto, apresenta aquilo que Bakhtin/Volochínov considera como *estilo pictórico* visto que o candidato mescla as ideias de Heródoto às próprias, o candidato não tentou se ausentar do discurso alheio, pelo contrário, manifestou concordâncias com a palavra de Heródoto. É nítido o juízo de valor estabelecido pelo candidato neste caso: ele concorda com o discurso alheio e ainda o utiliza para reforçar o próprio.

5.2.2 Redações ano 2003

Redação 01- 2003

REDAÇÃO

5009-55 8

O milagre brasileiro: identidade e auto-estima

A identidade de um povo é produto da sua própria história, e da história das relações que esse povo estabelece com o poder e com a direção da vida pública. No caso de um povo como o brasileiro, no qual conviveram e convivem culturas diversas, essas relações ganham uma rica complexidade, derivada da diversidade, o que dificulta qualquer tentativa de homogeneização da população.

Ainda assim, o povo brasileiro é identificado, por ele mesmo e pelos que vêm de fora, como simpático, receptivo, alegre e sensual. A elite brasileira reforça e exalta essa imagem formada, pois essas características relacionam-se intimamente com uma outra: a submissão. E, de certa forma, justifica-se assim o paternalismo que caracteriza a vida privada e a vida pública da nação, que se expressa quotidianamente e em momentos históricos determinados, como o populismo e o autoritarismo.

Dessa forma, a auto-estima do brasileiro é direcionada para a sua alegria, para o futebol, para o fato de viver num país "abençoado por Deus e bonito por natureza". Por outro lado, o povo conforma-se com a própria incapacidade de formular suas opiniões e de intervir nos rumos do seu país; e isso lhe é exibido como secundário diante das qualidades das quais ele deve se orgulhar.

Durante vinte anos, ditaduras brasileiras que eles são incapazes de exibir seu presidente. Ainda hoje, decisões salutaras a qualquer povo são tomadas a portas fechadas, como se esse povo não fosse capaz de refletir, posicionar-se, acutar ou rejeitar propostas. Mas as qualidades do Brasil encantam turistas do mundo inteiro, nosso futebol é o melhor do mundo e temos músicos e cineastas reconhecidos mundialmente justamente por patizar ou ironizar nossa situação.

A auto-estima vem, antes de tudo, da consciência de si mesmo. Entretanto, nossos atos e julgamentos não são de nós, são de Tucanos, e não aderimos a eles. Daí vem a crise de auto-estima dos brasileiros, que vem em quando percebem que não são donos da sua Pátria. Mas esse sentimento é logo superado por outro, o orgulho de ser brasileiro mesmo na adversidade, afinal, somos admirados pelo nosso futebol, somos adorados pela nossa simpatia. Outro milagre brasileiro.

Transcrição da Redação 01- 2003

O milagre brasileiro: identidade e auto-estima

A identidade de um povo é produto da sua própria história, e da história das relações que esse povo estabelece com o poder e com a direção da vida pública. No caso de um povo como o brasileiro, no qual conviveram e convivem culturas diversas, essas relações ganham uma rica complexidade, derivada da diversidade, o que dificulta qualquer tentativa de homogeneização da população.

Ainda assim, o povo brasileiro é identificado, por ele mesmo e pelos que vêm de fora, como simpático, receptivo, alegre e sensual. A elite brasileira reforça e exalta essa imagem formada, pois essas características relacionam-se intimamente com uma outra: a submissão. E, de certa forma, justifica-se assim o paternalismo que caracteriza a vida privada e a vida pública da nação, que se expressa quotidianamente e em momentos históricos determinados, como o populismo e o autoritarismo.

Dessa forma, a auto-estima do brasileiro é direcionada para a sua alegria, para o futebol, para o fato de viver num país "abençoado por Deus e bonito por natureza". Por outro lado, o povo conforma-se com a própria incapacidade de formular suas opiniões e de intervir nos rumos do seu país; e isso lhe

é exibido como secundário diante das qualidades das quais ele deve se orgulhar.

Durante vinte anos, disseram aos brasileiros que eles são incapazes de escolher seu presidente. Ainda hoje, decisões salutaras a qualquer povo são tomadas a portas fechadas, como se esse povo não fosse capaz de refletir, posicionar-se, aceitar ou rejeitar propostas. Mas as qualidades do Brasil encantam turistas do mundo inteiro, nosso futebol é o melhor do mundo e temos músicos e cineastas reconhecidos mundialmente justamente por poetizar ou ironizar nossa situação.

A auto-estima vem, antes de tudo, da consciência de si mesmo. Entretanto, nossos atos e julgamentos não vêm de nós, vêm de terceiros, e nós aderimos a eles. Daí vem a crise de auto-estima dos brasileiros, que vez em quando percebem que não são donos da sua Pátria. Mas esse sentimento é logo sufocado por outro, o orgulho de ser brasileiro mesmo na adversidade, afinal, somos admirados pelo nosso futebol, somos adorados pela nossa simpatia. Outro milagre brasileiro.

Análise

Em 2003, o tema apresentado pela FUVEST era a autoestima do brasileiro. O texto 01 do ano de 2003 apresentou os principais aspectos que compõem a identidade nacional dos brasileiros e aquilo que historicamente caracteriza o país, desde a formação cultural, até a miscigenação elaborada a partir de povos diversos.

No terceiro parágrafo do texto é onde aparece a citação. O candidato afirma que o brasileiro valoriza seus estereótipos e se esquece de questionar a dominação. A crítica apresentada neste parágrafo é a de que o brasileiro é incapaz de decidir sobre questões fundamentais do próprio país. E a maioria do povo não se importa com isso, porque o importante é ser alegre, feliz e vencer no futebol. O candidato cita um trecho da música “País Tropical” de Jorge Bem Jor, a qual fala sobre as belezas do Brasil e afirma que o país é abençoado. Neste caso, enxerga-se uma nítida discordância com aquilo que é citado.

Essa discordância pode ser confirmada por aquilo que o candidato expõe logo após a citação. A locução conjuntiva “por outro lado” já demonstra que o candidato manifestará uma opinião contrária ao que foi exposto anteriormente. O candidato critica os brasileiros, quando ironiza sobre aquilo que esse povo valoriza. Segundo o candidato, os brasileiros não conseguem raciocinar em relação a questões importantes do próprio país, visto que se prendem a questões supérfluas. A reputação de país alegre, abençoado e caracterizado pelo futebol parece ser mais importante do que a tomada de boas decisões em relação à política, por exemplo.

Os outros dois parágrafos – o terceiro de desenvolvimento- e a conclusão seguem defendendo a mesma ideia. Brasileiros que parecem não se importar com crises políticas e

com problemas sociais, considerando que os estereótipos vendidos e alimentados são, na maioria das vezes, colocados em primeiro plano, deixando de lado questões fundamentais.

Percebe-se a intenção do candidato de expor um argumento de autoridade, até para reforçar que essa ideia de que vivemos em um país abençoado e belo não é apenas dele, mas já foi registrado inclusive em produções culturais. O interessante de ser ressaltado, neste caso, é o fato de o candidato não apresentar nem o nome do músico, nem o nome da música e também não colocar verbos introdutórios do discurso. Optou por apresentar o discurso do outro por meio da utilização do discurso direto, mas mesmo mostrando para o corretor que o discurso é do outro, não houve a preocupação em dizer de quem é a composição. Isso pode ser explicado, por exemplo, pela música “País tropical” já ser bastante conhecida no Brasil, entre os brasileiros, além de ter sido regravaada por diversos cantores famosos. Assim, talvez o aluno tenha pensado que dispensa referências. Isso tem a ver também com a imagem que ele construiu de seu interlocutor. Pode ser que ele tenha pressuposto que, por se tratar de um corretor de redações de vestibulares, obviamente ele conheceria a música e, por isso, a referência poderia ser vista como algo desnecessário.

REDAÇÃO

5084-67 8


O Protelar do Grande Futuro

A partir da Revolução Francesa, o ideal burguês pulou por todo o mundo e dessa maneira iniciou-se a formação dos "Estados-Nação" e dos nacionalismos configurados dentro de um patriotismo estatal. Tendo em vista a teoria de Eric Hobsbawm, na qual afirma-se o teor inventivo e onírico das idéias burguesas, há que retificar a afirmação da auto-estima entre os brasileiros, sendo que esta apresenta-se como uma invenção manipuladora difundida por um Estado-Nação ou como um proto-nacionalismo caracterizado por Hobsbawm como um sentimento coletivo de reconhecimento mútuo entre os partícipes de um grupo, independentemente do Estado.

Haja vista as máximas do governo militar: "o país do futuro; ante-o ou deixo-o; este país vai para frente". Basta questionar se o caboclo sertanejo estava satisfeito perante as iniquidades ou mesmo se ele teria condições de deixar o país caso não o amasse. Ademais, pelos índices sócio-econômicos apresentados pelo Brasil, não há meios de se instituir uma homogeneidade capaz de constituir uma auto-estima coletiva. Tal discrepância impede a união das pessoas por um bem comum em uma ação conjunta e contante. Malgrado nossa política representativa ser uma tentativa de consenso e de conciliação entre as partes distintas, ~~(essa política)~~ em termos gerais, é forjada por representantes ineptos e celerados.

Não obstante, o referido tópico, o proto-nacionalismo, é freqüentemente convocado às discussões concernentes à identidade nacional e, portanto, à auto-estima. Nesse contexto, o futebol é citado como fator de unificação do povo brasileiro e como orgulho nacional. Esta não passa de uma análise simplista, pois fragmentado pelos clubes do Brasil, o futebol não é nada senão motivo de desavenças e de rivalidade. Outrossim, o carnaval é visto como unificador e como expositor da alegria e da auto-confiança do brasileiro, no entanto, ~~de~~ conforme mitos teóricos afirmam, ele não é outra coisa senão a maquiagem da insegurança e da tristeza de um povo sob enorme jugo.

A despeito das proposições, não devemos culpar os sincretismos cultural e psicológico do nosso país, pois ao contrário do que se possa pensar, eles não são a causa da segregação e nem da negação intrínseca da auto-estima entre os brasileiros. Eles são, pois, os intérpretes da solidariedade orgânica na sociedade, como nos mostrou Durkheim discorrendo sobre a interdependência entre os indivíduos fundamental à sobrevivência de um ambiente social. A ~~(esta)~~ sintomática e constante projeção de um futuro gratificante demonstra a deterioração do presente, e não um país otimista.

Transcrição da Redação 04- 2003

O Protelar do Grande Futuro

A partir da Revolução Francesa, o ideal burguês pulou por todo o mundo e dessa maneira iniciou-se a formação dos "Estados-Nação" e dos nacionalismos configurados dentro de um patriotismo estatal. Tendo em vista a teoria de Eric Hobsbawm, na qual afirma-se o teor inventivo e onírico das idéias burguesas, há que retificar a afirmação da auto-estima entre os brasileiros, sendo que esta apresenta-se como uma invenção manipuladora difundida por um

"Estado-Nação" ou como um proto nacionalismo caracterizado por Hobsbawm como um sentimento coletivo de reconhecimento mútuo entre os partícipes de um grupo, independentemente do Estado.

Haja vista as máximas do governo militar: "o país do futuro; ame-o ou deixe-o; este país vai para frente". Basta questionar se o caboclo sertanejo estava satisfeito perante as iniquidades ou mesmo se ele teria condições de deixar o país caso não o amasse. Ademais, pelos índices sócio-econômicos apresentados pelo Brasil, não há meios de se instituir uma homogeneidade capaz de constituir uma auto-estima coletiva. Tal discrepância impede a união das pessoas por um bem comum em uma ação conjunta e confiante. Malgrado nossa política representativa ser uma tentativa de consenso e de conciliação entre as partes distintas, ela, em termos gerais, é forjada por representantes ineptos e celerados.

Não obstante, o referido tópico, o proto nacionalismo, é frequentemente convocado às discussões concernentes à identidade nacional e, portanto, à auto-estima. Nesse contexto, o futebol é citado como fator de unificação do povo brasileiro e como orgulho nacional. Esta não passa de uma análise simplista, pois fragmentado pelos clubes do Brasil, o futebol não é nada senão motivo de desavenças e derivalidade. Outrossim, o carnaval é visto como unificador e como expositor da alegria e da auto-confiança do brasileiro, no entanto, conforme muitos teóricos afirmam, ele não é outra coisa senão a maquiagem da insegurança e da tristeza de um povo sob enorme jugo.

A despeito das proposições, não devemos culpar os sincretismos cultural e psicológico do nosso país, pois ao contrário do que se possa pensar, eles não são a causada segregação e nem da negação intrínseca da auto-estima entre os brasileiros. Eles são, pois, os introyetores da solidariedade orgânica na sociedade, como nos mostra Durkheim discorrendo sobre a interdependência entre os indivíduos fundamental à sobrevivência de um ambiente social. A sintomática e constante projeção de um futuro gratificante demonstra a deterioração do presente, e não um país otimista.

Análise

A redação 04 do ano de 2003, também trata do tema da autoestima do brasileiro. O teor dessa dissertação é bastante semelhante ao que foi trabalhado na redação 1 do mesmo ano, visto que o candidato utiliza um pouco de ironia para fazer referência à autoestima do povo brasileiro.

Para defender as ideias apresentadas, o candidato apresenta três citações. Já na introdução, há a exposição do discurso de Hobsbawm, a qual fala sobre o teor das ideias burguesas, criticando-as. Percebe-se que o candidato faz uso dessa citação justamente para reforçar o discurso que está construindo. Percebe-se que o candidato concorda que as ideias burguesas não passam de ideais mentirosos que interferem na construção da identidade de um país. A citação do discurso de Hobsbawm é apresentada por meio do discurso indireto, mesclada ao discurso construído pelo candidato. Entende-se, então, que há a presença daquilo que Bakhtin/Volochínov denomina de estilo pictórico, visto que a palavra do eu e do outro se mesclam e, ao manifestar a relação de concordância com o discurso de Hobsbawm, o candidato insere no texto seu juízo de valor.

Hobsbawm não é um autor que estava presente na coletânea de textos do ano de 2003, assim, entende-se que a citação do aluno é fruto de uma bagagem sócio-histórica construída, visto que o aluno conseguiu recuperar com autonomia o discurso alheio a fim de reforçar o próprio. Ainda que esteja presente na introdução, o diálogo com as ideias de Hobsbawm pode ser entendido como uma tentativa de conferir autoridade ao próprio discurso, visto que o candidato deseja estabelecer uma crítica já no início do texto e, pode haver um imaginário de que, ao trazer a palavra do outro logo no início do texto, a própria palavra ganha mais poder.

No segundo parágrafo da dissertação, outra citação é encontrada. O discurso apresentado é o proferido pelos militares durante a Ditadura Militar brasileira: “o país do futuro; ame-o ou deixe-o; este país vai para frente”. Aqui, diferentemente da primeira citação, encontra-se a palavra do outro, apresentada por meio do discurso direto, ou seja, o candidato reproduziu máximas pregadas durante o regime militar. O uso do discurso direto pode ser intencional, justamente para demarcar a presença de um discurso alheio, ou seja, para ressaltar para o corretor que se trata de um diálogo com a palavra de um outro e não de palavras próprias. Isso pode ser justificado pelas palavras e ideias seguintes à citação. É nítido que, de acordo com o conteúdo desenvolvido pelo candidato, ele discorda das máximas do governo militar, visto que afirma que a construção da autoestima do brasileiro foi algo imposto, considerando que o povo era condicionado, pela força, a amar o próprio país do modo como ele era naquele momento.

Caso não amasse, poderia escolher deixá-lo, segundo o discurso do governo. Porém, como o próprio candidato afirma, essa opção não era muito viável, considerando a própria condição socioeconômica do povo naquele momento. Então, neste parágrafo, é possível perceber que o candidato ironiza o discurso citado, manifestando clara discordância. Por isso, entende-se que neste caso houve a presença do estilo linear, pois o candidato esforçou-se para estabelecer limites entre o discurso próprio e o discurso do outro.

A terceira e última citação que aparece neste texto é encontrada no último parágrafo, ou seja, na conclusão. Dessa vez, o candidato faz uso das ideias do sociólogo Émile Durkheim. Da mesma forma que fez com a primeira citação, o candidato utilizou as palavras do sociólogo e apresentou-as por meio do discurso indireto, mescladas nas próprias ideias, com a intenção de manifestar concordância com a ideia alheia e de conferir autoridade ao que está defendendo, ou melhor, concluindo nesta etapa do texto. O estilo, então, é pictórico, pois não houve demarcação de palavra própria e palavra alheia, mas sim uma mescla de discursos produzida com bastante autonomia.

Essa última citação também não faz parte do discurso da coletânea, revelando, novamente, a bagagem do aluno construída ao longo da vida escolar e de leituras realizadas. Tanto a teoria de Eric Hobsbawm quanto as teorias de Émile Durkheim são trabalhadas na escola nas aulas de história, sobretudo.

Ao analisar o texto como um todo, entendemos que ele foi elaborado de modo coerente, pois do início ao fim, inclusive nos momentos de diálogo com a palavra alheia, é perceptível a atenção que o candidato atribuiu à palavra citada e ao modo como ela seria apresentada. Ao manifestar concordância, preferiu mesclar as palavras alheias às próprias, nitidamente demonstrando autoridade. Mas ao discordar de um discurso, preferiu limitar e estabelecer fronteiras entre o que é dele e o que não é, a fim de que o corretor entenda seu posicionamento. Isso também reflete que o candidato constrói o texto com a imagem de um interlocutor, que no caso é o corretor, pois parece se preocupar com o modo como as ideias foram apresentadas.

Redação 05- 2003

REDAÇÃO

5246-01 4

Oxímoro brasileiro

Diariamente, o contato com notícias de jornais e telejornais televisivos revela dados que nos permitem analisar a situação tanto social quanto econômica de nosso país. Embora muitas sejam animadoras, é evidente a constatação de que antigas marcas continuam a apertar a historicamente castigada manivela da população brasileira. Problemas tão antigos que, ao longo dos anos, continuam sem soluções e as constantes denúncias de fraudes e corrupção de nossos governamentos são motivos suficientes para fomentar a desconfiança dos cidadãos em ~~nosso~~ ^{nosso} país. O quadro que encontramos, porém, é bastante diferente.

É verdade que a população brasileira sempre submeteu-se às vontades de uma minúscula componente da elite governante, detentora dos poderes políticos e econômico, a qual confundiu (e, talvez, ainda confunda) os interesses do país com os seus próprios. É verdade, também, que, diante do grave quadro da vida sócio-econômica brasileira, no qual constata-se, segundo informações recentes, que um terço da população brasileira sobrevive mensalmente com um salário inferior a meio salário mínimo, os escândalos de desvios de verbas públicas, destinadas a melhorias sociais, intensificaram-se. Diante disso, observando-se que muitos dos problemas populares em grande parte têm origem em atos insanos daqueles que comandam a nação, reclamações e falta de perspectivas da população seriam até que fundamentadas.

Apesar dessa desanimadora situação, porém, ~~se~~ notamos, como também constata o jornalista Zecconi Ventura, de Folha de São Paulo, que a subjugada imensa maioria de brasileiros continua otimista e confiante de melhoras em seu futuro, reflexo de sua, embora sob constantes provocações, ainda inabalada auto-estima. Seja por meio de revoluções armadas, seja através de pacíficas greves de operários, a mesma História que nos mostra o cruel quadro das disparidades sociais brasileiras nos permite inferir que estamos a procura de soluções. Embora amplifiquem-se as denúncias de corrupção, o aumento do número de CPI's e punições e transgressões também nos mostra mudanças na desacreditada Justiça brasileira.

Através dos argumentos expostos acima, verificamos que, ainda que as reclamações da população brasileira sejam frequentes, frutos da ~~histórica~~ ~~situacional~~ historicamente problemática situação de vida social do país, a confiança e vontade de mudanças da população em busca de um país melhor são características da auto-confiante população brasileira. É a História e as recentes mudanças vêm a confirmar esse fato.

Transcrição da Redação 05- 2003

Oxímoro brasileiro

Diariamente, o contato com notícias de jornais e telejornais televisivos revela dados

que nos permitem analisar a situação tanto social quanto econômica de nosso país. Embora muitas sejam animadoras, é evidente a constatação de que antigas manchas continuam a açoiar a historicamente castigada maiúscula parcela da população brasileira. Problemas tão antigos que, ao longo dos anos, continuam sem solução e as constantes denúncias de fraudes e corrupções de nossos governantes são motivos suficientes para fomentar a descrença dos cidadãos em nosso país. O quadro que encontramos, porém, é bastante diferente.

É verdade que a população brasileira sempre submeteu-se às vontades de uma minoria componente da elite governante, detentora dos poderes político e econômico, a qual confundia (e, talvez, ainda confunda) os interesses do país com os seus próprios. É verdade, também, que, diante do grave quadro da vida sócio-econômica brasileira, no qual constata-se, segundo informações recentes, que um terço da população brasileira sobrevive mensalmente com um salário inferior a meio salário mínimo, os escândalos de desvios de verbas públicas, destinadas a melhorias sociais, intensificaram-se. Diante disso, observando-se que muitos dos problemas populares em grande parte tem origem em atos insanos daqueles que comandam a nação, reclamações e faltas de perspectivas da população seriam até que fundamentadas.

Apesar dessa desanimadora situação, porém, notamos, como também constata o jornalista Zuenir Ventura, da Folha de São Paulo, que a subjugada imensa maioria de brasileiros continua otimista e confiante de melhoras em seu futuro, reflexo de sua, embora sob constantes provações, ainda inabalada auto-estima. Seja por meio de revoluções armadas, seja através de pacíficas greves de operários, a mesma História que nos mostra o cruel quadro das disparidades sociais brasileiras nos permite inferir que estamos a procura de soluções. Embora amplifiquem-se as denúncias de corrupções, o aumento do número de CPI's e punições a transgressores também nos mostra mudanças na desacreditada Justiça brasileira.

Através dos argumentos expostos acima, verificamos que, ainda que as reclamações da população brasileira sejam frequentes, frutos da historicamente problemática situação de vida social do país, a confiança e vontade de mudanças da população em busca de um país melhor são características da auto-confiante população brasileira. E a História e as recentes mudanças vêm a confirmar esse fato.

Análise

Ainda em 2003, a quinta redação que compõe o *corpus* também apresenta citação. O texto apresenta, em toda sua extensão, assim como os outros, problemas sociais pelos quais o Brasil passa. Percebemos que o candidato alimenta uma tese positiva em relação à autoestima do brasileiro, ou seja, apesar dos problemas, ainda acredita em um país melhor.

Na argumentação o candidato segue a mesma linha de raciocínio proposta na introdução: primeiro demonstra quais são os problemas evidentes no país e, em seguida, apresenta ideias concessivas, ou seja, demonstra que, apesar do cenário social e político não ser dos melhores, ainda há um certo otimismo proveniente de uma grande parcela da população. No primeiro argumento, o candidato apresenta as mazelas presentes na nação, discorrendo sobre a dominação do governo exercida na população e principalmente sobre

problemas econômicos, já que boa parte das pessoas ainda têm um salário mensal inferior ao salário mínimo. Conclui o parágrafo dizendo que seria comum esperarmos que a população se revoltasse ou não acreditasse mais nas possíveis mudanças do país.

Entretanto, no argumento dois o teor do argumento é alterado. Isso significa que ao invés de discorrer sobre o pessimismo da população, o autor adentra no tema da autoestima, afirmando que ela ainda permanece positiva na população brasileira. Para defender que a população permanece com a autoestima inabalada, o candidato apresenta a existência de manifestações, greves, o que, para ele, indica que a população não desistiu de lutar por um país melhor. Para reforçar o próprio discurso, utiliza uma citação da coletânea. O candidato dialoga com Zuenir Ventura, jornalista da Folha de São Paulo, o qual também defende que, apesar dos problemas, ainda encontramos uma população esperançosa. A citação aqui é elaborada por meio da utilização do discurso indireto, ou seja, o candidato não cita a coletânea fielmente, mas se apropria do discurso do jornalista e o reproduz com as próprias palavras. Pode-se entender que ao não citar diretamente a coletânea, o candidato visa preservar sua imagem diante do corretor, visto que pode não ser apropriado copiar trechos da própria prova. Assim, numa tentativa de demonstrar maior conhecimento, o candidato preferiu apresentar o discurso alheio indiretamente. Ao citar a palavra do outro por meio do discurso indireto, foi utilizada a variante analisadora do conteúdo, visto que o candidato não fez questão de demarcar o que era exatamente a palavra alheia e mesclou as ideias do jornalista com as próprias.

Em relação ao estilo, entende a utilização do estilo pictórico, visto que o candidato insere juízo de valor ao discurso do jornalista, demonstrando concordância em relação ao discurso citado e mesclando os discursos. Essa concordância é manifestada pela utilização de algumas marcas linguísticas, como o uso do “também”, depois do verbo constata, demonstrando que a ideia dele e a citação são afins.

O candidato conclui reafirmando todas as ideias trabalhadas ao longo do texto e conserva o posicionamento de que a autoestima do brasileiro é mantida, por um povo que ainda luta e trabalha, apesar das adversidades.

Em comparação aos outros textos, percebe-se que todos mantêm a mesma postura crítica em relação à situação política do país naquele momento, a qual se mantém atualmente. Porém, enquanto os dois primeiros textos apresentam uma postura crítica e irônica, este último não ironiza as crenças e costumes do povo, ao contrário, reforça a esperança dele em relação à nação.

5.2.3 Redações ano 2004

Redação 01- 2004

Atenção: Leia atentamente as instruções na página 3 do caderno de questões antes de preencher essa folha.

01 O presente como a principal fase de nossas vidas.

02 A relação do homem com o tempo foi e, ao que tudo indica, sempre

03 será, marcada pela dúvida e pelo constante questionamento. Já no século quinto,

04 Santo Agostinho, em sua grande obra "Confissões", abordava o tema do

05 presente que já foi futuro e que será passado. Isto só para lembrar,

06 de maneira sintética, uma das principais questões que o homem faça

07 respeito. Outro ponto fundamental nessa ~~seleção~~ ~~celeuma~~ é a impor-

08 tância dispensada a estes três elementos do tempo pelo ser humano.

09 Alguns valorizam o passado, como Eric Hobsbawm que, historiador como

10 é, vê no passado nele uma preciosa maneira de se entender o presen-

11 te; outros, como Herberto Linhares, consideram o presente como o elemen-

12 to principal de nossas vidas, não sendo nele quaisquer relações com o

13 passado ou o futuro; entretanto, também há quem veja no futuro a

14 hora e a vez de grandes feitos serem realizados, como, por exem-

15 plo, Chico Buarque, que em sua música "Futuro Amantes" ensaia

16 no futuro a consumação do amor.

17 Percebe-se, nas três abordagens, diferentes tratamentos às concepções

18 preferidas: Hobsbawm considera o passado importante, mas não se esquece do

19 presente, não se mantendo preso ao que já foi; Linhares é intransigente em sua

20 defesa do presente, visto que o desvincula do passado e do futuro; e Buarque tem

21 uma visão política do futuro, reforçando tal visão com fantasias e suposições. Com

22 isto, depreende-se que diferentes argumentações dependem de diferentes enfoques.

23 Considero a tese de Linhares a que mais corresponde à realidade, embora

24 precise fazer algumas ressalvas no tocante à sua argumentação. É embora eu

25 creia que o presente é a etapa principal em nossas vidas, acredito que preci-

26 samos do passado para compreendermos certos aspectos dele, e que o pre-

27 sente lance as sementes do que ocorrerá no futuro. Concordo com Linhares

28 quanto à necessidade de vivermos o presente e acompanharmos suas mu-

29 danças, pois assim, não ficaremos presos ao que já se foi e nem faremos

30 planos in realizáveis para o futuro; mas precisamos do passado para

31 aprendermos com ele, e com o que ~~consta~~ ~~construímos~~ hoje, lançarmos

32 as bases para um futuro digno.

33

34

© Redação - FIVEST 2004

Transcrição Redação 01- 2004

O presente como a principal fase de nossas vidas.

A relação de homem com o tempo foi e, ao que tudo indica, sempre será, marcada pela dúvida e pelo questionamento. Já no século quinto, Santo Agostinho, em sua grande obra "Confissões", abordava o tema do presente que já foi futuro e que será passado. Isto só para lembrar,

de maneira sintética, uma das principais questões que o homem faz a respeito. Outro ponto fundamental nessa celeuma é a importância dispensada a estes três elementos do tempo pelo ser humano. Alguns valorizam o passado, como Eric Hobsbawm que, historiador como é, vê nele uma preciosa maneira de se entender o presente; outros, como Herberto Linhares, consideram o presente como o elemento principal de nossas vidas, não vendo nele quaisquer relações com o passado ou o futuro; entretanto, também há quem veja no futuro a hora e a vez de grandes feitos serem realizados, como, por exemplo, Chico Buarque, que em sua música "Futuros Amantes" enxerga no futuro a consumação do amor.

Percebe-se, nas três abordagens, diferentes tratamentos às concepções preferidas: Hobsbawm considera o passado importante, mas não se esquece do presente, não se mantém preso ao que já foi; Linhares é intransigente em sua defesa do presente, visto que o desvincula do passado e do futuro; e Buarque tem uma visão poética do futuro, reforçando tal visão com fantasias e suposições. Com isto, depreende-se que diferentes argumentações dependem de diferentes enfoques.

Considero a tese de Linhares a que mais corresponde à realidade, embora precise fazer algumas ressalvas notocante à sua argumentação. Embora creia que o presente é a etapa principal em nossas vidas, acredito que precisamos do passado para compreendermos certos aspectos dele, e que o presente lança as sementes do que ocorrerá no futuro. Concordo com Linhares quanto à necessidade de vivermos o presente e acompanharmos suas mudanças, pois assim, não ficaremos presos ao que já se foi e nem faremos planos irrealizáveis para o futuro; mas precisamos do passado para aprendermos com ele, e como que construímos hoje, lançaremos as bases para um futuro digno.

Análise

O tema proposto pela FUVEST no ano de 2004 pediu que os candidatos discorressem sobre as diversas concepções de tempo. Cada um dos três textos da coletânea apresentava uma concepção distinta, conforme já apresentado na descrição dos temas, no capítulo quatro deste trabalho. A própria formulação do tema, em 2004, condicionava os candidatos a dialogarem com a coletânea. O texto 1 deste ano de 2004 atende ao que foi proposto na coletânea, pois discorre sobre as diversas concepções temporais. O texto é composto por três parágrafos.

No primeiro parágrafo, a introdução, o candidato apresenta que a relação do homem com o tempo sempre foi conflituosa e que desde os tempos mais antigos o homem se questiona em relação às concepções do tempo. Já na introdução o candidato dialoga com a coletânea expondo, além do próprio repertório, também as concepções de tempo apresentadas pelo autor de um dos três textos.

No segundo parágrafo ele continua dialogando com as ideias dos três textos da coletânea, visto que explica as concepções de tempo para cada autor e diz que os diferentes

argumentos existentes em relação ao tempo dependem do enfoque que se dá a elas. É somente no terceiro e último parágrafo que o candidato apresenta a manifestação de sua opinião, quando utiliza a 1ª pessoa do singular e manifesta concordância com a manifestação de tempo proposta por Herberto Linhares, ou seja, o candidato defende a ideia de que deve haver maior valorização do presente, pois o passado já não existe e o futuro é apenas composto por incertezas.

No primeiro parágrafo é apresentada a citação das ideias de Santo Agostinho em relação ao tempo. O discurso de que o Santo considera o presente como algo que já foi futuro e se tornará passado é apresentado de forma indireta, justamente porque não são expostas as palavras do Santo, mas apenas a ideia central do discurso dele. Percebe-se, neste caso, a presença da variante analisadora do conteúdo, pois não demarca claramente, por meio de aspas, por exemplo, o discurso alheio, mas o mescla com suas próprias palavras.

Em relação ao diálogo construído com as ideias da coletânea, é possível perceber que o candidato não utiliza discurso direto nem indireto para apresentá-las. O candidato apresenta apenas comentários em relação às ideias dos autores, descrevendo-as, ampliando-as, sem citar especificamente e apenas elabora referências. Isso pode ser comprovado quando se analisa os recursos linguísticos utilizados durante o texto. Em nenhum momento no enunciado construído o candidato utiliza verbos de dizer. O diálogo é construído por meio de verbos que não demarcam citação, apenas a presença de referências.

No primeiro momento, ou seja, na introdução, o candidato insere o discurso dos autores como sendo mais um dentre um grupo de autores que pensam daquela mesma forma. Ou seja, ao expor o discurso de Hobsbawm o autor constrói a seguinte estrutura: “Alguns valorizam o passado [...], para citar o discurso de Linhares utiliza “outros como Herberto Linhares” E generaliza também ao citar o discurso de Chico Buarque, quando constrói “há quem acredita [...]”. Desse modo, depreendemos que o candidato traz o discurso alheio elaborando certo distanciamento e, ao usar verbos como “valorizar”, “acreditar” não se percebe a construção da citação, visto que esses verbos não se encaixam naquilo que consideramos como verbos de elocução.

No segundo parágrafo, ou seja, no parágrafo de desenvolvimento, o candidato não repete a estrutura do parágrafo anterior, ou seja, não insere os autores em um grupo maior, mas mantém a apresentação das ideias deles por meio apenas de comentários. Isso pode ser constatado pelos verbos e o modo como eles estão sendo utilizados. O candidato simplesmente utiliza os discursos alheios para apresentar as ideias, e, pelo menos nesses parágrafos, não as refuta e nem as confirma, apenas as apresenta.

Se formos pensar na relação que o candidato- autor- estabelece com a proposta, entende-se que o candidato busca construir o texto como uma resposta ao que a banca examinadora propôs, visto que constrói um enunciado focado nas diversas concepções de tempo. Ao não citar percebe-se que houve a tentativa, por parte do candidato de não copiar as ideias da coletânea, pois isso é orientado no próprio manual para que não seja feito.

O candidato só vai manifestar concordância com as ideias apresentadas ao longo do texto somente no último parágrafo, quando afirma concordar com Linhares com a concepção de tempo proposta por ele. Esse tema é bastante interessante para se pensar na relação entre leitura e escrita, já que se orienta que o candidato leia a coletânea e a partir dela depreenda as diversas concepções de tempo. O candidato que produziu o texto 01 apresenta explicações coerentes ao que os textos apresentavam, talvez justificando, então, o porquê de o texto produzido por ele está entre os melhores.

Redação 02- 2004

Atenção: Leia atentamente as instruções na página 3 do caderno de questões antes de preencher essa folha.

01 Vivemos num tempo no qual o passado é dispensável, o presente é fal-
02 samente vivido e o futuro é descaracterizado de sua poesia.

03 Hoje conhecer o passado para melhor compreender o presente, logo ter
04 uma melhor visão do futuro, não é estimulado, pois aquele que conhece a His-
05 tória torna-se um chato contestador, tão inconveniente para a atual cultu-
06 ra da alienação do racionalismo cínico que nos cerca e que a tudo cobra uma
07 lógica baseada em cifras.

08 Hoje viver o presente é se submeter à ideologia do "tempo é dinheiro". É
09 estar constantemente se atualizando, desesperadamente se reciclando, passiva-
10 mente se conformando com sua condição de condenado ao trabalho ingrato que
11 mais cobra do que retribui. O presente é sacrificado em prol de particulares, estes
12 sim soberanos do seu presente. Aquele que sacrifica o seu presente para o benefi-
13 cio de outros poderia ingenuamente pensar: "ao menos o meu esforço será recom-
14 pensado no futuro". Mas qual futuro? Apenas um futuro patético lhe espera, no qual
15 ele estará velho, doente, recebendo uma aposentadoria indigna, além da insupor-
16 tável frustração de olhar para trás e ver a vida medíocre que teve, longe de si
17 mesmo, dos familiares e amigos, em favorecimento a interesses alheios.

18 Hoje o futuro utópico e poético é considerado parte do passado, é "jurássico".
19 São desencorajadas todas as sugestões para um mundo alternativo e me-
20 lhor. O único amanhã possível é o do progresso desenfreado, mesquinho
21 e irresponsável que apenas beneficia uma minoria em detrimento do resto.
22 As utopias foram enterradas e o ambiente propício para o surgimento de
23 novas são constantemente ridicularizadas quando não combatidos ferrenhamente
24 a ponto da educação ser considerada não mais uma ferramenta de inclusão e
25 transformação social, mas sim um meio para atender às necessidades
26 do racionalismo que nos domina.

27 Para termos um passado mais glorioso, um presente mais gratifica-
28 te e um futuro mais esperançoso, é necessário conhecermos a História.
29 Somente por meio dela encontraremos as causas da atual configuração
30 do mundo, assim como consequentemente teremos a base necessária
31 para combater a atual ideologia hegemônica, assim como oferecer
32 ao mundo novas utopias, novas esperanças.

33
34

© Redação - FUVEST 2004

Transcrição da Redação 02 – 2004

Vivemos o tempo no qual o passado é dispensável, o presente é fal-
samente vivido e o futuro é descaracterizado de sua poesia.

Hoje conhecer o passado para melhor compreender o presente, logo ter
uma melhor visão do futuro, não é estimulado, pois aquele que conhece a His-
tória torna-se um chato contestador, tão inconveniente para a atual cultu-
ra do racionalismo cínico que nos cerca e que a tudo cobra uma
lógica baseada em cifras.

Hoje viver o presente é se submeter à ideologia do "tempo é dinheiro". É
estar constantemente se atualizando, desesperadamente se reciclando, passiva-
mente se conformando com sua condição de condenado ao trabalho ingrato que
mais cobra do que retribui. O presente é sacrificado em prol de particulares, estes
sim soberanos do seu presente. Aquele que sacrifica o seu presente para o benefi-
cio de outros poderia ingenuamente pensar: "ao menos o meu esforço será recom-
pensado no futuro". Mas qual futuro? Apenas um futuro patético lhe espera, no qual
ele estará velho, doente, recebendo uma aposentadoria indigna, além da insupor-
tável frustração de olhar para trás e ver a vida medíocre que teve, longe de si
mesmo, dos familiares e amigos, em favorecimento a interesses alheios.

Hoje o futuro utópico e poético é considerado parte do passado, é "jurássico".
São desencorajadas todas as sugestões para um mundo alternativo e me-
lhor. O único amanhã possível é o do progresso desenfreado, mesquinho

e irresponsável que apenas beneficia uma minoria em detrimento do resto. As utopias foram enterradas e o ambiente propício para o surgimento de novas utopias constantemente ridicularizadas quando não combatidas ferrenhamente, apontando a educação ser considerada não mais uma ferramenta de inclusão e transformação social, mas sim um meio para atender às necessidades do racionalismo que nos domina.

Para termos um passado mais glorioso, um presente mais gratificante e um futuro mais esperançoso, é necessário conhecermos a História. Somente por meio dela encontraremos as causas da atual configuração do mundo, conseqüentemente teremos a base necessária para combater a atual ideologia hegemônica assim como oferecer ao mundo novas utopias, novas esperanças.

Análise

A redação 02 do ano de 2004 foge ao esperado em relação à citação da coletânea. Por ser orientado na proposição sobre o uso da coletânea, imaginamos que os candidatos, em sua maioria, dialogariam, seja por meio de citações ou não, com as vozes dos autores presentes nos textos apresentados. Enquanto o texto 01 de 2004 confirma isso, o texto 02 desconstrói essa ideia. O candidato atendeu ao que foi pedido quando trouxe para o texto as diferentes concepções de tempo, ou seja, o texto apresenta as noções de passado, presente e futuro, mas sem dialogar diretamente com a coletânea.

O candidato inicia o texto falando que, atualmente, as três concepções de tempo estão sendo desconsideradas e criticadas e especificamente na introdução já discorre sobre o passado, dizendo que não há mais o interesse coletivo em se estudar o passado, considerando que os indivíduos estão mais preocupados com o estilo de vida que estão levando, em busca de produtividade e dinheiro. Já no segundo parágrafo o candidato discorre sobre o presente, afirmando que, da mesma forma que o passado, as pessoas não o valorizam, visto que o perdem em prol da valorização da ideologia capitalista existente. Os indivíduos não destinam mais tempo a viver o atual momento, pois a preocupação destina-se a ganhar dinheiro.

Da mesma forma, no terceiro parágrafo, o candidato discorre sobre o futuro, demonstrando que a mesma lógica do passado e do presente se encaixa nessa concepção de tempo. Para o candidato, o futuro perdeu o encanto e a poesia, sendo que a única esperança de futuro está ligada à concepção de progresso, ideia também relacionada ao dinheiro.

Neste enunciado, como já foi dito, o candidato não dialoga especificamente com as ideias da coletânea, mas atende ao que foi pedido por apresentar três concepções distintas de tempo. A citação está presente no segundo parágrafo quando o candidato cita, por meio do

discurso direto, um discurso do senso comum. O candidato apenas faz uma referência à ideologia capitalista e cita diretamente o enunciado proferido pelo senso comum de que “tempo é dinheiro”.

Pode-se interpretar essa citação de diversas formas. A utilização do discurso direto pode ter ocorrido porque, sendo um enunciado de fácil memorização, não havia necessidade de citar indiretamente. Outro motivo é que, apesar de as ideias desenvolvidas pelo candidato concordarem com aquilo que a citação está trazendo, o candidato não parece manifestar concordância em relação à ideologia, pois durante todo o texto critica essa forma de pensamento, já que, segundo o candidato, os indivíduos perdem passado, presente e futuro para seguir a esse pensamento.

Enxerga-se, então, a presença do estilo linear, já que o candidato estabelece fronteiras claras entre o que é discurso seu e discurso do outro. O uso do discurso direto também pode ser considerado como um recurso que demonstra autonomia, visto que, por se tratar de um discurso do senso comum, é melhor se afastar dele, já que na redação do vestibular, segundo aquilo que é apresentado na escola, em cursos pré-vestibular, em videoaulas na internet, não é recomendável construir a própria argumentação baseado em um discurso popular.

5.2.4 Redações ano 2005

Redação 02 – 2005

A Atenção: Leia atentamente as instruções na página 3 do caderno de questões antes de preencher essa folha.

Acesso restrito

Uma catraca enferrujada, exposta num pedestal em São Paulo, suscitou debates e gerou polêmica, inicialmente a respeito do conceito de arte. Entretanto, depois que o grupo artístico "Contra Filé", responsável pela colocação da catraca, assumiu o feito e apresentou seus argumentos, novos debates e discussões surgiram, agora a respeito da "descatracalização da vida" proposta por esses artistas.

O grupo em questão alega que a catraca exposta é uma alegoria da "catraca invisível", a qual, por sua vez, representa as forças controladoras do homem contemporâneo. Para o "Contra Filé", há um excesso de forças coercivas no mundo atual, e a polêmica reside justamente na validade ou não dessa afirmação.

A contenção da liberdade humana já ocorre desde a criação do Estado. De acordo com Thomas Hobbes, autor de "O Leviatã", o homem aceita a limitação de liberdades individuais em troca da proteção fornecida pelo Estado. Desse modo, através de um "contrato social" que restringe certas liberdades, tornou-se possível a vida em sociedade.

Entretanto, observando certos fatos e aspectos do mundo atual, pode-se dizer que hoje há uma limitação excessiva, como constatou o grupo artístico. No Brasil, a violência e a barbárie nas grandes cidades foram responsáveis por limitar ainda mais o acesso da população aos mais diversos locais. Nos Estados Unidos, Israel e Espanha não construídos grandes muros a fim de conter a entrada de mexicanos, palestinos e africanos, respectivamente. Esses são apenas alguns exemplos a partir dos quais é possível notar, então, que a existência de tantas limitações está intimamente ligada à enorme desigualdade existente não só entre os brasileiros, mas também entre os países.

Essas catracas visíveis não, portanto, alguns dos instrumentos que justificam a desigualdade acentuada a cada dia pelo capitalismo. Há de se derrubar, além destas, as catracas invisíveis controladoras dos cidadãos, a fim de que seja combatida tanta desigualdade. O programa de "descatracalização da vida" proposto pelo "Contra Filé" é totalmente pertinente, pois, de fato, luta a favor de maior igualdade, querendo esse indispensável para que se alcance um mundo melhor e mais justo.

© Redação - FUVEST 2005

Transcrição da Redação 02- 2005

Acesso restrito

Uma catraca enferrujada, exposta num pedestal em São Paulo, suscitou debates e gerou polêmica, inicialmente a respeito do conceito de arte. Entretanto, depois que o grupo artístico "Contra Filé", responsável pela colocação da catraca, assumiu o feito e apresentou seus argumentos, novos debates e discussões surgiram, agora a respeito da "descatracalização da vida" proposta por esses artistas.

O grupo em questão alega que a catraca exposta é uma alegoria da "catraca invisível", a qual, por sua vez, representa as forças controladoras do homem

contemporâneo. Para o "Contra Filé", há um excesso de forças coercivas no mundo atual, e a polêmica reside justamente na validade ou não dessa afirmação.

A contenção da liberdade humana já ocorre desde a criação do Estado. De acordo com Thomas Hobbes, autor de "O Leviatã", o homem aceitou a limitação de liberdades individuais em troca da proteção fornecida pelo Estado. Desse modo, através de um "contrato social" que restringe certas liberdades, tornou-se possível a vida em sociedade.

Entretanto, observando certos fatos e aspectos do mundo atual pode-se dizer que hoje há uma limitação excessiva, como constatou o grupo artístico. No Brasil, a violência e a barbárie nas grandes cidades foram responsáveis por limitar ainda mais o acesso da população aos mais diversos locais. Nos Estados Unidos, Israel e Espanha são construídos grandes muros a fim de conter a entrada de mexicanos, palestinos e africanos, respectivamente. Esses são apenas alguns exemplos a partir dos quais é possível notar, então, que a existência de tantas limitações está intimamente ligada à enorme desigualdade existente não só entre os brasileiros, mas também entre os países.

Essas catracas visíveis são, portanto, alguns dos instrumentos que justificam a desigualdade acentuada a cada dia pelo capitalismo. Há de se derrubar, além destas, as catracas invisíveis controladoras dos cidadãos, a fim de que seja combatida tanta desigualdade. O programa de "descatracalização da vida" proposto pelo "Contra Filé" é totalmente pertinente, pois, de fato, luta a favor de maior igualdade, quesito esse indispensável para que se alcance um mundo melhor e mais justo.

Análise

O tema de 2005 apresentou o tema: "Descatracalização da Vida". Essa proposta surgiu de um movimento o qual visava romper as barreiras visíveis e invisíveis que compõem a sociedade. Por ser um tema que trata de um movimento novo e desconhecido por muitos, neste ano os candidatos restringiram o desenvolvimento das ideias àquilo que estava sendo apresentado na coletânea.

A redação 02 deste ano, nos dois primeiros parágrafos, tanto na introdução quanto no primeiro argumento apresentam o movimento organizado pelo grupo "Contra-Filé". Além de apresentar as propostas do grupo, o candidato, ao final do segundo parágrafo, expõe a polêmica levantada: há um excesso de controle em relação aos indivíduos na sociedade. É interessante observar neste texto que, depois de apresentar o movimento, o candidato passa a desenvolver as próprias ideias em torno daquilo que é central no movimento do grupo.

A única citação presente neste trecho traz o discurso de Thomas Hobbes, em "O Leviatã", o qual afirma que há um ser responsável pela manutenção da ordem em uma sociedade, um ser que tem o poder de controlar tudo e restringir as liberdades individuais. A citação é apresentada por meio do discurso indireto por meio da variante analisadora da expressão e isso pode ser comprovado por meio de recursos linguísticos utilizados pelo candidato.

A locução conjuntiva: “De acordo com”, já chama a atenção do corretor para a existência de uma outra voz no texto, além disso, não há, por exemplo, a delimitação de um discurso por meio do uso das aspas. O candidato apresenta o dizer de Hobbes por meio das próprias palavras, o que configura discurso indireto. Ao pensarmos na variante do discurso indireto utilizada, entendemos que há o uso da variante analisadora do conteúdo, haja vista que não houve delimitação do discurso alheio e sim uma mescla de enunciados – o do eu e o do outro se misturam e, neste caso, complementam-se.

Ao pensar nos motivos pelos quais o candidato apresentou essa citação dessa forma, pode-se sugerir que, durante a prova, é complicado lembrar o enunciado exato construído e exposto em livro, assim, fica mais fácil retomar e citar as ideias centrais do que lembrar o dizer tal como aparece na obra.

Ao pensar em estilo, segundo o que foi proposto por Bakhtin/Volochínov, tem-se neste texto uma representação do estilo pictórico, já que é possível enxergar a mescla do discurso do candidato com o discurso alheio. É evidente que, por apresentar o nome do livro e o nome do autor, houve a delimitação de quem é o discurso, mas as palavras citadas foram apresentadas sem a demarcação de aspas, além disso, houve a exposição de um juízo de valor do candidato em relação à palavra alheia. Esse juízo de valor não necessariamente pode ser visto no mesmo parágrafo, mas a concordância ideológica manifesta-se ao longo de todo texto com base naquilo que foi desenvolvido ao longo de toda a dissertação.

Percebe-se que o candidato recuperou o repertório de sua bagagem, pois a coletânea só apresentou dados relacionados à explicação do movimento. Percebe-se também nessa dissertação a presença da interdisciplinaridade, visto que o candidato dialoga com um conteúdo da história/filosofia para compor a citação. Isso é algo esperado, sobretudo nos anos mais recentes, após o discurso do Enem sobre a demonstração de um repertório. Mas como essa redação é do ano de 2005, não se pode dizer que houve influência de recomendações provindas de outras provas, apenas uma relação entre a leitura de textos filosóficos e a composição da escrita com base nesse diálogo.

Pode-se pensar na construção dessa interdisciplinaridade como fruto daquilo que é construído na esfera escolar, em que o aluno aprende diversos conteúdos e disciplinas e é estimulado, inclusive seguindo aquilo que os próprios PCNs propõem, a construir uma bagagem interdisciplinar, em que as matérias devem ser relacionadas a fim de proporcionar um aprendizado completo, amplo e coerente com aquilo que o aluno vivencia dentro e fora da escola.

Redação 05- 2005

A Atenção: Leia atentamente as instruções na página 3 do caderno de questões antes de preencher essa folha. B

01 **Catracas e grilhões**

02 O grupo artístico "Contra Filé" ergueu um Monumento à Catraca Invi-
03 sível, na forma de uma catraca sobre um pedestal. O monumento foi
04 a princípio um mistério, pois surgiu em pleno largo do Arouche, de
05 noite para o dia, sem aviso. Na placa preta que dava nome ao
06 objeto, havia também a inscrição "Programa para a Descatracalização
07 da Vida", que, depois se esclareceu, é um projeto des envolvido
08 pelo "Contra Filé".

09 Enterrujada e deteriorada, a catraca parece materializar a
10 opinião do grupo sobre as "catracas invisíveis": as restrições
11 ocultas à liberdade, os "podres poderes" de Caetano, a opressão ~~sub~~
12 ~~liminar~~ subliminar e irresistível, o "controle biopolítico" pelo capi-
13 tal e pelo governo, como o próprio grupo define.

14 Por que "biopolítico"? A clássica revolta contra a opressão po-
15 lítica e econômica junta-se aquela contra a opressão racial, ainda
16 mais legítima. Unem-se em uma só palavra problemas com dife-
17 rentes origens históricas e expressões sociais. Cria-se quase uma
18 teoria conspiratória para basear o manifesto. A julgar pelo ~~monu~~
19 ~~monu~~ monumento, o programa parece, apesar das boas intenções, pas-
20 sar longe de uma solução para os problemas que expõe.

21 É difícil conceber a vida grande-urbana sem que haja diferenças
22 sociais. Mais difícil ainda imaginá-la sem a presença de poderes e-
23 conômicos e políticos - ainda que se questione a quem eles são
24 conferidos. A "descatracalização da vida", no âmbito social, pareceria
25 apontar para a extinção desses poderes, mas eles sempre se reconsti-
26 tuem, como a História humana prova. E são sempre mais ferozes
27 e injustos quanto maior a massa dominada.

28 Porém o Programa do "Contra Filé" acerta num ponto, que é a
29 conscientização universal. A solução para os problemas do Brasil e
30 do mundo tem que passar pela libertação dos grilhões da ignorância
31 intelectual e cultural. O autoconhecimento e a consciência de si e
32 do mundo é a grande revolução que pode realmente sanar o
33 mundo. Resta-nos unir esforços para que, no esforço de se "descatracali-
34 zar", o povo se autodescubra e, um dia, se desagrilhoie.

© Redação - FUVEST 2005

Transcrição da Redação 05- 2005

Catracas e grilhões

O grupo artístico "Contra Filé" ergueu um Monumento à Catraca Invi-

sível, na forma de uma catraca sobre um pedestal. O monumento foi a princípio um mistério, pois surgiu em pleno largo do Arouche, da noite para o dia, sem aviso. Na placa preta que dava nome ao objeto havia também a inscrição "Programa para a Descatracalização da Vida", que, depois se esclareceu, é um projeto desenvolvido pelo "Contra Filé".

Enferrujada e deteriorada, a catraca parece materializar a opinião do grupo sobre as "catracas invisíveis": as restrições ocultas à liberdade, os "podres poderes" de Caetano, a opressão subliminar irresistível, o "controle biopolítico" pelo capital e pelo governo, como o próprio grupo define.

Por que "biopolítico". À clássica revolta contra a opressão política e econômica junta-se aquela contra a opressão racial, ainda mais legítima. Unem-se em uma só palavra problemas com diferentes origens históricas e expressões sociais. Criou-se quase uma teoria conspiratória para basear o manifesto. A julgar pelo monumento, o programa parece, apesar das boas intenções, passar longede uma solução para os problemas que expõe.

É difícil conceber a vida grande-urbana sem que haja diferenças sociais. Mais difícil ainda imaginá-la sem a presença de poderes econômico e políticos – ainda que se questione a quem eles são conferidos. A "descatracalização da vida", no âmbito social, pareceria apontar para a extinção desses poderes, mas eles sempre se reconstituem, como a História humana prova. São sempre mais feroces e injustos quanto maior a massa dominada.

Porém o Programa do "Contra Filé" acerta num ponto, que é a conscientização universal. A solução para os problemas do Brasil é do mundo tem que passar pela libertação dos grilhões da ignorância intelectual e cultural. O autoconhecimento e a consciência de si e do mundo é a grande revolução que pode realmente sanar o mundo. Resta-nos unir esforços para que, no esforço de se "descatracalizar", o povo se autodescubra e, um dia, se desagrilhoar.

Análise

A quinta redação do ano de 2005, assim como a segunda e as outras deste mesmo ano, as quais não foram analisadas, apresenta, predominantemente, o que o movimento representa e como as barreiras podem ser vistas na sociedade.

A única citação que aparece neste texto é uma citação que apresenta limitações, considerando que o candidato não desenvolve sobre ela, apenas apresenta entre aspas a citação "podres poderes" e a atribui a Caetano Veloso. Percebe-se a citação por meio do discurso indireto com a variante analisadora de expressão, pois o candidato insere o discurso citado de Caetano em suas próprias palavras, mas ao invés de parafrasear ou comentar apenas, insere aspas de modo a demarcar o discurso alheio.

Sabe-se que “Podres Poderes” é uma música do cantor e compositor Caetano Veloso, a qual fala justamente sobre a dominação imposta na população e esses “podres poderes” podem realmente ser comparados com o controle exercido pelas catracas visíveis e invisíveis apresentadas pelo candidato durante o texto. Tem-se, neste caso, o estilo linear, considerando que a palavra do outro é demarcada com aspas e não há a presença de juízo de valor nenhum em relação ao que é exposto. O candidato apenas cita de modo a relacionar com o que está sendo desenvolvido.

É claro que, por compor a argumentação e por se tratar da mesma linha temática, entendemos que há uma manifestação de concordância do candidato em relação à palavra citada, porém, isso não fica explícito no texto.

Desse modo, o que se percebe nos textos do ano de 2005 é que as ideias e as citações presentes nos enunciados restringem-se à apresentação do movimento e de como esse controle é evidente na sociedade. Especificamente nesta redação – 2 do ano de 2005- encontramos certa dificuldade em delimitar se a citação poderia ser classificada como discurso indireto com variante analisadora de expressão ou como discurso direto. Entendemos que se trata do primeiro caso, considerando a construção linguística em torno das ideias. Porém, há diversos enunciados aqui analisados em que o candidato cita e, por elaborar marcas linguísticas que fogem ao comum, existem algumas dificuldades na delimitação das classificações das citações.

5.2.5 Redações Ano 2006

Atenção: Leia atentamente as instruções na página 3 do caderno de questões antes de preencher essa folha.

01 *labore et labora: um ciclo eterno*

02 O Trabalho é algo que faz parte da natureza humana, estando presente em diversas nações por séculos

03 de história. Sua definição e seu significado variaram muito de época para época, de camada social

04 para camada social e de região para região, mas a verdade é que o trabalho, com suas diversas acep-

05 ções, sempre foi fundamental na construção de nações e sociedades e permitiu também que o "motor

06 da história" hegeliano pudesse funcionar, mudando relações e realidades drasticamente e dando origem

07 ao mundo que conhecemos hoje.

08 Trabalhar certamente não é uma essência atemporal do homem. Como muitas outras coisas, o traba-

09 lho é fruto do razão humano, não passando de apenas mais uma das criações do homem. Entretanto,

10 afirmar que o trabalho assim como surgiu pode desaparecer e afirmar que o ser humano sua-

11 cepeza de deixar para trás tudo o que construiu e toda a cultura e valores que cultivou. O tra-

12 balho, apesar de ser uma criação, impregnou-se na essência do homem, de maneira que acabou

13 tornando-se uma característica de futuro de mesmo, sendo assim impossível de simplesmente des-

14 aparecer. Todas as relações humanas estão fundamentadas no ato de trabalhar. As diversas áreas de

15 estudo e atuação não como os pedregos de vidro de um mosaico, tão bem interconectados que geram

16 ordem e equilíbrio na formação de uma figura. Por isso o trabalho é fundamental, ele sempre

17 garantirá que todos os vitais ^{est} estiverem juntos, formando ^o mosaico que é a sociedade. Assim, todos

18 os tipos de trabalho estão ligados de alguma maneira.

19 É preciso lembrar também que qualquer trabalho é trabalho, ou seja, tem seus aspectos positivos e ne-

20 gativos. Alguns áreas geralmente são vistas como somente prazerosas, mas na realidade todos têm

21 a sua dificuldade. Os grandes artistas, por exemplo, não são normalmente vistos como pessoas que tiveram

22 rotinas não muito difíceis, com um trabalho que se parou mais com uma atividade de lazer. Entre-

23 tanto, poucos sabem que um trabalho como este exige uma vida inteira de dedicação. O pintor e es-

24 cultor italiano Michelangelo não era um "artista", este é na verdade um termo romântico surgido

25 no Alemanha do século XVIII. Michelangelo era um "artesão", um trabalhador com muito esforço que

26 levou uma vida para que pudesse dizer o seu famoso "Parlo!" ao seu ~~trabalho~~.

27 Muitos acreditavam que o trabalho levava ao progresso técnico, que por sua vez levava os homens a

28 desfrutarem mais a vida, dedicando menos tempo ao trabalho. Todavia, este idêntico positivista já foi há

29 tempo superado pois hoje, como todos sabem, o capitalismo exige muito mais de todos. O sociólogo Karl

30 Marx dizia que a especialização leva com que os trabalhadores tivessem que especializar-se cada vez mais

31 em uma área, a fim de superar as máquinas, perdendo a visão ampla de sua obra e tornando-se pes-

32 soas limitadas, em parte isso ocorreu já. Weber dizia que o avanço técnico levava à racionalidade no

33 trabalho, o que também ocorreu atualmente. O fato é que o trabalho sempre irá existir, exigindo mais

34 ou exigindo menos, pois ele já faz parte do universo de pensar, agir e viver das humanas.

Redação - FUVEST 2006

Transcrição da Redação 01-2006

Labore et labora: um ciclo eterno

O trabalho é algo que faz parte da natureza humana, estando presente em diversas nações por séculos de história. Sua definição e seu significado variaram muito de época para época, de camada social para camada social e de região para região, mas a verdade é que o trabalho, com suas diversas acepções, sempre foi fundamental na construção de nações e sociedades e permitiu também que o "motor da história" hegeliano pudesse funcionar, mudando relações e realidades drasticamente e dando origem ao mundo que conhecemos hoje.

Trabalhar não é certamente uma essência atemporal do homem. Como muitas outras coisas, o trabalho é fruto da razão humana, não passando de apenas mais uma das criações do homem. Entretanto, afirmar que o trabalho assim como surgiu pode desaparecer é afirmar que o ser humano seria capaz de deixar para trás tudo o que construiu e toda a cultura e valores que cultivou. O trabalho, apesar de ser uma criação, impregnou-se na essência do homem, de maneira que acabou tornando-se uma característica diuturna do mesmo, sendo assim impossível de simplesmente desaparecer. Todas as relações humanas estão fundamentadas no ato de trabalhar. As diversas áreas de estudo e atuação são como os pedaços de vidro de um mosaico, tão bem interconectados que geram ordem e equilíbrio na formação de uma figura. Por isso o trabalho é fundamental, ele sempre garantiu que todos os vidros estivessem juntos, formando este mosaico que é a sociedade. Assim, todos os tipos de trabalho estão ligados de alguma maneira.

E preciso lembrar também que qualquer trabalho é trabalho, ou seja, tem seus aspectos positivos e negativos. Alguns ofícios geralmente são vistos como somente prazerosos, mas na realidade todos têm a sua dificuldade. Os grandes artistas, por exemplo, são normalmente vistos como pessoas que tiveram rotinas não muito difíceis, com um trabalho que se parece mais com uma atividade de lazer. Entretanto, poucos sabem que um trabalho como este exige uma vida inteira de dedicação. O pintor e escultor italiano Michelangelo não era um "artista", este é na verdade um termo romântico surgido na Alemanha do século XVIII. Michelangelo era um "artífice", um trabalhador com muito esforço que levou uma vida para que pudesse dizer o seu famoso "Parto!" ao seu Davi.

Muitos acreditam que o trabalho levaria ao progresso técnico, que por sua vez levaria os homens a desfrutarem mais a vida, dedicando menos tempo ao trabalho. Todavia, esta ideia positivista já foi há tempos superada pois hoje, como todos sabem, o capitalismo exige muito mais de todos. O sociólogo Karl Marx dizia que a mecanização faria com que os trabalhadores tivessem que especializar-se cada vez mais em uma área, a fim de superar as máquinas, perdendo a visão ampla de seu ofício e tornando-se pessoas limitadas, em parte isso ocorreu. Já Weber dizia que o avanço técnico traria previsibilidade no trabalho, o que também ocorre atualmente. O fato é que o trabalho sempre irá existir, exigindo mais ou exigindo menos, pois ele já faz parte da maneira de pensar, agir e viver dos homens.

Análise

No ano de 2006 a FUVEST apresentou como tema as distintas concepções de trabalho, de modo bastante semelhante ao que ocorreu no ano de 2004 com as concepções de tempo. A coletânea de textos da proposta também era composta por três trechos os quais apresentavam a concepção de trabalho e sobre o futuro dele (texto I), sobre as condições de trabalho no mundo contemporâneo (texto II) e sobre o trabalho do artístico e suas manifestações (texto III). A redação 01 do ano de 2006 apresenta essas três concepções, porém, sem mencionar diretamente a coletânea.

As citações aparecem na conclusão do texto: o candidato retoma a antiga crença de que o trabalho levaria ao progresso técnico, defendendo que essa ideia já foi superada. E para comprovar isso e retomar o que foi anteriormente defendido, cita Karl Marx e Weber, dois pensadores importantes e que discutiram sobre as relações de trabalho. Marx defendia,

segundo o candidato, que a mecanização faria com que o homem perdesse a visão ampla do seu ofício, o que ocorre nos tempos atuais. E Weber defendia a previsibilidade do trabalho.

Ambos os autores não aparecem na coletânea, portanto, são citações externas, novamente ligadas ao âmbito histórico/filosófico. O candidato apresentou o discurso do outro por meio da utilização do discurso indireto, já que apresenta o autor e logo em seguida utiliza o verbo de elocução “dizer”, utilizado no pretérito imperfeito, para demarcar que foi algo dito em algum momento da história. Além disso, utiliza a partícula “que” para evidenciar a entrada da voz do outro. Essa entrada não é apresentada com aspas, pelo contrário, o candidato expõe o discurso, tanto de Marx quanto de Weber utilizando as próprias palavras e não as dos filósofos. Depreende-se, com isso, o aparecimento do discurso indireto com variante analisadora do conteúdo, pois o enunciado alheio mescla-se ao enunciado construído pelo candidato, sem delimitar especificamente o discurso citado.

Ao pensar em estilo, entende-se que o candidato apresentou em sua dissertação o estilo pictórico, pois não demarcou com fronteiras fechadas a palavra do outro, ou seja, houve a absorção dessas fronteiras. Também, quando o candidato afirma que aquilo que os filósofos disseram pode ser visto nos dias atuais, percebe-se uma concordância com o discurso apresentado, pois, até por aquilo que foi exposto ao longo do texto e por aquilo que defendem os filósofos, realmente o trabalho é atemporal e não acabará.

Quanto ao conteúdo citado, novamente chamamos atenção para uma citação proveniente da área da filosofia, assim como em outros textos já analisados. Esse cenário pode indicar algo em relação à imagem que os candidatos ao vestibular de modo geral elaboram da banca corretora e do próprio conteúdo do vestibular. A ideia de expor um conteúdo “culto” e que demonstre interdisciplinaridade parece ser algo valorizado pelo vestibular e pode ser que o candidato cite determinados autores justamente considerando e valorizando esse aspecto. Ao utilizar esse tipo de conteúdo o candidato constrói uma imagem positiva de si, pois se considera que há uma valorização do corretor em relação à citação de um repertório proveniente da esfera escolar e composto por interdisciplinaridade.

Redação 02 – 2006

Atenção: Leia atentamente as instruções na página 3 do caderno de questões antes de preencher essa folha.

O trabalho, atividade física ou mental destinada a produzir um bem, não é um elemento que nasceu junto ao Homem. Foi desenvolvido a partir de um direcionamento feito de acordo com os interesses da humanidade quanto à organização da sociedade e à produção de riqueza. Assim germinou esse alicerce de nossa ocupação do meio, sendo difícil observá-lo separado de nossas atitudes, mesmo com o relativo progresso que envolve o capitalismo.

A inserção da máquina, no cotidiano, de fato alterou a visão acerca do trabalho. O Homem teve a chance de ser poupado fisicamente e pôde, em poucos casos, concentrar-se em atividades intelectuais destinadas a reparos dessa invenção e, em muitas ocasiões, conhecer o drama do desemprego e de suas consequências. Percebe-se aqui que a afirmação de que o trabalho tem a chance de desaparecer, em tempos posteriores, não é clara. O seu sentido tradicional, que envolve esforço físico, realmente tende à minimização, porém, aquele que se liga ao raciocínio, está longe de um fim, pois é a chave para a continuidade do desenvolvimento tecnológico, embora seja hegemônico e restritivo.

É difícil conceber, ademais, a desvalorização do trabalho em meio ao progresso técnico, caso seja levado em conta aquele que envolve as manifestações artísticas do indivíduo, sobre as quais a máquina, dotada de objetividade ao extremo, pouco influi. Esculturas e pinturas, por exemplo, resplandecem essa vertente do trabalho humano. O Homem aprendeu a utilizá-la ao perceber que ela constitui uma forma de sobrevivência. Assim, pôde amparar-se nela e perpetuar, sob essa nuance, a noção do trabalho.

A transformação de suas condições, como se viu, é inevitável, de modo a adequá-las à realidade. Lugares-comum à parte ("o trabalho dignifica o homem"), ele constitui acima de tudo, um legado da nossa existência, capaz de ser materializado, de modo que seja difícil que o indivíduo dele se desvincule e que se enxergue ambos, um dia separados, tal como ocorreu antes de o Homem direcionar-se de acordo com seus interesses quanto à organização da sociedade e à produção de riqueza.

Redação - FUVEST 2006

Transcrição da Redação 02- 2006

O trabalho, atividade física ou mental destinada a produzir um bem, não é um elemento que nasceu junto ao Homem. Foi desenvolvido a partir de um direcionamento feito de acordo com os interesses da humanidade quanto à organização da sociedade e à produção de riqueza. Assim germinou esse alicerce de nossa ocupação do meio, sendo difícil observá-lo separado de nossas atitudes, mesmo com o relativo progresso que envolve o capitalismo.

A inserção da máquina, no cotidiano, de fato alterou a visão acerca do trabalho. O Homem teve a chance de ser poupado fisicamente e pôde, em poucos casos, concentrar-se em atividades intelectuais destinadas a reparos dessa invenção e, em muitas ocasiões, conhe-

cer o drama do desemprego e de suas consequências. Percebe-se aqui que a afirmação de que o trabalho tem a chance de desaparecer, em tempos posteriores, não é clara. O seu sentido tradicional, que envolve esforço físico, realmente tende à minimização, porém, aquele que se liga ao raciocínio, está longe de um fim, pois é a chave para a continuidade do desenvolvimento tecnológico, embora seja hegemônico e restritivo.

É difícil conceber, ademais, a desvalorização do trabalho em meio ao progresso técnico, caso seja levado em conta aquele que envolve as manifestações artísticas do indivíduo, sobre as quais a máquina, dotada de objetividade ao extremo, pouco influi. Esculturas e pinturas, por exemplo, resplandecem e saem do trabalho. O Homem aprendeu a utilizá-la ao perceber que ela constitui uma forma de sobrevivência. Assim, pôde amparar-se nela e perpetuar, sob essa nuance, a noção do trabalho.

A transformação de suas condições, como se viu, é inevitável, de modo a adequá-las à realidade. Lugares-comum à parte ("o trabalho dignifica o homem"), ele constitui acima de tudo, um legado da nossa existência, capaz de ser materializado, de modo que seja difícil que o indivíduo dele se desvincule e que se enxergue ambos, um dia, separados, tal como ocorreu antes de o Homem direcionar-se de acordo com seus interesses quanto à organização da sociedade e à produção de riqueza.

Análise

A redação 02 do ano de 2006 segue basicamente a mesma linha de raciocínio da redação anterior (01-2006). Apresenta, também, diálogo com as ideias presentes na coletânea, mas sem manifestar citação direta.

Na introdução, o candidato afirma que o trabalho surgiu posteriormente ao homem, como forma de suprir algumas demandas, como por exemplo, a necessidade de produzir riqueza. O candidato apresenta como tese que apesar dos avanços que o capitalismo propõe, não é possível dissociar o trabalho da vida humana.

No desenvolvimento do texto, o qual é construído por meio de dois parágrafos de argumentação, o candidato fala tanto sobre a mecanização do trabalho quanto sobre o trabalho do artista. Ao concluir o texto, o candidato reafirma o que foi exposto anteriormente, dizendo que, apesar das mudanças pelas quais passa, o trabalho, e os próprios seres humanos, adaptam-se. E conclui defendendo que não é possível que o homem se desvincule do trabalho, retomando informações apresentadas na introdução: de que o trabalho surgiu justamente para atender demandas humanas e, como elas não cessaram, o trabalho não desaparecerá.

A citação exposta aparece, assim como na redação 01, na conclusão. O candidato cita o discurso do outro por meio do uso do discurso direto. A opção por esse tipo de discurso é bastante significativa neste caso, visto que o candidato cita a frase "o trabalho dignifica o homem" e, como ele mesmo afirma, trata-se de um discurso do senso comum: "lugares-comuns à parte". Nisso, pode ser percebida uma nítida tentativa de desvincular a própria fala da fala da "massa".

Ao pensarmos no discurso de que é recomendável evitar clichês nas redações e ao considerar a recomendação da própria prova, a qual pede que o candidato utilize conhecimento elaborado ao longo da formação escolar e social, citar um discurso do senso comum e clichê pode ser considerado como algo negativo no imaginário do candidato. Assim, de acordo com aquilo que ele constrói como a imagem do corretor, entende-se essa necessidade de dissociar o discurso alheio do próprio discurso.

É evidente, então, que o estilo utilizado ao apresentar essa citação é o chamado estilo linear, visto que é nítida a intenção do candidato de separar o discurso próprio e o discurso alheio. Assim, além de não expor diretamente um juízo de valor, ele estabelece fronteiras demarcadas a fim de não mesclar os enunciados. Houve uma evidente ausência do “eu” no discurso do outro.

Redação 03- 2006

Atenção: Leia atentamente as instruções na página 3 do caderno de questões antes de preencher essa folha.

Metamorfoses da arte de trabalhar

O trabalho humano, atividade através da qual agimos sobre a natureza, transformando-a para atender a nossas necessidades individuais e coletivas, não possui uma essência imutável e não cessa de se transformar através dos séculos. O sistema escravista vigente na Antiguidade greco-romana é substituído pelas relações servis no feudalismo, que cede espaço ao trabalho assalariado na época capitalista... as relações de trabalho estão em permanente mutação.

No mundo contemporâneo, as mudanças se aceleraram devido à mecanização e robotização do processo produtivo. A substituição da mão-de-obra humana por robôs, por um lado, promete as benesses de um futuro menos sobrecarregado de trabalho para os humanos, que teriam mais tempo livre para realizar as atividades de sua escolha. Por outro lado, o mesmo processo transforma a vida de milhões infringindo-lhes a desgraça do desemprego. Os Estados ao redor do mundo debatem-se tentando encontrar uma solução para o impasse: como conciliar a necessidade de oferecer emprego à população e o desejo de aumentar a produtividade através da ~~maquinização~~ ^{maquinização}?

Já o trabalho artístico possui peculiaridades que o distinguem das outras ocupações. O artista genuíno, mesmo que possua uma motivação financeira para criar, privilegia mais a obra desenvolvida do que o lucro que pode obter através dela. Seu trabalho não responde somente a uma necessidade de subsistência, mas sim a um desejo de produzir algo que lhe gratifique espiritualmente. No clássico filme de Joseph Mankiewicz, baseado na obra de Tennessee Williams, "De Repente, No Último Verão", a personagem que representa a mãe do poeta sintetiza: "O trabalho do artista é sua vida; a vida do artista é seu trabalho".

O mister artístico, portanto, contém certas características que podem ser consideradas ideais para qualquer trabalhador: envolve criatividade, paixão, prazer e realização pessoal. Muito diverso é o ofício de grande parte da humanidade, obrigado ao ritmo monótono, mecânico e desumano nas linhas de produção...

Desejemos, pois, que o trabalho de todos possa se transformar numa arte feita com gosto e gratificação, ao invés de um aborrecido esforço feito mais por necessidade do que por amor.

© Redação - FUVEST 2006

Transcrição da redação 03- 2006

Metamorfose da arte de trabalhar

O trabalho humano, atividade através da qual agimos sobre a natureza, transformando-a para atender a nossas necessidades individuais e coletivas, não possui uma essência imutável e não cessa de se transformar através dos séculos. O sistema escravista vigente na Antiguidade greco-romana é substituído pelas relações servis no feudalismo, que cede espaço ao trabalho assalariado na época capitalista... as relações de trabalho estão em permanente mutação.

No mundo contemporâneo, as mudanças se aceleram devido à mecanização e robotização do processo produtivo. A substituição da mão-de-obra humana por robôs, por um lado, promete as benesses de um futuro menos sobrecarregado de

trabalho para os humanos, que teriam mais tempo livre para realizar as atividades de sua escolha. Por outro lado, o mesmo processo transtorna a vida de milhões infligindo-lhes a desgraça do desemprego. Os Estados ao redor do mundo debatem-se tentando encontrar uma solução para o impasse: como conciliar a necessidade de oferecer emprego à população e o desejo de aumentar a produtividade através da maquinização?

Já o trabalho artístico possui peculiaridades que o distinguem das outras ocupações. O artista genuíno, mesmo que possua uma motivação financeira para criar, privilegia mais a obra desenvolvida do que o lucro que pode obter através dela. Seu trabalho não responde somente a uma necessidade de subsistência, mas também a um desejo de produzir algo que lhe gratifique espiritualmente. No clássico filme de Joseph Mankiewicz, baseado na obra de Tennessee Williams, "De repente, No Último Verão", a personagem que representa a mãe do poeta sintetiza: "O trabalho do artista é sua vida; a vida do artista é seu trabalho".

O mister artístico, portanto, contém certas características que podem ser consideradas ideais para qualquer trabalhador: envolve criatividade, paixão, prazer e realização pessoal. Muito diverso é o ofício de grande parte da humanidade, obrigada ao ritmo monótono, mecânico e desumano nas linhas de produção...

Desejamos, pois, que o trabalho de todos possa se transformar numa arte, feita com gosto e gratificação, ao invés de um aborrecido esforço feito mais por necessidade do que por amor.

Análise

O texto 3 do ano de 2006, assim como os textos 1 e 2, apresenta conteúdo relacionado ao surgimento do trabalho, às mudanças pelas quais o trabalho passa e ainda discorre sobre o trabalho artístico. A introdução do texto apresenta algumas informações em relação ao próprio surgimento do trabalho e as modificações acontecidas ao longo da história, defendendo a tese de que o trabalho está em constante mutação.

O primeiro argumento de desenvolvimento, assim como os dois primeiros textos, também expõe a ideia da mecanização. A mecanização, segundo o candidato, surgiu devido à necessidade de ampliar o processo produtivo. Entretanto, um ponto negativo trazido por esse processo foi justamente o aumento nos índices de desemprego, pois houve uma substituição do homem pela máquina.

Os outros dois parágrafos de argumentação apresentam conteúdo relacionado ao trabalho artístico, afirmando que há algumas características que distinguem o trabalho do artista de trabalhos chamados convencionais. Isso acontece porque, segundo o candidato, o trabalho do artista é permeado por uma maior subjetividade e menos o lado financeiro, justamente porque está mais ligado à paixão. O candidato defende que todos os trabalhos deveriam ser assim, movidos pela paixão e pela vontade, não se configurando apenas como um ofício. Para justificar essa ideia é que o autor apresenta o discurso do outro.

No 3º parágrafo o candidato cita o discurso de uma personagem do filme “De Repente, No Último Verão”. Essa citação é apresentada por meio do discurso direto, o que é bastante significativo, visto que há uma certa dificuldade em se recuperar, durante a prova, momento de maior tensão, o discurso da personagem de um filme. A personagem diz: “O trabalho do artista é sua vida, a vida do artista é seu trabalho”. Apesar do uso do estilo linear, em que o candidato fez questão de delimitar fronteiras entre o discurso próprio e o discurso alheio, pode-se perceber que há uma nítida concordância com as ideias citadas, justamente porque essa é a ideia defendida no terceiro e no quarto parágrafo do texto. Inclusive, o candidato usa do discurso alheio para construir as próprias ideias, defendendo que não só no trabalho do artista deve haver essa motivação e relação com a vida, mas em todos os trabalhos.

Nada em relação a filmes foi mencionado na coletânea, assim, percebe-se, novamente, a presença de uma citação externa, que faz parte da bagagem cultural do candidato.

Redação 04- 2006

A Atenção: Leia atentamente as instruções na página 3 do caderno de questões antes de preencher essa folha.

O trabalho é a forma pela qual o homem transforma a natureza, quando toda a riqueza que possui. Desde o trabalho primitivo do homem caçador e coletor até o trabalho assalariado, típico do sistema capitalista, as diferentes formas do trabalho acompanham as transformações históricas e econômicas das diferentes sociedades, nas mais diversas épocas. É através do trabalho que o homem construiu sua história e ainda assim acredita-se que o fim do trabalho pode estar próximo.

Alguns teóricos que pensaram sobre os rumos do trabalho no futuro próximo, como Peter Drucker, consideram que, com a automação da produção e a informatização dos serviços, é natural que o trabalho deixe de fazer parte da vida de uma grande parcela da população mundial. Esta parcela, não tendo mais que trabalhar para sobreviver, poderia dedicar-se ao chamado trabalho criativo, artístico ou artesanal, que caracteriza-se pela realização e pela plenitude do homem no trabalho.

No entanto, no contexto histórico, social e econômico atual, caracterizado pelo capitalismo de mercado de forte cunho financeiro e pela adoção abrangente de políticas econômicas neoliberais, a substituição da mão-de-obra humana, decorrente da revolução tecnológica da informática e da automação, não tem contribuído para um melhor estar. Ao contrário, tem gerado uma massa de desempregados, cuja condição de vida é extremamente precária e insustentável.

Enquanto o desemprego cresce, um número cada vez menor de trabalhadores se encarrega das funções que antes eram desempenhadas por muitos e são assim sobrecarregados e super-explorados no trabalho. Há, por fim, um pequeno grupo de chamados "trabalhadores do conhecimento", que constitui a elite dos trabalhadores modernos. O trabalho, no caso destes últimos, pode incorporar características do trabalho criativo e ser fonte de realização pessoal, porém são muito poucos os privilegiados por esta nova forma do trabalho atual.

Assim como muitos críticos do trabalho atual, como o brasileiro Ricardo Antunes, ressaltam, o futuro do trabalho é incerto e mais incerto ainda é o destino daqueles que provavelmente serão destituídos do trabalho como forma de sobrevivência. É preciso que haja mobilização da sociedade, exigindo ações governamentais e independentes, visando criar condições para que a renda seja melhor distribuída socialmente, mesmo entre aqueles que não podem encontrar trabalho. Deve-se, afinal, possibilitar que as pessoas encontrem um novo sentido para a vida em um mundo onde o trabalho caminha para a sua extinção.

Redação - FUVEST 2006

Transcrição da Redação 04- 2006

O trabalho é a forma pela qual o homem transforma a natureza, gerando toda a riqueza que possui. Desde o trabalho primitivo do homem caçador e coletor até o trabalho assalariado, típico do sistema capitalista, as diferentes formas do trabalho acompanham as transformações históricas e econômicas das diferentes sociedades, nas mais diversas épocas. É através do trabalho que o homem construiu sua história e ainda assim acredita-se que o fim do trabalho pode estar próximo.

Alguns teóricos que pensaram sobre os rumos do trabalho no futuro próximo, como Peter Drucker, consideram que, com a automação da produção e a informatização dos serviços, é natural que o trabalho deixe de fazer parte da vida de uma grande parcela da população mundial. Esta parcela, não tendo mais que trabalhar para sobreviver, poderia dedicar-se ao chamado trabalho criativo, artístico ou artesanal, que caracteriza-se pela realização e pela plenitude do homem no trabalho.

No entanto, no contexto histórico, social e econômico atual, caracterizado

pelo capitalismo de mercado de forte cunho financeiro e pela adoção abrangente de políticas econômicas neoliberais, a substituição do mão-de-obra humana, decorrente da revolução tecnológica da informática e da automação, não tem contribuído para um maior bem estar. Ao contrário, tem gerado uma massa de desempregados, cuja condição de vida é extremamente precária e insustentável.

Enquanto o desemprego cresce, um número cada vez menor de trabalhadores se encarrega das funções que antes eram desempenhadas por muitos e são assim sobrecarregados e super-explorados no trabalho. Há, por fim, um pequeno grupo dos chamados "Trabalhadores do conhecimento", que constitui a elite dos trabalhadores modernos. O trabalho, no caso estes últimos, pode incorporar características do trabalho criativo e ser fonte de realização pessoal, porém são muito poucos os privilegiados por esta nova forma do trabalho atual.

Assim como muitos críticos do trabalho atual, como o brasileiro Ricardo Antunes, ressaltam, o futuro do trabalho é incerto e mais incerto ainda é o destino daqueles que provavelmente serão destituídos do trabalho como forma de sobrevivência. É preciso que haja mobilização da sociedade, exigindo ações governamentais e independentes, visando criar condições para que a renda seja melhor distribuída socialmente, mesmo entre aqueles que não puderem encontrar trabalho. Deve-se, afinal, possibilitar que as pessoas encontrem um novo sentido para a vida em um mundo onde o trabalho caminha para a sua extinção.

Análise

O último texto de 2006 o qual apresenta citação é o texto 4. Ao compararmos com as outras redações do ano, percebe-se que a linha de desenvolvimento temática se mantém: história e importância do trabalho, modificações pelas quais o trabalho passou com o tempo, mecanização e trabalho artístico.

Este texto apresenta duas citações e ambas são apresentadas no formato de discurso indireto. Nenhuma dessas citações foi retirada da coletânea, o que contribui com ideia apresentada na última análise: pode ser que haja um imaginário coletivo em relação ao uso da coletânea, por isso que os candidatos parecem fugir das ideias expostas nela- pelo menos diretamente- e optam por trazer conteúdos referentes à bagagem que construíram durante a formação escolar.

Ao elaborar o discurso para citar a voz do outro, o candidato utiliza um recurso distinto. Ele insere o autor dentro de um grupo de autores, ou seja, ao citar o discurso de Peter Drucker, o candidato, utiliza antes: "Alguns teóricos... como Peter Drucker". Isso cria a imagem de que o candidato não está apenas citando o discurso do Peter, mas de todos aqueles que pensam como ele. A mesma coisa acontece ao citar Ricardo Antunes, pois o discurso dele está inserido no grupo de "muitos críticos do trabalho atual". Pensando na questão da construção do argumento de autoridade, entendemos que esse recurso de citar um em meio a tantos, pode ser considerado como uma forma de mostrar ao corretor que se conhece muito

em relação ao assunto, vários autores com o mesmo discurso, porém está citando especificamente apenas um. Talvez seja então uma estratégia de rebuscamento de conteúdo.

Depreende-se que, apesar da construção sintática diferenciada – inserção de um autor dentro de um grupo- há a existência, então, do discurso indireto com destaque para a variante analisadora do conteúdo, visto que o discurso citado não é demarcado com aspas e as fronteiras não são definidas. Percebe-se, também, a existência do estilo pictórico, justamente por haver mescla de ideias e não demarcação linguística do discurso citado.

5.2.6 Redações ano 2007

Redação 01- 2007

A Atenção: Leia atentamente as instruções na página 3 do caderno de questões antes de preencher essa folha. **B**

01 Vínculos que superam as diferenças

02

03 Um dos sentimentos mais admiráveis que um ser humano pode desenvol-

04 ver por outro é a amizade. É através dela que muitas pessoas conseguem

05 suportar grandes problemas em suas vidas e vencem grandes desafios. Apesar de

06 muitos argumentarem sobre quão difícil é encontrar alguém digno de confi-

07 ança, o preço a ser pago nessa procura rende frutos ainda maiores quan-

08 do se encontra uma pessoa disposta a cultivar uma amizade verdadeira com outra.

09 A sabedoria popular prega que "nenhum ser humano é uma ilha", e

10 essa máxima é confirmada pelo cantor e compositor Tom Jobim, quando diz

11 que "é impossível ser feliz sozinho". Os seres humanos precisam conviver em

12 sociedade e criar vínculos fortes uns com os outros, porque a verdadeira ami-

13 zade é mais profunda do que as pessoas imaginam: não é um relacionamento

14 superficial, mas sim é construída à base de confiança, ou seja, lentamente.

15

16 Há muitas pessoas que buscam amizades, mas nessa busca não se im-

17 portam com sentimentos válidos. Essa forma de procura por amigos é preju-

18 dicial porque é egoísta. Para ter amizades verdadeiras, as pessoas devem

19 antes moldar-se para serem amigas, respeitando as outras pessoas, inter-

20 jando-se por elas, e dando forma a características que as façam mais

21 próximas umas das outras.

22 Há também quem queira manter-se longe de outras pessoas e não

23 cultivar amizades com medo de ser magoado por alguém. Nos relacionamentos

24 as pessoas de fato discordam umas das outras, e isso pode acontecer em ami-

25 zades verdadeiras também, mas se houver real interesse entre as partes envolvidas,

26 as diferenças não superadas ao fim de que faz a retomada da amizade

27 e assim preserva-se também a qualidade nos relacionamentos.

28 Portanto, o preço a ser pago no desenvolvimento de relacionamentos en-

29 tre as pessoas rende bons frutos, e cultivar amizades verdadeiras faz bem aos

30 seres humanos. A criação de vínculos interpessoais ajuda o indivíduo a

31 superar problemas e moldar-se para que se interesse por outras pessoas.

32 A verdadeira amizade faz com que as pessoas superem as diferenças e busquem

33 uma boa qualidade em seus próprios relacionamentos.

34 **D**

© Redação - FUVEST 2007

Transcrição da Redação 01-2007

Vínculos que superam as diferenças

Um dos sentimentos mais admiráveis que um ser humano pode desenvolver por outro é a amizade. É através dela que muitas pessoas conseguem suportar grandes problemas em suas vidas e vencem grandes desafios. Apesar de muitos argumentarem sobre quão difícil é encontrar alguém digno de confiança, o preço a ser pago nessa procura rende frutos ainda maiores quando se encontra uma pessoa disposta a cultivar uma amizade verdadeira com outra.

A sabedoria popular prega que "nenhum ser humano é uma ilha", e essa máxima é confirmada pelo cantor e compositor Tom Jobim, quando diz

que “é impossível ser feliz sozinho”. Os seres humanos precisam conviver em sociedade e criar vínculos fortes uns com os outros, porque a verdadeira amizade é mais profunda do que as pessoas imaginam: não é um relacionamento superficial, mas antes é construída à base da confiança, ou seja, lentamente.

Há muitas pessoas que buscam amizades mas nessa busca não se importam com sentimentos alheios. Essa forma de procura por amigos é prejudicial porque é egoísta. Para ter amizades verdadeiras, as pessoas devem antes moldar-se para serem amigas, respeitando as outras pessoas, interessando-se por elas, e dessa forma descobrirão afinidades que as façam mais próximas umas das outras.

Há também quem queira manter-se longe de outras pessoas em não cultivar amizades com medo de ser magoado por alguém. Nos relacionamentos as pessoas de fato discordam umas das outras, e isso pode acontecer em amizades verdadeiras também, mas se houver real interesse entre as partes envolvidas, as diferenças são superadas a fim de que haja a retomada da amizade e assim preserve-se também a qualidade nos relacionamentos.

Portanto, o preço a ser pago no desenvolvimento de relacionamentos entre pessoas rende bons frutos, e cultivar amizades verdadeiras faz bem aos seres humanos. A criação de vínculos interpessoais ajudam o indivíduo a superar problemas e moldam-no para que se interesse por outras pessoas. A verdadeira amizade faz com que as pessoas superem as diferenças e busquem uma boa qualidade em seus relacionamentos.

Análise

O tema da FUVEST de 2007 tratava da Amizade. O texto 01, do ano de 2007, argumenta em torno da amizade e, conforme o esperado, percebe-se algumas marcas de subjetividades. Apesar disso, o candidato consegue defender a tese proposta de modo coerente ao que foi pedido.

O candidato apresenta duas citações. Ambas são apresentadas a partir de um tipo de discurso indireto. O candidato apresenta a palavra alheia por meio da demarcação com aspas, mas antes de citar faz uma “introdução” da fala alheia, utilizando as próprias palavras. Ambas as citações encontram-se em um mesmo parágrafo e são complementares quanto ao sentido. A primeira citação é um discurso popular, o qual prega que “nenhum ser humano é uma ilha”.

Evidentemente, por se tratar de um discurso popular, o candidato não o atribuiu à fala de nenhum autor em específico. Mas, assim como em outra redação analisada, a qual também apresenta um discurso do senso comum, parece ser uma necessidade de o candidato deixar claro que está apresentando um discurso clichê e que aquilo não faz parte da fala dele, daí a justificativa pelo uso dessa variante especial do discurso indireto. Essa variante também é conhecida como variante analisadora da expressão e tem como característica, conforme demonstrado no capítulo 2 deste trabalho, a demarcação do discurso alheio por meio da

utilização das aspas, apesar da configuração como discurso indireto. Novamente pensamos no imaginário coletivo em relação ao que deve ser citado na dissertação do vestibular. O discurso do senso comum parece ser algo do qual o candidato deve se afastar, por isso, mesmo com a construção do discurso indireto, o candidato demarca o discurso citado.

Já pensando na outra citação, a qual é proveniente de uma música do Tom Jobim, há outras justificativas para o uso desse repertório. Uma das justificativas possível pode estar relacionada ao fato de se tratar de uma frase curta, bastante conhecida devido à música e, justamente por isso e para conferir maior autoridade ao texto e até balancear em relação à outra citação, a qual pode ser considerada como “de menor valor”. O uso do discurso indireto, no primeiro caso, deixa claro para o corretor que se trata de uma citação popular e não é proveniente de quem escreve a dissertação, justamente para se ausentar do discurso alheio, visto que inclusive o candidato determina “A sabedoria popular” como sujeito da oração.

No segundo caso, acontece algo distinto: parece haver a inserção do próprio pensamento nas palavras alheias e o candidato não busca se ausentar ou isolar, pelo contrário. Em ambas as citações percebem-se manifestações de concordância, até porque, como foi dito, uma completa a outra. O fato de citar Tom Jobim pode estar ligado à ideia de que citar apenas “sabedoria popular” seria insuficiente, era preciso um argumento de autoridade para dar reforço ao texto.

Ao pensar em estilo, encontra-se o estilo linear, considerando que, apesar de haver, antes do discurso citado diretamente, a presença do discurso indireto e a manifestação de concordância do candidato, há uma nítida necessidade de segregar e diferenciar o discurso do “eu” do discurso do “outro”, pelos motivos que foram apresentados.

Redação 03 – 2007

Atenção: Leia atentamente as instruções na página 3 do caderno de questões antes de preencher essa folha.

Amizade e Virtude

Segundo Voltaire: "Os maus não adjungem mais do que cúmplices, os interesseiros reúnem sócios, o comum dos homens mantém relações, os príncipes têm cortesãos; Só os virtuosos têm amigos." Amizade e Virtude são indissociáveis, essenciais para uma existência feliz, mas muito raras. Por isso, filósofos, músicos e poetas de todos os tempos consideram-nas verdadeiros presentes.

O virtuoso não busca obter vantagem em seus relacionamentos, nem glórias pelos seus bons atos. Faz o bem por convicção moral, daí ser tão raro. Pode-se pensar que o capitalismo é responsável por corromper as pessoas e afastar a virtude, mas, recentemente, os "ultra-consumistas" norte-americanos demonstraram-se muito virtuosos, quando doaram milhões de dólares às vítimas do furacão Katrina, anonimamente. Se são capazes de tal ato de generosidade com "estranhos", certamente o são com os conhecidos e, portanto, têm amigos.

Considerando-se a declaração do soldado a Ciro, a dificuldade em se encontrar um amigo, é problema antigo. Nunca foi fácil encontrar pessoas dispostas a confiar integralmente em outras, a ~~se~~ dedicar-se ao próximo e manter a ética. Também é raro encontrar um indivíduo que reconheça um relacionamento sem interesse financeiro, ^{como} mais valioso do que um cavalo campeão ou um reino. Para tanto, é necessário entender a diferença entre preço e valor, conceitos não absorvidos pela humanidade, desde a Idade Antiga.

O enorme valor da amizade vem, em parte, do desejo de aperfeiçoamento contínuo que um amigo desperta no outro. Para ser útil, o preço de um presente não é tão valioso quanto a amizade, o indivíduo sente vontade de melhorar sempre. É possível comparar esse relacionamento a um ~~contrato~~ tratado de ajuda recíproca, no caso, tácito, incondicional e vitalício.

A amizade faz parte da essência atemporal do homem e é ~~o~~ sentimento mais elevado dessa. Ao contrário do amor, ~~que é~~ sempre a companhia do próximo, a amizade é parceira da virtude e sempre torna a solitária existência humana, mais significativa e ~~feliz~~ alegre.

© Redação - FUVEST 2007

Transcrição da Redação 03- 2007

Amizade e Virtude

Segundo Voltaire "Os maus não adjungem mais do que cúmplices, os interesseiros reúnem sócios, o comum dos homens mantém relações, os príncipes têm cortesãos; Só os virtuosos têm amigos." Amizade e Virtude são indissociáveis, essenciais para existência feliz, mas muito raras. Por isso, filósofos, músicos e poetas de todos os tempos consideram-nas verdadeiros presentes.

O virtuoso não busca obter vantagem em seus relacionamentos, nem glórias pelos seus bons atos. Faz o bem por convicção moral, daí ser

tão raro. Pode-se pensar que o capitalismo é responsável por corromper as pessoas e afastar a virtude, mas, recentemente, os "ultra-consumistas" norte-americanos demonstraram-se muito virtuosos, quando doavam milhões de dólares às vítimas do furacão Katrina, anonimamente. Se são capazes de tal ato de generosidade com "estranhos", certamente o são com os conhecidos e, portanto, têm amigos.

Considerando-se a declaração do soldado a Ciro, a dificuldade em se encontrar um amigo, é problema antigo. Nunca foi fácil encontrar pessoas dispostas a confiar integralmente em outras, a dedicar-se ao próximo e manter a ética. Também é raro encontrar um indivíduo que reconheça um relacionamento sem interesse financeiro, como mais valioso do que um cavalo campeão ou um reino. Portanto, é necessário entender a diferença entre preço e valor, conceitos não absorvidos pela humanidade, desde a Idade Antiga.

O enorme valor da amizade vem, em parte, do desejo de aperfeiçoamento contínuo que um amigo desperta no outro. Para ser digno de um presente tão valioso quanto a amizade, o indivíduo sente vontade de melhorar sempre. É possível comparar esse relacionamento a um tratado de ajuda recíproca, no caso, tácito, incondicional e vitalício.

A amizade faz parte da essência atemporal do homem e é o sentimento mais elevado dessa. Ao contrário do amor, sempre acompanhado do ciúmes, a amizade é parceira da virtude e sempre torna a solitária existência humana, mais significativa e alegre.

Análise

Logo na introdução do texto 3 de 2007 o candidato já apresenta a citação, a qual aparece por meio do discurso direto. O candidato traz um enunciado de Voltaire, filósofo francês. Na frase diz que somente pessoas virtuosas têm amigos. Na própria introdução, após apresentar a citação, o candidato manifesta concordância explícita com aquilo que foi citado, dizendo que, apesar de ser difícil de encontrar, é difícil separar Amizade e Virtude, considerando que elas andam juntas.

No segundo parágrafo o candidato segue falando sobre as virtudes humanas e descreve um virtuoso. Segundo o candidato, uma pessoa virtuosa é aquela que não busca ganhar ou obter vantagens na construção de seus relacionamentos, o que é fundamental, sobretudo dentro de uma relação de amizade. O candidato afirma também que o sistema capitalista favorece o desvirtuamento dos indivíduos, mas que não se pode generalizar, visto que existem indivíduos os quais possuem grandes fortunas e ainda assim apresentam virtudes.

No terceiro parágrafo o candidato faz referência a Cícero, autor mencionado na coletânea. E desenvolve as ideias reafirmando sobre a existência de pessoas que apresentam dificuldades em estabelecer relações de confiança. Além disso, o candidato afirma que é um desafio encontrar pessoas que acreditem na existência de relacionamentos que não construam

baseado em interesses financeiros, por exemplo. E termina o parágrafo ressaltando a diferença entre preço e valor. Na conclusão, o candidato reafirma que a amizade é atemporal e que é uma virtude responsável por tornar a vida do indivíduo mais alegre.

Conforme já apresentado, a citação desse texto aparece na introdução e o candidato utiliza o discurso direto. Pode-se entender que, ao começar o texto com uma citação, o candidato tenha apresentado a intenção de demonstrar conhecimento para o corretor. Sabemos que a citação ainda é tida como a representação de autoridade e de conhecimento. Ao pensar no estilo, percebemos o estilo linear, visto que há nítida demarcação do discurso alheio e separação do próprio. Além disso, não há exposição de juízo de valor. A concordância é percebida com as ideias que o candidato expõe após a citação.

Redação 05- 2007

Atenção: Leia atentamente as instruções na página 3 do caderno de questões antes de preencher essa folha.

O caráter de amizade.

O Hávamál, antigo poema escandinavo que trata de conselhos do deus Odin aos homens, possui uma posição interessante sobre a amizade. Ao mesmo tempo em que deve ser cultivada e estimada, não é sábio confiar demais nos outros. O amigo é uma preciosidade, mas no final só se pode confiar na força do próprio caráter.

Autores antigos e modernos idealizam o amigo e o têm em alta conta. Mas falham na sabedoria que este épico da antiga religião germânica inspira, talvez porque idealizem muito. É inquestionável o valor da amizade verdadeira, mas a sabedoria está em não depositar nela uma confiança incondicional: no final, a base sobre a qual se assenta o indivíduo deve ser a sua própria saúde, de caráter, de espírito.

Por mais sincera e dedicada que seja a amizade, essencialmente o amigo sempre será um outro. E a vida testa a cada um individualmente. O amigo ideal providencia suporte, alento, ânimo. Mas é inútil inflar ânimo num espírito atemorizado e confuso, assim como tentar inflar um balão rasgado. Se não se consegue suportar os próprios fardos, nem o melhor amigo é útil, porque ele apoia, mas não fornece estrutura.

Igualmente, o amigo atenua o peso da vida. Como Cícero sabiamente menciona, a emoção é inocua se não compartilhada, e um amigo lhe permitirá explorar as melhores emoções da vida até sua plenitude energética. Mas nenhum amigo é companheiro suficiente se a saúde reside no próprio indivíduo, em sua incapacidade de ser pleno e firme em si mesmo. Quem se fia nos outros se fere, pois não tem base própria para edificar amizade.

Portanto, o sábio cultivará amigos e os terá em qualidade, mas terá de sempre em mente o princípio de "ajuda-te que te ajudarei". Saberia que o valor da amizade, seu caráter, reside em potencializar o que há no self, no espírito de cada um. Por isso que a confiança plena deve residir apenas na própria força - para que tendo seu caráter cultivado, suas emoções produtivas e positivas, o amizade possa ser ainda mais útil e produtiva, e render mais frutos para todos as partes. Talvez tal sabedoria auxiliasse a humanidade atual a ter mais saúde de caráter e menos antidepressivos no bolso.

Redação - FUVEST 2007

Transcrição da Redação 05- 2007

O caráter da amizade

O Hávamál, antigo poema escandinavo que trata de conselhos do deus Odin aos homens, possui uma posição interessante sobre a amizade. Ao mesmo tempo em que deve ser cultivada e estimada, não é sábio confiar demais nos outros. O amigo é uma preciosidade, mas no final só se pode confiar na força do próprio caráter.

Autores antigos e modernos idealizam o amigo e o têm em alta conta. Mas falham na sabedoria que este épico da antiga religião germânica inspira, talvez porque idealizem muito. É inquestionável o valor da amizade verdadeira, mas a sabedoria está em não depositar nela uma

confiança incondicional: no final, a base sobre a qual se assenta o indivíduo deve ser a sua própria solidez, de caráter, de espírito.

Por mais sincera e dedicada que seja a amizade, essencialmente o amigo sempre será um outro. E a vida testa a cada um individualmente. O amigo ideal providencia suporte, alento, ânimo. Mas é inútil insuflar ânimo num espírito atormentado e confuso, assim como tentar inflar um balão rasgado. Senão se consegue suportar os próprios fardos, nem o melhor amigo é útil. Porque ele apóia, mas não fornece estrutura.

Igualmente, o amigo atenua o peso da vida. Como Cícero sabiamente menciona, a emoção é inócua se não compartilhada, e um amigo lhe permitirá explorar as melhores emoções da vida até sua plenitude energética. Mas nenhum amigo é companheiro suficiente se a solidão reside no próprio indivíduo, em sua incapacidade de ser pleno e firme em si mesmo. Quem se fia nos outros se fere, pois não tem base própria para edificar a amizade.

Portanto, o sábio cultivará amigos e os terá em qualidade, mas tendo sempre em mente o princípio de "ajuda-te que te ajudareis". Saberá que o valor da amizade, seu caráter, reside em potencializar o que há no selfbest (ilegível), no espírito de cada um. Por isso que a confiança plena deve residir apenas na própria força – para que tendo seu caráter cultivado, suas emoções produtivas e positivas, a amizade possa ser ainda mais útil e produtiva, e render mais frutos para todas as partes. Talvez tal sabedoria avaliasse a humanidade atual a ter mais solidez de caráter e menos antidepressivos no bolso.

Análise

O autor inicia o texto fazendo referência a um poema escandinavo o qual fala sobre a amizade. Este poema, segundo o candidato, defende que os seres humanos devem estimar a amizade, porém, a confiança no outro não deve ser maior que a confiança em si mesmo.

No segundo argumento, o candidato apresenta diversos autores, defendendo que eles idealizam um pouco o sentimento da amizade, pois não se pode atribuir a um amigo uma enorme confiança. O candidato segue defendendo que se deve confiar na própria solidez de caráter. No terceiro parágrafo do desenvolvimento o candidato continua desenvolvendo sobre o cuidado que os indivíduos devem ter em relação à construção de suas amizades, visto que o amigo é capaz de oferecer apoio, mas não total estrutura a um indivíduo.

No quarto parágrafo o candidato menciona um trecho da coletânea, em que Cícero discorre sobre a amizade. Percebe-se, neste caso, uma citação por meio da utilização do discurso indireto, já que o candidato traz as palavras de Cícero, sem mencionar especificamente as palavras dele, mas as apresenta indiretamente. Entende-se que o estilo pictórico predominou, visto que o candidato inseriu as palavras do outro dentro do próprio discurso. O juízo de valor feito inicialmente parece manifestar concordância, porque o candidato utiliza o advérbio “sabiamente” para se referir ao discurso de Cícero. Entretanto,

parece predominar a discordância, pois o autor utiliza, logo em seguida, a conjunção adversativa “Mas” para dizer que se o ser humano não for firme em si mesmo, não será feliz.

Na conclusão, o candidato reafirma o que foi defendido ao longo do texto: a amizade é positiva, mas há ressalvas, ou seja, antes de confiar plenamente em uma amizade, é preciso estar seguro de si mesmo, visto que o amigo não tem total responsabilidade sobre o outro. Para confirmar isso o candidato utiliza uma citação, em forma de discurso direto e diz que muitas amizades são baseadas no princípio do “Ajuda-te que te ajudarei”. Essa citação se encaixa bem com o que foi defendido ao longo de todo texto. Porém, o candidato não informa o “autor”.

Entende-se que se trata de um discurso que o candidato acredita fazer parte do imaginário coletivo, talvez por isso o uso do discurso direto, justamente para demonstrar que o discurso é do outro. Por isso, o estilo linear é o que esteve presente neste caso, visto que o que predomina é a necessidade de demarcação e diferenciação de vozes entre a do “eu” e a do outro.

Essa redação foge um pouco à regra daquilo que foi desenvolvido nas duas outras redações, visto que enquanto as redações 1 e 3 de 2007 só tratavam do sentimento de amizade como algo extremamente positivo e benéfico. Este candidato desconstrói essa subjetividade toda ao fazer algumas considerações relacionadas às relações de interesse, por exemplo.

5.2.7 Redações ano 2008

Redação 01- 2008

A Atenção: Leia atentamente as instruções na página 3 do caderno de questões antes de preencher essa folha. B

01 OVERDOSE DE INFORMAÇÕES

02 A disseminação da internet, ocorrida no período de transição do século XX para o XXI, desencadeou
 03 um processo de democratização do acesso à informação. A princípio, todo e qualquer registro escrito na
 04 rede mundial de computadores pode ser lido por alguém que esteja conectado. Sem dúvida isso contribui
 05 para garantir o direito à informação, mas até que ponto essa avalanche de idéias escritas é bené-
 06 fica? Na realidade, o excesso de informação disponível acaba muitas vezes por prejudicar o acesso à
 07 verdade.

08 Quando se pesquisa a respeito de algo, ou se quer formar uma opinião acerca de determina-
 09 do assunto, é sempre importante analisar pontos de vista diversos. É a partir dessa divergência
 10 que só é possível avaliar todos os aspectos do objeto da discussão, e assim chegar a uma
 11 conclusão mais balanceada que aquela partida de uma visão unilateral. Nesse sentido, no que
 12 toca à disponibilidade de diferentes análises, há possibilidade de se obter instantaneamente
 13 ensaios contrários relativos a um mesmo tema, e que a internet é maravilhosa, pois ofe-
 14 rece centenas de milhares de opiniões, emitidas por centenas de milhares de indivíduos ao
 15 redor do mundo.

16 Contudo, o principal problema da era digital dos dias de hoje é que das centenas de milhares de
 17 opiniões, apenas algumas centenas ou no máximo milhares podem ser realmente úteis. Primariamente
 18 há a cópia de informações, hábito comum no mundo virtual que faz com que os internautas se
 19 deponem repetidas vezes com as mesmas palavras, algumas vezes até fora de contexto. Em
 20 segundo lugar, mas com maior importância, está o fato de que pouquíssimas das inúmeras
 21 fontes existentes na web são confiáveis. A liberdade de expressão tem como conse-
 22 quência primária a saturação das vias de comunicação mais acessíveis e abertas ao público, a sat-
 23 urar a internet. Isso nela pode ser encontrado um sem fim de informações supérfluas, reais, mal
 24 redigidas, e até parcial ou completamente falsas. A vocação da rede para o entretenimento e
 25 a possibilidade de qualquer um escrever qualquer coisa faz valer a máxima: não se pode
 26 acreditar em tudo que se lê.

27 Assim, é preciso cuidado na utilização das facilidades do mundo digital. Delem aproveitadas,
 28 ferramentas como a pesquisa na internet podem se tornar grandes aliadas, seja na educação,
 29 no trabalho ou no enriquecimento cultural. Basta, para isso analisar as informações de forma
 30 consciente, dando a devida importância tanto ao seu conteúdo quanto à sua origem. Em suma,
 31 para se servir da internet com propriedade e sabedoria, é necessário, como bem lem-
 32 brava Stephen Kanitz na Revista Veja, uma virtude: saber reparar o joio do trigo.

33
 34 D

© Redação - FUVEST 2008

Transcrição da Redação 01- 2008

OVERDOSE DE INFORMAÇÕES

A disseminação da internet, ocorrida no período de transição do século XX para o XXI, desencadeou um processo de democratização do acesso à informação. A princípio, todo e qualquer registro escrito na rede mundial de computadores pode ser lido por alguém que nela esteja conectado. Sem dúvida isso contribui para garantir o direito à informação, mas até que ponto essa avalanche de idéias escritas é benéfica? Na realidade, o excesso de informação disponível acaba muitas vezes por prejudicar o acesso à verdade.

Quando se pesquisa a respeito de algo, ou se quer formar uma opinião acerca de determinado assunto, é sempre importante analisar pontos de vista diversos. É a partir dessa divergência que só é possível avaliar todos os aspectos do objeto da discussão, e assim chegar a uma

conclusão mais balanceada que aquela partida de uma visão unilateral. Nesse sentido, no que toca à disponibilidade de diferentes análises, à possibilidade de se obter instantaneamente ensaios contrários relativos a um mesmo tema, é que a internet é maravilhosa, pois oferece centenas de milhares de opiniões, emitidas por centenas de milhares de indivíduos ao redor do mundo.

Contudo, o principal problema da era digital dos dias de hoje é que dessas centenas de milhares de opiniões, apenas algumas centenas ou no máximo milhares podem ser realmente úteis. Primeiramente há a cópia de informações, hábito comum no mundo virtual que faz com que os internautas se deparem repetidas vezes com as mesmas palavras, algumas vezes até fora de contexto. Em segundo lugar, mas com maior importância, está o fato de que pouquíssimas das inúmeras fontes existentes na web são confiáveis. A liberdade ilimitada de expressão tem como consequência primária a saturação das vias de comunicação mais acessíveis e abertas ao público, a saber a internet. Nela pode ser encontrado um sem fim de informações supérfluas, vãs, mal redigidas, e até parcial ou completamente falsas. A vocação da rede para o entretenimento e a possibilidade de qualquer um escrever qualquer coisa faz valer a máxima: não se pode acreditar em tudo que se lê.

Assim, é preciso cuidado na utilização das facilidades do mundo digital. Se bem aproveitadas, ferramentas como a pesquisa na internet podem se tornar grandes aliadas, seja na educação, no trabalho ou no enriquecimento cultural. Basta para isso analisar as informações de forma consciente, dando a devida importância tanto ao seu conteúdo quanto à sua origem. Em suma, para se servir da internet com propriedade e sabedoria, é necessária, como bem lembrou Stephen Kanitz na Revista Veja, uma virtude: saber separar o joio do trigo.

Análise

No ano de 2008, a FUVEST pediu que os candidatos discorressem sobre o mundo digital. Assim como 2006, o ano 2008 foi um dos que mais apresentou citação e, quando se pensa em citação da coletânea especificamente, foi o ano em que isso mais aconteceu. Assim, é um tema significativo para se pensar na relação constitutiva entre leitura e escrita.

O primeiro texto de 2008, intitulado “Overdose de Informações” é iniciado pela apresentação de informações que o candidato faz em relação ao surgimento e ao advento da internet. O candidato defende que a internet possibilitou a expansão do acesso à informação, porém, a tese defendida é negativa, pois ele afirma que, apesar da positividade, essa avalanche de informações pode se tornar prejudicial e ainda nem tudo o que é colocado na internet é confiável, considerando que mentiras podem ser veiculadas.

O primeiro argumento apresenta os aspectos positivos da Internet, retornando à informação de que ela é benéfica porque possibilita a ampliação do acesso à informação, além da rapidez desse processo. Nesse sentido, essa “globalização” de informações é positiva, até porque abre a possibilidade de o indivíduo buscar diversas informações de um mesmo assunto, por exemplo. No segundo argumento o candidato amplia aquilo que já havia apresentado como tese. A internet não apresenta apenas aspectos positivos.

O candidato afirma que um dos maiores problemas é a inutilidade de algumas informações veiculadas na rede. Ademais, há também a presença de conteúdos muito semelhantes em diversos sites, os quais até copiam informações uns dos outros. Além das informações inúteis, a internet pode também apresentar informações falsas ou com fontes pouco confiáveis. Assim, o mundo digital oferece maior acesso à informação, porém, deve-se questionar se essa informação é, de fato, positiva, porque ela pode não ser verdadeira, por exemplo.

Na conclusão, o candidato adverte em relação àquilo que se faz necessário em relação a esse mundo: cautela, buscar com cuidado as informações antes de veiculá-las. Assim, os indivíduos devem verificar sempre a procedência daquilo que se encontra na rede. A citação desse texto apresenta-se na conclusão. O candidato fecha as ideias com uma citação da coletânea, a qual aparece por meio do tipo especial de discurso indireto, em que se tem a variante analisadora de expressão, ou seja, em que as palavras do outro são demarcadas, mesmo constituindo o discurso indireto.

A citação apresenta uma parte do trecho de Stephen Kanitz, defendendo que é preciso saber diferenciar informações relevantes de informações irrelevantes, ou, como o próprio autor “diz” e o candidato cita, é preciso saber separar o joio do trigo. O interessante é que, apesar de a expressão “separar o joio do trigo” ter sido copiada da coletânea, não houve o aparecimento de aspas para demarcar o discurso, só sabemos que se trata desse tipo de discurso, pela leitura e análise da coletânea.

Entende-se que há, neste texto, uma construção sintática diferenciada em relação àquilo que se constitui tradicionalmente como discurso indireto. Ademais, a apropriação da palavra do outro, sem o aparecimento de aspas é bastante significativo, visto que demonstra com clareza como o candidato se coloca por inteiro no discurso citado, tomando-o como seu.

Percebe-se que não houve nenhuma outra citação ao longo do texto. Ao citar a coletânea, utilizando o discurso indireto com variante analisadora de expressão, acreditamos que não se trata de mera coincidência. A ideia é: já que o candidato nitidamente não possuía algo preparado, por exemplo, em relação ao tema do mundo digital, transportar o discurso da coletânea pode ser um recurso interessante. O uso desse tipo especial de discurso indireto pode ser considerado como uma necessidade de afirmar ao corretor sobre a própria relação com a leitura da coletânea: ele leu, compreendeu, interpretou, elaborou um juízo de valor e citou mesclando as próprias palavras com as ideias lá presentes.

Já que usar a coletânea pode ser “mal visto”, o candidato sinaliza que vai trazer um discurso proveniente dela e, para isso, já constrói o discurso indireto para informar o

corretor/interlocutor sobre o que vai ser apresentado e até o próprio posicionamento. O estilo adotado é o pictórico, visto que, o candidato apresenta juízos de valor em relação ao que foi citado e, além disso, o candidato não delimita fronteiras entre o discurso do “eu” e do “outro”.

Redação 03- 2008

Atenção: Leia atentamente as instruções na página 3 do caderno de questões antes de preencher essa folha.

01 Toda a informação do mundo

02

03 Vivemos a Era da Informação - uma época em que o acesso ao conhecimento, nas mais variadas formas, se tornou um ponto

04 básico da existência humana. O "território" de maior destaque nesses tempos é a Internet, sem desconsiderar outras

05 formas de informação. Muito do que falamos quando mencionamos a Era da Informação concerne a Internet. Dito isso, é

06 importante saber que alguns acreditam que toda essa informação deve ser tomada com uma pitada de sal. Para

07 essas pessoas, pode-se estar compartilhando informação sem saber exatamente o que se diz, tornando-a altamente

08 descartável e perecível. Analisemos os argumentos contra o excesso de informação.

09 Um dos argumentos mais utilizados é o de que qualquer pessoa pode simplesmente escrever o que quiser, sem fun-

10 damento algum, e tal fato pode ser tomado como verdade pelos desavisados. Este argumento é muito utilizado

11 pelos detratores da Enciclopédia Livre "Wikipedia". Esquece-se de mencionar, nesse caso, que cada artigo deve

12 possuir referências bibliográficas ou a outros websites, que podem ser lidos/acessados para confirmar a veracidade

13 de da informação.

14 Pode-se dizer que outro ponto negativo da Era da Informação, é a espantosa velocidade e descartabilidade

15 de das novidades, notícias, modas e padrões, que surgem e são substituídos em questão de dias, horas ou

16 mesmo minutos. Conquanto tal perecibilidade seja perceptível como ruim, ela pode ser vista por uma ótica

17 positiva, de dinamismo e mudança, e de fuga da estagnação.

18 Por fim, temos o argumento de opinião. Stephen Kanitz diz que há uma "idéia que a maioria das

19 pessoas tem sobre a liberdade de expressar o que bem quiser (...) como se opiniões não precisassem se

20 basear no rigor científico". Opiniões não precisam de embasamento científico: por isso são opiniões, não

21 teorias, hipóteses ou outros conceitos epistemológicos. Uma opinião particular (algo frequentemente expres-

22 sado na Internet, em blogs, diários e sites pessoais) é somente isso: uma opinião. Ela deve ter

23 algum embasamento, explicação ou racionalização, mas não deve necessariamente se ater ao método

24 científico. Ademais, uma opinião leiga pode ser um sopro de ar fresco para uma idéia científica

25 estabelecida, somente por pensar além dos limites ~~estabelecidos~~ convencionados. Um exemplo

26 notável é a ampla colaboração de astrônomos amadores à pesquisa astronômica moderna.

27 Toda a informação do mundo, embasada ou não, especializada ou leiga, mera opinião

28 ou fato comprovado, só tem a acrescentar ao tesouro cultural da humanidade. Iniciativas

29 como a Biblioteca Digital Mundial da ONU, embora aparentem ser uma resposta à referências

30 duvidosas como a Wikipedia, ampliam o quociente de conhecimento a que temos acesso, e por

31 tanto, devem ser celebradas. Reconheçamos o conhecimento disponível na Era da Informação co-

32 mo um espelho de nós mesmos; sujeitos a falha, mas ainda valiosos na soma total.

33

34

© Redação - FUVEST 2008

Transcrição da Redação 03- 2008

Toda a informação do mundo

Vivemos a Era da Informação – uma época em que o acesso ao conhecimento, nas mais variadas formas, se torna um ponto básico da existência humana. O “território” de maior destaque nesses tempos é a Internet, sem desconsiderar outras formas de informação. Muito do que falamos quando mencionamos a Era da Informação concerne a Internet. Dito isso, é importante saber que alguns acreditam que toda essa informação deve ser tomada com uma pitada de sal. Para essas pessoas, pode-se estar compartilhando informação sem saber exatamente o que se diz, tornando-a altamente descartável e perecível. Analisemos os argumentos contra o excesso de informação.

Um dos argumentos mais utilizados é o de que qualquer pessoa pode simplesmente escrever o que quiser, sem fundamento algum, e tal fato pode ser tomado como verdade pelos desavisados. Este argumento é muito utilizado pelos detratores da Enciclopédia Livre “Wikipedia”. Esquece-se de mencionar, nesse caso, que cada artigo deve possuir referências bibliográficas ou a outros websites, que podem ser lidas/acessadas para confirmar a veracidade da informação.

Pode-se dizer que outro ponto negativo da Era da Informação, é a espantosa velocidade e descartabilidade das novidades, notícias, modas e padrões, que surgem e são substituídas em questão de dias, horas ou mesmo minutos. Conquanto a total perecibilidade seja perceptível como ruim, ela pode ser vista por uma ótica positiva, de dinamismo e mudança, e de fuga da estagnação.

Por fim, temos o argumento de opinião. Stephen Kanitz diz que há uma “idéia que a maioria das pessoas tem sobre a liberdade de expressar o que bem quiser (...) como se as opiniões não precisassem se basear no rigor científico”. Opiniões não precisam de embasamento científico: por isso são opiniões, não teorias, hipóteses ou outros conceitos epistemológicos. Uma opinião particular (algo frequentemente expressada na Internet, em blogs, diários e sites pessoais) é somente isso: uma opinião. Ela deve ter algum embasamento, explicação ou racionalização, mas não deve necessariamente se ater a um método científico. Ademais, uma opinião leiga pode ser um sopro de ar fresco para uma idéia científica estabelecida, somente por pensar além dos limites convencionados. Um exemplo notável é a ampla colaboração de astrônomos amadores à pesquisa astronômica moderna.

Toda a informação do mundo, embasada ou tola, especializada ou leiga, mera opinião ou fato comprovado, só tem a acrescentar ao tesouro cultural da humanidade. Iniciativas como a Biblioteca Digital Mundial da ONU, embora aparentem ser uma resposta à referências duvidosas como a Wikipedia, ampliam o quociente de conhecimento a que temos acesso, e por tanto, devem ser celebradas. Reconheçamos o conhecimento disponível na Era da Informação como um espelho de nós mesmos; sujeitos a falha, mas ainda valiosos no total.

Análise

O candidato inicia o texto afirmando que se vive, atualmente, a Era da informação e uma das responsáveis por isso é a Internet. Além disso, afirma que existem pontos positivos e pontos negativos desse excesso de informação disponível. Para começar a defender essas ideias, no segundo parágrafo, o autor cita a “Wikipédia”, ressaltando o discurso de muitos em relação a esse site: não é confiável, pois não se sabe quem escreve. E já apresenta a contraposição ao dizer que, se houver uma pesquisa mais aprofundada, é possível saber se as informações são verdadeiras ou não.

No terceiro parágrafo, o candidato segue apresentando aspectos positivos e negativos sobre o mesmo assunto: afirma que a Era da Informação é negativa devido à rapidez com que as informações são veiculadas e a descartabilidade delas. Ao mesmo tempo, afirma que pode ser positivo, pois não se vê estagnação.

No quarto parágrafo é que o autor apresenta a citação e afirma ser um argumento de opinião, o que aqui denominamos argumento de autoridade. O mais interessante é que o autor dialoga com a coletânea, citando-a como argumento de autoridade. Então, talvez a frase “temos o argumento de opinião” seja proposital a fim de condicionar o corretor a olhar de forma mais atenciosa e valorosa para o que será apresentado. Tem-se nessa redação um nítido caso de discurso indireto com a variante analisadora da expressão. O candidato elabora a estrutura do discurso indireto, ao utilizar o verbo de elocução mais a partícula “que”. Entretanto, logo em seguida abre aspas e cita diretamente o discurso da coletânea, por isso consideramos a existência desse tipo especial de discurso indireto.

O discurso citado é de Stephen Kanitz, autor do primeiro texto da coletânea o qual fala sobre vigilância epistêmica. O autor afirma lá e o candidato traz para o texto a ideia de que muitos não se sentem livres para expressar as próprias opiniões, defendendo que não necessariamente uma opinião precisa ter rigor científico para ser válida. O candidato manifesta seu juízo de valor em relação ao que foi citado, concordando, visto que as ideias seguintes à citação refletem isso. Afirma que opiniões não precisam de rigor científico e que ideias expressas, sobretudo no meio virtual, não precisam passar pelo crivo da cientificidade, justamente porque são apenas opiniões.

Ainda pensando na citação, encontra-se o estilo pictórico, porque, apesar da delimitação do discurso alheio, o candidato expressa clara concordância em relação ao que foi exposto, apresentando claro juízo de valor em relação ao que foi apresentado. A presença da variante analisadora da expressão cria essa sensação de mescla de discursos, sem nítida delimitação.

Ao final do texto, o candidato apresenta outra informação da coletânea, sobre a criação de uma Biblioteca Digital Mundial pelo ONU, sem citar e conclui resumindo o que foi exposto. A Era da Informação apesar de apresentar falhas, também tem o lado positivo.

A Atenção: Leia atentamente as instruções na página 3 do caderno de questões antes de preencher essa folha. **B**

01 Desregramento tecnológico

02 O progresso e as inovações tecnológicas resultaram da necessidade do homem
03 dinamizar-se através da diminuição das dimensões temporais e geográficas. Para tanto,
04 o processo de globalização propiciou o surgimento de um mundo digital apto a dis-
05 ponibilizar toda a informação necessária ao progresso do homem. Entretanto, a
06 mesma tecnologia que informa, aliena; e, à medida que cresce a velocidade das
07 mudanças, aumenta a massificação e dependência ao mundo digital.

08 Embora a informação seja um direito defendido a todos, é pequeno o nú-
09 mero de pessoas com no mundo com total acesso às tecnologias provedoras de notícias e
10 a sua compreensão. Isso porque o surgimento das novas tecnologias é um bem perpe-
11 tuado das do conhecimento aqueles que já as acessam e um fator de maior atraso aque-
12 les sem o poder aquisitivo de acompanhar as inovações. Assim, o bom senso incendiário
13 não muda e a celebração da velocidade com que ocorrem deveria ser
14 mais criticamente observado e acompanhado de reformas às tradicionais fontes.

15 Contudo, aos próprios com acesso à digitalização, confere-se outra problemática: o mal
16 uso dos bens eletrônicos. A exemplo disso tem-se a massificação e a desinformação causada
17 pela internet, decorrentes da propagação e de fontes imprecisas nela presentes. Nesse contexto,
18 mesmo as boas iniciativas, como a disponibilização à biblioteca nacional brasileira, não são
19 cadastradas em meio ao excesso de informações, responsável por conduzir pesquisas à imprecisão
20 e pessoas à cruzada incendiária pelos valores nela divulgados.

21 Além da massificação, esse excesso digital contemporâneo leva à questão do ócio.
22 Nesse sentido, a contemplação do progresso decorre também da necessidade de tornar a vida
23 mais agradável e desprovida de motivações e dificuldades na busca de um objetivo. Como
24 quietamente, tem-se o Hélio, como retratado na obra A Cidade e as Serras, de Eça de Queiroz,
25 na qual a personagem Jacinto é retratado infeliz em meio ao progresso (tecnológico) e somente
26 reencontra a felicidade ao valorizar apenas as poucas tecnologias necessárias à sobrevivência,
27 como a instalação de um rede telefônica na esquadra Terreiro de Portugal.

28 Não há, pois, apenas que se comemorar o progresso do mundo digital; deve-se usá-
29 lo com cautela e nele contemplar as possibilidades de ampliar o conhecimento sobre a humani-
30 dade. Assim, o questionamento de Drummond sobre "como vencer o oceano/ se é livre a re-
31 velação/ mas proibido fazer barcos?" pois valida-se na Era Digital pois não há como e ha-
32 ver progresso no mundo digital se são todos os manipulados e os sem acesso. Cabe reger essa
33 informatividade e tecnologia para que toda a humanidade possa dela ter pro-
34 vito.

© Redação - FUVEST 2008

Transcrição da redação 04 – 2008

Desregramento tecnológico

O progresso e as inovações tecnológicas resultaram da necessidade do homem dinamizar-se através da diminuição das dimensões temporais e geográficas. Para tanto, o processo de globalização propiciou o surgimento de um mundo digital apto a disponibilizar toda a informação necessária ao progresso do homem. Entretanto, a mesma tecnologia que informa, aliena; e, à medida que cresce a velocidade das mudanças, aumenta a massificação e dependência ao mundo digital.

Embora a informação seja um direito defendido a todos, é pequeno o número de pessoas no mundo com total acesso às tecnologias provedoras de notícias e a sua compreensão. Isso porque o surgimento das novas tecnologias é um bem perpe-

tuador do conhecimento àqueles que já as acessam e um fator de maior atraso àqueles sem o poder aquisitivo de acompanhar as inovações. Assim, o louvor incondicional às mudanças e a celebração da velocidade com que ocorrem deveriam ser mais criticamente observados e acompanhados de reformas às tradicionais fontes.

Contudo, aos próprios com acesso à digitalização, confere-se outra problemática: o mal uso dos bens eletrônicos. A exemplo disso tem-se a massificação e a desinformação causada pela internet, decorrentes da propagandagem e de fontes imprecisas nela presentes. Nesse contexto, mesmo as boas iniciativas, como disponibilização à Biblioteca Nacional brasileira, são ofuscadas em meio ao excesso de informações, responsável por conduzir pesquisas à imprecisão e pessoas à crença incondicional pelos valores nela divulgados.

Além da massificação, esse excesso digital contemporâneo leva à questão do ócio. Nesse sentido, a contemplação do progresso decorre também da necessidade de tornar a vida mais aprazível e desprovida de motivações e dificuldades na busca de um objetivo. Consequentemente, tem-se o tédio, como retratado na obra *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queiroz, na qual a personagem Jacinto é retratada infeliz em meio ao progresso e somente reencontrou a felicidade ao valorizar apenas as poucas tecnologias necessárias à sobrevivência, como a instalação de rede telefônica na esquecida Tormes de Portugal.

Não há, pois, apenas que se comemorar o progresso no mundo digital; deve-se usá-lo com precisão e nele contemplar as possibilidades de ampliar o conhecimento sobre a humanidade. Assim, o questionamento de Drummond sobre “como vencer o oceano/se é livre a navegação/mas proibidos fazer barcos?” valida-se na Era Digital pois não há como haver progresso no mundo digital se são tantos os manipulados e os sem acesso. Cabe regradar essa informatividade e tecnologia para que toda a humanidade possa dela ter proveito.

Análise

A redação 4 do ano de 2008 inicia falando que o progresso tecnológico surgiu a partir da necessidade dos homens de diminuir a relação entre espaço e tempo. Com isso, surgiu o mundo digital. Assim como a redação 03 do ano 2008, o candidato que produziu a quarta redação afirma que apesar dos benefícios trazidos, essa tecnologia tem o poder de alienar o homem, gerando dependência.

No segundo parágrafo o candidato defende que essas inovações tecnológicas não são acessíveis a todos, visto que os beneficiados com ela são apenas aqueles que já possuíam outros privilégios. No terceiro parágrafo do texto, o candidato defende que àqueles que têm acesso a esse progresso e às informações, uma das consequências pode ser a alienação e a desinformação, apesar de todo arsenal de conteúdo disponível. Isso acontece porque existem muitas informações preciosas que, devido à quantidade de informações, não são valorizadas pelos indivíduos e também porque algumas delas não são verdadeiras.

No quarto parágrafo e terceiro do desenvolvimento o autor faz uma referência à obra “*A Cidade e as Serras*”. A comparação feita entre a obra e o que se vive em relação ao mundo tecnológico é que, ao utilizar o progresso para todos os âmbitos da vida, tem-se o surgimento

do sentimento de tédio, assim como a personagem “Jacinto” do livro demonstra. No fim do parágrafo o autor apresenta que a personagem só descobriu a felicidade quando aprendeu a enxergar a simplicidade da vida e o equilíbrio entre a vida e o uso da tecnologia.

Na conclusão, o candidato resume as ideias apresentadas dizendo que o progresso tecnológico e o mundo digital devem ser usados com cautela. É neste momento que ele traz o discurso alheio. Neste caso, não houve diálogo com algum texto da coletânea, foi trazida uma referência externa: Carlos Drummond de Andrade. Esse fato evidencia a presença de um argumento de autoridade, não só retirado da coletânea, como nas redações anteriores.

O candidato cita os versos de Drummond por meio do tipo especial de discurso indireto em que se demarca a expressão, utilizando aspas e citando o discurso do poeta, mas antes fazendo uma introdução com as próprias palavras ao antecipar que Drummond faz um questionamento em relação à liberdade e o candidato conclui dizendo que deve haver equilíbrio em relação ao uso do mundo digital. Percebe-se, novamente, a presença do estilo pictórico, visto que há a apresentação do juízo de valor do candidato em relação à palavra alheia, além da manifestação de concordância presente no discurso do candidato na finalização do texto.

Em 2008, um dos livros obrigatórios para a prova da FUVEST era *A Rosa do Povo*, de Drummond. Então, ao pensarmos na relação constitutiva entre leitura e escrita, percebemos que não houve citação da coletânea, por exemplo, mas o candidato conseguiu inserir na própria escrita uma leitura realizada durante o momento de preparação para o vestibular. Não necessariamente o texto foi avaliado como “bom” por citar um texto de leitura obrigatória ou por ter lido Drummond, mas é inegável que a leitura auxiliou no processo de elaboração do argumento, ou do fechamento dele.

Redação 05- 2008

A Atenção: Leia atentamente as instruções na página 3 do caderno de questões antes de preencher essa folha. **B**

01 **INFORMAÇÃO E LIBERDADE DE EXPRESSÃO – NOVOS DESAFIOS**

02 O desenvolvimento tecnológico, em particular no setor de informática, criou novos
03 parâmetros para o debate sobre o direito à liberdade de expressão. Hoje, o acesso
04 à informação é muito maior do que em relação a épocas anteriores. Portais de
05 internet, como o da Biblioteca Digital Mundial, tendem a representar um enorme passo
06 no direito à informação séria e relevante para amplas camadas da população. Ao
07 mesmo tempo, o risco da manipulação das informações também cresceu e isso
08 tem preocupado muitos comentaristas e analistas do setor.

09 O fenômeno da manipulação das informações difundidas massivamente, no
10 entanto, não é um fenômeno novo. A história mostra como a concentração
11 em poucas mãos, o verdadeiro monopólio dos meios de comunicação, não resolve
12 o problema, podendo até piorar a situação. A televisão ainda é o meio de co-
13 munição de massas por excelência no Brasil e continua restrita a pouquíssimas
14 mãos. Nesse meio, os exemplos de manipulação de informações são inúmeros.
15 Basta citar os casos emblemáticos da (não) cobertura da campanha das
16 "Diretas Já" pela Rede Globo em 1984, ou então da reconhecida edição manipula-
17 da do debate final na TV nas eleições presidenciais de 1989.

18 Stephen Kanitz, em artigo recente de *Veja* (03/10/2007), nos aconselha a manter
19 uma permanente vigilância para separar o joio do trigo diante da avalanche de
20 informação que recebemos e acaba insinuando que somente opiniões ampar-
21 adas no rigor científico poderiam ser difundidas. O problema é quem julga a
22 pertinência e seriedade das informações e a partir de que critérios. Pelos parâ-
23 metros de Kanitz, a própria revista *Veja* poderia ser tida como ser banida
24 avaliada como fonte questionável de informações, tomando sua parcialidade
25 e pouco compromisso com critérios jornalísticos sérios. O exemplo mais recente
26 no caso de *Veja* foi a polêmica matéria de capa sobre o aniversário da reor-
27 de de Ernesto "Che" Guevara, repleta do mais grosseiro sensacionalismo da
28 imprensa "marrom".

29 A internet e outros meios contribuem para quebrar o monopólio da mídia e abrem
30 espaço para a diversidade de idéias e opiniões. Como toda a sociedade, os
31 meios de comunicação refletem, de uma forma ou de outra, interesses de setores e
32 camadas sociais. A internet permite que um setor social excluído dos meios de comu-
33 nicação possa expressar-se, inclusive para defender a democratização radical dos
34 meios de comunicação. Isso deixa muita gente preocupada. E com razão!

D

© Redação – FUVEST 2008

Transcrição da redação 05- 2008

INFORMAÇÃO E LIBERDADE DE EXPRESSÃO – NOVOS DESAFIOS

O desenvolvimento tecnológico, em particular no setor de informática, criou novos parâmetros para o debate sobre o direito à liberdade de expressão. Hoje, o acesso à informação é muito maior do que em relação a épocas anteriores. Portais de internet, como o da Biblioteca Digital Mundial, tendem a representar um enorme passo no direito à informação séria e relevante para amplas camadas da população. Ao mesmo tempo, o risco da manipulação das informações também cresceu e isso tem preocupado muitos comentaristas e analistas do setor.

O fenômeno da manipulação das informações difundidas massivamente, no

entanto, não é um fenômeno novo. A história mostra como a concentração em poucas mãos, o verdadeiro monopólio dos meios de comunicação, não resolve o problema, podendo até piorar a situação. A televisão ainda é o meio de comunicação de massas por excelência no Brasil e continua restrita a pouquíssimas mãos. Nesse meio, os exemplos de manipulação de informações são inúmeros. Basta citar os casos emblemáticos da (não) cobertura da campanha das "Diretas já" pelo Rede Globo em 1984, ou então da reconhecida edição manipulada do debate fina na TV nas eleições presidenciais de 1989.

Stephen Kanitz, em artigo recente de *Veja* (03/10/2007), nos aconselha a manter uma permanente vigilância para separar o joio do trigo diante da avalanche de informação que recebemos e acaba insinuando que somente opiniões amparadas no rigor científico poderiam ser difundidas. O problema é quem julga a pertinência e seriedade das informações e a partir de que critérios. Pelos parâmetros de Kanitz, a própria revista *Veja* correria sério risco de ser banida ou lacrada como fonte questionável de informações, tamanha sua parcialidade e pouco compromisso com critérios jornalísticos sérios. O exemplo mais recente no caso da *Veja* foi a polêmica matéria de copa sobre o aniversário da reorte de Ernesto "Che" Guevara, recheada do mais rasteiro sensacionalismo da imprensa "marrom".

A Internet e outros meios contribuem para quebrar o monopólio da mídia e abrem espaço para a diversidade de idéias e opiniões. Como toda na sociedade, os meios de comunicação refletem, de uma forma ou de outra, interesses de setores e camadas sociais. A Internet permite que um setor social excluído dos meios de comunicação possa expressar-se, inclusive para defender a democratização radical dos meios de comunicação. Isso deixa muita gente preocupada. E com razão!

Análise

Ainda no ano de 2008, a redação 5 também apresentou diálogo com uma ideia de um discurso proveniente da coletânea. Na introdução, de modo semelhante ao que é exposto nas redações anteriores, o candidato expõe o ponto positivo de se ter uma ampliação do acesso à informação, inclusive fazendo referência à criação da Biblioteca Digital da ONU. Porém, ressalta a preocupação em relação à manipulação presente nas diversas informações veiculadas.

No primeiro parágrafo de argumentação, o candidato faz uma retomada histórica em relação ao processo de manipulação das informações nas sociedades. A afirmação era de que, anteriormente, quando as informações eram restritas, a manipulação era maior. Porém, afirma que não é porque o acesso à informação aumentou que a manipulação deixou de existir. Para comprovar o que está defendendo o candidato cita o período das "Diretas Já" no Brasil e manipulação exercida pela Rede Globo naquele momento.

Já no terceiro parágrafo do texto- segundo de argumentação- o candidato inicia apresentando a citação. O argumento defendido neste parágrafo é o de que, se os meios de comunicação forem seguir o que foi proposto por Stephen, a própria revista para a qual ele

escreve deveria ser banida. O candidato apresenta, por meio do discurso indireto, o conceito de vigilância epistêmica e sobre a necessidade de se separar o joio do trigo, ou seja, informações que têm relevância daquelas que não têm. Pode-se observar a presença do estilo pictórico nessa redação, pois o candidato não faz questão de esconder seu posicionamento em relação ao que foi citado. Ele parece manifestar concordância com o discurso, ou seja, deve sim haver um filtro em relação àquelas informações que são relevantes, daquelas que não são. Todavia, logo em seguida apresenta uma ironia em relação ao discurso, quando diz que se essa filtragem ocorrer, nem a revista para qual o autor citado escreve irá permanecer veiculando informações.

A presença do discurso indireto pode ter aparecido pelo mesmo motivo que apontamos em outros textos: por se tratar de um discurso proveniente da coletânea, pode não parecer adequado, para o imaginário do candidato e para o corretor, segundo as próprias instruções dos vestibulares, copiar trechos dos textos motivadores.

O autor conclui o texto retomando a ideia de que a Internet, de fato, ampliou o acesso a informações e que isso preocupa diversos meios que detêm o poder, que o acesso a informações foi ampliado, o que não significa que a manipulação tenha cessado.

Para encerrar o ano de 2008, entendemos que os quatro textos que apresentam citações comprovam algumas ideias que alimentamos em relação à leitura e à escrita. Não há como provar, de fato, que ler necessariamente influencia o indivíduo a elaborar um bom texto. Porém, com base nas análises dos textos do ano de 2008 entendemos que é evidente a relação existente entre leitura e escrita. Pensando naquilo que pôde ser visto, entendemos que a leitura influi no conteúdo apresentado pelo candidato e que, por 2008 ter apresentado uma coletânea bastante ampla, houve a facilidade do diálogo. Ademais, a citação de um verso de um livro de leitura obrigatória demonstra que a leitura tem o poder de ampliar horizontes e interpretações. A influência percebida, a qual é inegável, encontra-se na exposição do conteúdo.

5.2.8 Redações ano 2009

Redação 01- 2009

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa folha.

Título: SOLVE ET COAGULA

Expansão e retração. Criar e eliminar fronteiras. Esta tem sido a história de nosso planeta e de suas gentes. Muitas vezes fronteiras foram modificadas, tanto no aspecto geográfico como nos campos do saber. No âmbito geográfico não faltam exemplos. Começa-se com o continente original, Pangéia, um todo, uma massa única, depois separada pelo tectonismo de placas. Surgem fronteiras, continentes separados por oceanos. A seguir, povos formam agrupamentos, deixando a vida nômade. Surgem as vilas, as tribos. Tribos então se separam em feudos. Feudos irmãos estabelecem relações de interdependência. Partilham a mesma língua. Nasce, ou melhor, retorna o instinto gregário do homem. Feudos unem-se em províncias, condados. Condados viram Estados. Estados formam países. Países lançam-se "por mares nunca dantes navegados" e conquistam outras terras: África, Ásia, Américas. Diferentes nações ambicionam mesmas terras. Assinam-se acordos. Partilham-se terras, sem levar em conta as etnias presentes. A seguir, repartem-se terras. Fronteiras são criadas, unindo os diferentes (e até incompatíveis), outras vezes separando os iguais. Na África, zulus, hutus e tantos outros, moram num mesmo país, criado por um estrangeiro, olvidado por outro. Na África do Sul, o povo autóctone é relegado a gueto, e o branco os aparta de seu convívio. É o "apartheid". Por outro lado, os curdos se vêm separados no Iraque, na Turquia, nos outros países. Os desiguais unidos e os semelhantes separados, ambos armam-se, lutam, e violência e mais violência se instaura. Limites arbitrários, quando tensão, dor e morte.

Nas ciências, fenômeno semelhante ocorre. A Filosofia, "mãe das ciências", é partilhada entre os homens. Homens originais tomam do saber e o ampliam. Novas ciências emergem: a alquimia, a higiene, a política. Desta, outras tantas, nascem: a Química, a Física, a Biologia, a Medicina, a Sociologia, a Antropologia, entre outras. Novas separações, novas especializações. Não há limite, para ~~novas~~ novidades. E chega o ponto em que, para saber Medicina, tem-se que entender de Física (na Ortopedia), de Química (nas intoxicações, na hipertensão, na hipertensão arterial), de Linguística (na aquisição da linguagem pelo bebê). Caem as fronteiras, entre as ciências. A prova da Fúvest tem questões interdisciplinares. O que começa com Rui Barbosa e Oswaldo Cruz, termina com febre amarela.

Expansão e retração. Separação e depois dissolução. E daí surge a solução: o homem vê-se compelido a estar aberto, de mente aberta, fluindo no conhecimento e fluindo dele, para que possa avançar, vencer limites, quebrar barreiras. Mas sendo claro o que faz dele, Homem, um ser singular, original, diferente de outro homem. Uns artistas, outros técnicos. Uns detúrcos. Outros factórcos. Diferentes e separados por suas singularidades, mas unidos como espécie. Retraíndo egos para expandir limites. Colocando fronteiras, a suas individualidades para usufruir da liberdade de ir sempre cada vez mais além. Sem limites.

Redação - FUVEST 2009

Transcrição da redação 01- 2009

Título: SOLVE ET COAGULA

Expansão e retração. Criar e eliminar fronteiras. Esta tem sido a história de nosso planeta e de seus gentes. Muitas vezes fronteiras foram modificadas, tanto no aspecto geográfico como nos campos do saber.

No âmbito geográfico não faltam exemplos. Começa-se com o continente original, Pangéia, um todo, uma massa oniza, depois separada pelo tectonismo de placas. Surgem fronteiras, continentes separados por oceanos. A seguir, povos formam agrupamentos, deixando a vida nômade. Surgem as vilas, as tribos. Tribos então se separam em feudos. Feudos irmãos estabelecem relações de interdependência. Partilham a mesma língua. Nasce, ou melhor, retorna o instinto gregário do homem. Feudos unem-se em províncias, condados. Condados viram Estados. Estados formam países. Países lançam-se "por

mares nunca dantes navegados” e conquistam outras terras: África, Ásia, Américas. Diferentes nações ambicionam mesmas terras. Assinam-se acordos. Partilham-se terras, sem levar em conta as etnias presentes. A seguir, separam-se terras. Fronteiras são cruzadas, unindo os diferente (e até incompatíveis), outras vezes separando os iguais. Na África, zulus, hutus e tantos outros, moram num mesmo país, criado por um estrangeiro, dividido por outro. Na África do Sul, o povo autóctone é relegado a guetos, e o branco os aparta de seu convívio. É o “apartheid”. Por outro lado, os curdos se vêm separados no Iraque, na Turquia, nos outros países. Os desiguais unidos e os semelhantes separados, ambos armam-se, gritam, e violência e mais violência se instaura. Limites arbitrários gerando tensão, dor e morte.

Nas ciências, fenômeno semelhante ocorre. A Filosofia, “mãe das ciências”, é partilhado entre os homens. Homens originais tomamos o saber e ampliam. Novas ciências emergem: a alquimia, a higiene, a política. Destas, outras tantas nascem: a Química, a Física, a Biologia, a Medicina, a Sociologia, a Antropologia, entre outras. Novas separações, novas especializações. Não há limites para novidades. E chegar o ponto em que, para saber Medicina, tem-se que entender de Física (na Ortopedia), de Química (nas intoxicações, na hiperlipidemia, na hipertensão arterial), e Linguística (na aquisição da linguagem pelo bebê). Caem as fronteiras entre as ciências. Aprovada a Fuvest tem questões interdisciplinares. O que começa com Rui Barbosa e Oswaldo Cruz, termina com febre amarela.

Expansão e retração. Separação e depois dissolução. E daí surge a solução: o homem vê-se compelido a estar atento, de mente “aberta”, fluindo no conhecimento e fruindo dele, para que possa avançar, vencer limites, quebrar barreiras. Mas tendo claro o que faz dele, Homem, um ser singular, original, diferente de outro homem. Uns artistas, outros técnicos. Uns retóricos. Outros pictóricos. Diferentes e separados por suas singularidades, mas unidos como espécie. Retraindo egos para expandir limites. Colocando fronteiras a suas individualidades para usufruir da liberdade de ir sempre cada vez mais além. Sem limites.

Análise

O tema da FUVEST do ano de 2009 pedia que os candidatos escrevessem um texto sobre fronteiras. Para falar sobre fronteiras o candidato escolhe, especificamente, as fronteiras geográficas e as fronteiras que ele denomina de “fronteiras do saber”.

No primeiro parágrafo sobre fronteiras geográficas, o candidato faz todo um caminho histórico em relação à quebra de barreiras. Começa falando sobre a Pangeia e o surgimento de continentes; depois fala sobre o surgimento de feudos, estados, sobre a expansão marítima, sobre a partilha de terras, demarcação de territórios, construção de nações. Finaliza o parágrafo fala sobre a fronteira que gera preconceito na África do Sul, citando o apartheid. É neste parágrafo que aparece a citação do texto.

Ao falar sobre a expansão marítima dos povos e, conseqüentemente, sobre a ampliação de fronteiras, o candidato dialoga diretamente um verso de *Os Lusíadas*, de Camões, o qual fala sobre os feitos dos portugueses no período das Grandes Navegações. O candidato, porém, não apresenta nem o autor e nem a obra de onde esse discurso foi retirado. Só demonstra que está citando um discurso alheio justamente pela presença das aspas.

Sendo assim, tem-se a presença do discurso direto sem mencionar o autor. Uma das

possíveis causas para a não apresentar que esses versos são do Camões é justamente o fato de os versos serem extremamente conhecidos, por isso podem dispensar apresentações. Outro motivo possível pode ser para não quebrar a progressão de ideias que o candidato estava elaborando.

Percebe-se a presença do estilo linear, visto que o candidato demarca o discurso alheio com aspas. Apesar de não identificar o autor, insere aspas na citação e a separa do próprio discurso, com a intenção de demonstrar que, apesar de estar inserido na construção do próprio enunciado, trata-se de um discurso alheio.

No segundo parágrafo de desenvolvimento, o candidato fala sobre a expansão das fronteiras do saber, discorrendo sobre o surgimento da filosofia e outras ciências mais modernas que permitiram o avanço intelectual do homem e a convivência em sociedade. O candidato apresenta nomes de autores e afins, mas não cita nada mais, apenas constrói comparações e faz algumas referências. O candidato conclui o texto dizendo que o homem deve estar atento e aberto a mudanças e expansões, de modo que não haja limites.

Redação 04- 2009

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa folha.

Reais conjuntos disjuntos com intersecções complexas

"Quando eles chegaram, nós tínhamos as terras e eles, a Bíblia e fechamos os olhos. Ao abrirmos os olhos, eles tinham as terras e nós, a Bíblia." Esta singular frase de um líder queniano retrata muito bem a expansão das fronteiras europeias no contexto do neocolonialismo, característica do processo imperialista europeu do século XIX. A ampliação das fronteiras - parte limítrofe de um espaço em relação a outro - pode acontecer simplesmente de forma geográfica, bem como a disseminação cultural, como bem relatado na frase do líder queniano, em que houve uma aculturação daquela população, para fins econômicos. Mesmo com o intenso intercâmbio de informações velozes e a agilidade promovida durante a nova ordem global, não existe uma quebra definitiva de fronteiras geográficas e culturais, o que leva à permanência das mesmas.

O direito à soberania nacional de cada país está assegurado na carta da ONU e, mesmo por vezes desrespeitado, ainda tem validade como conceito internacional. A foto presente na coletânea é bem figurativa, ao demonstrar uma fronteira até "artificial" entre a Holanda e a Bélgica. Isto decorre do fato de boa parte belga ser flamenga, cuja cultura é muito semelhante à batava - a língua, por exemplo, é o "Flemish", muito semelhante ao holandês. No entanto, as fronteiras culturais se diferenciam das barreiras geográficas. A Bélgica, mesmo como um país tampão - segurar atritos entre França e Alemanha - aceitou e assegura a identidade belga. A outra parte, Valônia - fala francês - também aceita ser belga. O fato de haver disputas entre valões e flamengos não impede a existência de uma nação belga soberana e assegurada.

O intenso processo de globalização levou à existência de uma cultura massificada e, por vezes, até mesmo unificada; no entanto ainda prevalece um certo regionalismo, principalmente em culturas mais rígidas que não aceitam de bom grado a misigenação. É irrefutável a existência de uma cultura rotulada, principalmente com a disseminação de um "neo-American way of life". Mesmo assim, há regiões e países que ainda se fazem valer das peculiaridades festivas e culturais, como é o caso, no Brasil, das festas de Parintins e o Bumba Meu Boi. Talvez seja necessário um renascer do interesse pela cultura, da cor local, ao mostrar a importância de se firmar, a partir dessa, a identidade nacional.

Portanto, após analisar a questão da soberania nacional e a globalização cultural, é possível concluir que as fronteiras geográficas e culturais permanecem. Ainda que o intenso processo de intercâmbio entre as nações possa fazer surgir um chamado "mundo sem fronteiras", é preciso discernir até que ponto esse mundo de fato existe. As fronteiras geográficas e as culturais muitas vezes formam conjuntos disjuntos, como é o caso da Bélgica. Deve-se fazer, em última instância, valer a frase do líder queniano, para que a aculturação não ocorra daquela maneira. A cultura é uma identidade única e intransferível!

© Redação - FUVEST 2009

Transcrição Redação 04- 2009

Reais conjuntos disjuntos com intersecções complexas

"Quando eles chegaram, nós tínhamos as terras e eles, a Bíblia e fechamos os olhos. Ao abriremos os olhos, eles tinham as terras e nós, a Bíblia". Esta singular frase de um líder queniano retrata muito bem a expansão das fronteiras europeias no contexto do neocolonialismo, característica do processo imperialista europeu do século XIX. A ampliação das fronteiras - parte limítrofe de um espaço em relação a outro - pode acontecer simplesmente de forma geográfica, bem como a disseminação cultural como bem relatado na frase do líder queniano, em que houve uma aculturação daquela população, para fins econômicos. Mesmo com o intenso intercâmbio de informações velozes e a agilidade promovida durante a nova ordem global, não existe uma quebra definitiva de fronteiras geográficas e culturais, o que leva à permanência das mesmas.

O direito à soberania nacional de cada país está assegurado na carta da ONU e mes-

mo, por vezes desrespeitada, ainda tem validade como conceito internacional. A foto presente na coletânea é bem figurativa, ao demonstrar uma fronteira até "artificial" entre a Holanda e a Bélgica. Isto decorre do fato de boa parte belga ser flamenga, cuja cultura é muito semelhante à batava – a língua por exemplo, é o "Flamish", muito semelhante ao holandês. No entanto, as fronteiras culturais se diferem das barreiras geográficas. A Bélgica, mesmo como um país tampão – segurar atritos entre França e Alemanha ilha - aceitou e assegura a identidade belga. A outra parte, Valã – fala francês – também aceita ser belga. O fato de haver disputas entre valões e flamengos não impede a existência de uma nação belga, soberania e assegurada.

A intenso processo de globalização levou à existência de uma cultura massificada e, por vezes, até mesmo unificada; no entanto ainda prevalece um certo regionalismo, principalmente em culturas mais rígidas que não aceitam de bom grado a miscigenação. É irrefutável a existência de uma cultura tabelada, principalmente com a dissiminação de um "neo-american way of life". Mesmo assim, há regiões e países que ainda fazem valer das peculiaridades festivas culturais, como é o caso, no Brasil, das festas de Paritins e o Bumba Meu Boi. Talvez seja necessário um renascer do interesse pela cultura, da cor local, ao mostrar a importância de se firmar, a partir dessa, a identidade nacional.

Portanto, após analisar a questão da soberania racional e a globalização cultural, é possível concluir que as fronteiras geográficas e culturais permanecem. Ainda que o intenso processo de intercâmbio entre nações possa fazer exigir um chamado "mundo sem fronteiras", é preciso discernir até que ponto esse mundo de fato existe. As fronteiras geográficas e as culturais muitas vezes formam conjuntos disjuntos, como é o caso da Bélgica. Deve-se fazer, em última instância, valer a frase do líder queniano, para que a cultura não ocorra daquela maneira. A cultura é uma identidade única e intransferível.

Análise

A redação 4 do ano de 2009 já começa com a apresentação de uma citação direta atribuída pelo candidato a um líder queniano. A citação retrata a expansão de fronteiras de alguns países, o que foi caracterizado como neocolonialismo. O candidato apresentou a citação por meio do discurso direto e, em seguida, expôs as próprias considerações. É possível entender que começar o texto com uma citação parece criar a ideia de maior autoridade, visto que o candidato, antes mesmo de expor as próprias ideias, traz a do outro.

O estilo utilizado foi o linear, visto que, tanto pelo uso das aspas neste caso, quanto pelo distanciamento e pela demarcação do discurso alheio separado do discurso do candidato, é possível perceber que houve a intenção de separar os discursos. Há, logo em seguida, manifestação de juízo de valor. O candidato interpreta o que a frase significa e faz um caminho histórico para retratar o processo citado. Ele utiliza a citação apenas como uma forma de comprovar o que está defendendo. Termina o parágrafo falando sobre a construção das fronteiras geográficas e afirma que, apesar dessa delimitação, não existe, por exemplo, uma quebra definitiva da geografia e da cultura.

Citar uma frase dessa extensão diretamente pode ser considerado algo complexo, visto

que no momento da prova do vestibular, é bastante difícil trazer um conteúdo tão completo decorado. No diálogo com o interlocutor, pode ser que o candidato esperasse ver valorizado seu discurso, pelo caráter de "dificuldade" e "singularidade" que ele sugere. Acrescente-se que o conteúdo citado está diretamente relacionado ao que foi defendido.

Ao longo do texto o candidato fala sobre “soberania nacional” e dialoga com a coletânea no segundo parágrafo, fazendo referência à foto em que uma linha delimita a fronteira entre Bélgica e Holanda. Ao longo de todo o parágrafo o candidato discorre sobre esses dois países, demonstrando ter um conhecimento amplo sobre a questão histórica e geográfica, demonstrando como a interdisciplinaridade é constitutiva e presente na elaboração dos enunciados durante a prova do vestibular.

No terceiro parágrafo de desenvolvimento o autor discorre sobre a globalização e sobre esse processo que leva à existência de uma cultura massificada. O candidato fala sobre a influência, sobretudo da cultura norte-americana propagada pelo mundo. Mas afirma que a ainda existem países que, apesar da globalização, mantêm suas especificidades.

Na conclusão do texto o candidato retoma o que foi trabalhado e faz uma ressalva em relação à existência de um mundo sem fronteiras, visto que, para ele, apesar da globalização e da expansão das fronteiras, não dá para negar a existência de algumas delimitações. Termina retomando a frase do líder queniano apresentada na introdução e diz que é preciso que não haja dominações e delimitações de fronteiras de maneira forçada.

5.2.9 Redações ano 2010

Redação 02- 2010

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa folha.

A realidade por imagens
 pessoas, fatos, sentimentos e instituições. A imagem é um dos meios mais poderosos de dizer o incomunicável dos mais variados temas. Ou, como simplificou-se no adágio popular, "uma imagem vale mais do que mil palavras". Esta poderosa ferramenta desempenha, na civilização atual, um papel insubstituível: o de despertar os indivíduos da sociedade às situações lamentáveis com que convivemos muitas vezes indiferentemente.

O mundo de hoje está repleto de Tio Patinhas e Donalds. De um lado, os primeiros, "homens poderosos" controladores da massa. Eles realizam todo tipo de ação, desde a venda de produtos simples até a execução de ~~atras~~ crimes cruéis a fim de maximizar seus lucros. De outro, os Donalds, homens que aceitam as imensuráveis ações de Tio e agem da mesma forma, em nome do lucro, da fama, do poder. A maior parte dos demais indivíduos assiste a esta realidade indiferentemente, à medida que a mente capitalista se infiltra em toda a sociedade. Esta visão acarreta a alienação das pessoas, que passam a ver a inversão de valores como normal: inéscia, por meio da asceta, estimuladora da competição, e das empresas, que dão o aval à trapaça como meio de ascensão. Assim, os indivíduos vivem num mundo imoral sem sequer perceber.

Se relacionar-se diretamente com a realidade faz com que se tornem indiferentes com a realidade, as imagens alcançam os homens com maior poder: conscientiza e instiga o desejo de transformação das situações nada desejáveis. O símbolo imagético permite a percepção da realidade de maneira com a qual convivemos na medida em que conduz à reflexão interior, e os artes são exemplos em por exemplos. Magritte, em sua obra "Os amontes", retrata dois indivíduos mascarados se beijando; um não conhece o rosto do outro, pois o que prevalece é a massificação, o uso de máscaras. Verian - Jannus e Amer Andy Warhol, por sua vez, faz uma denúncia do retratar Marilyn Monroe numa serigrafia. A princípio, tem-se a impressão de um mero retrato, porém, com uma análise profunda revela-se a futilidade da sociedade capitalista e a busca por cores temporárias como a fama e o poder. Essas imagens escandalizam e causam horror aqueles que a veem, pois rompem a cegueira e mostram crua e diretamente a situação presente. A partir do horror causado, passam a desear mudanças na realidade vigente.

percebe-se, portanto, que as imagens comunicam e que a convivência com a realidade cega. Elas — acordam para a falta de sentimentos e de valores presentes e instigam o desejo de transformar situações lamentáveis. Instigam, enfim, a volta dos sentimentos éticos e, principalmente, humanos.

Redação - FUVEST 2010

Transcrição da Redação 02- 2010

A realidade por imagens

Pessoas, fatos, sentimentos e instituições. A imagem é um dos meios mais poderosos de dizer o incomunicável dos mais variados temas. Ou, como simplificou-se no adágio popular, "uma imagem vale mais do que mil palavras". Esta poderosa ferramenta desempenha, na civilização atual, um papel insubstituível: o de despertar os indivíduos da sociedade às situações lamentáveis com que convivemos muitas vezes indiferentemente.

O mundo de hoje está repleto de Tio Patinhas e Donalds. De um lado, os primeiros, "homens poderosos" controladores da massa. Eles realizam todo tipo de ação, desde a venda de produtos simples até a execução de atos criminosos a fim de maximizar seus lucros. De outro, os Donalds, homens que aceitam as imensuráveis ações de Tio e agem da mesma forma, em nome do lucro, da fama, do poder. A maior parte dos demais indivíduos assiste a esta realidade indiferentemente, à medida que a mente capitalista se infiltra em toda a sociedade. Esta visão acarreta a alienação das pessoas, que passam a ver a inversão de valores como normal: inéscia, por meio da asceta, estimuladora da competição, e das empresas, que dão o aval à trapaça como meio de ascensão. Assim, os indivíduos vivem num mundo imoral sem sequer perceber.

nosos a fim de maximizar seus lucros. De outro, os Donalds, homens que aceitam as inescrupulosas ações do tio e agem da mesma forma, em nome do lucro, da fama, do poder. A maior parte dos demais indivíduos assistem a esta realidade indiferentes, à medida que a mente capitalista se infiltra em toda a sociedade. Esta visão acarreta a alienação das pessoas, que passam a ver a inversão de valores como normal e inócuo, por meio da escola, estimuladora da competição, e das empresas, que dão o aval à trapaça como meio de ascensão. Assim, os indivíduos vivem num mundo imoral sem sequer perceber.

Se relacionar-se diretamente com a realidade faz com que se tornem indiferentes com a realidade, as imagens alcançam os homens com maior poder: conscientiza e instiga o desejo de transformação das situações nada louváveis. O símbolo imagético permite a percepção da realidade desumana com a qual convivemos na medida em que conduz à reflexão interior, e as artes são pródigas em dar exemplos. Magritte, em sua obra "Os amantes", retrata dois indivíduos mascarados se beijando; um não conhece o rosto do outro, pois o que prevalece é a massificação, o uso de máscaras sociais – jamais o amor. Andy Warhol, por sua vez, faz uma denúncia ao retratar Marilyn Monroe numa seriografia. A princípio, tem-se a impressão de um mero retrato, porém, com uma análise profunda, revela-se a futilidade da sociedade capitalista e a busca por coroas temporárias como a fama e o poder. Essas imagens escandalizam e causam horror àqueles que as veem, pois rompem a cegueira e mostram cruamente a situação presente. A partir do horror causado, passam a desejar mudanças na realidade vigente.

Percebe-se, portanto, que as imagens comunicam o que a convivência com a realidade cega. Elas – acordam para a falta de sentimentos e de valores presentes e incitam o desejo de transtornar situações lamentáveis. Instigam, enfim, a volta dos sentimentos éticos e, principalmente, humanos.

Análise

Em 2010, a FUVEST apresentou como tema "Um mundo por imagens", isto é, conforme já apresentado no capítulo 4 deste trabalho, foi pedido que o candidato escrevesse sobre a construção de imagens na sociedade contemporânea.

Em 2010, apenas duas das cinco redações apresentaram citações. E nenhuma delas foi proveniente do discurso apresentado na coletânea. Assim, entendemos que em alguns anos o diálogo da coletânea é maior do que em outros. Nas considerações finais apresentamos algumas reflexões gerais sobre isso.

A redação 2 do ano de 2010 é intitulada "A realidade por imagens". O candidato inicia o texto falando sobre a importância de uma imagem e afirmando que ela é capaz de apresentar ideias tal qual um texto. Para comprovar isso o candidato, já na introdução, apresenta uma citação de um discurso do senso comum, utilizando o discurso direto e deixando evidente para o corretor que se trata de um discurso clichê o qual tem plena validade. Então, para reafirmar o que está dizendo, o candidato cita o discurso "uma imagem vale mais do que mil palavras". Podemos entender o uso do discurso direto de diversas formas: por ser um discurso bastante conhecido e de fácil memorização, o candidato preferiu apresentar diretamente as ideias do

enunciado do outro e também como uma tentativa de demarcar o discurso alheio, separando-o do próprio.

Por se tratar justamente de um discurso do senso comum, altamente proferido pela massa, ao utilizar aspas e ressaltar que se trata de um “adágio popular” o candidato visa se proteger do corretor, por exemplo, em relação à autoridade do discurso. Como o candidato deixa claro que se trata de um discurso popular, pode-se enxergar uma nítida tentativa de separação de discursos visto que, segundo o imaginário coletivo, conteúdos clichês não são considerados como sendo algo bom em um texto do vestibular.

Assim, a presença do discurso direto e dessa delimitação entre o discurso do “eu” e o discurso do “outro” nos faz acreditar na presença do estilo linear, visto que há uma evidente tentativa de desvincular o discurso do “eu” do discurso alheio. Apesar de o candidato estar defendendo uma ideia semelhante e afirmar com as próprias palavras antes da citação sobre o quanto uma imagem diz, representa, há a preocupação em separar as próprias palavras das do outro, justamente porque se trata - como ele mesmo adverte: a simplificação de um “adágio popular” e isso pode não ser bom. Então, não identificamos a presença de um juízo de valor em relação à citação, mas sim uma exposição de um discurso apenas para comprovar o que havia sido apresentado.

Ao longo do texto o candidato não cita mais discursos alheios, mas faz referência a diversas obras, personagens e afins. No primeiro parágrafo de argumentação – segundo parágrafo do texto- o candidato discorre sobre explorações sofridas por muitos indivíduos atualmente, pois há donos do poder que manipulam e enganam parte da população. Neste parágrafo especificamente o candidato não menciona e nem relaciona o conteúdo com o tema das imagens. Isso é feito no parágrafo seguinte.

No terceiro parágrafo, o candidato defende que a importância das imagens consiste justamente em denunciar as explorações sofridas por alguns indivíduos, retomando a ideia do parágrafo anterior. Para dar exemplos disso o candidato apresenta um diálogo com uma obra de Magritte – Os amantes- a qual, segundo ele, retrata dois indivíduos se beijando, os quais estão usando máscaras, fazendo uma nítida referência ao uso de máscaras sociais, as quais constroem imagens daquilo que os indivíduos não são. Além de fazer referência a Magritte, apresenta também Andy Warhol, artista que retratou Marilyn Monroe, expondo, segundo o candidato a futilidade da sociedade e a cegueira que existe atualmente em relação às manipulações sofridas.

Na conclusão, há a reafirmação de que as imagens retratam aquilo que as pessoas não enxergam ou não querem enxergar em uma sociedade. Como consequência disso, ele defende

que, quando as pessoas, por meio das imagens, conseguem enxergar a realidade, há um retorno àquilo que é subjetivo.

Nessa redação é possível perceber claramente a presença da intertextualidade e da interdisciplinaridade, visto que o candidato dialoga com diversos construídos durante a vida. Percebe-se um diálogo explícito com a arte e isso pode estar relacionado ao próprio tema, visto que a elaboração de um quadro, de uma obra de arte engloba a elaboração de imagens que têm sentido e reproduzem um conteúdo, sem fazer o uso de palavras.

Redação 03- 2010

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa folha.

Sem limites

Não há limites para o imaginário humano. Mesmo em condições adversas, o homem é capaz de criar representações da realidade, seja com a intenção de mudar uma situação vigente, seja para sair da rotina monótona do cotidiano ou fugir de uma realidade hostil à vida. Essas imagens exercem um importante papel na alma humana, as quais vão muito além da conotação recreativa, elas fomentam a esperança e em alguns casos, podem determinar a sobrevivência de um indivíduo.

No filme "A vida é bela", cujo contexto é o da Segunda Guerra Mundial, um homem, prisioneiro em um campo de concentração, tece uma gama de imagens positivas e divertidas para que seu filho, uma criança, pense estar em meio a uma brincadeira. Nesse caso, a fuga da realidade por meio da inventividade humana, significou o alívio do indivíduo, mas isso lhe garantiu a sobrevivência, pois o garoto resistiu até o fim para que possa receber sua recompensa.

Em "O Náufrago", o personagem interpretado por Tom Hanks, imagina uma ilha fantástica, dotada de pernilongo, a qual foi dada o nome de "Wilson". Essa criação do naufrago evitou que a solidão o levasse à loucura e ao suicídio, até ser resgatado. Ambos os exemplos dados ~~denotam~~ são substituições da realidade por imagens visando o "eu", assim como ocorre na sociedade atual, em que o individualismo cresce, a competição acirra-se e cria-se uma realidade hostil, a fuga torna-se uma questão de sobrevivência.

~~Mar~~ Luther King ao proferir a frase "I have a dream" referia-se à imagem criada por ele de um mundo melhor, em que o convívio entre brancos e negros fosse pacífico. A realidade, entretanto, era marcada por um verdadeiro apartheid, ataques de organizações como a Ku Klux Klan, numa espécie de "caça às bruxas". Após King, muitos da intolerância diminuiu. A imagem criada por um homem salvou o coletivo.

Desse forma, ~~as~~ nem somente para fugir da realidade servem as imagens. Elas exercem papel fundamental na transformação do mundo, o qual de hostil pode tornar-se melhor, como o conseguido por King.

© Redação - FUVEST 2010

Transcrição da Redação 03- 2010

Sem limites

Não há limites para o imaginário humano. Mesmo em condições adversas, o homem é capaz de criar representações da realidade, seja com intenção de mudar uma situação vigente, seja para sair da rotina monótona do cotidiano ou fugir de uma realidade hostil à vida. Essas imagens exercem um importante papel na alma humana, as quais vão muito além da conotação recreativa, elas fomentam a esperança e em al-

guns casos, podem determinar a sobrevivência de um indivíduo.

No filme "A vida é bela", cujo contexto é da Segunda Guerra Mundial, um homem, prisioneiro em um campo de concentração, tece uma gama de imagens positivas e divertidas para que seu filho, uma criança, pense estar em meio a um brincadeira. Nesse caso, a fuga da realidade por meio da inventividade humana, significou o alheamento do indivíduo, mas isso lhe garantiu a sobrevivência, pois o garoto resiste até o fim para se que possa receber sua recompensa.

Em "O naufrago", o personagem interpretado por Tom Hanks, imagina uma bola falante, dotada de pensamento, a qual foi dado o nome de "Wilson". Essa criação do naufrago evitou que a solidão o levasse à loucura e ao suicídio, até ser resgatado. Ambos os exemplos dados são substituições da realidade por imagens visando o "eu", assim como ocorre na sociedade atual, em que o individualismo cresce, a competição acirra-se e cria-se uma realidade hostil, a fuga torna-se uma questão de sobrevivência.

Luter King ao proferir a frase "I have a dream" referia-se à imagem criada por ele de um mundo melhor, em que o convívio entre brancos e negros fosse pacífico. A realidade, entretanto, era marcada por um verdadeiro apartheid, ataques de organizações como a Ku Klux Klan, numa espécie de "caça às bruxas". Após King, muita intolerância diminuiu. A imagem criada por um homem salvou o coletivo.

Dessa forma, nem somente para fugir da realidade servem as imagens. Elas exercem papel fundamental na transformação do mundo, o qual de hostil pode tornar-se melhor, como o conseguido por King.

Análise

A redação 03 do ano de 2010 é intitulada "Sem limites", justamente porque uma das ideias que o candidato defende é o fato de não haver limites para o imaginário humano. Na introdução, o candidato defende que o ser humano tem a possibilidade de criar representações para que consiga mudar a realidade em que vive, sair da rotina ou fugir da realidade hostil e criar algo melhor. Ele defende que a construção de imagens é importante para a alma, pois fortalece a esperança dos indivíduos.

O primeiro parágrafo de desenvolvimento retrata a construção de imagens como forma de sair da realidade em que se vive. Para isso, faz referência ao filme "A Vida é Bela", o qual fala sobre a Segunda Guerra Mundial e a história de um pai e um filho que vivem em um campo de concentração e o pai elabora imagens para que o filho possa enxergar positividade e para que tenha esperança de uma realidade melhor.

No terceiro parágrafo da dissertação o candidato faz referência ao filme "O naufrago", em que a personagem enxergou em uma bola a representação de um amigo para fugir da solidão. Assim, segundo o candidato, os dois exemplos mostram que o ser humano cria algumas representações para conseguir, de fato, fugir de uma realidade hostil e buscar meios para sobreviver de forma mais leve.

O terceiro parágrafo do texto- quarto do desenvolvimento- fala sobre Martin Luther King e sobre o discurso “I have a dream”, no qual ele cria uma representação de mundo no qual espera que os filhos vivam. É neste parágrafo que se encontra a citação. O candidato cita a frase “I have a dream” utilizando a forma especial de discurso indireto em que se demarca a expressão, ou seja, aquilo que se chama variante analisadora de expressão – quando se tem o discurso direto inserido no indireto. Entendemos que citar o discurso alheio aqui é uma forma de apresentar um exemplo que dê autoridade ao texto. Além disso, a opção por esse tipo de discurso pode ser explicada pelo fato de que se trata de uma frase curta e de um discurso bastante conhecido histórica e mundialmente. O candidato conclui o parágrafo dizendo que a construção da imagem de um mundo melhor auxiliou na construção da imagem de um mundo melhor para o coletivo.

Pensando no estilo, é possível entender que o candidato empregou o estilo linear, pois, apesar de citar indiretamente, o discurso do outro está inserido no próprio demarcado com aspas, de modo que não se mescla àquilo que ele está defendendo. Há uma nítida separação de discursos, apesar da manifestação de concordância em relação ao que o discurso alheio apresenta.

O candidato conclui o texto reafirmando que a elaboração de imagens auxilia os indivíduos a saírem de uma realidade hostil em que vivem e criar, imagetivamente, e concretamente um mundo melhor.

É interessante ressaltar aqui nossa dificuldade em delimitar o tipo de discurso, tanto neste quanto em alguns outros textos, visto que alguns candidatos alteram a estrutura sintática comum para citações, o que nos desafia a estabelecer uma classificação mais arbitrária.

5.2.10 Redações ano 2011

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa folha.

O coletivo em detrimento do individualismo

A sociedade ocidental contemporânea, que teve sua gênese ao longo de uma série de revoluções ocorridas nos séculos XVIII e XIX, é marcada, cada vez mais, por um espírito individualista, em que não há, de modo geral, uma preocupação para com o outro nem para com o coletivo.

Ho retornar o pensamento predominante na Antiguidade Clássica, observa-se que havia uma clara preferência pelas ações e relações coletivas. Aristóteles, em sua obra *Ética a Nicômaco*, preconiza que as relações humanas, como a política e a amizade, só podem ser construídas a partir do momento em que as pessoas desejem para os outros o que elas desejam para si mesmas. Nessa perspectiva, o estagirita afirma que uma relação verdadeira só pode ser construída virtuosamente, ou seja, por meio de uma prática constante de um meio termo entre o excesso e a falta, com a finalidade de uma atitude altruística.

Porém, constata-se que desde o advento da sociedade moderna, com o ascensão de uma mentalidade burguesa, estas ideias predominantes nas sociedades clássicas foram esvaindo-se em favor do egoísmo e das ações particulares. A partir da disseminação desta nova concepção sobre as relações humanas, observa-se que estas são marcadas, principalmente, pela fragilidade e pela superficialidade. Prova disso é o próprio desenvolvimento do sistema capitalista, notadamente após a Revolução Industrial Inglesa, que de modo irracional explorou não somente os indivíduos desfavorecidos pelo sistema, mas também a natureza em busca de matérias-primas e fontes energéticas. Este fato mostra que não há uma preocupação com o bem-estar do outro, nem mesmo com o singular e inalienável direito à vida, sendo necessária, para mudar este quadro, uma série de sublevações e protestos por parte destes segmentos sociais marginalizados para que houvesse a garantia da dignidade humana.

Nesse sentido, fica evidente que o homem, de modo geral, não tem mais uma preocupação de desfrutar das coisas simples da vida, como a proposta de Burke Marx ao plantar palmeiras para que as futuras gerações possam presenciar este espetáculo da natureza. Isto ocorre devido à predominância de uma cultura de massa, alienada, preocupada em obter parâmetros e um ritmo eloquente de consumo em detrimento de uma mentalidade coletiva de bem-estar, que tenha por objetivo amenizar os hediondos flagelos que ocorrem em todo o mundo, como por exemplo as guerras civis que ocorrem em ^{algumas} partes africanas.

Desse modo, há uma necessidade de desenvolver um mundo sustentável em vários aspectos como os sociais, os políticos e os ligados à preservação da natureza. Nesse aspecto, partindo de uma perspectiva wertiana para analisar o indivíduo, em que este pode auto-determinar-se independentemente do sistema em que está inserido, observa-se que, mesmo a maioria adotando um pensamento egoísta, alguns indivíduos tornam-se dona realidade e contribuem de modo efetivo para a construção de um mundo igualitário e mais justo, compartilhando, assim, um pensamento de longo prazo para a sociedade. Ho tomar-se este posicionamento, é concebível que no mundo contemporâneo as atitudes altruísticas ainda desempenham um importante papel, que poderá expandir, de modo concreto, a partir do momento em que se implementor um sistema educacional capaz de transformar a mentalidade predominante.

Redação - FUVEST 2011

Transcrição da redação 01- 2011

O coletivo em detrimento do individualismo

Asociedadeocidentalcontemporânea, quetevesua gêneseaolongodeuma sériederevoluções ocorridas nos séculos XVIII e XIX, é marcada, cada vez mais, por um espírito individualista, em que não há, de modo geral, uma preocupação para com o outro nem para com o coletivo.

Ao retornar o pensamento predominante na Antiguidade Clássica, observa-se que havia uma clara preferência pelas ações e relações coletivas. Aristóteles, em sua obra *Ética a Nicômaco*, preconiza que as relações humanas, como a política e a amizade, só podem ser construídas a partir do momento em que as pessoas desejem para os outros o que elas desejam para si mesmas. Nessa perspectiva, o estagirita afirma que uma relação verdadeira

só pode ser construída virtuosamente, ou seja, por meio de uma prática constante de um meio termo entre o excesso e a falta, com a finalidade de uma atitude altruística.

Porém, constata-se que desde o advento da sociedade moderna, com a ascensão de uma mentalidade burguesa, estas

idéias predominantes nas sociedades clássicas foram esvaindo-se em favor do egoísmo e das ações particulares. A partir da disseminação desta nova concepção sobre as relações humanas, observa-se que estas são marcadas, principalmente, pela fragilidade e pela superficialidade. Prova disso é o próprio desenvolvimento do sistema capitalista, notadamente após a Revolução Industrial Inglesa, que de modo irracional explorou não somente os indivíduos desfavorecidos pelo sistema, mas também a natureza em busca de matérias-primas e fontes energéticas. Este fato mostra que não há uma preocupação com o bem-estar do outro, nem mesmo com o singular e inalienável direito à vida, sendo necessário, para mudar este quadro, uma série de subterfúgios e protestos por parte destes seguimentos sociais marginalizados para que houvesse a garantia da dignidade humana.

Nesse sentido, fica evidente que o homem, de modo geral, não tem mais uma preocupação de desfrutar das coisas

simples da vida, como a proposta de Burle Marx ao plantar palmeiras para que as futuras gerações possam presenciar este espetáculo da natureza. Isto ocorre devido à predominância de uma cultura de massa, alienadora, preocupada em ditar parâmetros e um ritmo eloquente de consumo em detrimento de uma mentalidade coletiva de bem-estar, que tenha por objetivo amenizar os hodiernos flagelados que ocorrem em todo o mundo, como por exemplo as guerras civis e a fome que ocorrem em solo africano.

Desse modo, há uma necessidade de desenvolver um mundo sustentável em vários aspectos como os sociais, os políticos e os ligados à preservação da natureza. Nesse aspecto, partindo de uma perspectiva sartriana para analisar o indivíduo, em que este pode autodeterminar-se independentemente do sistema em que está inserido, observa-se que, mesmo a maioria adotando um pensamento egoísta, alguns indivíduos destacam-se dessa realidade e contribuem de modo efetivo para a construção de um mundo igualitário e mais justo, compartilhando, assim, um pensamento de longo prazo para a sociedade. Ao tomar-se este posicionamento, é concebível que no mundo contemporâneo as atitudes altruísticas ainda desempenhem um importante papel, que poderá expandir, de modo concreto, a partir do momento em que se implementar um sistema educacional capaz de transformar a mentalidade predominante.

Análise

Em 2011, a FUVEST apresentou um tema mais concreto, pediu que os candidatos discorressem sobre o altruísmo e o pensamento a longo prazo, questionando se tais “sentimentos” ainda têm espaço no mundo contemporâneo. A coletânea apresentada era bastante rica, com imagens e diversos textos os quais auxiliaram na construção da elaboração das reflexões dos candidatos.

Na redação 01 do ano de 2011 o candidato introduz suas ideias já defendendo a tese de que a sociedade ocidental do século XXI tem se tornado cada vez mais individualista. Para defender essa tese, no argumento 1 apresenta um retorno histórico ao período da antiguidade clássica. É neste momento que aparece a citação. O candidato cita o discurso de Aristóteles presente na obra *Ética a Nicômaco*, na qual o filósofo defende que relações humanas só podem ser construídas a partir do momento em que as pessoas tiverem a condição de desejar ao outro àquilo que desejam para si mesmas. Assim, defende que a amizade e as relações só

podem ser construídas quando houver virtude.

O candidato citou o discurso de Aristóteles de forma indireta e inseriu as palavras do outro no próprio discurso. O discurso indireto pode ter sido utilizado porque, durante o momento da prova, não é fácil lembrar exatamente aquilo que o filósofo escreveu, da mesma forma como ele colocou. É interessante observar, novamente, a presença de um filósofo a fim de dar autoridade ao texto e ao argumento apresentado.

Não fica evidente, no parágrafo, a relação de concordância ou discordância em relação ao discurso citado. Porém, ao analisar o conjunto da redação, percebemos que o candidato defende a existência de um mundo individualista e não virtuoso. Apesar disso, concorda com Aristóteles, pois, se houver virtude e preocupação com o outro, assim como se preocupa consigo mesmo, o mundo será menos individualista.

Percebe-se, com isso, a presença do estilo pictórico, pois não há fechamento das ideias do discurso citado e, ainda que não após a citação, há manifestação, ao longo do texto, do juízo de valor do candidato em relação ao que é citado. É interessante pensar na interdisciplinaridade, novamente, visto que o candidato apresenta um discurso da filosofia na elaboração da redação.

No terceiro parágrafo do texto o candidato apresenta, de novo, um caminho histórico, afirmando que a mentalidade presente na antiguidade clássica foi alterada a partir do momento em que a sociedade burguesa passou a valorizar mais o lucro do que as relações humanas. O candidato cita o período da Revolução Industrial, defendendo que neste momento da história não só a preocupação com os indivíduos foi esquecida, dada a imensa exploração à qual eram submetidos, mas também a falta de preocupação com o meio ambiente, pois naquele momento foi iniciado um movimento para exploração da natureza, o que perdura até hoje, numa nítida falta de preocupação com o futuro e, conseqüentemente, com o outro.

No quarto parágrafo o candidato dialoga com a coletânea, porém, sem citar direta ou indiretamente. O candidato defende que os seres humanos não têm, atualmente, o mesmo pensamento de Roberto Burle Marx – o qual plantou uma palmeira que floresce só a cada 50 anos para que as gerações do futuro possam presenciar o florescimento. O que é defendido neste parágrafo é que a cultura de massa que temos atualmente não pensa mais no coletivo.

Na conclusão do texto o candidato defende que, apesar de tudo, ainda existem indivíduos que mantêm um pensamento a longo prazo. E afirma que, para que isso seja expandido, é necessário que haja uma mudança no cenário educacional, a fim de que os seres humanos possam ser conscientizados em relação ao pensamento no outro.

Redação 02- 2011

ATENÇÃO: Leia atentamente as instruções do conteúdo de questões antes de preencher essa folha.

01 Sobre equívocos, Narcisos e imediatismos

02 Caracterizada pela evidente degradação do "ser" em "ter", a atual estrutura socioeconômica, embasada no que

03 é efêmero e aparente, acarreta na vida uma devastadora inversão de valores. Os indivíduos, influenciados pela

04 vivência em meio a um mercado de consumo marcado pela competição, passaram a enxergar o outro como um inimi-

05 go em potencial. Diante disso, entre relacionamentos superficiais, valores egocêntricos e atitudes que priorizam o

06 imediato, o altruísmo vai se deslocando e se tornando uma raridade no mundo contemporâneo.

07 Em "Amor Líquido", o sociólogo polonês Zygmunt Bauman discute sobre a fragilidade, superficialidade e efe-

08 meridade dos relacionamentos humanos. Para ele, em um mundo que se molda facilmente, pois vive em constante

09 transformação, os laços humanos estão cada vez mais frágeis e instáveis. De fato, a sociedade pós-moderna está

10 cada vez mais mecânica, mais indiferente e menos humana. Se antes a amizade prevalecia, hoje se moldece o

11 dinheiro; se antes o sexo corava o amor, hoje encontram-se praticamente desvinculados. Isso, no entanto, não

12 acontece impunemente; o respeito e a consideração com o outro, a partir disso, já nascem desfigurados, ao

13 passo que o individualismo e egocentrismo se começam a vigorar.

14 No mito grego, Narciso amava-se incondicionalmente. Apreciava sua voz, seu corpo e sua feição. Certo dia,

15 Narciso apaixonava-se por uma voz, a da bela ninfa Eco. Palatáveis aos ouvidos de Narciso, entretanto, não

16 eram as palavras que Eco dizia; eram as palavras que ele mesmo proferia e Eco, amaldiçoada para isso,

17 refletia. Por isso, quando a viu, Narciso a rejeitou friamente, e ela, amargurada, definiu-se. Analogamente,

18 o mundo contemporâneo encontra-se pleno de Narcisos, indivíduos egocêntricos e indiferentes aos outros. Para

19 eles, a imagem própria e o moldecer do "eu" são as prioridades. Assim, sentem-se no direito de ignorar e

20 menosprezar o outro, agindo irresponsavelmente friamente com relação ao outro, ao coletivo, ao mundo.

21 O próprio pensamento imediatista com relação aos recursos naturais, próprios do capitalismo, revela a que grau

22 o altruísmo baixou-se. Embora surjam projetos, tratados e acordos que tentam amenizar o problema ambiental

23 atual, pouco têm sido visto na prática. O fato é que ainda impera a lógica de mercado, onde tempo

24 constitui dinheiro, e como medidas ecológicamente coerentes são mais demoradas, são também economicamente

25 inviáveis. De fato, inexiste o senso de destino compartilhado. E a tal da sustentabilidade, que valoriza

26 a eficiência na utilização dos recursos naturais e pensa nos recursos das gerações futuras, é deixada a

27 segundo plano.

28 A partir disso, depende-se o caráter egocêntrico e imediatista da sociedade contemporânea. Trata-se de

29 uma sociedade cujos valores mais profundos, como o respeito e o altruísmo, que tornam a vida realmente

30 humana, têm sido esquecidos, abandonados e enterrados sob os escombros de uma "lógica moderna", na

31 qual prevalece o "eu". Infelizmente, apenas a recuperação e o resgate de alguns desses valores im-

32 portantes valorizam como relações coerentes nure mundo insano, caracterizado pelo acúmulo de

33 equívocos, Narcisos e imediatismos.

34

Transcrição da Redação 02- 2011

Sobre equívocos, Narcisos e imediatismos

Caracterizada pela evidente degradação do "ser" em "ter", a atual estrutura socioeconômica, embasada no que é efêmero e aparentemente, acarreta na vida uma devastadora inversão de valores. Os indivíduos, influenciados pela vivência em meio a um mercado de consumo marcado pela competição, passaram a enxergar o outro como um inimigo em potencial. Diante disso, entre relacionamentos superficiais, valores egocêntricos e atitudes que priorizam o

imediatista, o altruísmo vai se desfalecendo e se tornando uma raridade no mundo contemporâneo.

Em "Amor Líquido", o sociólogo polonês Zygmunt Bauman discorre sobre a fragilidade, superficialidade e efemeridade dos relacionamentos humanos. Para ele, em um mundo que se molda facilmente, pois vive em constante transformação, os laços humanos estão cada vez mais frouxos e insólidos. De fato, a sociedade pós-moderna está cada vez mais mecânica, mais indiferente e menos humana. Se antes a amizade prevalecia, hoje se enaltece o dinheiro; se antes o sexo coroava o amor, hoje encontram-se praticamente desvinculados. Isso, no entanto, não acontece impunemente; o respeito e a consideração com o outro, a partir disso, já nascem desfigurados, ao passo que o individualismo e egocentrismo começam a vigorar.

No mito grego, Narciso amava-se incondicionalmente. Apreciava sua voz, seu corpo e sua feição. Certo dia, Narciso apaixonou-se por uma voz, a da bela ninfa Eco. Palatáveis aos ouvidos de Narciso, entretanto, não eram palavras que Eco dizia; eram as palavras que ele mesmo proferia e Eco, amaldiçoada para isso, refletia. Por isso, quando viu, Narciso a rejeitou friamente, e ela, amargurada, definhou. Analogamente, o mundo contemporâneo encontra-se pleno de Narcisos, indivíduos egocêntricos e indiferentes aos outros. Para eles, a imagem própria e o enaltecedor do "eu" são as prioridades. Assim, sentem-se no direito de ignorar e menosprezar o outro, agindo friamente com relação ao outro, ao coletivo, ao mundo.

O próprio pensamento imediatista em relação aos recursos naturais, próprio do capitalismo, revela a que grau

o altruísmo rebaixou-se. Embora surjam projetos, tratados e acordos que tentem amenizar o problema ambiental atual, pouco têm sido vistos na prática. O fato é que ainda impera a lógica de mercado, onde o tempo constitui dinheiro, e como medidas ecológicas coerentes são mais demoradas, são também economicamente inviáveis. De fato, inexistente o senso de destino compartilhado. E a tal da sustentabilidade, que valoriza a eficiência na extração dos recursos naturais e pensa nos recursos das gerações futuras, é deixada a segundo plano.

A partir disso, depreende-se o caráter egocêntrico e imediatista da sociedade contemporânea. Trata-se de uma sociedade cujos valores mais profundos, como o respeito e o altruísmo, que tornam a vida realmente humana, têm sido esquecidos, abandonados e enterrados sob os escombros de uma "lógica moderna", na qual prevalece o "eu". Infelizmente, apenas a reeducação e o resgate de alguns desses importantes valores sinalizam como soluções coerentes nesse mundo insensato, caracterizado pelo acúmulo de equívocos, Narcisos e imediatismos.

Análise

A redação 2 do ano de 2011 é intitulada "Sobre equívocos, narcisos e imediatismos". Logo na introdução já fica evidente qual é o posicionamento que o candidato está defendendo: ele afirma que o mundo em que vivemos hoje, em que predomina uma mentalidade de mercado, de consumo, de ter algo em detrimento do que se é, tornam-se raros as relações altruístas e o pensamento no outro.

No primeiro parágrafo de argumentação, o candidato cita Zygmunt Bauman – sociólogo polonês o qual está na coletânea. Porém, é interessante observar que a citação não é proveniente da coletânea, mas sim da bagagem cultural do candidato. A citação apresentada diz que, no mundo atual em que se vive, as relações são frágeis e artificiais. A citação é apresentada por meio do discurso indireto, dada a construção linguística que pode ser observada: presença do verbo de elocução "preconiza" seguida da partícula "que" e as ideias do sociólogo. Novamente, observar o discurso indireto em redações, sobretudo trechos

longos, pode ser explicado pela dificuldade que existem em, durante uma prova de vestibular, lembrar exatamente aquilo que foi apresentado no livro.

Percebe-se, então, a presença do discurso indireto e do estilo pictórico, visto que o candidato não parece querer delimitar o discurso alheio. Não há demarcação com aspas e ainda percebe-se que o discurso alheio se mistura com o próprio discurso. Além disso, há a presença de juízo de valor do candidato, o que pode ser visto no próprio parágrafo quando, após a citação indireta e no início do próximo período o candidato usa a expressão “de fato”, como uma forma de confirmar aquilo que apareceu anteriormente. O candidato cita que o dinheiro e relações sem amor é o que têm prevalecido na sociedade atualmente.

No parágrafo seguinte o candidato dialoga com o mito de Narciso, personagem que morreu devido ao imenso “amor- próprio” que possuía. O candidato compara Narciso com os indivíduos do mundo contemporâneo, defendendo que os indivíduos atualmente priorizam muito mais o enaltecimento do próprio “eu” do que o coletivo. Além disso, o candidato demonstra, no quarto parágrafo do texto, que esse egoísmo é visto na relação do ser humano com o meio ambiente, o que demonstra a falta de pensamento no outro, visto que se não houver preocupação com o planeta, não estaremos construindo um futuro digno para as futuras gerações.

Na conclusão, o candidato elabora um resumo daquilo que foi apresentado ao longo do texto e retoma também a tese: a sociedade contemporânea é egoísta e imediatista. Valores como o altruísmo têm sido esquecidos e predomina a lógica moderna do “eu”. Defende, assim como o candidato da redação 01 de 2011, que a solução é a educação dos indivíduos para que haja um resgate de valores importantes.

Redação 05- 2011

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa folha.

01
02 A fragmentação do homem pós moderno
03
04 O espaço humano está numa relação de constante transformação com os valores e
05 expectativas ~~de~~ do homem. Se existe na natureza uma força que orienta os
06 seres vivos para a vida e para a morte, existe, na experiência humana, um conjunto sub-
07 jetivo de intenções que orienta a transformação do nosso espaço e das relações nele co-
08 locadas. Hoje percebemos diversos problemas causados pela convivência humana num de-
09 terminado espaço: problemas de ordem social, ambiental e urbana, por exemplo, que são
10 a reprodução de certos valores.

11 Para os historiadores, hoje estamos na pós-modernidade. Nicolau Severnko define a
12 pós-modernidade como o fim da crítica: o homem não tem consciência crítica de
13 seu lugar na História e no mundo. O passado não tem significado para ele, nem o
14 futuro. De forma que o presente é a única dimensão conhecida. Se o homem pós-mo-
15 derno está confinado no seu presente conhecido, o então — e nele a natureza, o espaço e
16 outros sujeitos — não se relaciona com ele, já que ambos são definidos pela interferência
17 mútua ao longo do tempo. Severnko descreve, portanto, um homem inconsciente das
18 implicações de sua presença no mundo, apenas superficialmente em contato com suas
19 necessidades. Daí temos o egoísmo levado às últimas consequências, aquele egoísmo pós-
20 moderno em que nem há consciência do "eu". A busca pela realização de um projeto,
21 ou a felicidade, dá lugar na pós-Modernidade à busca pelo prazer individual e imediato.

22 Considerando o homem descrito por Severnko, percebemos que o fim da crítica pro-
23 vavelmente explica os problemas anteriormente citados. A sólida consciência de Karl
24 Marx em relação a outros homens e à História se materializa, no espaço da convivência,
25 na palma talipot; e a ignorância que predomina em nossa sociedade se materializa
26 em conflito e destruição da natureza e da integridade do mundo. As pessoas pós-mo-
27 dernas são incapazes de se colocar, como a palma talipot, como parte de uma cadeia de
28 acontecimentos mutuamente determinados no tempo e no entorno.

29 A implicação disso é que o homem, incapaz de ver sua existência como resulta-
30 do e causa da existência de outros, encontra o próprio fim. Se somos seres históricos,
31 políticos, como disse a historiadora Arendt, e subjetivos, não podemos existir sem perceber
32 o mundo. A pós-modernidade seria a própria fragmentação do homem. Assim, o mun-
33 do contemporâneo não oferece lugar para o altruísmo, o pensamento a longo prazo e
34 para o próprio homem: ele não ensenaja na palma talipot o que via Karl Marx.

Redação - FUVEST 2011

Transcrição da Redação 05- 2011

A fragmentação do homem pós moderno

O espaço humano está numa relação de constante transformação com os valores e expectativas do homem. Se existe na natureza uma força que orienta os seres vivos para a vida e para a morte, existe, na experiência humana, um conjunto subjetivo de intenções que orienta a transformação do nosso espaço e das relações nele colocadas. Hoje percebemos diversos problemas causados pela convivência humana num determinado espaço: problemas de ordem social, ambiental e urbana, por exemplo, que são a reprodução de certos valores.

Para os historiadores, hoje estamos na pós-modernidade. Nicolau Severnko define a pós-modernidade como o fim da crítica: o homem não tem consciência crítica de seu lugar na História e no mundo. O passado não tem significado para ele, nem o

futuro. Deforma que o presente é a única dimensão conhecida. Se o homem pós-moderno está confinado no seu presente conhecido, o entorno – e nele a natureza, o espaço e outros sujeitos – não se relaciona com ele, já que ambos são definidos pela interferência mútua ao longo do tempo. Servenko descreve, portanto, um homem inconsciente das implicações de sua presença no mundo, apenas superficialmente em contato com suas necessidades. Daí temos o egoísmo levado às últimas consequências, aquele egoísmo pós-moderno em quem não há consciência do “ego”. A busca pela realização de um projeto, ou a felicidade, dá lugar na pós-Modernidade à busca pelo prazer individual e imediato.

Considerando o homem descrito por Servenko, percebemos que o fim da crítica provavelmente explica os problemas anteriormente citados. A sólida consciência de Burle Marx em relação a outros homens e à História se materializa, no espaço da convivência, na palma da talipot; e a ignorância que predomina em nossa sociedade se materializa em conflito e destruição da natureza e da integridade do mundo. As pessoas pós-modernas são incapazes de se colocar, como a palma talipot, como parte de uma cadeia de acontecimentos mutuamente determinados no tempo e no entorno.

A implicação disso é que o homem, incapaz de ver sua existência como resultado e causa da existência de outros, encontra o próprio fim. Se somos seus históricos, políticos, como disse a historiadora Arendt, e subjetivos, não podemos existir sem perceber o mundo. A pós-modernidade seria a própria fragmentação do homem. Assim, o mundo contemporâneo não oferece lugar para o altruísmo, o pensamento a longo prazo e para o próprio homem: ele não enxerga na palma talipot o que via Burle Marx.

Análise

A redação 05 do ano de 2011 foi intitulada “A fragmentação do homem pós moderno.” Na introdução o candidato já apresenta seu ponto de vista, defendendo que, no mundo atual, existem diversos problemas causados pela convivência humana, sejam problemas de ordem social ou ambiental.

No segundo parágrafo- 1º parágrafo de desenvolvimento- o candidato já discorre sobre a pós- modernidade, anunciada no título e cita, de modo geral, alguns historiadores, os quais acreditam que estamos vivendo na era da pós-modernidade. E é neste momento que cita Nicolau Sevcenko, historiador brasileiro o qual discorre sobre a pós- modernidade e a citação é feita por meio do discurso indireto. Porém, a construção sintática é distinta daquilo com que estamos acostumados em relação ao discurso indireto, pois o candidato utiliza versos de elocução, como por exemplo o “declara”, seguido da partícula “que”, mas demarca a fala do outro com a presença dos dois pontos (:) o que pode fazer o leitor/corretor crer que se trata de uma citação direta. Nesta redação também ressaltamos o desafio de definir o tipo de discurso utilizado, considerando que o candidato também altera a estrutura sintática convencionalmente conhecida.

Para o historiador, o homem não tem consciência crítica do lugar que ocupa na história e no mundo, por isso só conhece o presente. De acordo com o historiador, o homem

não tem consciência da relação que existe entre ele e os outros elementos do mundo. Nesse sentido, tem-se um homem que busca o prazer individual e no momento presente, o que o torna egoísta.

O uso de uma citação de Sevcenko pode ser considerado como uma tentativa do candidato de expor um argumento de autoridade. O uso do discurso indireto pode ser explicado por um fato que já comentamos em outras redações: por se tratar de um momento de prova, e conseqüentemente de tensão, é desafiador citar diretamente o pensamento de algum autor externo, assim, é mais apazível citar indiretamente. Não houve, portanto, uma delimitação por meio de recursos linguísticos da palavra do outro. Ao pensar no estilo utilizado pelo candidato, entende-se que houve a predominância pelo estilo pictórico, visto que não houve delimitação da voz do outro e apesar do juízo de valor não ter sido apresentado diretamente no parágrafo, o conteúdo apresentado ao longo de todo o texto nos faz entender que houve uma relação de concordância em relação ao conteúdo citado. O candidato defende e argumenta que o homem tem se tornado cada vez mais individualista e egoísta.

No parágrafo seguinte o candidato retoma o diálogo com Sevcenko e relaciona o conteúdo com a coletânea, dizendo que essa falta de consciência do homem faz com que quase não existam atitudes como a de Roberto Burle Marx – citado na coletânea- o qual plantou uma palmeira que só floresce a cada 50 anos, ainda que não possa vê-la, plantou para que gerações futuras tenham essa oportunidade. Quando o candidato afirma que, atualmente, as pessoas são incapazes de ter atitudes semelhantes, percebemos a manifestação de concordância em relação ao conteúdo citado referente ao historiador brasileiro.

O candidato conclui o texto apresentando outra citação indireta. Dessa vez, a autora citada é a historiadora Hannah Arendt. Segundo a historiadora, e o que o candidato cita, somos seres políticos e subjetivos e não podemos viver sem perceber o mundo e nossa relação com ele. A citação de Arendt também é feita de forma indireta, também não está na coletânea e o fechamento do texto com a ideia dela só demonstra mais uma tentativa de conferir autoridade a tudo o que foi apresentado ao longo do texto, visto que o pensamento dela reforça o que o candidato defendeu na argumento: apesar de o homem não ter consciência de sua relação com o mundo, é impossível que isso se mantenha, visto que é impossível que o homem viva apenas no presente, sem perceber que há toda uma construção histórica e social da qual ele faz parte.

Percebemos neste texto, assim como em outros de 2011 que o candidato dialoga com a coletânea, mas não há citações diretas ou indiretas. Tudo o que apareceu é proveniente e leituras que o candidato realizou ao longo de sua formação, o que pode ser considerado como

bastante significativo.

5.2.11 Redações ano 2012

Redação 03- 2012

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa folha.

Apolíticos ou sujeitos?

Aristóteles recebeu, sem dúvida, fundamental influência de seu mestre Platão, autor de "A República", durante sua formação. A paideia, conceito grego de educação, (breve Antigo) era muito mais amplo do que o processo de escolarização atual, e incitava os cidadãos da polis grega à participação de vida pública, de modo que o termo "idiota" se originou neste ambiente. No entanto, passados pouco mais de dois milênios, que ocorre com a formação das novas gerações? Não é raro deparar-se com jovens apolíticos ou desinteressados na vida pública e constantemente preocupados consigo mesmos. Haverá

Symbonka pontiga que "bons filhos da época", ou seja, esboça a ideia de que existe algum determinismo sócio-histórico. Neste sentido, algo deve ocorrer para que os "filhos da época" tenham uma tendência apolítica. Possivelmente algo presente na educação, e além, na educação enquanto formação dos sujeitos, das subjetividades.

O sociólogo Z. Bauman afirma que há interesses financeiros regulando fortemente as instituições políticas, esvaziando-as de sua verdadeira finalidade. Assim o autor sugere a liquidez das relações sociais na (pós)modernidade, em que impera o "princípio de prazer" (conceito freudiano), na busca incessante de satisfação e principalmente através do consumo. Analogamente, Minio Sérgio Lotella alerta de forma contundente que os jovens de hoje "saciam o futuro por antecipação", se esgotando (e esgotando os recursos naturais) freneticamente no que ele chama de inversão do verdadeiro sentido da expressão "carpe diem", ou seja, buscam o prazer a toda hora, sem pensar as consequências futuras.

Assim sendo, parece não só existir uma força econômica por trás da ciência política, mas por de trás de todo o processo de formação dos indivíduos, especialmente em uma sociedade capitalista. Portanto se faz pertinente questionar se a educação escolar (explícita ou implicitamente) incita a competição e se os pais, desde tenra idade estimulam o máximo desempenho individual para que os filhos se sobressaiam perante os outros, e consigam angariar para si benefícios em uma sociedade onde os direitos se tornam privilégios? É, sem dúvida, preciso um esforço sobrenatural, e principalmente para se formar enquanto sujeito. Além de Bauman, outros como Paulo Freire já trataram do tema da alienação dos

pois o apolítico é primeiramente um sujeito. Além de Bauman, outros como Paulo Freire já trataram do tema da alienação dos indivíduos. É este último colar na educação, enquanto conscientização, o papel de possibilitar a cada um, que se faça o autor de sua própria história. Logo o clima histórico e político pesa no próprio trajeto de vida das pessoas, e se ausentar da política é se ausentar do próprio curso da vida.

Sim, até o silêncio tem um eco político, pois se ausentar e deixar que outros decidam por si, é um posicionamento político, embora lamentável. Portanto, para tornar as rédeas da vida nas mãos, é preciso se engajar no que é público e para tanto necessário se faz questionar o modo de vida que se adota e sua finalidade. Porque enquanto a finalidade da vida se pautar pelo interesse privado e prazer individual, jamais a ciência política estabelecerá como finalidade "o bem do homem", estando à mercê de interesses financeiros e da força do capital.

Transcrição da Redação 03- 2012

Apolíticos ou sujeitos?

Aristóteles recebeu, sem dúvida, fundamental influência de seu mestre Platão, autor de "A República", durante sua formação. A paideia, conceito grego de educação, (Grécia Antiga) era muito mais amplo do que o processo de escolarização atual, e incitava os cidadãos da polis grega à participação da vida pública, de modo que o termo "idiota" se originou neste ambiente. No entanto, passados pouco mais de dois milênios, que ocorre com a formação das novas gerações? Não é raro deparar-se com jovens apolíticos ou desinteressados na vida pública e constantemente preocupados consigo mesmos. Haveria.

Szymborska poetizou que "somos filhos da época", ou seja, esboçou a ideia de que existe algum determinismo sócio-histórico. Neste sentido, algo deve ocorrer para que os "filhos da época" tenham uma tendência apolítica. Possivelmente algo presente na educação, e além, na educação enquanto formação dos sujeitos, das subjetividades.

O sociólogo Z. Bauman afirma que há interesses financeiros regulando fortemente as instituições políticas, esvaziando-as de sua verdadeira finalidade. Assim, o autor sugere a liquidez das relações sociais na (pós) modernidade, em que impera o "princípio de prazer" (conceito Freudiano), na busca incessante de satisfação e principalmente através do consumo. Analogamente, Mário Sergio Cortella alerta de forma contundente que os jovens de hoje "sacam o futuro por antecipação", se esgotando (e esgotando os recursos naturais) freneticamente no que ele chama de inversão do verdadeiro

sentido da expressão "carpe diem", ou seja, buscam o prazer a toda hora, sem pesar as consequências futuras.

Assim sendo, parece não só existir uma força econômica por trás da ciência política, mas por trás de todo o processo de formação dos indivíduos, especialmente em uma sociedade capitalista. Força econômica esta que se apresenta imbuída de uma ideologia específica pautada no hedonismo. Portanto se faz pertinente questionar como é possível engajar-se na vida pública, se a educação escolar (explícita ou implicitamente) incita a competição e se os pais, desde tenra idade estimulam o máximo desempenho individual para que os filhos sobressaiam perante os outros, e consigam angariar para si benefício em uma sociedade onde os direitos se tornaram privilégios? É sem dúvida, preciso um esforço sobrenatural, e principalmente para se formar enquanto sujeito

pois o apolítico é primeiramente um sujeito. Além de Bauman, outros como Paulo Freire já trataram do tema da alienação dos indivíduos. E este último colocou na educação, enquanto conscientização, o papel de possibilitar a cada um, que se faça o autor de sua própria história. Logo o clima histórico e político pesa no próprio trajeto de vida das pessoas, e se ausentar da política é se ausentar do próprio curso da vida.

Sim, até o silêncio tem um eco político, pois se ausentar e deixar que outros decidam por si, é um posicionamento político, embora lamentável. Portanto para tomar as rédeas da vida nas mãos é preciso se engajar no que é público e para tanto necessário se faz questionar o modo de vida que se adota e sua finalidade. Porque enquanto a formalidade da vida se pautar pelo interesse privado e prazer individual, jamais a ciência política estabelecerá como finalidade "o bem do homem", estando a mercê de interesses financeiros e da força do capital.

Análise

No ano de 2012, a FUVEST trouxe Política como tema. A redação 03 do ano de 2012 começa falando sobre o conceito de "idiota" proposto por Aristóteles. Apesar de o autor estar

na coletânea, o candidato não cita o conteúdo, apenas comenta, por isso não consideramos esse primeiro trecho na análise, pois não configura citação nem por discurso indireto. Após dialogar com o conceito de Aristóteles, o candidato já apresenta seu ponto de vista: atualmente é comum encontrarmos jovens que se declaram apolíticos e que não têm interesse pelo assunto.

No segundo parágrafo, o autor cita Szymborska, poeta que aparece na coletânea com o poema intitulado “Filhos da época”, o qual fala que é impossível dissociar vida e política. Nesse caso, tem-se um exemplo do discurso indireto com a variante analisadora de expressão, visto que o autor inicia a citação com um verbo de elocução: “poetiza” e logo em seguida apresenta a partícula “que”. Mas, ao invés de citar as palavras do outro utilizando as próprias palavras, abre aspas e cita diretamente um verso do poema. Isso pode ser justificado, pois, por se tratar de uma citação da coletânea, apresentar o discurso indireto antes do direto contribui para que o leitor/corretor olhe diferente para a “cópia” – que pode não ser considerada como algo bom. Assim, por meio da utilização desse tipo especial de discurso, entendemos a tentativa do candidato de mesclar as vozes, ou seja, de mostrar para o corretor que não se trata de uma mera cópia, mas que há uma reflexão em torno daquilo que foi citado.

Percebe-se, neste caso, a presença do estilo pictórico, visto que, apesar de o discurso direto aparecer, é possível perceber que há uma mescla entre o discurso do “eu” e o discurso do outro. Há uma mescla de ideias, apesar de o discurso alheio estar delimitado. Além disso, o candidato apresenta uma interpretação do que o próprio poeta citou.

O terceiro parágrafo do texto também apresenta citação. O candidato apresenta duas citações no mesmo parágrafo – ambas retiradas da coletânea e ambas apresentadas por meio do discurso indireto. A primeira citação é referente ao sociólogo Zygmunt Bauman, o qual diz que as instituições políticas são reguladas por interesses financeiros e isso faz com que percam sua função primeira. Logo em seguida, cita Mário Sérgio Cortella e inicia o período com o advérbio “Analogamente”, mostrando que a ideia do sociólogo e do professor são semelhantes. Cortella defende que os jovens atualmente têm como característica o imediatismo e isso faz com que não desenvolvam interesse pela política e pelo futuro do país, por exemplo, visto que permanecem na filosofia do “Carpe Diem”- aproveitar o momento. As duas ideias se relacionam, pois os dois pensadores falam sobre a falta de interesse a longo prazo e como isso, na política, é algo prejudicial às pessoas.

Conforme já dito, ambas as citações aparecem por meio do discurso indireto. Mesmo sendo retiradas da coletânea, consideramos que o discurso indireto foi utilizado porque não fica bem copiar trechos da coletânea, parece que a ideia passada é de que o candidato não

tinha conteúdo e, por isso, copiou o que foi apresentado nos trechos motivadores.

No quarto parágrafo do texto o candidato não apresenta citações, mas dialoga com os conteúdos apresentados anteriormente ao discorrer sobre interesses econômicos que interferem na política. O candidato defende que dificilmente os indivíduos se interessarão por política em uma sociedade em que, desde cedo, devido à ideologia capitalista, os pais estimulam a competição e o pensamento no “eu” ao invés de um pensamento coletivo. Termina o parágrafo fazendo a reflexão de que somente a educação tem o poder de transformar tal cenário e para embasar essa ideia dialoga com Paulo Freire, sem citar direta ou indiretamente.

O candidato encerra o texto afirmando que os seres humanos precisam se questionar em relação à postura adotada na sociedade. O candidato reafirma o que foi dito ao longo do texto: se o indivíduo continuar pensando somente em aproveitar o momento, movido pela ideologia capitalista, dificilmente haverá interesse político e o pensamento no bem-comum.

Redação 04- 2012

Atenção: Leia atentamente as instruções ou caderno de questões antes de preencher essa folha.

01 Precisa-se de Cidadãos

02

03 Cientistas políticos notaram que a consolidação das instituições democráticas

04 acaba diminuindo a frequência de plebiscitos ou outras formas de participação política

05 popular extraeleitorais. O fato foi tomado, inconstatamente, por muitos, como a supe-

06 ração gradual da participação política, que nos levaria ao surgimento de

07 tecnocracias; a realidade, porém, é outra: não há diminuição da relevância

08 da participação política, ocorre que a solidificação democrática refina essa parti-

09 cipação, aumentando o poder e a importância do voto, claramente indicando a

10 indispensabilidade das eleições.

11 Em uma realidade globalizada, neoliberal, vemos emergir o capital

12 como dirigente supremo da organização social, seja através da política

13 "tradicional" com os "lobbies" promovidos por grandes corporações, ou

14 pela influência midiática dos onurários. A incapacidade dos governos

15 atuais de balancear os interesses do bem comum, equilibrando as

16 liberdades capitalistas com as necessidades dos camadas sociais mais baixas

17 cria uma população cética perante às instituições políticas em geral.

18 A "despolitização" (Brecht chamava de "analfabetização") da sociedade

19 aumenta o vácuo entre as ações estatais e a vontade do povo, deixando o homem

20 médio a mercê dos corporativistas: afastado da política ele perde sua

21 única possibilidade de defender seus interesses e direitos, bem

22 como sua última chance de alterar (ou ao menos dissentir) a

23 ordem vigente e, conseqüentemente, sua realidade diária.

24 Entendendo-se a política como a busca do bem comum, como a defesa

25 dos pequenos contra os maiores, da supremacia do justo sobre o injusto,

26 como desejo de equilíbrio entre interesses e direitos diversos,

27 rejeitando estender um laissez-faire a todos os setores sociais e

28 a barbárie a que seríamos levados, vislumbra-se a participação

29 política não apenas como um direito todo vez mais importante, mas

30 também como uma necessidade imprescindível, um dever.

31

32

33

34

Redação - FUVEST 2012

Transcrição da redação 04- 2012

Precisa-se deCidadãos

Cientistas políticos notaram que a consolidação das instituições democráticas acaba diminuindo a frequência de plebiscitos ou outras formas de participação política popular extraeleitorais. O fato foi tomado, inconstantemente, por muitos, como a superação gradual da participação política, que nos levaria ao surgimento de tecnocracias; a realidade, porém, é outra: não há diminuição da relevância da participação política, ocorre que a solidificação democrática refina essa participação, aumentando o poder e a importância do voto, claramente indicando a

indispensabilidade das eleições.

Em uma realidade globalizada, neoliberal, vemos emergir o capital como dirigente supremo da organização social, seja através da política "tradicional" com os "lobbies" promovidos por grandes corporações, ou pela influência midiática dos anunciantes. A incapacidade dos governos atuais de balancear os interesses do bem comum, equilibrando as liberdades capitalistas com as necessidades das camadas sociais mais baixas cria uma população cética perante as instituições políticas em geral.

A "despolitização" (Brecht chamaria de "analfabetização") da sociedade aumenta o vácuo entre as ações estatais e a vontade do povo, deixando o homem médio amercêdo corporativismo: afastado da política e perdido sua única possibilidade de defender seus interesses e direitos, bem como sua última chance de alterar (ou ao menos discutir) a ordem vigente e, conseqüentemente, sua realidade diária.

Entendendo-se a política como busca do bem comum, como a defesa dos pequenos contra os maiores, da supremacia do justo sobre o injusto, como desejo do equilíbrio entre interesses e direitos diversos, rejeitando estender um *laissez-faire* a todas as questões sociais e a barbárie a que seríamos levados, vislumbra-se a participação política não apenas como um direito cada vez mais importante, mas também como uma necessidade imprescindível, um dever.

Análise

O candidato que escreveu a redação 04 de 2012 já inicia o texto com a intenção de demonstrar autoridade quando, logo na primeira linha, cita alguns cientistas políticos. O candidato começa o texto com "Cientistas políticos notaram". Não é possível saber, por exemplo, se o candidato se refere aos cientistas presentes na coletânea ou a outros. O que é possível perceber é que, logo no início do texto, há a presença de citação indireta. A intenção pode ser justamente a de dar maior autoridade ao texto. A ideia defendida por esses cientistas políticos seria que há uma diminuição da frequência de plebiscitos e outras formas de participação política.

Ainda na introdução o candidato afirma que muitos indivíduos interpretam mal as ideias dos cientistas e já apresenta seu ponto de vista: para o candidato não há diminuição da participação política. No segundo parágrafo do texto e primeiro de argumentação, o candidato desenvolve uma ideia semelhante à apresentada na redação 03 do mesmo ano. Muitas vezes, os interesses econômicos e financeiros se sobressaem aos interesses políticos, o gera uma descrença da população em relação à política.

No terceiro parágrafo o candidato cita Brecht e seu conceito de "analfabetização" política. Pode-se considerar que o candidato cita Brecht por meio do tipo especial de discurso indireto, em que aparece a variante analisadora de expressão. Ao discorrer sobre o conceito,

utiliza as próprias palavras. Assim, percebe-se uma mistura do discurso do outro com o discurso do “eu”, sendo que não é possível saber o que é discurso de quem, por isso poderíamos considerar que há a presença do estilo pictórico. E quanto à citação de Brecht, fica evidente a intenção de apenas dar autoridade ao argumento desenvolvido. A ideia desenvolvida no terceiro parágrafo é a de que o homem, ao se “despolitizar” perde a chance de alterar qualquer situação social. Daí a consequência negativa demonstrada no Brecht quando desenvolve o conceito de analfabetismo político: o homem perde voz e poder na sociedade.

O candidato conclui o texto reafirmando a função da política, que é a busca por um bem comum e sobre a necessidade de equilíbrio entre os interesses privados e públicos. Assim, termina a dissertação defendendo a necessidade de participação política, visto que ela não é apenas importante, mas imprescindível.

Redação 05- 2012

O Grande Poder do Cidadão

O homem, à partir do momento em que começa a viver em sociedade, deve ter o interesse de se posicionar politicamente, pois suas ações têm desdobramentos políticos, assim como a política interfere de forma direta ou indireta em seu cotidiano. Ignorando-a o homem não assume completamente seu papel de agente político e se torna refém da conjuntura e dos interesses alheios que o circundam.

Em um mundo globalizado, a força política do indivíduo rompe as barreiras dos estados nacionais. Segundo sustenta o sociólogo A. Giddens, um consumidor no simples ato de escolher um determinado produto influencia as relações de mercado; estas estão cada vez mais fortemente ligados às decisões políticas dos estados. O sucesso de um produto em determinado país pode, por exemplo, atrair multinacionais que necessitarão de empregados qualificados a serem formados através de políticas públicas.

Além ~~dessa~~ dessa forma de influência, o cidadão, em um estado democrático, tem outras possibilidades. Sob o regime político representativo, o homem politizado tem o conhecimento necessário para eleger bons representantes. Enquanto os alienados perpetuam a descrença na política elegendo políticos incapazes.

A mesma alienação dá margem à corrupção, causa principal de desencanto contra a política; pois, não sendo fiscalizado quanto a sua ideologia partidária, o político se encontra mais livre para jogar com sua influência e obter benefícios pessoais. Essa tendência é evidenciada pelo crescente número de partidos no Brasil que é acompanhado pela crescente falta de ideologia deles.

Frente ao desencanto com a política, o cidadão deve conhecer seu poder e se sentir responsável pela mudança. Tendo-a em vista, é preciso saber que o político não elige bons políticos, assim como amadores não formam profissionais.

© Redação - FUVEST 2012

Transcrição da Redação 05- 2012

O Grande Poder do Cidadão

O homem, à partir do momento em que começa a viver em sociedade, deve ter o interesse de se posicionar politicamente, pois suas ações têm desdobramentos políticos, assim como a política interfere de forma direta ou indireta em seu cotidiano. Ignorando-a o homem não assume completamente seu papel de agente político e se torna refém da conjuntura e dos interesses alheios que o circundam.

Em um mundo globalizado, a força política do indivíduo rompe as barreiras dos estados nacionais. Segundo sustenta o sociólogo

A. Giddens, um consumidor no simples ato de escolher um determinado produto influencia as relações de mercado; estas estão cada vez mais fortemente ligadas às decisões políticas dos estados. O sucesso de um produto em determinado país pode, por exemplo, atrair multinacionais que necessitarão de empregados qualificados a serem formados através de políticas públicas.

Além dessa forma de influência, o cidadão, em um estado democrático, tem outras possibilidades. Sendo o regime político representativo, o homem politizado tem o conhecimento necessário para eleger bons representantes. Enquanto os alienados perpetuam a descrença na política elegendo políticos incapazes.

A mesma alienação dá margem à corrupção, causa principal do preconceito contra a política; pois, não sendo fiscalizado quanto a sua ideologia partidária, o político se encontra mais livre para jogar com sua influência e obter benefícios pessoais. Essa tendência é evidenciada pelo crescente número de partidos no Brasil que é acompanhado pela crescente falta de ideologia deles.

Frente ao descontentamento com a política, o cidadão deve conhecer seu poder e sentir responsável pela mudança. Tendo-a em vista, é preciso saber que o apolítico não elege bons políticos, assim como amadores não formam profissionais.

Análise

A última redação do ano de 2012 e também a última analisada é intitulada “O grande poder do cidadão”. Só pelo título já é possível depreender qual será o posicionamento adotado pelo candidato em relação à participação popular na política.

Logo na introdução o candidato já apresenta seu posicionamento em relação à participação política, defendendo que para que o homem possa viver em sociedade é indispensável que ele seja ativo politicamente. Ao não assumir seu papel politicamente, o homem deixa de ter voz na sociedade e fica refém de decisões alheias.

No segundo parágrafo o candidato discorre sobre a força política de um indivíduo no mundo globalizando, afirmando que ela rompe fronteiras. A citação presente neste texto já aparece neste parágrafo. O candidato cita A. Giddens, sociólogo britânico o qual não aparece na coletânea, por isso essa citação pode ser considerada como a construção do argumento de autoridade do candidato. Segundo o candidato, esse pensador defende que a simples escolha de um produto no mercado já representa, em parte, a participação política de um indivíduo e influencia nas relações de mercado.

Assim, entende-se que o candidato citou indiretamente o sociólogo pelo mesmo motivo exposto nas outras redações: é desafiador citar diretamente um pensador externo à prova de maneira direta, dessa forma justifica-se a presença do discurso indireto. Essa citação

parece revelar a intenção do autor de conferir autoridade às próprias ideias já que, desde o título, ele mantém seu posicionamento em relação à indispensabilidade da participação política, visto que ela interfere em outros setores sociais. Como o sociólogo fala justamente o mesmo, percebe-se a intenção de, ao citar, dar autoridade às ideias.

Pensando no estilo adotado, neste caso defendemos o uso do estilo pictórico visto que, apesar de delimitar quem é o autor, não há delimitação do discurso, nem linguisticamente. Assim, as palavras do eu e do outro mesclam-se e, não só neste parágrafo, como ao longo de todo o texto, inclusive no título, o autor manifesta concordância com as ideias citadas. Assim, ao continuar o parágrafo o candidato reforça as palavras do sociólogo demonstrando como participar politicamente não se restringe a apenas votar, por exemplo.

No terceiro parágrafo, o candidato segue a mesma linha de raciocínio, defendendo que, quando um cidadão não tem educação e consciência política, não elegerá representantes capazes. No quarto parágrafo, o candidato continua defendendo sobre os perigos de não participar politicamente, inclusive comentando que isso pode ser um dos fatores responsáveis pelo surgimento da corrupção – a qual, como em um ciclo- acaba gerando mais desinteresse ainda. O candidato defende que, quando o cidadão não participa politicamente, o político sente-se no direito de “tomar conta de tudo” e, com isso, acaba exercendo seu poder mais baseado em interesses individuais do que coletivos. O candidato conclui o texto afirmando que o cidadão deve estar ciente do seu poder, visto que ao não exercê-lo, seu descontentamento pode ser ainda maior.

Encerramos as análises com o ano de 2012 em que pode ser visto que um número significativo de redações apresentou citações, neste caso tanto citações provenientes da coletânea quanto citações as quais são frutos da bagagem história e cultural do candidato.

Foi possível perceber também que, dependendo da proposta temática do ano, a quantidade de citações foi maior ou menor ou citaram em maior ou menos quantidade a coletânea. Aqueles temas em que o candidato era condicionado a trabalhar com as ideias presentes nos textos dados na proposta de redação, como o tema de 2004, sobre as distintas concepções do tempo ou o tema de 2005, o qual trouxe um conceito novo para o candidato, apresentam maior diálogo com as ideias dos textos da coletânea.

Apresentamos a seguir uma retomada e interpretações de tudo o que foi visto e percebido durante as análises a fim de seguirmos para as considerações finais deste trabalho.

6. Considerações Finais

Neste último capítulo do nosso trabalho apresentamos algumas considerações

relacionadas ao que foi possível depreender a partir das análises realizadas.

Inicialmente, quando decidimos pelo tema do projeto desta pesquisa, influenciadas por aquilo que tínhamos identificado em trabalhos anteriores, imaginávamos que, ao estudar as redações da FUVEST, as quais foram bem avaliadas, também encontraríamos diálogo nos enunciados produzidos. Uma das hipóteses que sustentávamos era a de que encontraríamos citações nas redações escolhidas para constituir o *corpus*. Essa hipótese foi confirmada, visto que, apesar de não realizarmos uma análise quantitativa, identificamos diversas citações em grande parte dos enunciados que compõem o *corpus*.

A priori, também alimentávamos a hipótese de que a FUVEST poderia sofrer influência de outros exames, especificamente do ENEM e, conforme já apresentado, devido ao ENEM cobrar claramente a necessidade de apresentação do “repertório sociocultural produtivo”, imaginávamos que, sobretudo depois que o ENEM ganhou forças no Brasil, a FUVEST, como consequência, também poderia apresentar maior quantidade de repertório citado, seguindo a mesma linha do ENEM. Porém, essa hipótese não pode ser confirmada ou comprovada, dada a quantidade reduzida de redações que analisamos. Por optarmos por analisar uma grande variedade de anos, tornou-se inviável utilizar uma grande quantidade de textos de cada ano na análise. Assim, após 2009- que foi o ano em que o ENEM começou a se sobressair no Brasil- só analisamos 15 redações, o que pode ser considerado como um número bastante reduzido para que seja possível defender, confirmar algo em relação a essa hipótese. Assim, defendemos que, para que essa ideia possa ser comprovada, é preciso que se faça uma pesquisa mais abrangente e com foco especificamente nessa questão, o que não foi o nosso caso e nem nosso objetivo. Por isso justificamos a não confirmação dessa hipótese e a necessidade de ampliação dessa questão em trabalhos futuros.

Segundo o que imaginávamos e que já foi apresentado, identificamos a presença de citações nas redações que compõem parte das melhores redações escolhidas pela FUVEST. Acreditávamos que isso iria acontecer, visto que há um imaginário popular relacionado à FUVEST em relação à necessidade de apresentar vozes externas à prova a fim de dar maior embasamento aos argumentos. Percebe-se que esse discurso, veiculado por muitos cursos e professores de redação, exerce determinado poder nos alunos, considerando que há a apresentação de citações em vários textos.

Percebemos também que houve a predominância do discurso indireto, seja com variantes analisadoras de expressão e variantes analisadoras de conteúdo, em detrimento do discurso direto. Cremos que a explicação para tal fenômeno está associada justamente ao fato de que o candidato, ao produzir a redação no vestibular, está vivenciando um momento de

tensão e torna-se complicado se lembrar das palavras exatas proferidas ou escritas por determinado autor ou estudioso. Assim, a opção pelo discurso indireto pode ser realizada em maior quantidade justamente por ser um recurso mais palpável e viável considerando o contexto de produção. O discurso direto foi utilizado, principalmente com citações curtas ou quando um discurso bastante conhecido era apresentado.

Uma atenção especial deve ser dada ao tipo de conteúdo apresentado pelo candidato. Percebemos, na grande maioria das redações, a citação de textos, músicas, livros e até filmes que são restritos ao universo cultural o qual faz parte do imaginário daquilo que é aceito na escola. Não houve, assim como mais permitido pelo próprio ENEM atualmente, a presença de conteúdos que não compusessem aquilo que identificamos como imaginário do que é aceito na escola. Quando cita discursos proferidos, há uma nítida opção dos candidatos em citar filósofos, sociólogos renomados e presentes nos conteúdos trabalhados na escola. Além disso, os próprios livros citados, em grande maioria, fazem parte dos livros de leitura obrigatória que o vestibular propõe. Assim, aquilo que é “dizível” na escola tem grande influência naquilo que é apresentado, citados nos textos no momento da elaboração da redação durante a prova do vestibular. Claramente percebe-se, então, um discurso construído para a escola.

Com essa análise, dialogamos com as ideias de Geraldí (2007) de que os alunos escrevem os textos na escola tendo em mente justamente o contexto de produção e é nesse sentido que se encontra determinada artificialidade, visto que o aluno escreve aquilo que sabe que será valorizado e escreve visando construir e passar para o leitor uma imagem de si: candidato atento ao exigido e competente naquilo que faz. A artificialidade reside na ideia de que, em outros contextos de circulação, o enunciado produzido durante a prova do vestibular, poderia simplesmente não circular, pois a dissertação não faz parte dos gêneros discursivos que compõem uma sociedade e as construção de relação nela, como cartas, artigos de opinião, editoriais. Nesse sentido, ao escrever, o candidato tem em vista o que deve escrever e para quem escrever. Tudo isso a fim de garantir a nota boa a qual é esperada.

Inferre-se, com isso, que a escola parece atribuir determinada “cara” ao texto, à qual os candidatos estão atentos e visam atender. Então, além de a escola elaborar, ainda que indiretamente, a imagem de um texto “ideal” o aluno também constrói uma imagem de si para passar para o corretor/professor. Ele segue aquilo que aprende na escola, pois acredita ser esse o caminho do sucesso e, em muitos casos, de fato, é.

A relação constitutiva entre leitura e escrita é também evidenciada, pois se percebe que não se faz possível desvincular leitura e escrita. Isso é confirmado pelo que foi dito anteriormente: aquilo que o candidato cita é aquilo que está relacionado ao universo escolar

em que ele está inserido: escola, aulas de redação, filosofia, sociologia, as quais incentivam o aluno a realizar a interdisciplinaridade e a citar o conteúdo que lê e aprende na sala de aula.

Percebe-se, também, que uma quantidade menor de redações cita a coletânea. Esse fato também pode ser explicado por uma ideia do imaginário coletivo, visto que citar os textos da coletânea pode fazer com que as redações fiquem muito semelhantes umas as outras e não mostra a individualidade e particularidade do candidato. Por isso que os próprios processos de seleção orientam os candidatos a nunca copiarem, mas a lerem os textos como forma de embasar a reflexão, não ficando restrito somente às ideias apresentadas. Observamos também que, na maioria das vezes, quando o candidato cita ideias provenientes da coletânea há uma nítida preferência pela utilização do discurso indireto em detrimento do direto. Isso pode ser explicado porque, citar a coletânea, para os candidatos, já não é tido como algo bom, ainda mais se essa citação aparecer com discurso direto, ou seja, por meio de uma reprodução mais fiel da fala do autor. Nesse sentido, ao citar as ideias da coletânea através do discurso indireto, o aluno ainda demonstra um conteúdo diversificado e revela que não simplesmente copiou, mas que refletiu sobre o discurso apresentado, o que também parece ter maior significado para o candidato.

Além disso, entendemos que alguns temas citam mais a coletânea do que outros. Temas como o de 2004, por exemplo, em que é pedido que o aluno leia os textos e relacione as ideias neles contidas apresentam um diálogo maior. Temas como o de 2005, os quais trazem conceitos ou movimentos novos na sociedade também apresentam mais citações da coletânea. Assim, entendemos que alguns temas favorecem mais a construção de diálogos e outros nem tanto. Quanto à citação de conteúdo externo, não foi possível perceber um aumento ou diminuição da quantidade de citações, pois na maioria dos anos analisados de duas a quatro redações apresentaram citação. Assim, apesar de a pesquisa não ser quantitativa, entendemos que não é possível, com base no *corpus* que temos, pensar em quantidade de citações. O que entendemos é que os candidatos citam, preferencialmente, conforme já explicitado, repertórios ligados àquilo que é passado na escola.

Em determinados textos, sentimos uma dificuldade maior no momento da análise, justamente porque alguns candidatos apresentam construções sintáticas distintas para a elaboração das citações. Em alguns momentos, quando pensávamos se tratar de citações, ao relermos, observávamos que se tratava apenas de um comentário em relação à obra ou ao discurso de outrem. Alguns candidatos, então, fogem de um padrão estrutural e linguístico e apresentam inovações no momento de elaborar o próprio enunciado e dialogar com as vozes alheias. Também acreditamos que essa questão demanda um olhar mais atento e talvez uma

outra pesquisa sobre o assunto, visto que é bastante interessante e significativo observar como alguns candidatos escrevem de maneira mais livre, sem procurar seguir regras e padrões e como isso interfere na elaboração de um texto com maior autonomia.

É bastante interessante a relação dos candidatos e da construção de seus enunciados com determinados temas propostos. É interessante observar como temas como o de 2004 e o de 2006 – tempo e trabalho, respectivamente- os quais têm em suas proposições a recomendação de que os candidatos leiam os textos e relacionem com as ideias contidas neles e os inter-relacionem. É significativo porque evidencia como a relação leitura e escrita é valorizada pela prova e ainda estimula o aluno a ler atentamente e elaborar uma interpretação coerente e ainda relacioná-la com as próprias ideias. Como professora, atribuo um valor especial a esse tipo de tema, pois acredito que, se existissem mais temas com essa configuração, inclusive naqueles trabalhados na escola, a relação entre ler e escrever poderia ser mais natural ao aluno e mais incentivada desde cedo.

Finalizamos o trabalho com a satisfação pelas descobertas feitas, pois, até mesmo a não confirmação de hipóteses nos é interessante e construtiva, visto que pode servir de semente para futuros trabalhos. É muito gratificante olhar para a aplicabilidade das teorias utilizadas e também compreender um pouco mais sobre os processos de escrita, sobretudo aquele que acontece durante a prova do vestibular. Interessante também observar como o ser humano é um ser social e como as diversas relações que compõem a vida são evidentes quando o indivíduo elabora e constrói seus enunciados. Confirma-se, com tudo isso, os escritos de Bakhtin e o princípio dialógico da vida e da linguagem.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Rodrigo Moura Lima de; BARZOTTO, Valdir Heitor. **Citações de Fontes Externas nas Melhores Redações da Fuvest (1999-2013)**. 2015. 28 f. Artigo (Linguística)-UEL, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/17709>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

_____. **VOLOCHÍNOV, V. Marxismo e filosofia da linguagem.** Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Bakhtin: outros conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2010.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais – Língua Portuguesa.** Brasília, Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental.** Língua portuguesa. Brasília, Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Parte II. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.** Brasília, Secretaria de Educação Fundamental, 2000.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre condições de produção de textos escolares). In: GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula.** 4ª. ed. São Paulo: Ática, 2006. cap. 11, p. 117-126.

COMVEST - COMISSÃO PERMANENTE PARA OS VESTIBULARES. Instituição. **Prova Unicamp : Vestibular 2018, prova de redação.** 2018. Disponível em: <<http://www.comvest.unicamp.br/>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

De ALMEIDA, Vitor Sergio; JUSTINO, Rogério. **A obrigatoriedade da redação em processos seletivos para admissão ao ensino superior.** 3 p. Artigo (Eixo2 - Políticas de educação básica e de formação e gestão escolar)- UFU, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Disponível em: <<http://www.anpae.org.br/simposio26/2posterres/VitorSergiodeAlmeida-poster-int.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2017.

FANINI, Angela Maria Rubel . **Embate dialógico entre leitura e escrita: manifestação de uma ética da ação discursiva a partir do Círculo bakhtiniano / Dialogic Clash between Reading and Writing: Manifestation of Discourse Ethics Based on the Bakhtin Circle.** 2015. 19 p. Artigo (Bakhtiniana, São Paulo, 10 (2): 17-35, Maio/Ago. 2015.)- - UTFPR,

Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Curitiba, Paraná, Brasil, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2176-457322177>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo :as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin** /Carlos Alberto Faraco. - São Paulo : Parábola Editorial, 2009

FIORIN, Jose Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** - São Paulo : Ática, 2006

FIORIN, José Luiz ; PLATÃO, Francisco Savioli. **Para entender o texto: Leitura e redação.** 1. ed. São Paulo: Ática, 1990. 431 p.

_____. **Lições de Texto: Leitura e redação.** 5. ed. São Paulo: Ática, 2008. 432 p.

FREITAS, Maria Teresa. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In: FREITAS, Maria Teresa; E SOUZA, Solange Jobim; KRAMER, Sônia. **Ciências Humanas e Pesquisa. Leituras de Mikhail Bakhtin.** 1ª. ed. São Paulo: Cortez, 2003. cap. 2, p. 26-38. v. 107.

FUVEST - FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA PARA O VESTIBULAR. Instituição. **Manual do Candidato:** Fuvest 2018. 2018. Disponível em: <<https://www.fuvest.br/wp-content/uploads/Manual-Cand-Fuvest2018.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

GEGE, Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (Org.). **Palavras e contrapalavras:** Glossariando Conceitos, Categorias e Noções de Bakhtin. 2. ed. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013. 111 p.

GERALDI, João Wanderley (org.) 4.ed. Cascavel: Assoeste, 2007. **O texto na sala de aula: leitura & produção.**

_____. **A aula como acontecimento:** São Carlos : Pedro & João, 2010

_____. Heterocientificidade nos estudos da linguagem. In: GRUPO DE ESTUDOS DE GÊNEROS DO DISCURSO, GEGE et al. **Palavras e Contrapalavras. Enfrentando questões da metodologia Bakhtiniana.** 1ª. ed. São Carlos: Pedro e João Editores, 2012. cap. 3, p. 19-39. v. 1.

GUIMARÃES ROSA, João. **Grande Sertão: Veredas**. 1ª. ed. São Paulo: Nova Aguilar, 1994. 876 p. v. 1. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/carloshgn/files/1/20292/GrandeSertoVeredasGuimaresRosa.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

MEC. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **REDAÇÃO NO ENEM 2016: Cartilha do Participante**. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2016/manual_de_redacao_do_enem_2016.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2017.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **REDAÇÕES DA FUVEST**. Disponível em: <<http://infograficos.estadao.com.br/public/educacao/fuvest-redacoes/>>. Acesso em: 15 abr. 2017

PÉCORRA, Alcir. **Problemas de argumentação na redação escolar**. In ZILBERMAN, Regina. (Org.) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 8. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

_____. **Problemas de redação**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS- TYTECA, Lucie . **Tratado da Argumentação: A Nova Retórica**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 653 p.

PONZIO, Augusto. **Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação**: A palavra na vida e na poesia. 1. ed. São Carlos: Pedro e João Editores, 2011. 184 p.

_____. **No Círculo com Mikhail Bakhtin**. 2. ed. São Carlos: Pedro e João Editores, 2016. 330 p.

REDE GLOBO. **Educação: ENEM**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/enem/2016/noticia/mais-carro-da-historia-enem-2016-bate-recorde-na-arrecadacao-com-inscricoes.ghtml>>. Acesso em: 05 maio 2017.

SACONI, Rose et al. Vestibular nasceu no Brasil em 1911: Má formação dos alunos que ingressavam nos cursos superiores motivou criação do exame. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 23 mar. 2018. Educação , p. 2. Disponível em:

<<http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,vestibular-nasceu-no-brasil-em-1911,1090702>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

SANCHES, Isabela Canella. **Redações de vestibular: a materialização da relação entre leitura e escrita e o diálogo com a coletânea**. 2015. 1 CD-ROM. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Letras) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/139031>>.

SOUSA, Hercilio de Medeiros. **DISCURSO DIRETO E INDIRETO: Construção de sentido nos fóruns de educação à distância**. 2014. 81 f. Dissertação (Mestrado em Linguística)- UFPA, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/7701/2/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2018.